



ELIZABETH BEZERRA

Protegida
POR MIM

SÉRIE NEW YORK

4



PROTEGIDA
POR MIM

Série New York

PROTEGIDA
POR MIM

SÉRIE NEW YORK
LIVRO 4

Elizabeth
Bezerra

Copyright © Protegida por mim 2015

TÍTULO ORIGINAL
Protegida Por Mim

CAPA
Marina Avila

REVISÃO
Ariane Silva

[2015]
Todos os direitos dessa edição reservados.

Índice

Agradecimientos

Prólogo

Capítulo 1

Capítulo 2

Capítulo 3

Capítulo 4

Capítulo 5

Capítulo 6

Capítulo 7

Capítulo 8

Capítulo 9

Capítulo 10

Capítulo 11

Capítulo 12

[Capítulo 13](#)

[Capítulo 14](#)

[Capítulo 15](#)

[Capítulo 16](#)

[Capítulo 17](#)

[Capítulo 18](#)

[Capítulo 19](#)

[Capítulo 20](#)

[Capítulo 21](#)

[Capítulo 22](#)

[Capítulo 23](#)

[Capítulo 24](#)

[Capítulo 25](#)

[Capítulo 26](#)

[Capítulo 27](#)

[Capítulo 28](#)

[Capítulo 29](#)

Capítulo 30

Epílogo

Sinopse

Prólogo

No dia anterior...

Olho, com irritação, para a fileira de carros a minha frente. Deve ter acontecido algum acidente, concluo. Procuro uma vaga para o carro e, assim que encontro, estaciono, decidindo terminar o caminho andando. O apartamento de Sophia não fica muito

longe de onde estou.

E eu só tenho uma coisa em mente.
Confrontá-la!

Dizer que estou cansado de suas loucuras e crueldades é um eufemismo, estou mesmo é muito puto com isso. Minhas emoções vão além de qualquer sentimento racional. Todavia, eu proponho-me a manter o controle, pois Sophia já provou ser mais do que louca, ela possui características de uma psicopata. Tudo o que fez é suficiente para que seja trancafiada em um sanatório pelo resto de sua vida ou,

então, enviada direto para a prisão. Por Anne, estou decidido a dar a ela, pela última vez, a oportunidade de escolher a primeira opção, sendo que pode optar até mesmo por uma clínica de luxo, desde que seja longe de minha família e que, acima de tudo, ela não nos traga mais nenhum risco. E só porque minha mulher e meus filhos estão em casa e em segurança é que serei misericordioso. É mais do que qualquer outra pessoa faria, mais do que eu faria se não houvesse, em casa, pessoas inocentes que ainda precisam de mim e as quais eu amo.

Ameaçar uma mulher grávida e usar a própria filha para fazer chantagem é intolerável, portanto, não vou titubear no sentido de ser implacável com ela. De uma vez por todas, Sophia entenderá o quão cruel eu posso tornar-me quando ameaçam aqueles que eu amo, nem que, para isso, tenha que ir até as últimas consequências. O celular, em meu bolso, vibra, tirando-me desses pensamentos desagradáveis.

— Adam! — apresso-me a atendê-lo.
— Onde você está?

Havia pedido a Adam que me

acompanhasse nesta difícil conversa com Sophia. Tenho certeza de que ela fará um escândalo e preciso que ele forneça-me embalsamento legal e moral, acima de tudo.

— Estou próximo ao apartamento de Sophia — responde ele. — Não consegui entrar em contato com os pais dela, mas, minha secretária continua tentando. Tem certeza de que quer fazer isso? O que ela fez, desta vez?

De acordo com Adam, como não sou mais o marido dela, precisamos do apoio de seus pais para enviá-la a uma

clínica. Não tenho a menor dúvida de que eles irão apoiar-me quanto a isso, pois não vão querer ver a filha sendo algemada e presa.

— Sophia foi longe demais, hoje — murmuro. — Prefiro falar pessoalmente a respeito disso. Está acontecendo alguma coisa, no prédio dela, pois tive que estacionar um pouco longe, por não achar vaga mais próxima.

— Eu percebi — diz ele. — Vou descer do táxi e o encontro em seguida.

Há uma grande aglomeração em frente ao edifício onde Sophia mora. Um

cordão de isolamento impede que as pessoas avancem. Além da polícia e dos curiosos, há alguns fotógrafos. Encostome, no muro de um prédio, do outro lado da rua, enquanto analiso a situação. Penso em uma forma de entrar no prédio sem que possa chamar muita atenção.

— Uma coisa terrível, não é? — diz um homem uniformizado, que saiu do prédio onde estou. — Uma morte terrível.

— Morte?

— Sim — diz ele, com pesar — a empregada encontrou a mulher morta,

dentro do apartamento. Parece que foi esfaqueada.

Agora, entendo tanto alvoroço. Embora Nova York seja uma cidade gigante, onde acontece de tudo, crimes como esse, em um bairro privilegiado, é algo muito raro. Com certeza, a vítima deve ser uma pessoa conhecida. Algo nessa história incomoda-me. A velha intuição de que algo importante está para acontecer.

— Oi, Neil — Adam cumprimenta-me. Estava tão concentrado na cena a minha frente, que não o percebi

aproximar-se. — O que há ali?

O homem ao meu lado também havia saído, acho que voltou para seu posto, no prédio.

— Um caso de assassinato — murmuro, evasivo. — Acho que teremos que esperar esse tumulto passar para entrarmos.

— Pelo que vejo, vai demorar muito. Eu vou até lá para saber o que aconteceu, tenho alguns amigos, na polícia, então, quero ver se tenho sorte.

Não respondo, apenas o observo dirigir-se ao prédio. O tempo passa e,

com ele, esgota-se a minha paciência. Eu não sou do tipo que fica parado, esperando as coisas acontecerem. Ficar aqui, aguardando notícias, está me deixando irritadíssimo. Preciso enfrentar Sophia, ainda hoje. Eu a conheço, sempre que apronta uma das suas, ela foge. Não vou permitir que faça isso, escapando ilesa. Eu irei caçá-la até o inferno, se for preciso.

Vinte minutos depois, Adam retorna. Não gosto da expressão em seu rosto. Algo me diz que as coisas estão piores do que poderia supor.

— Se houvesse um banco, aqui, diria para se sentar — diz ele, eufórico. — Tenho uma notícia bombástica.

— Sophia fugiu de novo? — pergunto, com inconformismo. — Filha da puta! Pedirei a Peter que a encontre. E logo!

— Na verdade, é um pouco pior do que isso.

— Fale de uma vez, Adam! — murmuro, irritado e já sem paciência. — Não vai me dizer que ela é responsável pela mulher encontrada morta. Se for o caso, eu vou deixar que apodreça na

cadeia, nem mesmo o fato de ser a mãe de Anne vai mexer comigo, desta vez. Se esse for o caso, não moverei uma palha para que ela saia impune.

Para mim, não será uma surpresa se isso for verdade. Sophia é bem capaz de um ato como esse, aliás, aquela maluca é capaz de qualquer coisa. Minha única frustração é não ter me dado conta de que os problemas de Sophia vão além das drogas e bebidas, ela tem problemas gravíssimos de desvio de personalidade, para não dizer que tem surtos psicóticos.

— Na verdade... — ele faz uma

pausa — ela é a vítima.

— O quê? — demoro um pouco para assimilar o que ele diz. — Está falando sério, Adam?

— Sim — ele olha para mim, insistentemente, enquanto leva as mãos aos bolsos da calça, analisando-me, friamente. — Onde esteve o dia todo?

Dou risada, não sei se ainda estou chocado com a informação ou com a pergunta dele.

— Sério isso? — aceno com a mão.

— É mais sério do que imagina, Neil — diz ele, encolhendo os ombros. —

Onde esteve o dia inteiro?

— Trabalhando, porra! — digo, exaltado. — Onde você acha que eu estaria? Esteve comigo no escritório, lembra?

— Isso foi de manhã — murmura. — O que fez à tarde?

— Está acusando-me de a ter matado? — murmuro, seco. — Seja direto, Adam!

— Eu não disse isso — ele relaxa os ombros. — Mas, são perguntas que você terá que responder, em algum momento.

— Por quê? — pergunto, incrédulo.

— O que eu tenho a ver com isso? Há dias que eu não vejo aquela filha da puta!

— Seu relacionamento com Sophia foi tenso, do começo ao fim — diz ele.
— Você tem milhares de motivos para desejar vê-la morta. Temos que estar preparados para qualquer acusação.

Pensando pelo lado prático, admito que Adam tenha razão. O marido ou ex-marido não são sempre os principais suspeitos? Não é o que dizem? Eu poderia matá-la, agora, se já não estivesse morta. Que porra de sina é esta

que eu tenho que carregar? Nathan morreu e seu fantasma perseguiu-me por anos. Quase perdi a única mulher que amei na vida e, com Sophia, algo me diz que o mesmo tipo de perseguição será sofrida por mim da parte dela. Que merda que eu fiz, nesta vida, para carregar esta cruz, indefinidamente?

— Vamos para casa que, no caminho, respondo tudo o que você precisa saber — murmuro, seco. — Jennifer deve estar preocupada, porque, nesta altura, a notícia deve estar em todos os jornais.

Uma coisa atormenta minha cabeça.

Sophia morreu depois que Jennifer saiu do apartamento dela. Isso a torna uma suspeita em potencial. Eu não posso dizer nada à Adam, até que eu converse com ela e tenha algumas perguntas respondidas. Sophia é uma verdadeira filha da puta, mesmo morta encontrou uma forma de arruinar minha vida. Na pior das hipóteses, arruinar a vida de Jennifer. Isto eu não vou permitir!

No caminho, relato à Adam tudo que fiz, depois que ele saiu do meu escritório, nesta manhã. Almocei por lá

mesmo, tive uma reunião com alguns funcionários que ficariam responsáveis pelo andamento da empresa, enquanto eu estivesse em Paris. Durante à tarde, participei de uma videoconferência. Então, se a morte dela for confirmada como sendo hoje à tarde, como eu suspeito, não haverá nada que me ligue à Sophia e ao crime. As câmeras de segurança, na sede da empresa, podem confirmar a hora que entrei e saí, além de poder arrolar todas as testemunhas que estiveram comigo, durante o dia. No caso de Jennifer, as coisas complicam-

se, drasticamente. Ela sumiu, por quase três horas, durante à tarde.

Assim que me aproximo de casa, sou imediatamente cercado pela imprensa. Estão atrás dessa história, como abelhas no mel. Esse é um dos casos que passarão anos e as pessoas continuarão a comentar. Entro, com certa dificuldade e irritação. Esses abutres sempre me dão nos nervos. Nunca tive muita paciência em lidar com eles, hoje, não é diferente.

Mal desligo o motor do carro e já deslizo para fora, praticamente correndo para dentro da casa. Tenho uma

necessidade inexplicável de vê-la. Ter a certeza de que ela e meus filhos estão bem e seguros.

Atravesso a porta da sala, em disparada. Meu sangue gela ao vê-la nos braços de Geórgia.

— O que está acontecendo aqui?

Ao ouvir minha voz, Jennifer corre para os meus braços. Chorando, tateia meu corpo inteiro, acho que em busca de algum ferimento. Por quê?

— Ei, estou bem — murmuro, abraçando-a. — Fique calma.

— Está tudo bem? — ela pergunta,

em um sussurro. — O que aconteceu? O que fez com Sophia?

Meu corpo enrijece, seus olhos encontram os meus. Não sei como dar a notícia a ela. Olho para sua barriga enorme e pergunto-me até que ponto a notícia poderá abalá-la.

— Eu preciso de um drinque — diz Adam, surgindo atrás de mim.

Lanço um olhar de alerta para ele. Já havia avisado a ele que contaria a respeito da morte de Sophia, de uma maneira que a abalasse o mínimo possível. Em seu estado avançado de

gravidez, uma tragédia como esta é bem impactante.

— Neil...

Noto o medo, em seus olhos, e a palidez, em seu rosto, preocupa-me.

— Por que não se senta? — murmuro, tentando aparentar calma.

— Não quero sentar! — diz ela, com teimosia. — Quero saber o que está acontecendo.

— Fale de uma vez — Adam caminha até ela, o copo quase vazio, em sua mão. — Ela irá saber, de qualquer forma. Não tem porque protelar isso por

mais tempo.

— Eu sei — admito. — Você tem que ficar tranquila. Pense nos bebês, tudo bem?

Coloco a mão em seu ventre, para dar mais ênfase ao que digo. Meu coração dá um pequeno salto ao senti-los mexerem-se, lá dentro. Sei que estão inquietos por causa da agitação e nervosismo da mãe. Sinto-me impotente e desnorteado, nem haviam nascido e já passam por tantas coisas. A ideia de que estejam sofrendo, deixa-me louco. Respiro fundo e tento acalmar-me,

crianças podem captar o clima ao redor deles. Não vou permitir que se abalem mais do que já estão, no momento. Conduzo-a até a cadeira mais próxima e espero que se acomode.

— Certo — encara-me, apreensiva.
— O que aconteceu?

Não respondo de imediato. Como vou dizer a ela? Inferno! Jenny olha para mim e para Adam. Como eu pedi, ele se mantém calado. Se alguém precisa jogar a merda no ventilador, que seja eu.

— Neil! — ela resmunga, agoniada.

— Sophia está morta! — respondo,

com raiva. — Alguém a matou.

Fico aliviado por ela ter se sentado. Parece que irá desmaiar a qualquer momento. O choque e surpresa estão estampados em seu rosto delicado. Ela fecha os olhos, por alguns segundos, e percebo que briga para se manter consciente. Isso me destrói.

— Neil é o principal suspeito — ouço o tom acusatório de Adam.

Filho da puta! Olho feio para ele. Como pode ser tão idiota e jogar essa bomba em cima dela? Não vê o quanto já está abalada? Curvo-me até ela, com

preocupação, nossos rostos a apenas alguns centímetros de distância. Jenny abre os olhos, gradativamente. Porra! Quando esses olhos lindos e cristalinos parariam de me deixar impactado? Nem mesmo a preocupação que vejo neles diminuem o prazer que sinto ao fitá-los.

— O quê? — sussurra ela, tentando assimilar o que Adam disse. — Isso é um absurdo — ela encara Adam, com um olhar furioso. — Neil não faria isso.

— Eu não disse que ele a matou, Jenny — diz Adam, passando a mão nos cabelos, em um gesto nervoso. — Eu

disse que ele será, obviamente, um dos principais suspeitos.

Ela geme e seguro suas mãos frias, pois preciso assegurar-lhe que tudo ficará bem. Que não há o que temer.

— Não se preocupe — murmuro. — Tudo vai resolver-se e, logo, estaremos longe daqui.

— Eu não o aconselharia a viajar tão cedo — interrompe Adam.

— Por que, não? — Jenny balbucia — Neil não fez nada, você sabe disso. Deve ter alguma forma de provar isso.

— Farei de tudo para isso acontecer

— ele afirma. — Por enquanto, evitem a imprensa e qualquer tipo de declaração. Não saiam do país até as coisas ficarem esclarecidas, porque, se saírem, isto pode ser visto como uma confissão de culpa.

Jenny consente e eu procuro colocar os pensamentos em ordem. Enquanto a acusação pesar sobre minha cabeça, eu estou tranquilo, afinal, cedo ou tarde constatariam minha inocência, mas, e quando as acusações direcionassem-se a ela? Se não encontrarem o verdadeiro culpado e essa ameaça pairar sobre sua

cabeça? A imagem dela, em uma cela imunda, sozinha e desprotegida, faz meu coração disparar. Eu não posso e não vou permitir isso. Eu sei e tenho certeza de que ela é inocente. Até aceitaria que pudesse cometer o ato, em defesa própria ou dos nossos filhos, em seu ventre, mas, as condições em que o corpo de Sophia foi encontrado prova que o ato foi demais para uma pessoa delicada e pura como Jenny conseguir praticar.

— Como Sophia morreu? — pergunta ela.

Volto a encarar Adam para que ele se cale.

— Eu vou saber de uma forma ou de outra — murmura ela, com firmeza na voz. — Essa mania de vocês é irritante. Eu não sou uma taça de cristal. Acho melhor que eu saiba por vocês.

— Eu não sei muito bem — começo, receoso. Vou revelar apenas o que for preciso. No caminho, Adam havia mostrado para mim uma foto que conseguiu com sua amiga policial. A cena é realmente chocante, tendo Sophia, em uma poça de sangue, com os

olhos arregalados e sem vida. — Quando cheguei ao prédio, o circo já estava armado. Parece que a empregada encontrou o corpo. Um policial disse que Sophia foi esfaqueada, algumas vezes.

Noto-a ficar ainda mais pálida do que anteriormente, se é que isso é possível. Minhas últimas palavras abalaram-na, terrivelmente.

— Você está errado, Adam! Virão atrás de mim — Jenny levanta-se, mais rápido do que eu posso prever, e desmaia aos meus pés.

Caio ao seu lado, meu coração pulsa, acelerado. Porra! Porra! Porra! Eu sabia que isso iria acontecer. São informações demais para que ela possa assimilar. Que merda de marido eu sou? Deveria ter trazido uma equipe médica para que a amparasse quando desse a notícia a ela. Se algo acontecer a eles, jamais vou poder perdoar-me.

— Adam! — urro para ele, que está estático ao nosso lado. — Faça alguma coisa! Chame a ambulância!

Prendo-a, em meus braços, e acaricio seu rosto, com suavidade. A merda é que

meus olhos enchem-se de água, mas, eu contenho-as. Não posso entrar em pânico, agora. Carrego-a até o sofá, deposito-a ali, com cuidado.

— Jennifer! — acaricio os cabelos dela, com desespero. — Amor. Não faz isso comigo, porra.

Ela abre olhos e encara-me. Seus olhos estão marejados.

— Fique calma, isso não vai acontecer — tento acalmá-la. — Ninguém sabe sobre isso e é assim que deve continuar sendo.

— Que porra está acontecendo aqui?

— diz Adam, parecendo, finalmente, ter saído do seu estado de estupor, encarando-nos, com um olhar furioso. — O que eu não estou sabendo? Neil?

— Nada de importante, Adam — murmuro.

— Eu estive no apartamento de Sophia esta tarde e... — responde ela, deixando-me fodido com isso.

— Jennifer! — interrompo-a, um sentimento de frustração dominando-me.

— Eu preciso falar — ela respira fundo e se encolhe, levando a mão ao ventre — é importante, Neil.

— Tudo bem — murmuro, vencido. Não quero agitá-la mais. — Apenas Adam saberá sobre isso, ninguém mais.

— O que foi fazer lá, Jennifer? — Adam encara-a, insatisfeito.

Ela faz careta, tenta acomodar-se no sofá e acaricia o ventre. Isso não é bom, conheço-a. Está sentindo alguma coisa e quer esconder de mim.

— Geórgia! — grito, em direção à cozinha, meus olhos estão arregalados de preocupação. Assim que a senhora entra, eu ordeno — ligue para a Dra. Moore e diga que venha imediatamente.

— Sim, senhor — responde Geórgia, antes de sair correndo.

Jenny inspira e expira, algumas vezes, como havia aprendido nas aulas de pré-natal. Inferno, meus filhos não podem nascer agora. Não em meio a tanta bagunça em volta deles. Além disso, falta mais de um mês para isso.

— Não precisava chamar a médica — diz ela, encarando-me, com um olhar de reprovação.

— Não? — praticamente grito. — Está quase dando à luz neste sofá e ainda falta mais de um mês. O que eu

tenho que fazer é levá-la para o hospital, imediatamente.

— Já está passando — ela respira fundo.

O desespero toma conta de mim. Como sempre, Jennifer é teimosa. Em todas as outras vezes, eu até chego a achar graça e um pouco divertido vê-la tentando enfrentar-me o tempo todo, mas, agora se trata de sua saúde e de meus filhos. Que merda eu preciso fazer para que ela entenda isso?

— Eu prefiro ouvir isso da médica — insisto.

Para o meu alívio, ela concorda, balançando a cabeça. Dou graças a Deus, pois essa seria uma briga feia. De forma alguma, abriria mão de que a médica a examinasse. Isso é indiscutível.

— Jenny, se você está bem, poderia continuar a me dizer o que aconteceu? — pergunta Adam, colocando-se de frente para ela.

Olho feio para Adam. A falta de sensibilidade dele é irritante. Ele ligou a porra do advogado automático e parece não querer sair.

Caminho até a porta e fecho-a, por precaução. Por mais que confie nas pessoas que trabalham na casa, diante de um juiz, as coisas mudam de figura. E quanto menos eles souberem, será melhor. Volto para perto dela e começo a massagear sua coluna e em volta da cintura. Disseram-me, nas aulas em que a acompanhei, que ajuda a relaxar e anestesia a sensação de dor. Ela sorri para mim, em agradecimento, e eu continuo, concentrado na tarefa.

— Sophia ligou-me, dizendo que estava com a Anne. No começo, eu não

acreditei, pois Anne estava na escola, então... — a voz dela falha, engole em seco, como se tivesse um nó na garganta. — Eu ouvi a voz de Anne, ao telefone. Sophia disse que iria machucá-la — ela respira. — Você sabe que ela seria capaz de tudo, Neil.

Jenny vira-se, em direção a mim, com olhar angustiado.

— Eu tive tanto medo — sussurra.

Acolho-a, em meu peito, enquanto ela despedaça-se, em meus braços. Porra, a dor dela dilacera-me. As imagens dela, mais cedo, machucada e com medo,

invadem-me. E a ira volta a tomar conta de mim. Ainda é visível, em seu corpo, a briga que teve com Sophia. Sorte dessa cadela estar morta ou eu mesmo faria isso, tamanho o ódio que sinto, neste momento. Eu poderia matá-la, sem dó, quase fiz isso, algumas vezes, e arrependo-me, amargamente, de não o ter feito.

— Pode chorar, querida — sussurro, entre seus cabelos. — Chore se isso lhe faz bem.

Ela aperta-se contra mim. Desejo protegê-la de todas as coisas, de todo

esse lixo que eu despejei na vida dela. Maldito dia em que eu fui fraco demais para me manter longe. Se eu não tivesse sido um filho da puta egoísta, Jennifer estaria segura e feliz.

— Eu lembrei-me do que Peter disse sobre o meu celular, naquele dia, na delegacia — ela continua, com a voz fraca. — Eu tinha certeza de que você iria atrás de nós e que...

— Deveria ter avisado-nos, Jenny — Adam responde por mim.

— Eu sei... — ela senta-se de frente a mim e segura meu rosto. — Eu tinha

certeza de que me encontraria. Mas, não podia arriscar-me em dar chance para que Sophia machucasse a Anne. Perdoe-me...

Ela solta um sorriso angustiado. Perdoá-la? Porra! Eu deveria estar de joelhos aos pés dela. É por minha causa que isso está acontecendo. Lágrimas voltam a nublar meus olhos. Meu desejo é fugir dali, levá-los para o mais longe possível. Para onde meu passado não possa atormentar-nos. Seguro o rosto dela, da mesma forma que havia feito com o meu. Tento passar, através dos

meus olhos, o quanto a amo e o quanto eu sinto por tudo isso.

— Eu sei — murmuro. — Talvez eu fizesse a mesma coisa. Não posso condená-la.

Quem poderia? Quando amamos, tornamo-nos irracionais, matamos ou morremos em nome desse amor. Eu mataria ou morreria por ela, por Anne e os bebês em seu ventre, simples assim.

— O que mais aconteceu lá? — pergunta Adam.

— Eu cheguei e Anne não estava. Sophia queria apenas me atrair até sua

casa. Nós discutimos e ela atacou-me com uma faca...

— Porra! — grito, agarrando-a pelos braços, ignorando a força com que os aperto. As coisas só pioram, a cada momento. — Por que não me disse isso antes?

— Eu ia contar — diz ela, contorcendo-se. Vejo que a seguro com muita força e afrouxo os dedos, em sua pele. — Quando chegássemos a Paris, eu faria isso.

— Continue, Jenny. — Adam olha para mim, com impaciência, e incentiva-

a a continuar.

— Nós duas brigamos, eu... eu... —
sussurra, baixinho — acho que a
machuquei, eu não me recordo muito
bem, foi tudo tão rápido. Eu peguei a
faca para afastá-la de mim, depois, eu
saí correndo. Só queria sair dali o
quanto antes.

O silêncio perturbador toma conta do
ambiente.

— Você trouxe a faca? — Adam
caminha até nós dois. — Você trouxe a
maldita faca?

— Não! — Jenny esconde o rosto,

contra meu peito. — Joguei no chão do apartamento e saí correndo.

Adam esfrega o rosto, algumas vezes, e anda, de um lugar a outro, na sala. Ele resmunga algumas palavras incompreensíveis.

— Isso não é bom — diz ele. — Se você foi à única pessoa a vê-la com vida...

— Eu não a matei, Adam! — diz ela, desesperada. — Como pode pensar isso?!

Outra contração, desta vez mais forte, a faz encolher. Revolto-me, por dentro.

Se as digitais dela estiverem na faca, a polícia somará dois mais dois e ela estará perdida. Todas as evidências apontam para Jennifer. Provar que é inocente será uma tarefa árdua, senão impossível.

— Só estou pensando com racionalidade — diz Adam — é o meu trabalho.

Levanto-me e encaro-os, com olhar determinado, as mãos na cintura, enquanto caminho pela sala. Tento raciocinar, com clareza. O que está sendo muito difícil.

— Só nós três sabemos disso, ninguém mais precisa saber que Jenny esteve lá hoje, pelo menos, por enquanto.

— Não seja ridículo, Neil — Adam encara-me, abismado. — O porteiro deve tê-la visto entrar e sair... ou alguém do prédio. Uma mulher grávida não passa, assim, despercebida!

— Então dê um jeito nisso! — grito, furioso. — Pague o que ele quiser!

— Nem todas as pessoas são corruptíveis — alerta Adam. — Acho melhor pensarmos em uma linha de

defesa segura...

— Foda-se, Adam! — vou em direção a ele.

Jennifer agarra-me. Acho que teme que eu desfira minha fúria contra ele. Na verdade, eu preciso mesmo disso, preciso descarregar toda essa raiva em alguém e Adam já me irritou o suficiente por hoje.

— Adam tem razão — Jennifer puxa-me, para perto dela, tentando ganhar minha atenção. — Mesmo que esse homem fique calado, não irá adiantar.

Esquadrilho seu rosto, com um olhar

intenso e inquisidor.

— O que você quer dizer? Contou a alguém?

— Minhas digitais estão na faca, minha bolsa e o celular ficaram no apartamento de Sophia — murmura. — Cedo ou tarde saberão que eu estive lá.

— Inferno! — gemo, angustiado.

Uma batida na porta interrompe-nos. Caminho até ela, abrindo apenas uma pequena fresta.

— Sim, Geórgia.

— Sr. Durant, a Dra. Moore já está aqui.

— Peça que ela entre, em dois minutos.

— Sim, senhor.

Encosto-me, contra porta. Seguro um xingamento, na ponta da língua. Onde está o homem frio e pragmático quando preciso dele?

— Conversamos depois — murmuro para ela.

As informações que despejou sobre mim martelam, em minha cabeça. Primeiro preciso absorver isso para arquitetar os próximos passos.

— Pense em alguma coisa. E rápido,

Adam — ordeno.

Outra batida e afasto-me para abrir a porta. A médica entra e encara-nos, com simpatia.

— Meu Deus! Está uma loucura lá fora. Nunca vi tantos repórteres na minha vida.

Troco um olhar com Adam e indico um canto da sala, a médica continua a tagarelar sem parar.

— Como está, querida? — caminha em direção a Jennifer, alheia ao ar carregado da sala. — Não ligue para o que dizem sobre o seu marido, na

televisão. As pessoas adoram fazer um espetáculo sobre a vida dos outros.

— O que dizem sobre mim? —
seguro-a, pelo braço, com firmeza.

— Bobagens, senhor Durant — ela esquiva-se de responder. — Não levem isso em conta. Deixe-me examinar minha paciente.

Afasto-me para onde Adam se encontra, novamente com um copo de uísque na mão. Eu gostaria de anestesiá-lo meu corpo com uma dose, mas, no momento, preciso ter a mente focada.

— Não temos saída, não é? —

pergunto, em voz baixa. — Vão acusá-la.

— Temos que esperar — ele dá um longo gole na bebida. — Talvez o verdadeiro assassino apareça.

Dou um sorriso de escárnio... Francamente, nem ele acredita nisso.

— Vou levá-la para longe daqui— digo, determinado. — Isto tudo é culpa minha.

— Não me venha com essa idiotice, Neil — ele encara-me, com desgosto. — A não ser que você a tenha matado, mas nada disso é culpa sua. Sophia é uma

mulher detestável. Além disso, há aquele chantageador, já descobriu quem ele é?

— Procuramos por todo esse tempo e continuamos sem nenhuma pista, Adam — murmuro, insatisfeito. — Não vou arriscar a segurança de Jennifer e dos meus filhos.

— Não pode, simplesmente, fugir...

— E por que, não? — pergunto, irritado.

Ele começa a pontuar:

— Não conseguirá passar despercebido com uma mulher grávida

e, a esta altura, a polícia já deve estar ligando os pontos. E a Anne? O que fará com uma criança pequena e uma grávida. Fora as empresas que entrarão em colapso.

— Fodam-se as empresas — ranjo os dentes. — Elas não vão tirá-la da cadeia, vão? Dê um jeito para sairmos do país, ainda esta noite, por favor.

— Porra, cara! — diz ele, exasperado. — Isso é suicídio. Pense bem, Neil.

Olho, em direção a Jennifer. Ela conversa com a médica, mas, os olhos

estão focados em nós. Ela é linda, mesmo pálida e abalada, pelos últimos acontecimentos, continua linda. Encaro seus olhos angustiados e esperançosos voltados em direção a mim.

— Faça o que pedi — murmuro, sem desviar os olhos dela. — Ligue para Peter, no hospital, ele saberá o que fazer.

— Sabe que sua vida estará acabada, não é? — Adam insiste.

— Quando estiver perto de perder a pessoa mais importante de sua vida, volte a me fazer essa pergunta —

murmuro. — Até lá, faça o que eu pedi.

Volto a olhar em direção a Jenny. A médica diz algo a ela. Seu rosto angelical fica coberto pela raiva e ela soca uma almofada. Ao encontrar meu olhar interrogativo, ela solta um sorriso fraco. Sorrio de volta. Ela quer ser corajosa, eu preciso que seja.

— Está tudo bem? — aproximo-me de onde estão e pergunto à médica, assim que a vejo começar a guardar suas coisas.

— Está, sim — ela responde, com um sorriso sincero. — Com um pouco de

descanso e evitando-se maiores aborrecimentos, tudo ficará bem.

— Há algum problema se ela for viajar?

Preciso tirá-la dali, mas, não vou arriscar sua segurança.

— Bem eu... — balbucia a médica, incerta.

— Não agora, claro — dou um inocente sorriso para ela. Sento-me ao lado de Jennifer e aliso o braço dela. — Mas, você sabe, viajaríamos, em algumas semanas, então...

— Ah, sim, eu lembro-me — ela

sorri de volta. — Acho que não há problema. Faça com que ela se cuide e, quando isso tudo passar, podem viajar, com certeza.

— Obrigada, doutora — acompanho-a até a porta e ouço as últimas instruções.

— O que está acontecendo? — Jennifer pergunta, assim que eu retorno.

— Seu passaporte não estava na bolsa, certo? — pergunto, apreensivo.

— Não, mas...

— Ainda bem. De qualquer forma, acho que ele não terá utilidade —

murmuro. — Creio que ainda temos algumas horas, então, pegarei tudo o que for preciso.

— Neil, não faça isso! — Adam interpõe-se em meu caminho. — Só irá piorar as coisas.

— Já discutimos sobre isso, Adam! Porra! — interrompo-o e aponto em direção a Jennifer. — Olhe para ela! Acha que vai suportar tudo isso? Acha que eu vou suportar vê-la mofando em uma prisão? Eu já estive lá e eu garanto a você, Jennifer não vai sobreviver a isso. Não posso e não vou ver meus

filhos nascerem em uma cela suja.
Vamos embora e está decidido!

As duas vezes em que estive na delegacia, uma com Nathan após o suicídio de uma de suas vítimas, e a outra por ter dado uma lição no desgraçado do Konrad, garantem-me que Jennifer não sobreviveria uma semana, quanto mais meses e meses de julgamento, que poderiam levá-la a anos de prisão. Não vou permitir isso. Se tivermos que fugir pelo mundo, sem direção, eu o farei, contanto que estejam seguros comigo. Primeiro, fugirei com

ela, depois, arranjaréi uma forma de levar Anne. Encontrarei um lugar, no mundo, onde possamos esconder-nos. Afinal, tantos criminosos, políticos e terroristas conseguem fazer isso, por que não nós?

Se eu não conseguir isso, ninguém mais o fará.

O grito horrorizado que ela emite, diante da cena que descrevi, traz-me a certeza de que tomei a decisão certa.

— Nada vai nos separar, tive a certeza disso no primeiro momento em que a vi — murmuro, emocionado. —

Eu prometo.

— Eu farei o que quiser — murmura ela, abraçando-me. — Irei aonde quiser, mas, não deixe que tirem meus filhos de mim.

— Ninguém fará isso — sussurro, abraçando-a forte. — Eu não permitirei. Está pronta?

Refiro-me a partir, a recomeçar, a esquecer do passado e de todas as coisas tristes que ele representa.

— Sim!

Capítulo 1

Amor...

*Tudo sofre, tudo crê, tudo espera,
tudo suporta.*

(Coríntios 13:4-7)

Neil

Abutres cobertos de escroto! Vermes nojentos!

Os repórteres, lá fora, não passam de urubus, em busca de lixo. Não importa quantas pessoas eles possam atingir ou

ferir pelo caminho, tudo o que interessa é dissecar a carne alheia, em busca de uma grande história, isso está acima de tudo. Que se danem as pessoas inocentes envolvidas e o quanto suas vidas podem ser afetadas, negativamente, durante essa jornada.

Eu tenho uma filha pequena, que perdeu a mãe, esta última sendo boa ou não para a menina, ainda era a mãe dela. Uma esposa grávida e assustada. Uma família que eu amo e pela qual daria a minha vida. Tudo isso deveria sensibilizá-los, mas, não o faz. O importante é a manchete e os milhares de jornais que venderiam. Por semanas, meses, talvez anos, iremos a julgamento público. Dissecados, milimetricamente,

por pessoas que, além de sequer nos conhecer, não sabem um terço de tudo o que vivemos. Não conhecem os bastidores dessa história. Não conhecem toda a sujeira existente nos bastidores.

— Há uma saída pelos fundos — murmuro, antes de afastar a cortina e certificar-me de que a janela está bem fechada — Adam, você vai na frente, no meu carro, para despistá-los.

Não temos muito tempo para agir. Em breve, a polícia estará batendo, em minha porta, quando, então, espero já estar bem longe daqui, aliás, o mais longe possível.

Arrastá-la, de um lugar a outro, preocupa. Porra! Eu não tenho alternativa! É isso ou vê-la presa. Esse

mero pensamento já me deixa louco.

— Dylan estará aguardando-os duas ruas acima — diz Adam. — O avião estará esperando-os. Vocês têm duas horas para sair do país, depois disso, será praticamente impossível conseguir isso pelo meio aéreo.

— Daqui até o aeroporto leva cerca de quarenta minutos — murmuro, olhando para o relógio. — Acho que teremos tempo suficiente.

— Vocês terão que ser rápidos, Neil. E os mais discretos possível — murmurou ele. — Irão para a Rússia, uma vez que Peter tem alguns amigos por lá, os quais devem alguns favores a ele. Vou ficar com o passaporte de vocês, pois o plano é que um casal viaje

com eles, até o México, para despistar a polícia, por um tempo. No avião, receberão outros passaportes e tudo o que precisam para o disfarce. Sugiro que Jenny corte os cabelos e mude a cor para o que está no documento.

Inferno! Eu amo os cabelos vermelhos dela e a forma como eles caem, em cascatas, pelas costas, desde a primeira vez em que a vi. Adoro enroscá-los, em meus pulsos, quando fazemos amor. Mas, isso já não é mais importante.

— Seus bens serão congelados e monitorados, por um tempo — murmura ele — Peter fez transferência de uma quantia considerável para uma conta em um paraíso fiscal. Use-o com sabedoria.

Não poderemos entrar em contato tão cedo. Peter tentará, de alguma forma, mas, eu não sei quando ou como.

— Obrigado, Adam — murmuro, esforçando-me para sorrir. — Espero poder reencontrá-lo, um dia.

Sentirei falta dele, tornamo-nos grandes amigos, ao longo dos anos.

— Tenham cuidado — sussurra. — Espero que estejam fazendo o certo. Vocês têm vinte minutos para sair.

Adam sai, apressadamente. Subo as escadas, indo ao encontro de Jennifer. Sigo direto para o quarto de Anne, onde sei que ela está. A imagem baqueia-me, por alguns segundos. Ela está ajoelhada, em frente à cama da menina, os lábios colados aos dedos frágeis da criança.

Anne dorme, tranquila. O mundo dela será abalado e pergunto-me o quanto isso tudo irá traumatizá-la.

Lágrimas dolorosas escorrem pelo rosto de Jenny, enquanto ela sufoca os soluços de dor. Acaricio os cabelos de Anne, com suavidade. A dor que estou prestes a causar a minha filha rasga meu peito. Desejo, sinceramente, que ela entenda, que saiba que não estou deixando-a para trás, mas, apenas buscando um novo caminho, uma nova vida para nós cinco. Virei buscá-la, quando for seguro.

— Temos que ir, amor — murmuro.
— O avião parte em duas horas. Não temos mais tempo.

— Ela não vai entender — Jennifer

morde o punho para conter um gemido.
— Não podemos levá-la?

— Não podemos, Jennifer — abraça-a, forte. — Tenho que tirar você daqui, primeiro. Anne irá entender. Ela sabe que a amamos. E, assim que você estiver em segurança Peter irá levá-la até nós.

— Perdoe-me — ela encara-me, com os olhos tristes. — Perdoe-me por causar tudo isso a você.

— Você não causou nada — seco as lágrimas de seu rosto. — Tudo ficará bem. Venha, preciso dar um jeito em você, antes de sairmos.

Seguimos para nosso quarto. Separo algumas roupas de meu closet.

— Vista isso — entrego um conjunto de moletom a ela. — Ficaré folgado,

mas, não chamará tanta atenção para a barriga quanto o vestido.

Ajudo-a se vestir. Dobro a calça, algumas vezes, na cintura. A blusa com capuz não é suficiente para esconder o ventre dilatado, mas, passaria a ideia de uma pessoa acima do peso. Finalizo com um dos bonés que uso para corrida. Volto para o closet e troco minha camisa e calça social por jeans e pulôver.

— Sairemos pelos fundos — alerto-a. — Dylan esperará por nós, na esquina. Não levaremos malas, comprarei tudo o que precisar no caminho.

— Para onde nós estamos indo? — questiona ela, antes de alcançarmos as escadas — E Anne? Ficará sozinha?

— Vamos para Rússia, por um tempo

— respondo a sua primeira pergunta — Paige está vindo para cá e minha mãe virá, também, quando souber. Adam cuidará de tudo. Há seguranças lá fora e Anne ficará bem.

— Não podemos esperar a Paige?

— Não temos tempo, Jennifer — murmuro, segurando seu rosto. — Eu sei que gostaria de se despedir dela. Não será possível, sinto muito.

Quantas coisas ela terá que abrir mão, ainda? Eu lhe prometi o céu, mas, estou conduzindo-a ao inferno.

— Ela sabe que vamos embora? — dirige-me um olhar preocupado.

— Ainda não — murmuro — Adam entregará uma carta para as duas.

Olho o movimento, lá fora, através

das cortinas. Apesar de alguns fotografos, em frente da casa, a maioria havia seguido Adam, como eu previ.

— Eu nunca mais irei vê-la? —
Jennifer sussurra, ao meu lado.

— Sinto muito.

Eu sei o quanto as duas amam uma a outra, são irmãs de alma, como ela sempre diz. É desolador saber que, provavelmente, jamais voltarão a se reencontrar.

— Eu também — afirma ela, em tom suave.

Saímos, pelos fundos, contornamos a piscina e seguimos pelo jardim. Há uma velha portinhola. Forço o portão enferrujado. Sou o primeiro a sair. Analiso o perímetro, antes de seguirmos,

e a rua parece tranquila. Caminho, apressadamente, com Jenny tentando seguir meus passos, as mãos apoiadas no ventre, enquanto sustento-a, junto a mim. Não quero forçá-la tanto, mas, é preciso. As ruas estão quase desertas e as poucas pessoas que cruzam nossos caminhos não prestam muita atenção em nós e, pelo menos, até o momento, tudo está saindo como o planejado.

— Veja — paro ao dobrarmos a primeira esquina, pressiono a mão dela, antes de continuar. — Ali está o carro. Vamos!

Um Mercedes Front Angel, prata com vidros negro, aguarda-nos, mais à frente. Andamos, rapidamente, conscientes de que o tempo é nosso pior inimigo. Dylan

permanece dentro do carro. Assim que entramos e acomodamo-nos, faço um sinal para que ele arranque.

Envolvemos o mínimo de pessoas possível. Para Dylan, estamos apenas fugindo dos paparazzi, que estão em frente a nossa casa, e seguindo para Paris, como havíamos planejado, há vários dias. Somente Adam e Peter conhecem os detalhes desta fuga. Bem, em breve, todo o País ficará sabendo, mas, até lá, estaremos muito longe.

O caminho foi feito em silêncio. Olho para o rosto pálido dela, a cada minuto. Vê-la tão frágil faz doer meu coração, como se uma faca afiada estivesse sendo enterrada nele. Ela é corajosa e sinto orgulho por isso. Mesmo estando com

medo e compreendendo os riscos, está disposta a seguir em frente. E eu irei protegê-la até as últimas consequências.

Penso em Anne. Nunca fiquei tanto tempo longe de minha filha, nem mesmo durante as viagens de negócios, em que estive fora, no máximo, alguns dias. Como lidaria com o fato de termos ido embora, mesmo que não fosse uma situação permanente? Acharia que eu tinha a abandonado? Lutei e lutaria por Anne, em qualquer circunstância, porém, jamais poderia colocar sua segurança em risco, quando há outras possibilidades. Contudo, fazer uma criança de nove anos entender que agi para o bem dela será uma tarefa muito

complicada.

O carro para, tirando-me de minhas meditações. Jennifer agarra-se a mim, assustada. Mantenho-me frio. Por dentro, minha alma congela. Eu não posso perder o controle.

Inclino-me para frente, procurando enxergar além do banco de motorista.

— Algum problema, Dylan?

— Há dois carros bloqueando a rua, Sr. Durant — diz ele, em um tom preocupado.

Caralho! Tento clarear a mente, em busca de uma saída. Se voltarmos, poderemos ser interceptados pela polícia. Nessa altura dos acontecimentos, já devem ter invadido minha casa e concluído que fugimos.

Podemos ser interceptados a qualquer momento. O cerco está fechando-se contra nós, a cada segundo. O relógio brinca conosco, afunilando todas as possibilidades.

— Acha que são repórteres? — evito a palavra polícia, que poderia levantar suspeitas.

Não que eu não pudesse confiar nele, pois, no fundo, acredito que ele saiba, em tese, o que está acontecendo, mas, quanto menos pessoas envolvidas, melhor.

— Não acredito, Sr. Duran — ele coloca, enquanto responde, o motor em ponto morto.

Minha mente volta a trabalhar, fervorosamente. Voltarmos e sermos

caçados, como animais, ou seguirmos em frente, a qualquer custo? Procuro debaixo do banco, tateando-o, até encontrar o objeto frio. A arma está ali para ser utilizada como um último recurso e eu espero, realmente, não ter que fazer uso dela. Não com Jenny tão assustada ao meu lado.

Eu aprendi a atirar, há muito tempo. Desde que havia assumido as empresas da família, a preocupação com minha segurança tornou esse aprendizado necessário, mas, isso não quer dizer que eu aprecie fazer uso de armas.

Giro o cilindro da RT 838 e verifico os cartuchos. Oito balas. Aparentemente, tudo está ok. Não há balas suficientes para o que posso ter que vir a enfrentar,

mas, eu não seria pego desprevenido.

— Neil — sussurra ela, agarrando meu braço, com mais força do que realmente parece ter. — O que está acontecendo?

— Não fique com medo — eu tento pensar em alguma coisa que possa confortá-la. Nada do que eu disser alcançará esse objetivo. Minha única certeza é a de que a protegeria com a minha vida. — Nada vai acontecer. Eu prometo...

O telefone toca e eu esbravejo, baixinho. Dylan solta um palavrão, no banco da frente. Um dos carros entra em movimento, vindo em nossa direção. Uma SUV preta, com vidros fumês.

Olho para tela, onde aparece o nome

de Peter. Eu não tenho tempo, no entanto, ele pode ter alguma informação importante.

— Não é um bom momento — digo, assim que atendo.

Nosso carro entra em movimento. Dylan dá a ré, enquanto o carro preto aproxima-se.

— Neil! — a voz de Peter ecoa, ansiosa, do outro lado da linha. — Não vá para o aeroporto.

Olho em todas as direções, em busca de uma saída.

Porra! Porra! Porra!

Não há saída! Sair, em meio ao fogo cruzado, está fora de cogitação. Eu não posso arriscar a vida de Jenny e dos bebês dessa maneira. De repente, sou

invadido por uma onda de desespero e excitação.

— O que eu faço, senhor?

— Acelera, Dylan! — a adrenalina invade meu sangue, como presas sugando o pouco que ainda resta de meu autocontrole.

O segundo carro coloca-se em movimento. Eu gostaria de saber o que estão planejando. Pareciam analisar nossos movimentos para, então, entrar em ação.

Abraço-a, fortemente, junto ao meu peito, talvez pelo que seja a última vez. O perfume adocicado de seus cabelos invade minhas narinas. Uma dor aguda explode em meu peito e sinto dificuldade para respirar, por alguns

segundos.

— Se eu disser corra — murmuro, apoiando minha testa na dela, minha cabeça dando voltas. — Quero que corra o máximo que conseguir.

— Neil... — diz ela, com voz estremecida.

— Prometa isso!

O olhar assustado, a boca trêmula e as mãos geladas, unidas as minhas, mostram-me o quanto está sendo difícil para ela ficar firme, em meio a tudo isso. Deveríamos estar em casa, neste momento, conversando e ansiando pela chegada dos nossos filhos, como tantas vezes fizemos. A vida ainda não estava sendo justa para nenhum de nós dois.

O mundo começa a desabar aos meus

pés, literalmente. Iriam tirar de mim o que mais amo. Minha mulher, minha amante, minha amiga, a mãe dos meus filhos, enfim, minha vida e o significado da minha existência.

— Vai, Dylan!

Capítulo 2

Amor...

*Mas, quando vier o que é perfeito,
então o que o é em parte será
aniquilado.
(Coríntios 13:10)*

Neil

Enquanto a adrenalina corre velozmente por cada veia de meu corpo, eu me pergunto se eu havia tomado a decisão certa. Deixei-me levar por sentimentos desesperadores, os quais

nos trouxeram até aqui, em direção ao que poderá ser nossa ruína.

Quando tudo o que eu quis foi protegê-la — da dor ruptura, quando os bebês fossem tirados de seus braços. O sofrimento de ver nossos filhos crescendo através de cartas e álbuns de fotografias, os primeiros passos, o primeiro beijo...

A vida seguindo diante de seus olhos, passando além das paredes altas de uma penitenciária, onde certamente, ela definharia a cada dia.

Todos esses motivos, e o maior deles, na qual não há resquícios de nobreza, é que eu fui levado pelo mais profundo sentimento egoísta, de que não

posso viver longe dela.

Seria como provar lentamente, todos os dias, o beijo doce e cruel da morte. Eu enlouqueceria lentamente, desvairado, afogado em um mar de revolta, oprimido pela tristeza e desespero.

Quisera eu não ter provado o gosto do seu amor, o calor do seu sorriso, aquecendo minha alma, o toque de seus lábios macios. O brilho dos seus olhos, mesmo quando opacos, não tivessem me feito acreditar no direito de ser amado.

Tudo o que fiz foi entregar-me de corpo e alma. Porque tê-la ao meu lado, é tão necessário em mim, como o ato de respirar. O amor nos leva a fazer coisas

grandiosas, como também as mais estúpidas.

Por todos esses motivos, encontro-me aqui, desesperado, ensandecido, amo-a mais do que minha própria vida, e morreria por ela, se assim for preciso.

E sei que não suportaria o julgamento massacrante que seguiria, os olhares acusatórios, as paredes frias e solitárias de uma cela, muralhas, que não acorrentam apenas o corpo, mas aprisionam a alma. O modo como cada batida do relógio soa lentamente, fazendo com que cada segundo pareça eterno. Eu já estive lá, nesse inferno, por duas vezes.

A primeira vez eu era apenas um

menino, um rapazote, jovem demais, mas já com uma grande culpa, pesando em meus ombros. As lembranças surgem em minha cabeça.

Enquanto eu lidava com as consequências de atos, que ainda culpo-me por não conseguir evitar, Nathan agia como se estivesse em um acampamento de férias.

Detestava quando me deparava com essa faceta sádica de sua personalidade. O jovem atroz, que não se importava com nada e ninguém, além de si mesmo. Era tão mestre em enganar as pessoas. Enrolando-as em sua rede de mentiras, manipulando-as, e fazendo eu me sentir culpado por detestá-lo, tanto.

— Não sente remorso, Nathan? — perguntei, chocado com seu pouco caso. Havia violentado uma jovem e agia como se não fosse nada. — Nenhum arrependimento? Nada?

— Por que eu deveria? — uma risada sarcástica, escapou de seus lábios. — Você deveria ter ficado calado... Sempre em meu caminho, atrapalhando minha vida.

— Tem que parar com isso! Veja onde estamos — rosnei, olhando em volta da cela, minúscula que dividíamos há dois dias. — Você violentou aquela jovem e age como... Esse caminho o levará a destruição.

— Não ficarei aqui por muito tempo,

aliás nem estaríamos aqui se você não fosse tão idiota — disse ele, numa voz calma, controlada, caminhando até mim, o olhar implacável, carregado de ódio. — Iguais e tão diferentes.

Seu olhar percorreu o meu rosto.

— Quer saber de uma coisa? Cansei de fingir suportar você, odeio-o — continuou ele, o rosto desprovido de qualquer emoção. — Sempre no meu caminho, fazendo da minha vida um inferno, o pobre coitado.

— Está doente — disse, agarrando-me a essa justificativa, buscando algo de humano que pudesse existir dentro dele, ninguém poderia ser tão cruel assim. — Deixe-me ajudá-lo.

— Você é uma praga na minha vida, Neil. Sabe o que acontece com as pragas? Nós as exterminamos.

Por que essas lembranças vieram agora?

Talvez porque quando estamos diante da morte, a vida passa diante de nossos olhos. Passado, presente, futuro, misturando-se uma nuvem nebulosa. Ou quem sabe, seja nada menos do que um presságio.

— Deite-se e permaneça abaixada — digo a ela, com uma tranquilidade que estou longe de sentir.

Um dos carros, a SUV preta, de vidros escuros, espelhados, avança em nossa direção, aproximando-se, em alta velocidade, o outro um Acura RDX preto, permanece parado, há alguns metros.

Senti levemente o cheiro de queimado, quando Dylan avançou em direção ao nosso oponente, torrando os pneus sobre o asfalto.

Metro a metro ele avança, em outro momento, eu mesmo teria assumido o controle do volante, indo contra ele, pouco me importando com as implicações. Agora eu tenho três inocentes do banco de trás, que sofreriam as consequências de meus

atos, mal calculados. Já havia arriscado muito até aqui.

— Dylan! — uivo, segundos antes de ser lançado contra a porta, quando ele desvia, evitando ser atingido pela da lateral do Acura, que passa por nós velozmente, serpenteando na pista, e derrapando atrás de nós, parando a alguns metros de distância. — Porra, Dylan, cuidado!

Inclino-me para fora da janela e disparo, acertando um dos faróis do carro, amaldiçoando-me por ter errado onde havia alvejado. Uma bala rasteira passa acertando nosso retrovisor. Os disparos recomeçam, protejo-me como posso.

O vidro traseiro estilhaça, espalhando-se cacos para todos os lados, cobrindo o banco com os pequenos cristais, os sons das balas passando a milímetros do meu rosto, zunindo em meus ouvidos, acelerando meus batimentos.

— Senhor! — exclama Dylan, alarmado, o carro derrapa, lançando-nos para fora da estrada, atolando-nos em um barranco. — Temos dois pneus furados...

Inferno! A raiva apodera-se de mim, cegando-me por um momento. Isso anula qualquer possibilidade de fuga. E a abertura causada pelo vidro estilhaçado, embora facilite meus disparos em

direção ao carro, faz de mim um alvo mais fácil.

Certifico-me de que Jennifer esteja bem, apesar de assustada, espremida, entre o banco e a porta. Salto para a parte traseira, descarregando o meu revólver contra o vidro blindado, é como tentar perfurar uma rocha. O som é ensurdecedor. Com uma virada brusca, o carro recua, girando na pista, loucamente, saindo em seguida, em disparada.

Que merda é essa? Se desejam nos matar, por que não acabam logo com isso? Isso não faz o menor sentido, já que estamos em grande desvantagem aqui, e estou quase sem balas. Então,

por que estão indo embora?

Estranhamente, o segundo carro que estivera no local, durante a troca de tiros, aproxima-se, a SUV preta, como o carro anterior, possui vidros escuros, impossibilitando-me de ver quem está ao volante. Examino o revólver, não há mais balas, verifico praguejando. Tento reorganizar minha mente, procurando pensar com clareza.

— Senhor Durant... — principia Dylan.

Alcanço a maçaneta, a intenção clara em meu rosto.

— Senhor! — Dylan exclama, tenso.
— Não faça isso, não sabe quantas pessoas há naquele carro.

— É a mim que ele quer, Dylan...

Dylan profere diversos palavrões, acertando o volante de forma frustrada.

— Neil — Jennifer agarra-se a minha perna, antes que eu saia do carro, engolindo o soluço, os olhos mergulhados em tormenta. — Não... Por favor.

— Sinto muito, amor — beijo-a nos lábios, com pressa, mas de um modo que ela pudesse absorver todo o amor que sinto, embora meu coração esteja sangrando em meu peito. — Diga a eles que os amo — murmuro, engolindo em seco, apoiando minha testa contra ela — e que Anne me perdoe...

Afasto-a de mim, quando minha

vontade é mantê-la em meus braços.

Não há dúvidas que a pessoa naquele carro, deseja acetar suas contas comigo. Quais segredos obscuros Nathan teria levado com ele para o túmulo? Em quem ou por que nós dois poderíamos ter despertado tanto ódio? Talvez algum desregrado de nossa juventude, alguém muito irritado com seus jogos macabros que tenha voltado para se vingar de mim já que Nathan está morto. A verdade é que nada fica escondido para sempre, e cedo ou tarde tudo acaba vindo à tona.

— Tranque a porta, Dylan — ordeno, antes de sair. — Tire-a daqui quando chegar o momento certo.

Os gritos desesperados, soluços

sentidos e batidas contra o vidro atrás de mim, fazem meus pés pesarem como chumbo, mas eu sigo em direção ao carro, caminhando, lentamente, contando cada passo que dou com uma parte do meu coração permanecendo com ela.

— Neil! — olho talvez, pela última vez, para o rosto que me fez acreditar que na vida há motivos para sorrir, mesmo que seja de coisas tolas, as que não damos nada, mas que significam tudo em um momento como esse — Não!

— Eu te amo — sussurro as palavras que me farão suportar tudo isso. Algumas vezes, na vida, você tem razões, mas não há escolhas perfeitas. Precisa fazer o que acha certo, mesmo

que para todos pareça errado.

O brilho alto dos faróis, em minha direção, cegando-me. O motor do carro ronronando, ele avança em direção a mim, declaradamente, desafiando-me. Ouço o som do cascalho sob meus pés mesclando as batidas pesadas do meu coração enquanto me aproximava.

A porta é aberta, vislumbro apenas sua silhueta, devido à luz intensa em meus olhos. Enfrente-me desgraçado. Estou aqui como você queria.

— Quem é você? — pergunto, conseguindo fingir indiferença.

Quem sabe, houvesse alguma chance, se eu conseguisse tempo. Seu jogo é brincar de gato e rato. Teria nos matado

há muito tempo se assim quisesse.

Outro passo... Eu vejo a arma, apontada em minha direção, a máscara branca, escondendo metade do rosto, os lábios exibindo um sorriso irônico. Esse sorriso...

— Pode me chamar de exterminador.

Então, o som estridente de um tiro, cortou a noite.

Capítulo 3

Jenny

Honestamente, acreditei do fundo de minha alma, que a quantidade de desgraças que poderiam acontecer em minha vida havia se esgotado. Afinal, tudo o que eu amo, havia ficado para trás; minha casa, meus amigos, minha filha amada... De tudo isso, separar-me de Anne foi o que mais me doeu, e ainda dói.

Minha vida inteira foi marcada por inúmeras tragédias. Dor, morte, mágoa,

sofrimento — companheiros fiéis, esses nunca me abandonaram. Creio que cada pessoa tem sua dose de tragédias durante sua existência, as minhas parecem inesgotáveis.

Mesmo com tudo isso, eu sempre me mantive de pé, não havia espaço em minha vida para lamentações e autopiedade. Quando se é sozinha no mundo, e cega, sobreviver depende apenas de você. Foi o que eu fiz. Minha coragem, não era apenas uma característica admirável, mas sim, uma necessidade.

Ainda que, no meio do caminho, eu tenha encontrado amigos inestimados, por trás de cada sorriso em meu rosto

havia uma garota solitária.

Até conhecê-lo.

Eu só me deparei com a fragilidade que há em mim, e que eu não precisaria ser forte o tempo todo, pois cada vez que eu caísse ou fraquejasse, ele me sustentaria, mantendo-me segura em seu peito. Meu anjo, meu amor, minha vida.

Jamais imaginei encontrar alguém que me amaria de forma tão sublime. O raio de sol, que trouxe luz aos meus olhos, mesmo quando eu mesma acreditei ser impossível. Que lutou todos os momentos para estar ao meu lado. Que deu o melhor presente de toda minha vida, nossos filhos. Um amor tão forte e poderoso, capaz de oferecer a

própria vida por mim.

E eu vou perdê-lo... A dor em minha alma é tão profunda e desoladora, que a sinto, sendo arrancada de meu corpo, ficando apenas uma casca vazia. Não há prisão mais devastadora do que essa. Da qual não há escapatória, carregaria comigo para qualquer lugar que eu for.

A cada passo que ele dá em direção à morte, leva-me um pouquinho. Fecho meus olhos, incapaz de continuar observando. Essa imagem me perseguirá por toda minha vida, se é que ainda teria uma.

— Vamos, senhora — murmura Dylan. Não o vi sair do carro e posicionar-se ao meu lado, na outra

porta. — Precisamos sair daqui, *agora*.

Eu não tinha voz para responder e nem força para protestar. Minha garganta estava ressequida de tanto gritar e gritar. As palmas das minhas mãos, vermelhas, doloridas e dormentes, devido à força com que as bati contra o vidro do carro, ao vê-lo partir.

Adiante, tenho apenas o vislumbre de duas pessoas. A luz dos faróis impede-me de identificá-las.

Antes que eu possa tocar meus pés no chão, o som estridente de um disparo me faz vibrar e um grito apavorado ecoa da minha garganta. Livro-me das garras de ferro, que são as mãos de Dylan, em meus ombros, e saio do carro.

Por favor, Deus, não o tire de mim, eu me entrego, se for preciso, só não o deixe morrer! Não o tire de mim, Deus!

Corro em direção ao tiro, às cegas, uma cortina de lágrimas, cobrem meus olhos, enquanto corro a passos trôpegos.

O farol vem em direção a mim, ofuscando minha visão, o carro em alta velocidade. Tropeço em meus próprios pés, engulo seco, quando sinto os pedregulhos penetrarem em meus joelhos. A luz vem em direção ao meu rosto. Já não temo mais por mim, minha vida, sem Neil seria insuportável de qualquer forma, mas sinto pelos bebês, a qual tirariam o direito à vida.

Eu gostaria apenas de ter chegado

perto dele, ter dado o último beijo. Poder dizer o quanto o amo e que significa tudo para mim. Não consigo aceitar que a última imagem que tenha dele seja, seu corpo inerte, caído há alguns metros de mim.

O carro freia bruscamente, a centímetros de meu corpo. Fecho os meus olhos, abraço meu ventre, meus pensamentos são direcionados aos bebês, e despeço-me deles mentalmente, destruída porque jamais terei a oportunidade de ver os seus rostinhos inocentes, nem que por um breve momento. O sorriso de Anne me vem à cabeça. Agradeço aos céus pela oportunidade de tê-la conhecido, por

poder amá-la, e de tudo que aprendi com ela, a cada dia, aprendi o que é ser mãe, mesmo antes desses pequeninos em meu ventre. E em seguida e não menos importante, mas o sentido de minha existência, Neil.

Inexplicavelmente, minha última memória é uma fotografia. Uma foto meio amassada, que encontrei na gaveta de Samantha, alguns dias antes de sua morte. A imagem de um jovem lindo, com um sorriso deslumbrante, que meramente, fora ofuscado por um brilho triste, quase imperceptível a quem visse, mas que eu notei. Talvez, tenha sido ali, naquele momento, que eu me apaixonei por ele, sem nem ao menos conhecê-lo,

através de um simples retrato, mas totalmente mágico para uma garota de quinze anos.

Evitávamos falar sobre o passado depois que descobri sua ligação com Nathan, era doloroso demais para nós dois. Por mim, ficaria enterrado no lado mais profundo da minha mente.

Contudo, desde que Sophia havia me colocado de frente a ele, o passado, lembranças como essas, voltaram a povoar minha mente.

Um vento gelado bate forte contra meu rosto, uma freada, pneus cantando e o som do carro, dessa vez ao longe, cada vez mais distante. Acredito que meu fim tenha sido misericordioso, sem

dor ou rápido demais para que sentisse algo.

— Senhora — um toque suave em meu ombro, faz-me abrir os olhos, sem pressa. — Você está bem?

Curvo-me ao sentir uma forte náusea, revirando meu estômago. Apoio-me no chão tentando controlá-la. Então, estarecida, noto a máscara branca, caída a alguns centímetros, ao meu lado. Guardo-a no bolso do moletom, embora o tecido pareça queimar os meus dedos.

Neil!

Nenhum som sai da minha boca, dolorida. Tento me levantar, mas minhas pernas vacilam, antes que eu caía, Dylan sustenta meu corpo junto a ele.

— Senhora, é melhor ficar aqui — murmura ele. — Eu vou ver como ele está...

— Não, eu vou com você! — berro, caminhando em direção ao corpo caído na estrada.

— Neil! — ajoelho-me ao lado dele, está com o rosto virado contra o asfalto. O peito balançando suavemente, ainda está vivo. — *Vida?* Fale comigo.

Tento virá-lo, para descobrir a gravidade do ferimento. Ele é pesado demais, então Dylan auxilia-me. A mancha de sangue, espalhando-se pelo ombro, faz-me abrir a cachoeira em meus olhos.

Por favor, Deus, por favor! Rezo

internamente.

— Jenny — sussurra Neil, abrindo os olhos. — Fique calma... Eu estou bem.

— Dylan, temos que tirá-lo daqui — digo exaltada. — Precisamos ir a um hospital.

Não me importa se vou ser pressa, ou o que possa acontecer. Neil tem que viver custe o que custar. É a minha vez de abdicar de tudo, por ele.

— Droga! Só vamos conseguir ir andando — informa Dylan, olhando para os pneus vazios do carro do outro lado. — Ou contar com a sorte de que alguém apareça.

Não temos escolhas, ficar e observá-lo morrer, esvaindo-se em sangue, ou

seguirmos andando.

— Consegue ficar em pé, senhor? — pergunta Dylan.

— Estou bem — persiste ele, numa voz falha. — Foi apenas de raspão, Dylan.

— Tem um carro se aproximando — murmuro, o coração batendo forte no peito.

Parte de mim deseja ardentemente que seja alguém que possa nos ajudar. Por outro lado, sinto o pânico envolver meu peito. Não sei porque ainda estou viva, ou porque o assassino havia mudado de ideia em relação a Neil. Não sei o que passa naquela mente doentia, mas o desgraçado está brincando

conosco, isso é claro.

O carro para no acostamento, a meio metro de onde nosso carro estava. Com um gemido rouco, Neil puxa-me para mais perto dele, sempre me protegendo, mesmo ferido. Meu coração bate acelerado. Poderia ser alguém disposto a nós oferecer ajuda, como outro capanga do mascarado, que voltou para dar fim ao que ele havia deixado para trás. Embora, não faça sentido, pois ele nos teve em suas mãos o tempo todo.

— *Peter!*

Meu grito aliviado ressoa ao vê-lo descer do carro e apoiar-se contra a porta, meio cambaleando. Examino a tipoia que sustenta o seu braço direito,

enquanto ele caminha com passos incertos em direção a nós. Corro até ele, que me abraça forte, em seu peito.

— Ajude-nos — começo a chorar copiosamente, não sei se é a presença dele que me dá a sensação de segurança ou simplesmente me permito da vazão a todos os sentimentos conflitantes em meu peito.

Ele geme, segurando minhas mãos trêmulas. Afasto-me rapidamente, ao recordar que ele havia fraturado uma costela, ao ser atropelado, quando saía de seu escritório no centro da cidade, no dia anterior. Tudo nos indica que foi um atentado contra ele. O homem mascarado novamente? Não sei dizer.

Como dono de uma das agências de segurança mais conceituadas do país, ele deve colecionar muitos inimigos, mas seria muita coincidência.

Neil aproxima-se, com Dylan, amparando-o. Atento ao pulôver que ele usava, pressionando-lhe o ombro, julgo que para estancar o sangue, no ferimento, onde a bala havia atingido. Está pálido e luta para manter-se em pé.

— Vamos levá-lo ao hospital — coloco-me ao lado dele. — Vai ficar tudo bem.

— O que aconteceu aqui? — inquire Peter, apontando em direção ao nosso carro, alvejado de balas, fora da estrada.

— Eu explico no caminho — murmuro aflita. — Tire-nos daqui, por favor. Precisamos ir para um hospital imediatamente, Peter.

— Não! — profere Neil, a muito custo. — Estou bem.

— Neil... — começo a protestar, incrédula.

— Foi apenas de raspão — insiste ele. — Temos que sair daqui.

Gemo exasperada, perante sua teimosia, vejo nitidamente, que irá sucumbir a qualquer momento.

— Preciso que dirija — murmura Peter, em direção a Dylan. — No caminho resolvemos isso. Nem sei como consegui chegar até aqui.

— Para onde vamos, senhor? — pergunta Dylan, assim que nos acomodamos no banco traseiro do carro.

Ele escreve algo, entrega um mapa e um papel a ele. Os dois parecem se comunicar pelo olhar que trocam. Ou quem sabe, seja algo de minha cabeça. Minha única preocupação é Neil e seu estado debilitado.

— Dylan, passe-me o canivete — diz ele, indicando o objeto no painel do carro.

Segundos depois, ajudo-o a rasgar a camisa de Neil, para constatar a gravidade do ferimento, no ombro esquerdo, ao meu lado.

— Parece mais grave do que

realmente é — diz ele, examinando a lesão. — Mas vai precisar de alguns pontos. Quem atirou é muito ruim de mira ou não teve a intenção de matar.

Apenas aceno com a cabeça.

Vejo a parte superior do ombro de Neil banhada em sangue, e um corte consideravelmente grande, que deixava boa parte de sua pele a mostra. Graças a Deus, a bala não havia se alojado, mas atravessado à pele, passando de raspão, na linha do ombro.

— O crucial é que não sabemos quanto sangue ele perdeu — murmura Peter, pressionando o pulôver contra o ombro dele, novamente. — Mantenha pressionado, Jenny.

A peça está relativamente úmida, manchando meus dedos de sangue. A grande preocupação no momento é que ele não tenha um choque hemorrágico.

— Numa escala de um a dez, como se sente, Neil? — pergunta Peter.

Os olhos que estiveram cerrados, desde que acomodamos no carro, focam-se em mim. Os lábios curvados, em um meio sorriso.

— Nove e meio — murmura Neil, num tom baixinho, que se não estivesse ao seu lado, eu não teria compreendido.

— Formamos um belo time, não é? — pergunta Peter, indicando seu braço imobilizado do outro lado e o ombro ferido de Neil. Dois inválidos e uma

grávida prestes a dar à luz, a qualquer momento.

Se a intenção dele, é que eu me acalme, não está funcionando muito bem.

— Precisamos de um médico — insisto, angustiada

Noto agora, que entramos em uma estrada arborizada. A cidade ficou para trás há algum tempo.

— Para onde estamos indo, Peter? — pergunto, o rosto marcado pelo desespero. — Volte, Peter!

Ele está ao telefone e faz sinal com a mão para que eu fique quieta.

— Preciso de sua ajuda — murmura ele. — Não, eu posso dizer... Sai porque eu precisei, não, mandarei uma

mensagem. Até logo.

— Vamos para um lugar seguro — diz ele, ao encerrar a ligação. — Confie em mim, tudo bem?

Balanço a cabeça em concordância. Não há ninguém mais que eu possa confiar. E ele havia arriscado a própria segurança para nos encontrar. Embora eu não goste da situação, resolvo seguir o que me diz. Foram atitudes impensadas de minha parte que nos colocaram aqui. Não vou cometer o mesmo erro novamente.

Dylan dirige em alta velocidade, e árvores imensas vão surgindo dos dois lados da pista. O carro diminuí a velocidade. Seguimos por um caminho

de pedras. Uma cabana rústica aparece diante de nós, parece-me uma dessas cabanas usada para caça. Dylan estaciona a alguns metros de distância. Daqui só poderemos seguir a pé, devido ao terreno íngreme.

Saímos do carro com Dylan carregando Neil, que no momento está desacordado. Prefiro pensar que sucumbiu a exatidão. Peter se apoia contra porta, respirando com certa dificuldade.

— Você fugiu do hospital, não é? — coloco seu braço saudável em meus ombros e ajudo-o caminhar em direção à cabana.

— Eu não diria fugir, exatamente —

diz ele, de forma irônica. — Creio que o médico ficou muito feliz em me dar alta.

Eu posso imaginar que sim. Enquanto Neil é malhado e bem definido, Peter é alto, musculoso, uma verdadeira rocha, há algo de selvagem e incontrollável que emanam dos olhos dele. É fissurado em luta livre, então, seu corpo é de causar inveja a qualquer lutador profissional, capaz de assustar qualquer pessoa. Inicialmente, ele me intimidava um pouco, até conhecer seu coração de ouro, esse que faz questão de esconder atrás de um olhar debochado e cara de poucos amigos.

— Como nos encontrou? — pergunto, assim que atravessamos a porta.

Nem havíamos conseguido chegar à rota do aeroporto, quando recebemos a ligação dele, mais cedo, minutos antes de sermos recebidos pela emboscada.

— O dispositivo no celular do Neil. Precisamos nos livrar dele — murmura ele. — Há essas alturas, a polícia já deve estar tentando rastrear vocês. Vou providenciar outro telefone, o mais rápido que puder, mas em todo caso, nossa comunicação terá que ser apenas o estritamente necessário.

Entramos e observo o interior da cabana, é simples por dentro, assim como seu exterior. Há apenas um quarto, com uma cama de casal, onde Neil se encontra, próximo a uma janela. Uma

mesa redonda para duas pessoas. Na pequena cozinha, anexa, há um fogão antigo de duas bocas e uma geladeira marrom, descascada, além da pia estreita.

Não é uma cabana destinada ao laser, parece mais um refúgio para um homem solitário. O rifle escorado contra a parede e as botas de cano alto ao lado de uma cadeira confirma minha impressão.

Seria de Peter ou de algum amigo dele?

Caminho até a cama, e arrasto-me sobre ela, aliso os cabelos e a testa suada de Neil. A temperatura está elevada, isso me preocupa muito.

— Está com febre — murmuro apreensiva. — Peter?

Ele se aproxima da cama testando a temperatura.

— Na verdade, a febre é apenas uma reação do organismo — tranquiliza-me. — No caso de infecções, por exemplo, ajuda o sistema de defesa a livrar-se do agente agressor... Ele vai ficar bem, Jenny. É apenas seu corpo reagindo a tudo isso.

— Como tem tanta certeza? — pergunto pouco convencida. — Não posso perdê-lo. Eu...

— Não vai — diz Peter, depositando um beijo em minha cabeça. — O homem é uma rocha, praticamente indestrutível.

Tenha um pouquinho de fé.

Fé? É a única coisa que tem me mantido sã em meio a todos esses acontecimentos, fé e esperança de que tudo acabará bem.

— Vou preparar algumas compressas até que Liam chegue — diz ele, olhando em volta, e em seguida, vai até uma porta, que acredito ser o banheiro.

— Liam? — pergunto, quando ele retorna com alguns trapos limpos.

— Ele é o único médico confiável que conheço — responde ele seguindo para cozinha. — Por que não toma um banho e descansa um pouco, Jenny?

— Vou ficar aqui com ele — afirmo com determinação expressa em meu

rosto. Nada me afastará de Neil, nem mesmo a exaustão predominando cada parte de meu corpo. — Até Liam chegar e me garantir que ficará tudo bem.

Passamos as quase duas horas seguintes tentando controlar a febre. Não havia aumentado, mas também não havia diminuído.

Fizemos um curativo improvisado com o que havíamos encontrado na caixa de primeiros socorros, em uma das gavetas no gabinete, do minúsculo banheiro, mas o ferimento no ombro precisa ser suturado com urgência. A pele ao redor da ferida começa a ficar com uma coloração arroxeadada, o que me preocupa bastante.

— Peter?

Ele desvia o olhar da janela, de onde passou os últimos vinte minutos, observando o movimento lá fora ou apenas perdido em seus pensamentos. O dia começa a clarear. Dylan havia saído para comprar suprimentos e tudo o que poderíamos precisar nos próximos dias.

— Aquele homem — minha voz falha quando lembro das últimas horas. — Deixou cair isso.

Tiro a máscara branca de dentro do bolso do moletom, onde havia escondido, antes de correr desesperada até Neil, na estrada.

— Ele não deixou cair — diz ele, enrolando a máscara em um lenço azul-

marinho.

— O que quer dizer? — franzo o cenho.

— Pela forma como o carro de vocês foi alvejado... — ele caminha até mim, relatando sua teoria. — Que estive com Neil totalmente desarmado diante dele, e mesmo assim, deu um tiro de raspão... Agora essa máscara.

— Ainda não entendo? — falo baixinho, evitando incomodar Neil com nossa conversa. A última coisa que quero é vê-lo exaltado.

— Foram sinais, Jenny — continua ele, enrugando a testa. — Todo psicopata, que é o que acredito ele que seja, no fundo quer ser descoberto. Por

isso, vai deixando pistas pelo caminho... Ele quer que saibamos quem ele é.

— Acha que pode ser alguém do clube onde trabalhei? — pergunto, o medo trespassando em meu peito, fazendo-o bater como louco.

— Não — ele respira fundo. — Isso vem acontecendo muito antes de Neil conhecer você. Há muitas peças soltas aqui.

Peter soca a parede com a mão livre.

— Você é apenas mais uma peça — murmura ele, pensativo. — O grande problema é que ele sempre está a um passo à frente.

Neil remexe na cama e eu troco as compressas no ombro e na testa dele.

Sussurro palavras carinhosas para que ele permaneça tranquilo. E não percebi quando Peter saiu, como um gatuno.

Os minutos continuam se arrastando, pergunto-me a que se deve a demora de Liam. Não sei bem onde estamos, mas acredito que já deveria ter chegado.

A febre não sede e volto a entrar em desespero, chorando baixinho. Já fiz todos os tipos de promessas e orações que conheço. Não posso perdê-lo, não posso.

— *Jen...* — Neil abre os olhos e me encara, inquieto — não chore. *Ei*, eu estou bem.

O pedido só faz com que eu soluce mais alto. Por que todas essas coisas

estão acontecendo com nós dois? Quando iríamos ter um minuto de paz e tranquilidade? O que esse homem quer e por que está fazendo tudo isso? Quem havia matado Sophia e por que estavam tentando me incriminar?

Já testei todas as teorias possíveis, mas não encontro *nada*. Não consigo pensar em ninguém em meu passado que possa ter algo contra mim, não nessa escala.

Até cheguei a cogitar que Brian pudesse estar envolvido, mas ele não possui uma mente tão ardilosa para arquitetar algo tão macabro como isso tudo.

— Ei... — ele geme — pense nos

gêmeos, amor.

Eu sinto meu corpo ficar tenso, e um arrepio gelado atravessa minha espinha. Dou-me conta de que já faz algumas horas que eu não os sinto. Nos últimos dias, com os preparativos da mudança, eles andaram bem agitados. Só que agora, *nada*. Não sei se porque me sinto exausta ou se foi minha preocupação com Neil, que me deixou alheia ao fato.

— Jennifer? — ele segura minha mão trêmula, observando-me com expressão apreensiva.

Arrasto-me, saindo da na cama e caminho para longe dele. Brigo com as lágrimas pesadas, que insistem em saltar dos meus olhos.

— O que foi? — o pânico em sua voz
igualando-se ao meu — Jennifer?

Não consigo senti-los!

— Nada...

Capítulo 4

Neil

*Eu te amo para amar-te e não para
ser amado, pois nada me dá tanta
felicidade como te ver feliz.*

(George Sand)

Nada!

Pela forma que seus olhos assustados
contemplam os meus, o modo que os
braços protetores circulam o ventre
abaulado, a simples palavra, poderia
significar *tudo*.

Instantaneamente, como magia, a dor dilacerante em meu ombro, os trovões insuportáveis dentro de minha cabeça, desaparecem, completamente. Minha preocupação é apenas *ela* e os bebês.

— Jenny? — pergunto ansioso, seguindo-a com olhar. — Fale comigo!

Levanto-me, num ímpeto, guiado pela apreensão. Caminho até ela, vacilando em seguida, uma vertigem provocada por uma fígada lancinante em meu ombro, faz meus joelhos envergarem, eu caio num baque surdo, diante dela.

— O que está fazendo? — repreende ela, a aparente preocupação, brilhando em seus olhos úmidos.

Amaldiçoou-me internamente, odeio

essa sensação de impotência. Essa aparente fragilidade, e fraqueza que me encontro. Eu deveria protegê-la, assegurar que exatamente nada a perturbasse física ou mentalmente. Tudo o que tenho feito desde que a conheci é remediar as situações e, isso me enlouque.

— O que você não quer me contar?
— insisto.

Sei que tenta me esconder algo, e tem a ver com os bebês. O remédio? Vasculho os bolsos da calça em busca do frasco de comprimidos que a Dra. Moore havia entregado a mim, no dia anterior. Devo tê-los deixado cair durante o tiroteio ou quando tombei no

asfalto.

— *Inferno!* — Peter rompe o quarto, seus olhos chispando fogo. Volta para cama com ajuda de Peter, sem desviar os olhos de Jenny, que continua calada no centro do quarto. — Está maluco, homem?

Noto Liam seguir atrás dele, com um sorriso debochado no rosto.

— E aí homem de ferro? — zomba ele. — Está pleiteando uma vaga no cinema?

Uma das coisas irritante nos meus amigos, especificamente, em Liam, é que eles escolhem o momento errado para bancarem os engraçadinhos. Apesar disso, sinto-me aliviado em vê-lo aqui.

Ainda que obstetrícia não seja a especialidade dele, Liam é médico, poderá examiná-la e dizer-me o que há de errado com meus filhos, algo que até o momento, Jenny parece obstinada a me esconder. Embora o objetivo seja poupar-me de qualquer tipo de aborrecimento, tem exatamente o efeito contrário.

— Que bom que chegou, Liam — murmura Jennifer. — Imaginei que tivesse acontecido alguma coisa.

Observo, seu rosto iluminado, pelo o que eu acredito, seja a sensação de alívio. Percebo que chegou a mesma conclusão que eu, só que no caso, a atenção dele, seria focada em mim. *Não*

mesmo. Não antes de ter a certeza de que eles estão bem.

Ela se aproxima de mim, na cama e toca minha testa, deslizo meu rosto na palma de sua mão, como um felino em busca de afago. Beijo seus dedos, com um roçar suave, nas pontas. Ficamos assim, por alguns segundos, presos nessa bolha.

— Eu tive que tomar cuidado para não ser seguido — Liam vira em direção a Peter. — Você foi bem enfático sobre isso. Me senti em um filme do 007.

— Liam! — Peter encara-o com olhar duro. — Tem que fazer piada de tudo?

Ele revira os olhos e balbucia algo

incompreensível ao se deparar com meu olhar tenso.

— Notou algo de suspeito, no caminho até aqui? — pergunta Peter, o modo detetive ligado.

— Inicialmente... — Liam franze a testa, parecendo incerto — sim. Parei em um restaurante de beira de estrada, por garantia, mas creio que estavam apenas seguindo a mesma direção que eu.

Peter evita meu olhar e caminha até a cozinha com algumas das sacolas, que havia deixado cair perto da porta, quando entrou. Despretensiosamente, ele vai depositando os mantimentos, entre outras coisas, sobre a pia, de costas

para mim. O alarme em minha cabeça começa soar. Porém, não é algo que desejo discutir agora, esse é um assunto que precisamos discutir sozinhos.

— Liam, quero que examine Jennifer — digo, com voz imperativa. — Assegure-me de que está tudo bem.

— Jenny? — ele parece surpreso com meu pedido. — Pensei que...

— Os bebês não mexem há algum tempo — diz ela, numa voz fraca. — Não deve ser nada, não é?

Os dedos tremem em volta dos meus.

— Neil, que precisa de ajuda aqui... — continua ela.

— Jennifer! — interrompo-a, com a voz dura. — Não vamos entrar nessa

discussão, agora. Por que não me disse isso antes? São meus filhos também, eles vêm antes de qualquer coisa, e isso se aplica a você.

O olhar infeliz, e os lábios trêmulos me fazem sentir culpado por ter soltado as palavras de maneira tão ríspida. Nas últimas quarenta e oito horas o teto havia desabado sobre nossas cabeças. E ela está lidando com toda essa situação, com a coragem e força que sempre admirei nela. É natural, no estado frustrante que me encontro e, conhecendo-a como conheço, que queira me proteger. Não é exatamente o que eu tenho tentado fazer com ela, desde que a conheci?

— Desculpe — digo a ela, afagando seus dedos com a ponta dos meus e encaro meu amigo, com um olhar suplicante. — Liam, por favor.

Ele pede que ela se acomode na cama ao meu lado, e inicia o exame minucioso. A cada segundo, meu coração parece diminuir em meu peito. Não consigo decifrar nada na expressão séria e compenetrada de Liam.

— Aparentemente, não há nada de errado — diz ele, após guardar no estojo de couro, o estetoscópio que havia usado para examiná-la, há alguns minutos. — Essa tensão e agitação em volta de vocês, devem deixá-los bastante incomodados.

— Tem certeza que estão bem, Liam?

— pergunta Jenny, com a voz chorosa.

Puxo-a para perto de mim, abraçando-a com força, pouco me importando com a dor em meu ombro. A sensação de alívio em saber que os gêmeos ficarão bem, é tão grande, que poderiam amputar um dos meus braços que eu não ligaria.

— Levando-se em conta tudo o que aconteceu? Estão ótimos. Os batimentos estão mais lentos... — diz ele, olhando em volta do quarto. — Nessas circunstâncias, é difícil dizer isso, mas, tente relaxar um pouco, Jenny. Não falta muito para eles nascerem e creio que você não quer apressar isso, certo?

Ela meneia a cabeça em concordância, aconchegando-se mais a mim. Eu acaricio seus cabelos e beijo sua testa com carinho. Por agora, um mero vislumbre de raio de sol em meia a tempestade.

— E quanto a você, Sr. Stark — Liam contorna a cama, posicionando-se ao meu lado. — Quantas vidas ainda tem? Já provou ser à prova de acidentes, balas... Quantos poderes ainda restam?

— Não o da paciência — pisco um olho para Jennifer, relaxando pela primeira vez, em muito tempo.

Ela sorri. E de repente, parece que todo o ambiente, que antes estivera mergulhado em treva e tristeza, parece

se iluminar. Como raios de sol, aquecendo minha pele, em um dia ensolarado.

— Eu quero saber exatamente tudo o que aconteceu — continua Liam, enquanto remove o curativo que tinham feito em meu ombro — e não me escondam os detalhes sórdidos.

Relato a ele tudo o que havia acontecido desde a visita de Jenny ao apartamento de Sophia até o atentado na madrugada. Claro que, os últimos detalhes foram descritos, superficialmente. Há muitas questões em minha cabeça, desconfianças que algumas horas parecem fazer todo sentido, e outras me fazem questionar

minha sanidade.

— Fizeram um bom trabalho aqui — murmura Liam, em direção a Peter. — Treinamento de guerra?

Ele sacode os ombros, ignorando a pergunta. Entrega a Jenny um copo de leite e um sanduiche gigante, de aspecto duvidoso, que parece desabar no prato a qualquer momento.

— Você deve estar com fome — diz ele a ela, envergonhado.

Se ele não fosse meu amigo, e estivesse apenas sendo gentil e preocupado com ela, se Jennifer não precisasse realmente se alimentar e as circunstâncias ao nosso redor não fossem tão cruciais, eu faria Peter

engolir esse sanduiche com prato e tudo. É indigno de minha parte que eu tenha ciúmes, porém, é uma parte de mim, quase que incontrolável.

— Na verdade, eu não estou — diz Jennifer, olhando para a comida com certa desconfiança.

— *Coma!* — ordeno, meu olhar firme em aviso que não aceitarei nenhum protesto vindo da parte dela.

Sinto uma fígada no ombro e vejo Liam com uma seringa, aplicando anestesia local. Em poucos minutos, ele realiza a sutura, e finaliza com um curativo.

— A febre foi apenas uma reação ao início de infecção — murmura ele, ao

retirar as luvas. — Tome a medicação que deixarei e evite esforços desnecessários. Em poucos dias, estará pronto para uma facada, por exemplo.

— Liam! — todos dizem em uníssono.

Ele ri, descontraidamente. Liam é o tipo de pessoa que vê o lado positivo em tudo. Aquele tipo de cara, capaz de animar velório.

— Caramba, vocês não têm senso de humor? — diz ele, ofendido — e sobre rir dos problemas?

— É rir de nós mesmos — Jennifer corrige-o, sorrindo — e não da desgraça alheia.

Por um momento, parecemos o velho

grupo de amigos, reunidos em minha casa, para o jogo de pôquer. Despreocupados de todas as maldades que povoam no mundo. Momentos simples, na qual não damos o devido valor, mas que em ocasiões como essas, tornam-se raros e preciosos.

— Bem.. Eu tenho que seguir viagem — diz ele, dando as costas para nós enquanto arruma sua maleta. — Tenho contas a acertar com alguém.

— Na verdade, tem três pessoas querendo acertar contas com você, Liam — Peter provoca-o.

— Eu não tenho culpa se os irmãos de Juliene parecem membros da máfia italiana, dispostos a arrancar meu

figado. Só quero concertar as coisas.

— Por isso, não namoro — Peter começa a pontuar com os dedos. — Me caso, ou me apaixono, as mulheres só trazem problemas.

— *Peter* — lanço a ele um olhar fulminante.

— Menos você, Jenny — ele. — Você só atrai confusão.

São dois completos idiotas, mas, um pouco mais de um ano atrás, eu pensaria exatamente da mesma maneira que eles, então, de certa forma, os entendo.

— Tudo bem, Peter — ela lambe os dedos, lambuzados, com algum tipo de molho — Às vezes eu acho isso também.

— Vejo vocês em breve — Liam

caminha até a porta, tentando ocultar a melancolia em seu olhar, com um sorriso acanhado.

— Liam... — chamo-o antes que saia.
— Obrigado.

Havia se arriscado muito em vir aqui hoje. Essa é uma dívida que talvez eu jamais seja capaz de pagar, mas que retribuirei.

— Cuidem-se.

— Eu vou ver se Dylan precisa de ajuda com o carro — Peter informa, com a voz meio rouca.

Não é apenas Jennifer e eu que fomos arrastados por toda essa lama. Nossa família, amigos e todos que amamos estão sendo atingidos e, não deve ser

menos doloroso. Corro contra o tempo, um inimigo oculto e todas as adversidades que vão surgindo pelo caminho.

— Vou preparar algo para você comer — murmura, levantando-se da mesa estreita, com certa dificuldade. As mãos apoiadas nos quadris, enquanto anda no estilo peculiar das mulheres grávidas.

— Tá certo, patinha — lembro-a do apelido carinhoso que dei a ela, há algumas semanas.

— Vá se ferrar — ela protesta, com um sorriso torto.

Embora eu não esteja com fome, deleito-me em poder observá-la. Os

cabelos vermelhos, presos em um coque frouxo, brilhando, como labaredas de fogo, sob os primeiros raios de sol da manhã.

Havia tirado a parte de cima do moletom, manchado com meu sangue, de camiseta e de costas para mim, é quase imperceptível notar que está grávida. As curvas suaves do corpo e traseiro arrebitado e redondo me fazem soltar um grunhido de excitação. Tento pensar em todas as coisas possíveis capazes de me fazer perder a maldita ereção, mas a única coisa em mente é meu pau dentro dela, tomando-a, com vontade.

— Está com dor? — abro os meus olhos e deparo-me com seus impactantes

olhos azuis.

Como explicar, que a dor vem de uma parte bem peculiar do meu corpo. Ela não precisa lidar com um desvairado, tomado pelo desejo sexual.

— Não — ajeto-me na cama, na tentativa de esconder o volume embaraçoso dentro da minha calça jeans.

—Quer tomar um banho antes? — murmura ela, ciente do que venho tentando esconder, sem sucesso.

— Quero! — respondo prontamente, a imagem de nós dois nus, entregues a paixão desenfreada que sempre nos envolve quando estamos juntos.

— *Sozinho*, Neil — contesta ela. —

Lembre-se do que Liam falou.

A frustração em saber que ela está certa, pelo menos, no que diz em relação a ela. Precisa de repouso e tranquilidade.

— Então vá na frente — murmuro, desapontado. — Esse banheiro é minúsculo demais para nós dois.

— Tem certeza? — ronrona ela. — Não vai precisar de alguém para esfregar suas costas?

— Anjo, não comece algo que não pretenda terminar — digo com a voz enrouquecida. — Vá, Jennifer, antes que eu mande as orientações de Liam para o inferno.

Ela sorri endiabrada, satisfeita com o

poder que exerce sobre mim.

— Ei? — invoco, antes que saia. — Não está esquecendo de nada?

Bato com os dedos em meus lábios. Ela ajoelha na cama, pronta a me dar um beijo casto. Guiado pela luxúria, puxo-a pelo pescoço, primeiro eu mordo seus lábios, chupando-os em seguida, lentamente e de maneira sensual. Sinto suas mãos em meus cabelos e introduzo a língua dentro de sua boca, com possessividade. Minha mão desce por seu ombro, até alcançar um dos seios inchados e sensíveis, acariciando-os febrilmente, enquanto nos beijamos de forma desesperada.

— Talvez você precise de alguém

para esfregar suas costas — sussurro entre seus lábios, antes de afastá-la de mim, com delicadeza. — Se você se comportar, poderei fazer isso mais tarde.

Esse é o momento em que ainda tenho forças para controlar meus instintos, embora com extrema dificuldade. Por malditos dez segundos, ela permanece estática, a boca semiaberta e os olhos semicerrados, como se desejasse continuar imersa no prazer que proporcionamos um ao outro.

Sorrio, deliciado e deposito um pequeno beijo na ponta de seu nariz.

— Seu cretino — ela se afasta, pisando duro, arrancando um sorriso de

meus lábios.

Estou impressionado em como meu amor por ela, cresce mais, a cada dia. Não importa o que aconteça.

— Neil? — Peter cruza a porta, alguns minutos depois. — Precisamos conversar, sobre isso.

Ele tira algo do bolso e a máscara branca caia sobre a cama.

— Como conseguiu isso? — pergunto, franzindo a testa.

— Jogaram para Jenny, na estrada — explica ele. — Isso significa que você conseguiu identificá-lo, certo?

— Não — seguro a máscara, analisando-a com cuidado. — O desgraçado parece ter uma coleção

delas, não é mesma que vi nele.

— Voltamos à estaca zero, então? — murmura Peter, caminhando de um lado a outro pelo quarto.

— Não exatamente — respondo, meus ouvidos atentos aos sons dentro do banheiro.

— O que quer dizer?

— Ele me disse algo, que apenas Nathan dizia a mim quando estava irritado — continuo, em voz baixa. — Alguém está usando-o para foder com a minha cabeça.

— Alguém ou o próprio?

— No primeiro momento, cheguei a cogitar essa possibilidade — balanço a cabeça, diante do pensamento absurdo.

— Isso é impossível, Nathan está morto e enterrado. Você esteve lá Peter, vimos com nossos olhos.

— Morto, talvez — continua ele, introspectivo. — Enterrado, quem sabe? Só há um jeito de descobrir isso. Vou ter que falar com seus pais, a merda pode feder ainda mais.

Faço um sinal positivo com a cabeça. Ciente que ele está prestes a mexer num imenso vespeiro. Meus sentidos aguçados me dizem que nossos problemas estão apenas começando.

— Faça o que precisa ser feito, Peter — murmuro, ao ouvir o barulho da porta, faço um sinal para que ele fique calado. — Isso fica entre nós, por

enquanto.

Jenny sai do pequeno banheiro, alheia ao clima carregado no quarto e o passado que outra vez, nos rodeia.

Capítulo 5

Máscaras

Vingança...

Antes de sair em busca de vingança,
cave duas covas.

(Confúcio)

Marionetes!

Um dos meus shows preferidos durante a infância. Enquanto alguns se encantavam pelo mágico, que para mim, não passavam de nada menos do que,

mentirosos habilidosos, com todo o ilusionismo, magia e mistério em torno deles, para outros eram encantadores. Apesar de que por um tempo, observei-os, com certo fascínio. Mentir, enganar e iludir as pessoas exige prática e disciplina. Uma vez usado, torna-se um vício. Mas por melhor que você seja, suas técnicas precisam ser renovadas, aprimoradas e estudadas meticulosamente.

Então, observarei o palhaço por um tempo. O rosto coberto de tinta, uma espécie de máscara, escondendo o seu verdadeiro eu. Embora ele pratique todos os tipos de travessuras, malandragens e enganações, o sorriso

simpático e habilidade de rir de si mesmo faz dele um personagem sedutor. As pessoas sempre irão perdoá-lo se souber administrar a arte de ser encantador. Só que você não pode usar o mesmo espetáculo para sempre. O público também se renova.

Foi aí que eu descobri as habilidades fascinantes do Titereio. A maestria como manipula os bonecos através das linhas finas, quase invisíveis aos olhos. Fazendo com que façam exatamente aquilo que ele quer, ditando as regras. É extasiante a sensação de estar no controle de tudo. Observar enquanto as pessoas dançam sincronizadas ao ritmo da sua música, como animaizinhos

treinados.

Por muito tempo, acreditei que o dinheiro, abriria muitas portas. Agora, sei que poder é tudo.

Observo o homem em frente ao espelho. Olhar impenetrável, duro, frio. Digno de um predador, a caça de sua vítima. Ensaando o momento certo de dar o bote. Crueldade, perversidade é o que me definem. E eu gosto disso.

— Está tudo pronto.

Viro em direção à voz e encaro com muita irritação, o homem que adentrou em meu quarto e interrompeu minhas divagações de forma abrupta. Já estou farto dele e de todos os anos que tive que suportá-lo. Já teria o executado, se

ainda não fosse uma peça fundamental em meu jogo.

Ignoro-o, pois minha vontade no momento é arrancar sua jugular com meus próprios dentes e vê-lo agonizando diante de meus pés.

Abandono o espelho e caminho pelo quarto em direção a ele. Passo pela máscara branca em cima da cama. Aqui não preciso usá-la. Saímos do quarto e seguimos pelo corredor. As poucas mulheres que têm permissão para circular pela casa, não são tolas o suficiente para me encarar. Significaria suas mortes.

Paramos em frente a uma parede, aguardo que ele afaste o quadro e

manipule a alavanca que abre a porta da passagem secreta. Descemos as escadas e degrau a degrau a iluminação vai ganhando uma tonalidade avermelhada.

Chegamos ao meu local preferido na casa. Chamo-o de base, aqui tenho o controle de tudo e todos.

— Ainda não entendo a necessidade disso — diz ele, com a expressão confusa. — Você sabe que ela fará tudo o que desejar.

Uma das coisas irritantes em pessoas manipuláveis como ele é que não enxergam nada, a não ser que esfreguemos em seus olhos. Faço porque tenho prazer inenarrável em causar dor e sofrimento. Para mim, é uma das

sensações mais intensas do ser humano. Até mesmo, maior do que a sensação de prazer.

— Eu quero que tenha certeza — murmuro, com a voz macia. — Isso é apenas um lembrete do que sou capaz de fazer com qualquer um que me desafie.

Caminho até a ampla mesa repleta de equipamentos e monitores. Passo o dedo pelo contorno de uma câmera, enquanto analiso, através da parede de vidro, a garota negra, em uma camisola branca e sensual. Está sentada e acorrentada em uma cadeira no centro do quarto. É muito bonita, embora quase sempre, tenha resistência aos jogos que pratico com ela. Talvez isso, me tenha feito

escolhê-la. Após todos meus esforços de corrompê-la, há ainda uma delicadeza nela, a qual não consigo arrancar. Apesar de fisicamente serem muito diferentes, esse lado intocado, me faz lembrar de outra mulher. Isso me deixa alucinado.

— Grave tudo — digo antes de me dirigir à porta que me dará acesso à câmara onde se encontra a garota.

Remexo a maçaneta algumas vezes, lentamente, regozijando-me pelo pânico que devo estar causando a ela. A melhor parte da tortura é o momento que a antecede. O coração acelerado, o suor correndo pelo corpo, os olhos injetados de pânico. Pequenos detalhes como

esses faz tudo ficar mais divertido. Eu quase posso sentir o gosto do medo, salivando em minha boca.

O olhar assustado e rosto coberto de pânico da garota quando me vê, é como uma injeção de adrenalina em minhas veias, fazendo meu sangue correr de forma desenfreada. Esses são os únicos momentos, que sinto alguma coisa. Nenhum outro sentimento emana de mim, a não ser essa euforia.

Não que eu tenha sido sempre assim, por um longo tempo, muita raiva e ódio habitou dentro de mim. Hoje, já não sinto nada.

Mas o medo. Ah... O desespero infligido a outra pessoa, a forma que as

pupilas se dilatam em meio ao perigo, isso é o que me alimenta. Assim, como o sangue é vital para um sanguessuga. Alimentamo-nos de vida.

Aproximo da mesa com diversos objetos pontiagudos — adagas, canivetes, facas e até mesmo uma espada de samurai. Pego o que mais se enquadra ao que preciso e vou em direção a jovem.

— O que vai fazer? — murmura ela, assustada. Os olhos fixos em minha mão.

Caminho em volta da cadeira, a ponta da faca, vez ou outra, tocando em sua pele. Posiciono-me atrás dela, agarro-lhe os cabelos, enrolando em meus pulsos, obrigando-a me encarar.

— O que vai fazer? — repete a pergunta, nos olhos, o brilho de terror.
— *Por favor*, não me machuque mais.

Aprecio quando me imploram. Como o Titereio maneando seus bonecos estou no controle de suas emoções. Eu posso fazer o que eu quiser. Sinto-me invencível.

Solto-lhe os cabelos e rodeio a cadeira, ficando de frente a ela. Agarro seu rosto, prendendo-os em meus dedos, que parecem garras, afundando-lhe a pele.

A faca brilha em contraste com a luz da lâmpada, mas é o brilho aterrorizado nos olhos dela que me deixam em transe.

— Todos podemos controlar a dor,

exceto aquele que a sente — recito uma das minhas frases preferidas de Shakespeare.

Os gritos agonizantes são como músicas para meus ouvidos.

Capítulo 6

Aqueles que se amam e são separados, podem viver sua dor, mas isso não é desespero: eles sabem que o amor existe.
(Albert Camus)

Neil

Ouçõ o ranger enferrujado da porta e o som quase inaudível do trinco ao ser fechado. E sinto seu olhar indagador pesando sobre mim. Ela deseja nos confrontar, vejo isso, pela forma enrijecida do maxilar e o brilho determinado nos olhos azuis. Peter

pigarreia ao meu lado e se afasta, com passos decididos. É claro que ele não dirá uma palavra a ela como pedi, no entanto, também não dará um de bom mosqueteiro ao meu lado. *Covarde*.

— Eu preciso ir — diz Peter, sem encarar nenhum de nós dois, as mãos refugiadas nos bolsos traseiro da calça jeans. — Providenciarei um novo celular para você... — ele olha para mim, finalmente — desses descartáveis... Eu entrarei em contato assim que puder.

— Obrigado — respondo, antes que ele saia, não sem antes vê-lo lançar um sorriso de encorajamento à Jenny, que se une a mim, em seguida.

Ela nota o prato ainda intacto sobre a cama, e retorna o olhar para mim, em um questionamento mudo. Afasto-me um pouco, olhando-a de relance, enquanto deposito minha atenção no prato a minha frente. Não que eu esteja com fome, mas manter a minha boca cheia, atrasará o bombardeio de perguntas, aos quais tenho certeza, giram em sua cabeça.

Enquanto como, minha mente divaga para o dia anterior, na realidade para algumas horas atrás. Lembro de toda dor e frustração que habitavam em mim, quando imaginei estar me entregando aos braços da morte. Do temor que quase me destruiu com a incerteza, se Dylan seria capaz de tirá-la dali. Acima

de tudo, a fúria que me excitou a enfrentar o perigo à minha frente. É óbvio que eu sabia que não haveria forma alguma de sair com vida.

Ingenuamente, eu só queria ganhar um pouco de tempo. Embora, em meu interior, eu soubesse que de nada adiantaria. Afinal, o quanto longe um homem a pé, acompanhado de uma mulher grávida e frágil, conseguiria chegar. O maldito homem os encontraria, em questão de minutos, e os aniquilaria em segundos, sem misericórdia. Esse último pensamento, antes de dar o último passo que encerraria minha vida, fez-me vacilar, por um segundo. Já que íamos morrer, eu deveria estar ao lado

dela, assim como havíamos jurado em nosso casamento. Na vida e na morte. Sempre juntos. Eram os seus olhos que eu gostaria de olhar, antes que os meus se fechassem para sempre. Em vez disso, teria o sorriso irônico e olhar frio por trás da máscara. Além do que ele me disse, algo que me desorientou instantaneamente.

*Sabe o que fazemos com as pragas...
Sabe o que fazemos com as pragas...
Sabe o que fazemos com as pragas?*

Apenas uma pessoa havia falado isso para mim. O choque de ouvir essas palavras, outra vez, havia me pego desprevenido e baixado minha guarda, não apenas por isso, mas porque minutos

antes, as lembranças de um dia a qual procurei enterrar no fundo da minha mente, surgiram, como demônios saídos do inferno. Naquele dia, eu tive a certeza de algo que tentei ignorar a minha vida inteira. Nathan me odiava, a tal ponto, que seria capaz de qualquer coisa para que eu saísse de seu caminho.

Por esse motivo, eu havia ido embora para Inglaterra na época. Entregando cada pensamento obscuro ao Dr. Barkley, porque o erro estava comigo, em minha cabeça. Indiretamente eu deveria ter feito algo que desencadeou toda essa fúria e revolta de Nathan sobre mim.

— Neil! — Jenny salta ao meu lado,

o corpo tenso e olhos arregalados.

Olho para o copo trincado em minha mão. Não havia me dado conta que o segurava com tanta força. Suavizo a expressão endurecida em meu rosto, antes de voltar a olhar para ela. Deixo de ser eu mesmo quando penso em Nathan. Ele sempre traz todos os sentimentos maléficos que há em mim.

— Tudo bem — murmuro com suavidade, puxando-a para meu peito, ignorando o desconforto em meu ombro.

Escoro-me contra grade da cama, prendo-a em meus braços, de costas para mim. Acaricio seu cabelo úmido, enquanto as batidas de seu coração e respiração acelerada, voltam a se

normalizar, aos poucos. Aliso seu ventre proeminente, fazendo círculos, enquanto ela apoia a cabeça na curva do meu pescoço. Ficamos assim, por um tempo, desfrutando desse breve momento de tranquilidade. Permitindo-nos esquecer por alguns minutos, toda essa merda que infesta nossa vida. Como se estivéssemos em nosso quarto, na tranquilidade de nossa casa, fazendo planos.

— Onde estamos? — Jenny pergunta, entortando o pescoço para me encarar.

— Eu não faço ideia — respondo, aliviado que pelo menos sobre isso eu não precisarei mentir, estive desacordado durante a viagem até aqui.

— Peter nunca me falou desse lugar antes. Parece-me o refúgio de alguém.

— Peter? — ela volta para posição anterior, inclina a cabeça em direção a um par de botas e uma espingarda de caça, escorados contra a parede. — Ele não é inglês? A caça ao faisão e perdiz é uma tradição em seu país.

— O pai dele era, mas isso faz sentido — murmuro, olhando em volta da cabana rústica. — Isso é bem a cara dele.

Então é aqui que ele se esconde, sempre que precisa se refugiar do mundo. Assim como eu, ele traz um grande peso em sua alma. Pelo menos, eu havia encontrado alguém que me fez

desejar construir um novo futuro e deixar para traz um passado triste. Acho que Peter jamais se permitirá a isso. Sinto por ele, pois de todos os meus amigos, é o que mais precisa de alguém que o ame, verdadeiramente. Embora tente se esconder na fachada de durão e mulherengo, que ele moldou para ele mesmo, no fundo, é apenas um homem perdido, cheio de músculos, mas solitário, que teme amar e ser amado, igualmente.

— Sentiu isso? — pergunta ela, com a voz estremecida.

Suas mãos prendem-se as minhas em seu ventre. Outro movimento de um dos meninos, dessa vez, mais forte.

— Eu senti — respondo, emocionado ao ponto de desejar chorar como um bebê.

Mesmo Liam nos garantindo que tudo estava bem com eles, no fundo, o medo, rondava em meio a nós dois. Não havíamos planejado os bebês, embora dizer que foi um acidente seria mentira. Os únicos momentos que agi sem cautela, havia sido quando estive desmemoriado. Na ocasião, pouco me importava sermos cuidadosos, estive confuso demais. Desejava-a com loucura, mas não consegui me lembrar dela, via que isso a machucava, aquilo me pareceu o verdadeiro inferno. Mal sabia que o verdadeiro martírio estava

por vir.

Foi uma grande surpresa deparar-me com sua gravidez, e agora os gêmeos são preciosos para mim. No dia em que Jenny me deu a notícia, eu estava desnorteado demais, furioso demais e sendo tragado pelos ciúmes e desespero, após ter me deparado com as fotos armadas por Sophia e seu amigo desprezível, Konrad Bauer. Um velho conhecido do meu passado. Que havia saído da tumba com todas as outras confusas que nos envolve. É muito estranho que tenha retornado, justamente agora.

Konrad sempre foi mais próximo de Nathan do que de mim, pensando bem, o

conheci bem pouco. A primeira vez que o vi, foi alguns meses antes de sair de toda aquela merda a qual meu irmão se afundava a cada dia quando os jogos pararam de ser divertidos para tornarem-se mais perigosos, macabros e doentios.

Minha cabeça começa a trabalhar vertiginosamente. Inicialmente, acreditei que Sophia havia pedido auxílio ao desgraçado para me separar de Jennifer. Ficou claro, desde o início, o interesse dele por ela.

E se houver algo mais?

O homem mascarado havia falado algo que só Nathan e eu sabíamos. Nathan teria revelado aquilo para mais

alguém? Konrad, por exemplo? Os dois estavam sempre juntos, viajavam e sumiam por vários dias, às vezes semanas, ele era íntimo o suficiente para que Nathan tenha compartilhado aquele dia marcante, e meu irmão gostava de se gabar das coisas, por mais bizarras e estranhas que parecessem.

Ainda me lembro, com nitidez, os olhares acusatórios e cheios de ódio de Konrad para mim, no dia que Nathan foi enterrado. Como se eu fosse o culpado de tudo. E eu nem ao menos estava no país quando tudo aconteceu.

Bem, ele havia insistido muito para que eu voltasse para casa, algo que não estava pronto, ainda. Nossa conversa ao

telefone foi tensa e carregada de ofensas. Essas das quais você carrega grande culpa e arrependimento depois. Será por isso que Konrad me culpava? Nathan havia morrido em consequência do acidente que feriu Jennifer gravemente, levando ela à cegueira. Acreditou ele que de alguma forma eu poderia ter evitado aquilo? Por que não? Afinal, por anos eu também me culpei, minha mãe me culpou, Sophia então. Para todos eles, eu sou uma pessoa tão horrível assim, a ponto de me alegrar com a morte do próprio irmão?

Tentei chegar a tempo e encontrá-lo com vida ainda, e tentar me acertar com ele, infelizmente, foi impossível.

No entanto, não tive nada a ver com aquilo, como diziam os olhares acusadores de Konrad e minha mãe. Até onde ele está envolvido nisso? Será ele é a pessoa determinada a me enlouquecer? E por que usar Nathan durante o percurso? São muitas perguntas sem respostas, que levam a outras, fazendo-me andar em círculos.

— Você tem poderes mágicos, não é?
— pergunta Jenny, rindo, docemente, trazendo-me de volta ao presente, abstraída de toda essa avalanche de pensamentos desenrolando em minha mente. — É o único que mexe com eles dessa maneira. Da agitação a quietude.

Ela está tão concentrada em seu

encantamento materno que mal notou meu silêncio prolongado.

— Isso se chama *laços* — esfrego minha mão em sua barriga, com carinho. — É ruim?

— Não — o riso cristalino enche-me de encantamento. — Só que será você, o eleito a levantar todas as madrugadas para as madeiras, fraldas e todas as outras coisas.

Momentos como esses, entre nós dois, é que me fazem acreditar, por alguns segundos, que havia tomado a decisão certa. Estamos juntos, brigando para seguir em frente e sobreviver. Enquanto eu tiver certeza que nosso amor é maior e mais poderoso do que

tudo no mundo, eu continuarei lutando.

— Bem... — murmuro, alisando seus cabelos, o perfume adocicado impregnando-se em meu nariz. Inalo profundamente, como se quisesse guardar o aroma, no recanto mais brando de minha memória. — Eu tenho uma vasta experiência no assunto. Não acho que eu terei problemas, Anne me ensinou muito...

A menção do nome da nossa filha traz uma nova nuvem de tristeza, pairando sobre a gente. Nossa vida tem sido assim, um duelo entre dor e felicidade, o tempo todo. Quem é capaz de sobreviver assim por muito tempo?

— Acha que ela está bem? —

pergunta ela.

Afasto-a um pouco para olhá-la melhor. Encarando seu rosto triste, por um longo tempo, em busca das palavras certas. Acho que não há. Nada do que eu disser irá aplacar a dor da saudade.

— Eu não poderia trazê-la, Jenny — suspiro, tentando aplacar minha própria dor. — Mal consigo proteger você. Se acontecer algo à Anne, eu jamais...

— Não estou julgando-o, Neil — ela gira o corpo, ficando de frente a mim, olhando em meus olhos, segurando meu rosto com as duas mãos. — Depois de ontem... Aquilo tudo...

Vejo-a fechar os olhos e respirar fundo.

— Eu sinto que tudo isso seja culpa minha — diz ela, com tristeza. — Se eu não tivesse ido...

— Jennif...

— Se eu tivesse procurado você ou o Peter em vez de ter ido atrás da Sophia — ela silencia meus lábios com a mão. — Eu senti tanto medo que ela machucasse a Anne. Todos os dias vemos atrocidades de pais contra os filhos nos jornais...

— Amor... — sussurro entre seus dedos.

— Eu não duvidei nem por um minuto, Neil, que Sophia faria algum mal a ela. Eu só quis ter a Anne nos meus braços, *segura*... Sinto muito.

As últimas palavras saem carregadas de emoção. Dói vê-la sofrer assim.

— Pessoas perversas, planejaram isso — sou eu que faço gesto para que fique quieta, dessa vez. — Talvez a mais tempo do que imaginamos. Você fez o que o seu coração pediu, eu entendo.

Seguro seu rosto, com carinho, como havia feito comigo, minutos antes.

— A culpa não é sua — encosto minha testa na dela. — Jamais repita isso novamente. Eu a proíbo.

Beijo seus lábios com sofreguidão e desespero. Como se o mel de sua boca fosse o antídoto que me mantém vivo. E nele eu absorvesse toda a doçura de sua alma.

— O que importa é que estamos juntos — murmuro, afastando-me um pouco dela. — Vamos ficar todos juntos novamente. Eu prometo.

Acomodo-me na cama, trazendo a comigo. Mantendo-a presa em meus braços, até que os suspiros contidos transformem-se numa respiração leve.

Quando ela pega no sono, volto a pensar em Anne. Estou com muita saudade da minha filha. Quando Peter aparecer aqui novamente, o farei prometer que entregará uma carta minha para ela. Tentarei explicar, na medida do possível, que nunca a abandonei e que está em meus pensamentos todos os dias. Eu sei que eu estou fazendo uma

tremenda bagunça na cabeça dela. E espero sinceramente que os danos sejam mínimos. Tudo que quis, foi dar à Anne uma vida tranquila e feliz. Por isso, nunca falei mal de Sophia, a louca já fodia com tudo com suas ações. Também nunca denegri a imagem de Nathan, pelo mesmo motivo, quis protegê-la da dor em saber que seu pai foi um homem cruel.

Todavia, o passado sempre arranja uma forma de foder com você. Por esse motivo, nunca havia escondido de Anne, que não era seu pai natural. Porque de coração, ninguém tem mais direito de dizer isso do que eu.

Lembro-me do dia que ela descobriu,

como se fosse hoje. Anne havia acabado de completar cinco anos, foi exatamente no dia do aniversário dela. Não era uma data adequada para fazer isso. Mas claro, houve o dedo podre de Sophia ali, após uma discussão fervorosa que tivemos.

— Ela nem é sua filha, Neil! — berrou ela, jogando na minha cara, na frente da menina, que ela não era minha filha de verdade. — É minha filha e do Nathan. Levo-a embora quando quiser.

Meus olhos arderam de raiva e ódio naquele momento. Sophia sabia que Anne era o meu calcanhar de Aquiles. Faria qualquer coisa que quisesse, entregaria todo meu dinheiro se preciso.

E a maldita, sabia muito bem como usá-la contra mim.

— Sua filha? — berrei de volta, tendo o cuidado de tapar os ouvidos de Anne, com minhas mãos trêmulas. — Jamais se importou com ela e conhecendo Nathan como conheci, acredito que com ele não seria diferente.

Havia tanta raiva emanando de mim, que a sorte dela, era ter Anne a minha frente. Eu seria capaz de dar uma surra nela, sem o menor peso na consciência.

Nós nem havíamos cortado o bolo colorido que a Sr. Jacson havia feito para nossa pequena festa particular, nem mesmo acendido as velas. E Sophia já havia arruinado tudo com o seu veneno,

escorrendo pela boca.

— Você vai me dar o dinheiro? — disse ela, batendo os pés no chão como uma garota birrenta, olhando para Anne, com raiva e desprezo. Encarar-me seria muito pior, acredite.

— Passe amanhã no escritório... — cedi, apenas para me livrar dela o quanto antes.

— Amanhã? — a voz saiu esganiçada, e contrariada. — Mas eu preciso hoje!

— Amanhã ou nada feito, Sophia! — encarei-a com olhar duro e irredutível. — Vou dar qualquer coisa que você queira, desde que suma das nossas vidas, como prometeu.

— Isso jamais acontecera — ela sorriu, dando-me um olhar de deboche. — Nem mesmo *morta*.

Nem mesmo morta.

Naquele momento, tudo o que mais desejei, foi que suas palavras se concretizassem. Mal sabia eu, que meu pedido, fervoroso seria atendido, e que aquilo seria a desgraça em nossas vidas.

— Não é meu papai? — senti os pequeninos dedos puxarem minha calça, pedindo atenção para o rosto triste e os olhos marejados.

Desvie minha atenção da porta por onde Sophia havia saído, satisfeita, por mais uma vez, ter arruinado um grande momento entre Anne e eu. *Maldita*

cadela, insana!

Lembranças felizes eram tudo o que eu queria garantir a ela. Por mais que fossemos só nós dois, quase sempre, queria assegurar que se sentisse amada e segura perto de mim. Anne não teria as mesmas recordações amargas que eu. *Nunca.*

Exceto que, novamente eu havia falhado. Todas às vezes que eu falhava, o garotinho da minha infância, solitário, visitava-me à noite, com olhos desoladores, desapontado. O mesmo que havia tristemente presenciado o gatinho, flutuando, sem vida, na piscina. Nunca mais fui capaz de ter um animal de estimação. Jennifer havia mudado isso

quando comprei o cachorro. Mesmo sendo inapropriado para ela.

— Amo você, Anne — disse, ajoelhando em frente a ela, procurando controlar o nó que formava em minha garganta. — Amo tanto, que o fato de ser minha filha de sangue não faz diferença. Amo-a acima de qualquer coisa em minha vida.

— Mais do que seu computador? — ela pergunta inocente. A única coisa que me tira de perto dela quando estava em casa era meu trabalho, por pouco tempo, então, a pergunta é pertinente. Compreendi a associação que ela fez.

— Mais do que qualquer coisa — sorri, apertando seu nariz. — Se você

me amar um pouquinho assim — faço sinal com os dedos — e permitir que eu seja seu papai, serei o homem mais feliz do mundo. Ainda que eu tivesse mil vidas, em mil e uma eu escolheria ser seu pai.

— Você é meu pai — disse ela, abraçando-me, com lágrimas nos olhos, tão emocionada quanto eu. — Amo você, papai.

Anne nunca me perguntou sobre Nathan. Também nunca me senti confortável com o assunto, embora eu sempre soubesse que cedo ou tarde ela iria falar sobre ele. Talvez mais para frente, quando tivesse mais idade para compreender. De certa forma, mesmo

aquele não sendo o momento ideal, havíamos fortificado ainda mais nossa relação.

Eu sou o pai dela, *eu* havia enxugado todas as suas lágrimas. *Eu* que quase havia derrubado um hospital inteiro, atrás de um médico quando teve a primeira febre aos quatro meses. *Eu* lidava com suas inseguranças e tristezas relacionadas a sua deficiência. *Eu* daria minha vida por ela e Jennifer.

Surpreendentemente, Anne havia lidado muito bem com tudo isso, talvez porque as crianças encarem as adversidades da vida com mais simplicidade do que nós, os adultos, ou quem sabe, alguém no céu houvesse se

compadecido de nós dois. Como agradecimento, eu havia prometido certificar-me que ela sempre tivesse certeza do quanto era amada por mim.

Saber que agora, mesmo que intencionalmente, de algum modo, eu posso ter criado uma ruptura entre nós, dilacera minha alma, de uma forma irreversível. E espero sinceramente, que ela entenda que não estou fazendo uma escolha.

Eu sei que ela está segura em casa, com meus pais e amigos. Fiz o que achei ser o certo no momento, mesmo que para todos seja errado. Eu não sou o homem perfeito. Sou apenas um homem. É o que venho me dizendo, sempre que penso no

assunto.

Afasto essas lembranças dolorosas junto com outras em um lugar inalcançável de minha mente. Lá, onde devem permanecer, esquecidas.

Após ter certeza que Jennifer dorme tranquilamente, deslizo meu corpo para fora da cama, cubro-a com uma manta e deponho um beijo suave em sua cabeça.

Sigo para o banheiro. Tiro a roupa com certa dificuldade. A anestesia local que Liam havia aplicado, já tinha perdido o efeito há algum tempo, meu ombro dói como os diabos, quando sair do banho tomarei um dos comprimidos para dor que ele deixou.

Verifico o curativo que ele havia

feito e tento evitar molhá-lo no banho, uma missão quase impossível. Pedirei à Jennifer que o refaça quando acordar mais tarde ou eu mesmo o farei, melhor que ela descanse, as últimas horas não foram nada fáceis. Mergulho a cabeça debaixo da água quente, na esperança de que um banho possa me relaxar um pouco. Não sou do tipo de homem que espera as coisas acontecerem, as resolvo. Passei anos de minha vida, ditando regras e exigindo que as seguissem com precisão. Ver-me de mãos atadas, diante de todos esses acontecimentos é frustrante.

Quase uma semana havia se passado e nenhuma notícia de Peter ainda. Estamos sem nenhuma informação do mundo exterior, é como se vivêssemos em mundos paralelos. Eu poderia pedir que Dylan fosse à cidade mais próxima em busca de alguma informação, entretanto, arriscar nossa segurança está fora de cogitação. Peter afirmou que entraria em contato e confio nele. Só que quanto mais os dias se arrastam, mais longe parecemos estar de alguma solução.

Além disso, faltam poucos dias para os bebês nascerem. Não posso permitir que meus filhos nasçam no meio do

nada. Lembro-me da fervorosa discussão entre Jennifer e eu, um mês atrás, quando ela levantou a ideia de ter um parto natural, em casa. Ideia nada menos do que estapafúrdia, tinha vindo de Paige, claro. A intrometida, que desejava presenciar o parto e havia colocado a ideia na cabeça de Jennifer.

— Não estamos mais na pré-história — vociferei para as duas. — De forma alguma, meus filhos virão ao mundo de forma tão arcaica. Nascerão em um hospital, cercados de todos os médicos que eu encontrar pelo caminho.

— Arcaica? — Paige bateu o pé de forma petulante. — Francamente não sei como você o aguenta, Jenny.

— Digo o mesmo do seu marido —
estreitei meus olhos para ela. — O
cordeirinho.

Aquilo foi o estopim para gerar uma
nova onda de discussão entre nós três,
que eu venci, claro. Ironicamente, agora
tenho que reconhecer, eu deveria ter
dado ouvidos ao plano absurdo de Paige
e assistido os vídeos sobre parto natural
que ela havia baixado da internet. Pelo
menos, saberia o que fazer se isso
acontecesse aqui. Jesus aquela mulher
era uma verdadeira bruxa, com visões
sobre o futuro. Não é à toa que Richard
a chama de feiticeira. Posso vê-la
nitidamente a minha frente dizendo: Eu
te avisei. Com varinha na mão e tudo.

Estar em casa, com pelo menos uma dúzia de médicos, parteiras, enfermeiras ou o que quer que seja, garantindo que tudo aconteceria em paz e tranquilidade é tudo o que desejo.

Inferno! Para que tenho tanto dinheiro se em momentos como esse, ele não serve para quase nada? Eu mandaria construir um hospital se fosse preciso. No momento, me vejo enclausurado em uma cabana no meio do nada, com minha mulher prestes a dar à luz a qualquer momento. Enquanto minhas mãos continuam atadas e não há nada que eu possa fazer.

Se Peter não aparecer em vinte e quatro horas com notícias e um local

decente para meus filhos nascerem, eu faria as coisas ao meu modo, medito, respirando fundo algumas vezes, antes de desviar o olhar da janela em que estive observando o cair da noite.

Dylan está fazendo seu turno, olhando ao redor da casa. Há poucos minutos o vi entrando floresta adentro. Como não há um quarto extra na casa, nos revezamos. Ele descansa durante o dia e faz vigília à noite. Jennifer até tentou convencê-lo a dormir em uma cama de cobertas e lençóis feita por ela, nas noites mais frias. Algo que ele e eu recusamos prontamente. No máximo ficava dentro do carro lá fora. Dylan é treinado para esse tipo de trabalho e

fico mais tranquilo, sabendo que ele está vigilante lá fora.

Afasto-me da janela e vejo Jenny, sentada na cama, de frente para a porta e de costas para mim. Está há bastante tempo nessa posição. Ombros caídos, triste, calada. Assim como eu, esperando uma notícia que não vem.

Eu tenho feito todas as coisas possíveis para distraí-la de alguma maneira. Não há muito o que fazer aqui, além de jogar cartas e caminhadas curtas lá fora, sobre o olhar vigilante de Dylan e batimentos acelerados do meu coração cada vez que uma folha mexe pelo vento.

Ela tem suportado muito. Não se queixou ou chorou uma única vez. Isso

não é normal. Preciso que seja forte, mas não um martin. Estou aqui para apoiá-la sempre que cair. Eu tenho medo de que ela venha desenvolver algum tipo de depressão ou algo parecido. Então, ando na linha tênue entre a insanidade e desespero absoluto.

Respiro fundo, como se com isso pudesse ter uma nova recarga de otimismo. Caminho até ela, sussurrando *I don't to miss a thing* do Aerosmith. A mesma música que desastrosamente cantei em nosso casamento, enquanto dançávamos felizes.

*Eu poderia ficar acordado só para
ouvir você respirando*

*Observar seu sorriso enquanto você
está dormindo*

*Enquanto você está longe e
sonhando*

*Eu poderia passar minha vida nessa
doce rendição*

*Eu poderia ficar perdido nesse
momento*

Eternamente

Se há uma coisa que eu sou muito,
muito ruim é cantar. Só que ao ver o
tímido e lindo sorriso, despontando em
sua boca perfeita, faz qualquer
humilhação que eu possa estar me
infligindo, valer a pena.

*Todo momento que eu passo com
você*

*É um momento que eu valorizo
Eu não quero fechar os meus olhos
Eu não quero cair no sono
Pois eu sentira sua falta, baby
E eu não quero perder nada*

Estico minhas mãos em direção a ela,
que segura as minhas, trêmulas.

— Canta comigo — puxo-a para os
meus braços, sussurrando em seu
ouvido, enquanto dançamos ao som de
uma banda imaginária — sua voz é
muito mais bonita que a minha.

*Porque mesmo quando eu sonho com
você*

*O sonho mais doce nunca vai ser o
suficiente*

*Eu ainda sentiria sua falta, baby
E eu não quero perder nada*

Continuamos assim dançando e
cantando, dessa vez, embalados por sua
voz de anjo, levemente arranhada pela
minha, desafinada.

*Deitado perto de você
Sentindo seu coração batendo
E estou imaginando o que você está
sonhando
Imaginando se sou eu quem você
está vendo
Então beijo seus olhos
E agradeço a Deus por estarmos*

juntos
Eu só quero ficar com você para
sempre
Neste momento e para sempre
Para sempre e sempre

Ao som da música, lembro-me do filme, nele a jovem protagonista também estava grávida, seus sonhos também estavam prestes a serem aniquilados por um gigantesco asteroide que seguia em direção à Terra. Sinto-me também como se um imenso asteroide esteja vindo sobre nossas cabeças. Ameaçando nosso mundo perfeito.

Mesmo após termos repetido o refrão inúmeras vezes, continuamos a valsa

lenta, em silêncio. Não demorou muito para que os toques sutis dessem passagem às mãos e bocas exigentes, queimando nossos corpos como querosene.

— *Jennifer...* — sussurro em seus lábios, enquanto tento combater suas mãos afoitas em minha camiseta. Na realidade, camiseta de Peter, que encontrei dentro do minúsculo guarda-roupa. Até que ele retornasse, teremos que nos revezar com as poucas roupas, que acredito que sejam dele. Então, é melhor que minha animada e deliciosa esposa, a mantenha inteira.

Outro filme me vem à cabeça. Juvenil dessa vez, um que ela e Paige fizeram

Richard e eu assistir com elas. O rapaz em questão, vampiro, recusava ir para cama com a namorada, com medo de machucá-la, devido sua força descomunal. Claro, que Richard e eu rimos disso, dias a fio, levando um tapa ou outro. Estupidamente, no momento, vejo-me na mesma situação que o vampiro. Liam havia pedido repouso e tranquilidade. Meu corpo exige algo bem diferente. Impressionante, meus últimos dias tem me confrontado, por tudo que havia ido contra, nos meses anteriores. A vida pode ser bem irônica algumas vezes.

— Preciso de você... — ronrona ela, em meu pescoço. Na ponta dos pés, o

ventre dilatado espremido contra meu abdômen — Neil.

— Está bem — conduzo-a de costas até a cama, meus lábios colados nos delas, a cada passo.

Olho dentro da sua imensidão azul, hipnotizado com a chama ardente que vejo brilhar em seus olhos. Solto seus cabelos do coque frouxo que ela vem adotando diariamente e vejo-os cair em cascata por suas costas. A primeira coisa que eu havia notado quando nos conhecemos, foi a devasta cabeleira vermelha. Alguns homens têm fetiches por pés, mãos, seios. Eu adoro os cabelos dela. O modo como se espalham sobre o lençol quando eu a possuo.

Ávido por esses pensamentos luxuriosos, a livro da enorme camiseta que usa como vestido e tenho-a quase nua a minha frente. *Linda*. Não há sutiã, apenas a calcinha branca, virginal, a qual retiro com lentidão, sem desviar meus olhos dos dela um único momento.

Deito-a na cama com toda delicadeza que ainda consigo ter. É difícil com ela tentando arranca minhas roupas, ansiosa. Tiro a camisa para deixá-la mais calma e volto a me curvar sobre ela. Beijando e beijando-a, com fome e necessidade, que os dias anteriores de abstinência sexual, haviam acumulado em nós dois.

Faço um caminho de beijos, passo pelo queixo, pescoço, colo. Permaneço

um tempo maior entre um seio e outro. Estão maiores e deliciosamente mais sedutores. Enquanto os sugo com vontade, saboreio algumas gotas de leite em minha boca. Embora eu seja o homem do café e bebidas fortes, eu gosto. Tudo o que há nela é afrodisíaco, gostoso. E enquanto minha boca trabalha em seus seios, minhas mãos não deixam por menos, explorando seu corpo, febrilmente, na cintura, coxas e o pequeno botão capaz de levá-la ao paraíso. Um toque e a tenho contorcendo em meus braços. Abro um pouco mais suas pernas, explorando sua intimidade úmida pronta para mim.

— *Ah....* — geme ela, ao meu toque.

— *Sim... Sim... Sim.*

Meu dedo a incita com perícia, respondendo a cada súplica e exigência de seus lábios. Arrancando gritos de prazer. Isso me excita a uma escala inimaginável.

Deslizo minha boca por seu corpo, lambendo cada pedacinho que encontro pelo caminho desde o ventre arredondado até o clitóris intumescido. A primeira lambida, um gemido e outro e outro... Sons que são um bálsamo e tortura para meu corpo, também aflito. A parte perversa de mim exalta-se com o prazer que proporciono a ela. A parte animal deseja se libertada, dando vasão a todo sentimento reprimido.

— *Neil!* — grita ela, suas mãos agarradas aos meus cabelos, como sempre faz enquanto se entrega. — *Neil!*

Foco toda atenção que há em mim em dar prazer a ela. Minha língua escorregando entre clitóris sensível e inchado e vagina molhada, possuindo-a com meus dedos, conduzindo-a ao intenso prazer, em meios aos gritos e gemidos de deleite.

Espero sua respiração se normalizar antes de me deitar ao seu lado. Beijo-a sem conseguir resistir ao rosto corado e olhar languido em direção a mim. Isso inflama ainda mais a ereção potente em minha calça.

— Sei o que está tentando fazer —

murmura ela, cobrindo-me com seu corpo. — Pare de tentar me enganar, Neil.

A endiabrada é capaz de ler a minha mente, agora?

— Quem disse que estou fazendo isso? — começo uma nova onda de carícias em suas coxas.

— Me masturbar não é suficiente, tenho feito isso quase todas às noites enquanto estive dormindo — diz ela, abrindo o botão da minha calça. — Você pode me dar quantos orgasmos quiser, com seus dedos, boca, mas... Ainda quero você dentro de mim.

É impossível conter o sorriso. Não, quando na verdade, eu não estivesse

dormindo em nenhuma dessas vezes.

Tenho me mantido alerta o máximo que consigo. Mesmo com meu segurança lá fora, ando vigilante, carregado de nervosismo e tensão a cada segundo. Escutá-la dando prazer a si mesmo, durante a madrugada, tem sido no mínimo uma grande tortura para mim. É obvio que eu poderia ajudá-la no processo como fiz a pouco, mas, não sei se teria forças para parar quando necessário. Assim como acredito que não tenha forças agora, se ela continuar insistindo. A única solução que encontrei foi aliviar-me escondido, no banheiro, assim que ela caia no sono. Não acho que Jennifer aceitará algo

como isso, e sendo honesto, também não quero.

Pode parecer estranho para algumas pessoas, pensarmos ou desejarmos tanto sexo, em uma situação tensa como essa. Mas em momentos de isolamento e confinamento na qual estamos sendo obrigados, os sentimentos são mais aflorados, profundos.

Já ouvi casos de pessoas sequestradas que se envolvem emocionalmente com seus raptos, levadas exatamente por esse sentimento palpitante de dar e receber carinho. Em nosso caso, o amor, o desejo, a paixão foi apenas intensificando-se a cada dia. Não há o que fazer. Preciso dela, como

o ar que eu respiro.

Ajudo-a retirar minha calça. Em instantes estou nu. Nossa reserva de peças íntimas é bem limitada. Quando meu pênis salta em direção a ela, duro como uma rocha e ela o toca, eu dou a volta a lua.

— Jennifer — seguro-a pelos cabelos quando ela se inclina em direção ao meu pau, rijo, a intenção cravada em seu rosto atrevido. — Se quer continuar, querida, é melhor não.

Não que eu vá ter uma ejaculação precoce ou algo do tipo. Só que há uma fera enjaulada, rugindo dentro de mim. Uma que não vai se importar em tratá-la com delicadeza que ela merece. E a

última coisa que quero é machucá-la ou aos bebês.

— Tudo bem — diz ela, com a voz doce, ciente dos meus receios. — Deixarei para o segundo *round*.

Sento-me sobre os joelhos e coloco-a de costas para mim. Essa é uma posição que não irá cansá-la e ela terá o maior controle sobre seus movimentos. A cada centímetro que sua vagina apertada engole meu pênis, o mundo a minha volta começa perder o foco de novo.

— É como tocar o céu — gemo, guiando-a.

Tento manter meu corpo rígido, me controlar ao máximo enquanto deixo-a conduzir o ritmo. É difícil se controlar

quando tudo o que você quer é sexo na batida de *rock in roll*.

— Neil — soluça ela, enlouquecida — entregue-se a mim, querido.

E quando ela inclina o seu corpo para tocar minhas bolas com os seus dedos delicados, massageando-as, todo meu alto controle vai para o inferno. Cravo minhas mãos em sua cintura, puxando-a mais para baixo, auxiliando-a agora, com movimentos mais ritmados e intensos.

— Jennifer... — seu nome escapa de meus lábios, forte, firme, carregado de tesão e luxúria.

Minhas mãos apoderam-se de seus seios, instigando os mamilos,

acariciando-os com vontade. Prendo a forte junto a mim e em segundos estamos entregues a uma paixão louca e desenfreada. Suados, famintos, alucinados, indo um de encontro ao outro.

Sinto-a chegar ao êxtase, seu interior pulsando, agora mais estreito pela gravidez, comprimindo-me, aumentando meu próprio prazer de uma forma inexplicável. Logo ela desaba em meus braços esgotada, e eu a sigo.

— *Nossa* — tombo na cama, levando-a comigo. — Isso foi...

— Divino — murmura ela, sorrindo, languida.

— Divino — repito, antes de vê-la

fechar os olhos.

Bem... Deixarei que descanse. Um pouco.

Acordo com os raios de sol em meus olhos, vindo da janela, e ruídos da cozinha. Parado em frente a pia, está Peter, encarando-me com um sorriso debochado no rosto.

— Café? — pergunta ele, levantando o copo.

— Onde você esteve? — sussurro, saindo da cama nu. Volto para cama em busca da calça, evitando acordar Jennifer durante a missão. — Quer por

acaso me enlouquecer?

— Pela forma que estavam engalfinhados quando entrei, e os trajes matutinos, louco, é a última coisa que aparenta.

— Peter! — atualmente, minha paciência não é algo com que deva se brincar. O homem some por dias, deixando-nos isolados onde só Deus e Dylan sabem, e agora ressurgiu com um novo repertório de piadas desagradáveis. Acho que devo informá-lo que esse posto de homem inconveniente, pertence a Liam. Um clone apático dele que não é bem-vindo hoje.

— Desculpe — ele levanta a mão em

sinal de paz. — Estava apenas descontraindo o ambiente.

Ignorando-o, encontro a calça, vestindo-a.

— Vejo que melhorou? — diz ele, ao mirar meu ombro, quase curado.

— O que aconteceu? — pergunto, indo direto ao assunto. — Por que sumiu por tanto tempo?

Ele coça a testa enrugada, indeciso no que dizer. Sério isso? Que porra ele acha que pode esconder de mim. Não sou uma donzela em perigo. Talvez em perigo, mas não donzela.

— Sua mãe não facilitou muito as coisas — ele começa, receoso. — Se recusou a me dar a autorização para eu

examinasse a lápide e eu...

Não é surpresa para mim que ela tenha se recusado. Aquele é uma espécie de santuário para ela. A última morada de seu precioso filho.

— Você conseguiu ou não? — interrompo-o com certa rudeza.

— Sim e não. Aconteceu uma coisa curiosa...

Mas antes que ele pudesse continuar, um grito angustiado cala-o imediatamente. Viramos em direção ao som, deparo-me com Jennifer, nos encarando, assustada.

Porra. Isso definitivamente não pode estar acontecendo. Não agora.

Algo como uma brisa fria arrepia

minha pele quando meus olhos cruzam com os dela. A respiração acelerada e o modo peculiar que torce os dedos sempre que está nervosa, desmentem a expressão serena em seu rosto.

— Não me diga que ela vai ter um bebê, *agora*? — pergunta Peter, estarrecido.

A expressão terrificada em seu rosto seria cômica se eu não me encontrasse tão ou mais apavorado do que ele. Só que no meu caso, eu tenho a obrigação de demonstrar uma confiança que eu não tenho.

Enquanto sinto como se estivesse colado no mesmo lugar, petrificado seria a palavra correta. Peter parece que está

sendo enviado à execução. *Morte por enforcamento.*

— Na realidade dois — Jenny sorri, absurdamente calma, há tanta confiança direcionada a mim em seu olhar.

Quem inventou que as mulheres são o sexo frágil é a pessoa mais estúpida do planeta ou não conheceu homens como nós dois. Homens barbados, cobertos de músculo e dobro do tamanho dela, que no momento, batem os dentes, prestes a chorar como bebês. Jennifer apenas sorri como se fosse dar uma volta ao parque. O rosto tão celestial como se estivesse em estado de graça enquanto eu juro que seria capaz de desmaiar a qualquer momento. Meu coração bate

tão forte dentro do meu peito, que não há dúvidas, iria ter um infarto antes dos quarenta anos.

Por mais que o nascimento de uma criança, não seja novidade para mim, a situação na época era completamente outra, além disso, Sophia optou por uma cesariana e quando Anne nasceu, garanti que seria no melhor hospital de Nova Iorque. Havia médicos e enfermeiras por todos os lados, tudo o que eu tive que fazer foi andar de um lado a outro do corredor enquanto esperava.

— Você tem certeza? — Peter pergunta, aflito. Isso me tira do meu estado de choque e me impulsiona até Jennifer na cama.

Em resposta ela afasta as cobertas para o lado para que víssemos o colchão encharcado. Caralho! A bolsa havia estourado e não há dúvidas de que meus filhos querem dar boas-vindas ao mundo.

— Não Peter — fulmino-o com os olhos. — É teste drive. Claro que ela vai ter os bebês!

Eu tento pensar com clareza, mas todo ou qualquer raciocínio parecem emaranhados dentro de minha cabeça.

— Aiii! — o gemido angustiado de dor, faz com que ela se contorça na cama — Neil...

— Eu estou aqui — beijo sua testa com delicadeza. — Vamos ajudar esses

pequenos a nascer.

— Porra, você está brincando — Peter pula em nossa frente. — Eu vou ligar para o Liam — solta ele, em uma voz esganiçada como se tivesse ingerido gás hélio por um longo tempo.

— Liam não é obstetra, Peter — gemo, angustiado. — Traga a Dra. Moore até aqui! Você garantiu que nos tiraria daqui!

— Eu não tenho culpa se esses garotos são apressados — diz ele, irritado. — Olha, Liam é médico de qualquer forma.

— Não podemos fazer isso não, cara — continua ele com olhar horrorizado, uma pequena parte racional dele

continua em alerta. Com isso ele sabe lidar. Mulheres grávidas prestes a dar à luz, *não*.

— Além disso, você confia em mais alguém?

— Vocês dois não estão ajudando! — Jennifer exalta-se, os olhos assustados e marejados devido à dor causada por uma contração. — Chame o Liam, por favor!

— Não — respondo, vencido. Confio em Liam, sei que ele faria qualquer coisa para nos ajudar, mas ele não é um especialista em partos. Eu quero o *maldito* de um obstetra que saberá exatamente o que estará fazendo aqui.

Mas falando francamente, na situação

em que me encontro, aceitaria ajuda de qualquer pessoa. Até mesmo Paige e sua ideia maluca de parto caseiro. Por que as mulheres sempre têm razão, em tudo, mesmo as malucas como ela? Afinal de contas se eu tivesse assistido às malditas aulas, ao menos saberia o que fazer agora, enquanto aguardamos que Liam apareça. Passarão anos e nunca conseguirei me perdoar por ter sido tão irredutível.

Inferno! Tudo o que sei é o que vi nos filmes. E não faço a mínima ideia do que poderia ser aplicado na vida real ou o que era apenas ficção.

— Ahh, merda! — Jennifer chora, as unhas cravadas na palma da minha mão

são os sinais que outra contração poderosa a domina. — Eu não consigo!

— Respire — inalo e exalo diversas vezes como se isso pudesse ajudá-la. — Respire.

A cena me deixa alucinado. Vê-la sofrendo, mesmo que por algo tão nobre como trazer uma criança ao mundo, dilacera minha alma. Eu transferiria toda a dor para mim, saber que isso é impossível tira-me o fôlego tanto quanto ela aparenta no momento.

— Está tão linda — sussurro, acariciando as longas mechas de cabelo que caem como cascata emoldurando seu rosto. Eu não minto. Nunca a vi tão majestosa como hoje. Durante toda a

gravidez havia um brilho luminoso em seus olhos e agora parece irradiar em torno dela, como uma sereia, enfeitiçando-me.

— Amor... — pranteia ela, fazendo respiração cachorrinho como havíamos aprendido nas aulas do pré-natal. — Uhhf... Palavras bonitas não vão diminuir a dor.

— Pode gritar se quiser — sugiro, completamente perdido.

— Acredite... — geme ela, agarrando a grade da cama até os nós dos dedos ficarem brancos — não vai demorar a acontecer.

Não faço ideia se fala sobre os gritos ou a chegada dos pequenos.

As contrações continuam em intervalos menores dessa vez, pelo que me lembro do que a médica havia dito, isso significa que não temos muito tempo. Sussurro palavras carinhosas e de encorajamento a ela a cada vez que seu corpo dobra impulsionado pelas contrações e dores.

— Liam está a caminho — Peter bate à porta ao entrar Não havia notado quando Peter saiu do quarto, provavelmente para fazer a ligação. — Espera só mais um pouco Jenny.

O olhar irado que ela lança a ele causa arrepios até em mim.

— Isso não é uma coisa que se controla, Peter! — Jennifer resmunga o

óbvio, buscando fôlego. — Eu não posso!

Imediatamente eu me vejo obrigado a ficar no modo automático. É ela quem deve estar assustada ali. É ela a sentir todas as dores e que terá que ser forte o bastante para trazer nossos filhos ao mundo. Eu tenho que sufocar o garoto assustado em mim e agir como um homem, frio e controlado que todos imaginam que sou.

— Você pode, sim! — enfatizo, segurando seu rosto com firmeza. — Não há nada que não consiga fazer e eu estou aqui com você. Estive quando os fizemos e estou agora para ajudá-los a nascer.

Beijo seus lábios por alguns segundos desejando que eles pudessem ter um antídoto para livrá-la da dor.

— Não fique aí parado, Peter — vocifero, quando me afasto e posiciono-me em frente a ela. — Faça alguma coisa.

— O que eu devo fazer? — diz ele, atrapalhado.

Afasto a camisa que ela usa, por sorte é a única peça de roupa em seu corpo.

— Traga álcool, tesouras, panos limpos e tudo o que acha que vamos precisar. — Respondo.

— Tá, eu posso fazer isso — murmura ele, sumindo banheiro adentro.

Ignoro-o com um balançar de cabeça. O homem está a quem de aterrorizado. Não o julgo, não estou muito diferente.

Certo, é só manter a calma, digo a mim mesmo, diversas vezes como se esse mantra pudesse trazer-me serenidade.

Aparto-lhe as pernas, colocando os pés a cada lado de meu corpo. Já é visível o pequeno tufão de cabelos do bebê, escuros como os meus. Isso me baqueia por um momento.

— Quando a contração vier, faça força — digo a ela, a voz ainda sufocada pela emoção.

Seremos capazes disso, preciso apenas lembrar de tudo o que havíamos

aprendido nas aulas e dará tudo certo.
Tento me convencer disso.

— Aqui está — Peter surge minutos depois com tudo o que pedi. — AH MEU DEUS!

Ele joga os utensílios na cama e em segundos presencio cair como abacate maduro após olhar a cabeça do bebê coroadando.

— Peter!

Carvalho. Não acredito que ele desmaiou quando mais preciso dele.

— Ele está bem? — Jennifer me encara assustada.

— Dane-se ele — resmungo exasperado — covarde.

Como pode um homem que tem

praticamente o dobro do meu tamanho apagar ao ver um bebê nascer?

— Dylan! — grito o mais alto que consigo — Dylan!

Outro espasmo a faz contorcer e foco toda minha atenção no milagre diante de mim.

— Força, amor — incentivo-a. A cabeça do bebê desliza para fora e parte do ombro desponta. Sei que essa é a parte mais difícil para ela. — Você consegue.

— Ah, meu Deus! — Dylan entra e nos encara horrorizado.

— Não se atreva a desmaiar também — vocífero, impaciente. — Eu juro que demito você.

— Claro que não senhor — diz ele, nervoso. — Meus tios trabalharam em uma fazenda e já vi uma vaca parir uma vez quando eu era criança.

Eu não gostei da associação, mas contanto que ele aguento firme, tudo bem.

— Está quase lá, amor. Só mais um pouquinho de força.

— Ahrg... — eu vejo toda garra e força de vontade em seu rosto contorcido. — Ahhh!

O choro estridente do bebê ecoa aos quatro cantos do quarto. Potente, forte e o som mais lindo que já ouvi.

— É lindo — digo entre sorrisos e lágrimas, entregando o bebê a um Dylan

visivelmente emocionado.

Corto cordão umbilical com a tesoura ainda na embalagem que Peter havia trazido. Faço uma prece para que eu esteja fazendo tudo certo. Ainda temos muito trabalho pela frente. Como nada em nossas vidas parece simples, temos outro pequenino para ajudar a nascer. Depois de muito esforço da parte dela e após temer que não conseguiria, tenho finalmente meu filho em meus braços.

— Oi — sussurro ao menino que berra aos quatro ventos. — Oi, pequenino.

Os gritos viram pequenos suspiros enquanto acalento-o junto ao meu peito. Incríveis olhos azuis fixam-se em mim,

curiosos. E nossa conexão foi estabelecida ali. Olho-o admirado, verificando cada pedacinho de seu corpo miúdo — mãos, dedos, pés, uma mistura de Jennifer e eu, perfeito.

— Conseguimos — Sussurro, transbordando de orgulho e felicidade.

Uno-me a ela na cama. Está encostada contra a cabeceira. O outro bebê em seus braços que suga seus seios avidamente.

Lembro de que a médica havia dito que essa interação entre mãe e filho é de suma importância para ele. Entrego o bebê a ela, auxiliando-a a sustentar o peso, pendendo os três em meu peito. Beijo-lhe os cabelos suados e deixo que

as lágrimas silenciosas deslizem por meu rosto embaçando meus olhos.

— Obrigada — diz ela, exausta, mas com um lindo sorriso no rosto. — Não conseguiria sem você.

— Conseguiria sim — murmuro, envergonhado. Céus ela havia dado a luz a dois bebês e me agradecia. Quando tudo que fiz foi apenas tentar ficar firme o máximo que consegui. — É a pessoa mais forte que eu conheço.

O pequeno em seu braço esquerdo abandona o seio, bocejando em seguida, prendendo-nos nesse mundo de encantamento. Há somente nós quatro aqui, protegidos dentro dessa nossa pequena bolha de felicidade. Apenas

uma pessoa me faz falta.

Anne.

Algumas horas depois e de Liam ter verificado todos os cuidados que Jennifer poderia precisar eu suspiro aliviado.

— Você fez tudo certo, Neil — diz ele sorrindo. — Parabéns, seus filhos são lindos.

Puxo-o para um canto, longe dos ouvidos de Jennifer, que está tão encantada com os bebês que nem mesmo um terremoto a abalaria.

— Precisamos levá-los a um

hospital? — pergunto apreensivo. Eu sei os riscos que isso implica, mas não vou colocar a vida deles em risco.

— Ela está bem — diz ele. — Os gêmeos também. Muitas mulheres têm filhos em casa todos os dias. O ideal é que os levem para alguns exames mais tarde, mas fique tranquilo.

— Quando devemos ir? — pergunto ansioso.

Procurro Peter com meus olhos. Ele está encostado contra a geladeira, conversando com Dylan e uma carranca em seu rosto. Claro que Liam não iria deixar batido o fato dele ter desmaiado, e conhecendo-o, sei que perturbará o homem para resto de sua vida.

— Deixe que Jenny descanse um pouco, Neil — murmura Liam, batendo em meu ombro. — São apenas exames de rotina. Ocorreu tudo bem durante a gestação e o parto, apesar de difícil, não teve complicações. Acalme-se e curta esse momento.

Os três saem, cientes de que Jennifer precisa de descanso e um pouco de privacidade.

Depois de vermos os bebês dormirem profundamente e termos certeza que ficariam bem. Carrego-a para banheiro e ajudo-a com o banho após grande insistência da parte dela. É complicada a movimentação no banheiro minúsculo, mas não me afasto dela um

único segundo. Tenho-a nua junto a mim, mas não há desejo sexual implícito. O que fala mais forte em mim é essa ferrenha necessidade de mimá-la. Lavo seus cabelos e recebo um suspiro de agradecimento. Esfrego lhe o corpo, sempre a mantendo apoiada a mim, demoro um pouco mais sobre o ventre inchado, onde meus filhos haviam ficado protegidos.

— Continua linda — murmuro quando ela tenta afastar as minhas mãos. — Minha amada, companheira, amiga e... — seguro seu queixo obrigando-a a olhar para mim — mãe dos meus filhos.

Beijo-a, agora sem me importar com a água que encharca minhas roupas.

Mesmo com todos as incógnitas e momentos difíceis que ainda teremos pela frente, hoje é o dia mais feliz de minha vida.

Capítulo 7

Tarde demais o conheci, por fim;
cedo demais, sem conhecê-lo, amei-o.

(William Shakespeare)

Jenny

Sinto seus dedos massageando meus cabelos com suavidade. A suavidade de seu toque e as bolhas de espuma me dão uma sensação agradável. E quando ele desliza as mãos pelo meu corpo, parece que sou atingida por uma descarga elétrica. Não é uma questão do que é certo ou não, perto dele, meu corpo tem vontade própria.

Cruzo os braços quando ele pousa a mão por mais tempo em meu ventre inchado e todo desejo esvai-se. Não é o mesmo corpo que ele sempre havia admirado. E temo que jamais volte a ser como era antes.

— Continua linda, ainda mais linda — diz ele, as palavras sendo sussurradas de forma carinhosa, cravando-se em meu peito.

Sáímos do banheiro, ele me seca e me coloca na cama com tanto cuidado como se eu fosse a joia mais preciosa do mundo, e é assim que me sinto.

— Descanse um pouco — diz ele, beijando minha testa antes de voltar para o banheiro.

Os bebês dormem tranquilamente no amontoado de cobertas que fizemos para eles em um dos cantos da cama. Aconchego-me mais a eles. Estou muito cansada, mas não me privo de olhá-los um pouco mais. Observo fascinada cada detalhe. São tão parecidos e tão diferentes ao mesmo tempo. Com exceção dos olhos que haviam herdado de mim, eles são gritantemente semelhantes ao Neil — os cabelos escuros, sobrancelhas grossas e invejosamente bem desenhadas e os cílios, não é possível que haviam herdado dele, os cílios perfeitos.

Pego a pequena mãozinha e esfrego em minha bochecha. Ele solta um

resmungo e faz beicinho com a boca. Beijo cada pontinha de seus dedos, volto a deixá-lo sossegado. Inclino-me para seu irmão e beijo a pontinha de seu queixo. Os lábios do bebê tremulam e eu me convenço que foi uma tentativa de um sorriso em seu rosto lindo e angelical.

— Precisamos de nomes — sussurro para Neil, assim que ele retorna, a toalha ao redor da cintura. Meus olhos imediatamente fixam no peito nu e musculoso. Ele está absurdamente delicioso com os cabelos úmidos caindo de lado na testa.

— Pensei em Raphael e Gabriel.

— Por quê? — pergunto, repetindo

os nomes mentalmente.

Com o máximo de cuidado para não acordar os bebês, ele deita na cama puxando-me para seus braços. Encosto minhas costas em seu peito e apoio minha cabeça em seu queixo. Ele envolve os braços em volta de mim, protetores.

— Ideia de Anne, são nomes de anjos — diz ele, acariciando meus braços. *Humm*. Mordo os meus lábios na tentativa de impedir que uma cachoeira de lágrimas transbordasse de meus olhos. Eu acreditei que esse descontrole emocional iria embora após o parto, mas posso afirmar sem margem de dúvidas, que a maternidade trouxe uma nova

avalanche de sentimentos. Eu me sinto muito mais forte agora, a leoa que existia dentro de mim é capaz de fazer qualquer coisa para defendê-los. Ao mesmo tempo nunca me senti tão frágil.

— Neil?

— Sim.

— Queria que Anne estivesse aqui — eu queria que todos que amo estivessem aqui.

Paige, minha amiga-irmã maluquinha. Richard, com toda aquela doçura tão natural nele. Adam e seu jeito pragmático. Paul, meu querido e gentil amigo. Meus sogros a qual havia aprendido a construir um novo relacionamento. E a minha amada filha.

De todos eles, Anne foi a que mais contou os dias e horas para que seus irmãos chegassem.

— Eu também — diz ele, segurando forte meus braços.

Isso não é justo. Merecíamos um quarto com lindos balões azuis cercados por todas as pessoas importantes de nossas vidas.

— Rapha e Gabe — sussurro antes de pegar no sono, encolhendo-me em seu peito largo. — Eu gosto.

Acordo com sussurros tensos vindos da cozinha. Apuro meus ouvidos ao

máximo na tentativa de ouvir alguma coisa, mas só consigo captar a tensão em suas vozes.

Peter e Liam estão de costas para mim e Neil escorado contra a pia a minha frente. Braços cruzados no peito, ombros tensos, mas o olhar focado em mim. Eu recebo um sorriso caloroso e noto o sinal para que os outros fiquem calados. Eles escondem algo. Não é preciso um QI a mais para identificar isso. O que poderia estar acontecendo de tão terrível que eles creem que eu não deva saber.

Honestamente, eu não me importo. Passei a minha vida inteira cuidando de mim mesma, sendo forte, corajosa e

determinada. No entanto, chega um momento em nossas vidas que desejamos nos apoiar em alguém. Eu tenho meu porto seguro e eu confio nele. Isso é tudo o que me importa.

Raphael solta um pequeno resmungo chamando minha atenção para ele. Pode parecer exagero, mas já consigo diferenciá-los muito bem. Rapha é mais impaciente, foi assim até para nascer, ele foi o primeiro, o apetite também é voraz, enquanto o irmão dorme como um anjinho, ele já se faz presente, exigindo atenção.

— Oi, meu amorzinho — sussurro, pegando-o com cuidado. Seu corpinho ainda é tão frágil que temo machucá-lo

de alguma forma. — Está com fome, querido?

Noto ao lado da cama, próximo a mim, várias sacolas de um departamento infantil com pacotes de fraldas, mamadeiras e até mesmo um pequeno urso de pelúcia. Há tantas coisas ali que meus olhos mal conseguem registrar tudo. Outra vez, aquela onda de emoção a qual prefiro novamente culpar os hormônios da gravidez faz uma pequena bola se formar em minha garganta. Peter, Liam e Dylan haviam desaparecido no dia anterior e tenho certeza que foram eles os responsáveis por todos esses presentes.

Encaro-os com os olhos marejados.

O carinho e apoio que sempre demonstraram a mim, principalmente agora, faz meu coração virar gelatina, mas esses pequenos detalhes como o ursinho de pelúcia para meus filhos é de fazer meu coração sair pela garganta. Que mãe não se sensibilizaria com isso? Faça mal aos meus filhos e encontrará uma fera, ame-os e terá minha gratidão eterna.

Sorrio para eles em agradecimento e recebo três sorrisos radiantes de volta. Caramba, são homens mais incríveis que conheci em toda minha vida. Não por serem lindos e atraentes, isso é inegável, mas é pelo o que eu vejo além.

Gabriel acorda nesse momento, os

pulmões fazendo jus ao um cantor de ópera.

— Aqui — coloco o urso marrom vestido de marinheiro ao lado dele, que encara o brinquedo por alguns segundos, voltando a berrar logo em seguida.

— Eu ajudo — diz Neil, agora ao meu lado.

Enquanto ele troca a fralda do bebê com uma agilidade e precisão que duvido que algum dia eu chegue, eu tento acalmar o outro.

— Eu tenho que ir, Jenny. Pedi a Peter que esperasse mais alguns dias antes de removerem vocês daqui — Liam acaricia a cabeça do bebê em meus braços. — Descanse bastante e

cuide desses pequenos. Lembra que me prometeu que seria um dos padrinhos.

Havia feito a promessa quando Neil esteve hospitalizado, brigando para se manter vivo e eu rezava para que ele voltasse para mim. Naquela época, a promessa parecia algo impossível de acontecer. Hoje dou graças a Deus por suas palavras proféticas.

— Obrigada, Liam.

— Espero você lá fora, Peter — diz Liam, com olhar provocativo. — Acho melhor seguir o seu carro, vai que desmaia pelo caminho.

O gesto obsceno, seguido de um travesseiro contra a porta, foi a única resposta que obtive dele, enquanto saía

em meio a gargalhadas.

— Não liga para ele — dou uma piscada para o grandão tatuado, fofo e envergonhado a minha frente. — Sabe como ele é...

— Um grandíssimo idiota — diz ele, contrariado.

— Homem, você virou uma lenda — Neil coloca a cereja no bolo da provocação — Liam usará isso para sempre. Sua vida acabou depois disso.

— Neil! — encaro-o zangada.

É inacreditável que ele esteja colocando mais lenha na fogueira. Entrego Raphael a ele para que mantenha as mãos e a cabeça ocupada.

— Engraçadinho — murmura Peter

indo em direção à porta. — Babaca!

— Por que você fez isso? —
pergunto em voz baixa.

Pego Gabe da cama que parece mais calmo agora que está limpinho e de fralda trocada.

— Foi engraçado — Neil sacode os ombros, escondendo um sorriso. — Admita.

Garotos insuportáveis é isso o que eles são. E me recuso a participar disso, pobre Peter, levará esse carma para vida toda ou até que um deles faça algo pior ou semelhante. Mas eu devo admitir, será muito difícil alguém conseguir superá-lo.

— Ah, Neil... — Peter retorna com

uma folha de papel em sua mão. — Com toda essa confusão, eu me esqueci disso.

Minhas mãos ficam trêmulas e deposito o bebê na cama. Conheço a folha decorada de corações. Eu tenho uma folha desenhada, semelhante a essa, em minha caixa de recordações.

— Anne? — Neil pergunta com a voz trêmula.

— Sua filha é muito esperta — murmura Peter antes de sair.

Acompanho Neil com os olhos quando ele caminha para fora. Esse é um momento único entre ele e Anne. Entendo o quanto é difícil para os dois, essa separação. Enquanto amamento Raphael o mais exigente, pergunto-me

como eu reagiria se houvesse dado a luz na prisão. Tenho apenas um dia com eles e se me tirassem isso, morreria de dor e tristeza. Conhecer a grandiosidade da dor que Neil vem suportando por estar longe de nossa filha, me fere muito.

Acaricio as bochechas rosadas, enquanto meu filho mama avidamente. Os olhinhos presos aos meus.

Cuido do outro pequeno, e assim que os bebês adormecem, eu sigo em direção ao quintal. Dylan está absorto polindo o carro, que está estacionado no caminho de pedra que leva à estrada mais à frente.

Circulo a cabana e encontro Neil sentado em um velho tronco de árvore,

um dos braços apoiados contra os joelhos e a cabeça sobre ele. Eu só o vi chorar uma vez, essa foi a primeira imagem marcante que tive ao voltar a ver. Também é a que eu mais me empenho para esquecer, ainda mais, porque aquelas lágrimas foram provocadas por mim.

Ele não é o tipo de homem que demonstra fraqueza e fragilidade com facilidade. Vê-lo assim, causa em mim, uma dor profunda.

E quando seus olhos vermelhos encontram os meus, após notar minha presença ao seu lado, toda minha estrutura desce ladeira a baixo.

— Posso ver? — pergunto com voz

rouca, provocada pela emoção.

Ele me encara com olhar hesitante, indeciso, mas por fim, entrega-me a carta.

Papai,

Faz muitos dias que você e minha mãe partiram. Eu tenho sentido muito a sua falta. Às vezes eu choro escondido, porque minha vovó disse que eu tenho que ser forte. Também disse que você teve que ir e que em breve estará de volta.

Você vai voltar, não é?

Eu não tenho ido à escola nos últimos dias. Os deveres são entregues a mim e vovó me ajuda, às vezes. Ela

não é como você, não entende tanto assim de matemática. Eu tenho dormindo com a boneca que a ~~Jenny~~... minha mãe me deu, a mesma que eu joguei no chão aquele dia, por birra, diga a ela que eu me arrependo por ter sido malvada. Eu sinto falta dela, de como me abraçava e de quando sempre cantava para mim antes de dormir. Sabia que o cabelo dela tem cheiro de morango? Espero que os bebês não tenham nascido ainda. Eu queria estar aí com vocês.

Eu não vou escrever mais porque meus olhos estão esquisitos. Eu não vou chorar, eu prometo, mesmo com esse negócio aqui no coração,

machucando muito.

Papai, eu amo você. Não se esqueça de mim.

Sua filha, Anne.

Minhas pernas fraquejam e em poucos segundos, me vejo presa em seus braços. Desabamos juntos, entregues a esse mar de dor e devastação. Choramos e tentamos sustentar um ao outro. De tudo que enfrentamos até agora, o sofrimento de Anne é o que mais nos destrói a alma.

— Eu a amo tanto... — confia ele, a testa apoiada na minha.

— Ela sabe — fungo, tentando segurar uma nova leva de lágrimas. —

Anne sabe disso, amor.

— Preciso vê-la — continua ele, transtornado. — Tenho que ver minha filha.

— Você verá — esfrego meu peito, em busca de aplacar a dor que se formara ali. — Peter dará um jeito nisso.

Eu acalento-o como fiz alguns minutos com um dos gêmeos. Ele precisa de mim e tento me manter forte enquanto ele soluça em meus braços como um menino perdido e sem direção.

Teriam sido três dias maravilhosos, se nas últimas horas meu corpo desleal não houvesse me traído de forma mais desonrosa. Desde a

noite anterior, esforço-me de todas as formas para amamentar os dois bebês, mas vem sendo praticamente impossível.

Eu não venho produzindo leite o suficiente para alimentá-los, o que tem me deixado em pânico e cada vez mais aflita. Isso também não ajuda muito.

Balanço Gaby em meus braços, o choro sentido e angustiado, parte meu coração em pedaços de forma inexplicável, aumentando cada vez mais meu desespero. Olho para o lado da cama onde Raphael dorme, após ter se saciado com o que havia de leite materno em mim e rezo para que ele não acorde.

A primeira coisa que ele faz ao acordar é reivindicar meus seios em busca de leite. No momento, não consigo

suprir um quanto mais dois. Sempre o amamento primeiro, porque dos dois é o mais impaciente e guloso. Eu deveria tê-lo tirado dos meus seios antes, mas foi quase impossível afastá-lo de mim. Não quando ele mamava com tanto ímpeto e vontade, principalmente com seus olhinhos focados nos meus, olhando-me com inocência e profundidade. Essa era nossa conexão, o momento que mais me sinto ligada a eles. Não era apenas o meu leite garantindo que cresceriam fortes e saudáveis era todo o meu amor entregue ali, nesses singelos momentos.

Agora com o irmão com fome e chorando desesperado em meus braços, sinto-me culpada. Ele tenta, algumas

vezes, acha que consegue, mas em seguida a frustração e o rostinho contorcido jogam um balde de água fria em mim, na realidade, congelante.

— Por favor, Senhor! Por favor! — caminho pela sala pequena ninando-o em meus braços, pedindo aos céus que consiga produzir o alimento que o bebê precisa. — Meu Deus!

— Me dá ele aqui — Neil se aproxima de nós dois por trás e pega o pequeno de meus braços acalentando em seu peito. — Ei, garotão? Papai está aqui.

Ele caminha até a mesa, senta em uma cadeira ao lado e continua sussurrando para o filho. Gabriel não fica em

silêncio, mas o choro passa a ser choramingos.

— O que é isso? — pergunto ao velo mergulhar o dedo mindinho em um copo e colocar na boca do bebê que suga com avidez.

— Água com açúcar — diz ele, voltando a mergulhar o dedo no copo ao ver o bebê protestar novamente. — Vai distraí-lo até Dylan chegar com o leite.

Os meninos haviam pensado em tudo quando saíram para as compras para os bebês; chupetas, fraldas, mamadeiras, pomadas, roupas, brinquedos — menos leite. Afinal, essa função é minha. Quando penso que sou incapaz até mesmo disso... Como poderei ser uma

boa mãe se...

— Ei... — uma voz rouca, mas suave corta meus pensamentos. — Já disse para não se sentir culpada.

— Eu não consigo — desabo na cadeira ao lado da dele. — Se não estivesse aqui comigo, provavelmente eles morreriam de fome, sou uma péssima mãe e jamais pensaria nisso...

Indico o copo em cima da mesa. A ideia parece ter surtido efeito, já que o bebê está tranquilo e sonolento no colo dele.

— Tenho experiência com criança, Jennifer, apesar de contar com a ajuda da babá de Anne, eu quis aprender tudo sobre ela. Não foi fácil, no começo,

assim como não está sendo para você. Além disso, toda essa tensão influencia no seu corpo e, é natural que algo assim, venha acontecer. Lembra do que Liam nos disse por telefone?

Eu sei que ele tem razão. Liam havia nos explicado que todo estresse, preocupação e situação na qual passamos a viver, pode estar me afetando, fazendo com que produza menos leite do que o normal e ter que alimentar dois bebês ao mesmo tempo é outro agravante.

No entanto, a informação em vez de me aliviar, só faz com que eu me sinta ainda mais frustrada. Pergunto-me, que tipo de mãe eu sou? Meus filhos

precisam de mim e sou incapaz de fazer algo tão simples e natural como amamentá-los. Sinto-me um fracasso em pessoa.

Até Neil sabe lidar e cuidar das necessidades dos dois, melhor do que eu e, isso é enlouquecedor. E ter que recorrer ao leite industrializado doí-me o coração.

— Dylan logo estará de volta — Neil acaricia a minha mão em cima da mesa — é apenas uma situação provisória. Vamos sair daqui essa noite, talvez outro clima a ajude.

Não é o local que me deixa apreensiva, eu poderia estar em uma choupana que não me importaria. Tendo-

os ao meu lado, seguros e felizes é tudo o que me importa. O que me angustia é a tristeza que nossa filha se encontra. A carta dela para Neil estraçalhou nossos corações.

— Não deveria ter mostrado a carta a você... — ele levanta e caminha com o bebê até a cama, colocando-o com cuidado para que não desperte e volte a ficar angustiado novamente.

Eu respiro fundo e tento manter o controle. Neil vem absorvendo tanta pressão e responsabilidades em excesso nos últimos dias. Lidar com uma mulher descontrolada e chorosa não é o que ele precisa no momento.

— A carta da Anne me deixou

emocionada, eu não posso negar — encontro-o no meio do caminho e entrego-me a seus braços, ele senta na cama e coloca-me em seu colo, olhando-me firme. — Mas não é isso que me afetou, são todas essas coisas acumuladas. Eu sei que você está sofrendo e...

— Jennifer...

Coloco meus dedos em seus lábios para impedir que interrompa o que preciso dizer. Ele pode pensar que é uma fortaleza, mas no fundo não é, ninguém é assim o tempo todo.

— Não fale...— abraço-o, apoiando minha cabeça em seu peito — eu vou manter a calma, meu leite voltará e tudo

ficará bem.

— Se tivesse deixado você em paz quando me pediu... — sussurra ele, acariciando meus cabelos — eu simplesmente não pude.

— Ainda bem que não — aperto-o forte. — Graças a Deus que não. Eu não teria vida sem você, Neil. Eu não tinha uma vida antes.

Ficamos assim, juntinhos, por um longo tempo. Eu inebriada pelo cheiro de sua pele e sabonete cítrico, enquanto o calor de seu corpo e os dedos enroscados em meus cabelos me dão a sensação de paz e aconchego.

Sonolenta e quase de olhos cerrados,

eu sinto o telefone vibrar no bolso dele que afasta-me um pouco para atender. Eu fico em alerta, não recebemos ligações desse número e só usamos ser for para algo realmente urgente.

— Mensagem do Dylan — diz ele, soltando o ar pesado. — Há algum problema com o carro no meio do caminho.

Neil me coloca na cama com a mesma delicadeza que faz com os bebês, deposita um beijo em minha testa e caminha até a cadeira onde havia deixado sua jaqueta.

— É algo grave?

— Acho que não — ele sorri. — Precisamos dar um jeito antes que

escureça, ainda quero sair daqui hoje. Liam conhece alguém de confiança que pode dar uma olhada em você e nos meninos e preciso falar com Adam o quanto antes. De algum jeito, eu vou resolver isso.

Ele toma meus lábios de um jeito possessivo e o beijo é urgente e faminto. Como se precisasse dele para sobreviver. Retribuo com igual ou maior intensidade.

— Tranque a porta assim que eu sair — Neil leva-me com ele até a porta, ainda estamos presos um no outro. — Não importa o que aconteça, saiba que amo você.

— Não gosto quando diz isso —

puxo-o para mais perto de mim, colando minha testa na dele. — Soa-me como uma despedida.

— Apenas a morte ou grades me manteriam longe de você, amor — seus lábios pressionam os meus novamente. — Não aceitarei isso em nenhum dos dois casos.

— Eu te amo — declaro, resistindo a deixá-lo partir. Algo dentro de mim, diz que alguma coisa está errada. Sexto sentido? Premonição? Eu não sei.

— Vai voltar, não vai?

Cravo minhas mãos em seus braços e encaro-o apavorada.

— Em alguns minutos. Vou deixar o celular aqui. Se precisar de ajuda, sabe

a quem deve procurar — os lábios formam um sorriso cálido, mas no fundo de seus olhos vejo a mesma inquietação que habita em mim — aproveite e descanse. Pelo o que conheço daquele anjinho — diz ele, olhando para o lado da cama, onde Raphael dorme tranquilamente — vai acordar com espírito de Pavarotti.

— Tenha cuidado.

Assim que ele sai, após um último beijo apressado, eu tranco a porta e apoio-me contra ela. A sensação esquisita de que algo ruim paira sobre nós persiste dentro de mim.

Caminho até a cama e observo meus bebês com atenção. Mesmo seus peitos

balançando lentamente ao ritmo da respiração, eu coloco meus dedos embaixo de seus narizes para me certificar de que está tudo bem. Neil ri de mim quando faço isso, mas eu não ligo. Meu instinto é maior do que qualquer senso de ridículo. Eu tenho certeza que serei uma mãe que fará os filhos passarem vergonha de tanto que os beijarei o tempo todo. Lembro-me vagamente que com minha mãe era assim. Nunca tivemos muito dinheiro, mas o calor humano, esse transbordava em cada canto da nossa casa humilde, mas repleta de felicidade. Pelo menos até aquele homem horrível cruzar nossos caminhos.

Ainda o desprezo profundamente. Odeio para ser honesta. Ainda é complicado separar a imagem que eu tenho dele com Neil. São como clones, a diferença é o calor e amor que eu vejo nos olhos de Neil quando olha para mim. Mas algumas vezes, ao acordar assustada a noite, perdida, olho-o por alguns segundos e sinto uma raiva indescritível. Então, eu me lembro de onde estou e que esse homem é outro. Que o amor que sinto por ele e o medo de perdê-lo, superam qualquer marca do passado, levando essas lembranças dolorosas para o lado mais obscuro da minha mente e, é lá onde as mantenho, trancadas.

Se Paige estivesse aqui. Quem precisa de terapia quando se tem uma amiga como ela? Sinto saudade das nossas conversas francas. De como aconselhamos uma a outra e como rimos de nossas idiotices. Será que ficou com raiva de mim por ter partido sem me despedir? A vida inteira pessoas entraram e saíram de sua vida sem olhar para trás. Eu jurei jamais fazer isso e havia quebrado minha promessa.

Não! Eu conheço minha amiga. Ela ficou furiosa, desapontada, mas no fundo entenderá o que nos levou a isso. Havia perdoado a mãe que a abandonou em um orfanato aos sete anos. Ela não seria intolerante comigo. Assim espero,

fervorosamente. É como uma irmã para mim e a amo muito.

Decidida, afasto esses pensamentos dolorosos e, pego a carta de Anne que Neil havia guardado em baixo do travesseiro. Leio e releio várias vezes, até não haver lágrimas em meus olhos. Anne não havia nascido do meu ventre e nem tive tanto tempo com ela como Neil, mas eu posso afirmar que a amo tanto quando os gêmeos. Não há explicação para isso. É o que sinto e sei que sou retribuída nesse amor.

Quando ela me pediu com os olhinhos úmidos e cheios de esperança que pudesse me chamar de mãe no dia do meu casamento foi um dos momentos

mais inesquecíveis e emocionantes da minha vida. Naquele, dia formamos um elo eterno.

— Amo você, Anne — aperto a carta em meu peito e desejo que minhas palavras levadas pelo vento possam chegar até seu coração.

Meus cílios pesam sob meus olhos. O cansaço e estresse da noite anterior começam a cobrar seu preço e caio em um sono profundo.

Eu estou sendo caçada. Eu corro e corro, mas pareço parada no mesmo lugar. As árvores na floresta parecem triplicar de tamanho, bizarramente parecem sorrir para mim, desafiando-

me. A máscara branca surge a minha frente, como o gato em Alice no país das maravilhas, envolto de uma fumaça branca e fantasmagórica. E tento escapar, mas parece que a fumaça tem efeitos paralisantes.

Dois homens iguais caminham em minha direção. Não há olhos, apenas um profundo buraco negro. Os dois estendem as mãos em minha direção enquanto a máscara branca continua em volta de mim, zombando.

Um estrondo me faz saltar no lugar, e o som ecoa em minha cabeça, no mesmo compasso das batidas do meu coração.

Sento-me na cama com o susto. Há dois homens parados entre a porta

arrombada.

— Jennifer Durant — um deles caminha até mim, mostrando um distintivo prateado. — Polícia de Nova Iorque.

Tudo vira um verdadeiro caos. Os bebês que choram assustados devido à invasão repentina. Meu coração que parece querer sair pela boca. E minha alma encurralada que grita desesperada dentro de mim.

Parece insano, mas eu prefiro voltar ao pesadelo anterior do que ter que enfrentar essa realidade terrível.

Capítulo 8

Amor...

*Não folga com a injustiça, mas folga
com a verdade;
(Coríntios 13:06)*

Neil

Preciso de ajuda!

A mensagem arquivada no celular em meu bolso aciona meu radar de perigo. Eu havia estranhado que Dylan tenha

demorado tanto tempo para regressar à cabana, afinal, ele havia saído apenas para comprar o leite dos bebês e algumas outras coisas que Jenny precisaria. Além disso, a necessidade de abandonar aquela cabana por um local mais seguro, já era prioridade para mim, mesmo antes dos gêmeos nascerem. E depois da carta de Anne, isso se tornou primordial. A carta é como uma navalha afiada apunhalando meu peito. A última vez que chorei assim foi quando Jenny me viu pela primeira vez e não era eu que ela enxergava. Ela via o mal, cru e impiedoso. A possibilidade de perdê-la para sempre, me fez perder todas as estruturas.

O sofrimento que identifiquei nas simples e ternas palavras de Anne trouxeram à tona o mesmo sentimento daquele dia. A sensação de que falhei. Anne foi a primeira pessoa que me ensinou que o amor pode ser puro e desinteressado. Com Jenny, compreendi que quando é correspondido, nos faz sentir como se vivêssemos em um perfeito paraíso. Duas pequenas que poderiam ser consideradas frágeis, mas que de fato, são incomparavelmente mais fortes que eu.

Assim como minha mãe, eu escondo os sentimentos dentro de mim, no meu caso, apenas para proteger e cuidar das pessoas que amo. Dou-me completamente para garantir que sejam

felizes. Torno-me feito de aço, firme, duro. Deixei para trás uma casa luxuosa, carros caríssimos e uma empresa em que nela, eu era o rei. Curiosamente nada disso me fez falta, a não ser Anne.

Nada no mundo me importa mais do que minha família, principalmente agora que tenho dois novos motivos para lutar por isso. E a única forma de me ferir é atingindo-os. Quem quer que esteja fazendo isso, sabe disso, movimentando nossas vidas como peças de xadrez à espreita do xeque-mate.

À tarde começa a cair, e esses pensamentos são expulsos de minha mente quando avisto o carro estacionado de forma esquisita entre a rua e o meio fio, a posição parece que estava indo em

direção contrária à cabana. A mesma sensação que tive quando saí para encontrar Dylan, faz os cabelos em minha nuca eriçarem.

Atravesso para o outro lado e continuo caminhando em direção ao carro. Analisando-o a certa distância. Não há ninguém no banco do motorista.

Olho além da estrada, onde ela some em uma curva fechada e perigosa. A minha volta só há árvores imponentes. Estou no meio do nada, isso me lembra dos filmes assustadores que Jenny e Anne tentavam assistir, mas que sempre desistiam ao fugir para meu quarto.

Alguma coisa está errada, eu sei disso. Os dois pneus traseiros estão arriados, estourados para ser correto.

Talvez seja por isso que Dylan tenha enviado a mensagem. Mas onde ele pode ter ido?

A cada passo que dou, vejo as coisas mais detalhadamente. Há marcas de pneus e freadas no asfalto. Embora logo à frente, haja uma curva sinuosa. As marcas de pneus no chão, além do cheiro, são recentes.

Alguém o havia perseguido, encurralado e lançado para fora da estrada. Não há dúvidas. Mas por que se o alvo sou eu?

Paro entre o meio da estrada e o carro e, olho ao redor novamente à procura de meu algoz em vigia. Espero por segundos intermináveis. Nada além do barulho das folhas de árvores e a

cantoria de algumas cigarras perto daqui.

Um grunhido baixinho chama minha atenção para dentro do carro. Eu avanço.

Encontro-o caído entre os dois bancos, o corpo contorcido de forma estranha. O movimento respiratório em seu peito e os novos gemidos que ouço, me certificam que apesar de ferido, Dylan está vivo.

— Dylan! — escancaro a porta e tento movê-lo com cuidado. — Dylan!

Seus olhos piscam algumas vezes como se procurasse se orientar.

— O que aconteceu aqui? — ajudo-a sentar de uma forma mais confortável, embora cada movimento, o faça gemer

mais. Noto os fios de sangue deslizarem por sua testa, no lado esquerdo.

— Atiraram no carro — diz ele com a voz vacilante. — Tentei desviar, fugir, mas atiram nos pneus.

Ele cerra os olhos como se estivesse revendo mentalmente o que havia ocorrido ali.

— Por isso enviou a mensagem para mim? — soou mais como uma afirmação do que uma pergunta.

— Que mensagem? — pergunta ele levando a mão à cabeça.

— Para o meu celular.

— Não enviei mensagem alguma — Dylan me encara espantado.

É normal que ele esteja confuso e desorientado e espero que o ferimento

em sua cabeça não deixe sequelas graves.

Os planos haviam mudado. Terei que entrar em contato com Peter para que ele encontre outra forma de irmos para a casa que havia providenciado. Também terei que dispensar Dylan até que se recupere. Isso não me deixa feliz. Com ele por perto, eu conseguia ficar menos tenso em alguns momentos, pelo menos disfarçar para Jennifer a ebulição de sentimentos próximos a explodir dentro de mim.

— Enviou sim — mostro o celular a ele para que não se sinta como se fosse louco. — Veja.

— Sinto muito — Dylan me encara com firmeza. — Eu não envie. Quando

vi que estava sendo seguido tentei voltar para a cidade, mas atiraram nas rodas... Não me lembro de mais nada depois daí.

— A mensagem veio do seu celular, Dylan — insisto, alarmado.

— Acredite em mim, senhor Durant, eu não fiz isso.

— Onde está o telefone?

Ele procura nos bolsos da calça, mas faz isso com tanta lentidão que resolvo ajudá-lo. Não está com ele ou parte alguma do carro, concluo após fazer uma vistoria minuciosa nos bancos traseiros, em meios às sacolas de compras.

Que porra está acontecendo aqui!

O som da sirene ao fundo e os dois carros policiais que passam por nós em alta velocidade, seguindo em direção em

que vim me deixa em transe, enquanto observo-os através dos vidros da janela.

— Droga! Droga! — vocifero em voz alta. — Malditos!

Ficou tudo mais claro do que água para mim. Não estavam procurando seguir meu segurança. Queriam me atrair. Deixar Jennifer sozinha, uma presa fácil e eu caí completamente na armadilha.

Chuto a porta do carro até abri-la. Coerentemente seria mais fácil apenas levantar a alavanca, mas estou longe de agir como uma pessoa coerente.

— Dylan, você está bem? — pergunto alucinado ao sair do carro.

— Sim, senhor — murmura ele, cambaleando, aproximando-se com

passos curtos. — Vá. Ficarei bem.

— Eu... — olho para o ferimento em sua testa e me sinto culpado. É desumano deixá-lo aqui, assim.

Inferno! Eu não tenho alternativa. É minha família. Jenny e meus filhos precisam de mim.

— Vá, senhor — ele insiste em meio à palidez em seu rosto. — Alcanço-os em seguida.

Antes que eu consiga piscar os olhos, corro de volta à cabana em uma velocidade que daria inveja a qualquer maratonista olímpico. O medo pode ser nosso maior inimigo, mas também nos impulsiona. É como uma verdadeira meretriz, pronta a morder suas bolas, por mais que eu tente não entrar pânico,

ele está em prontidão, duelando comigo.

Corro como se meu corpo fosse apenas programado para isso. E respirar é apenas uma necessidade fisiológica. O gosto ácido e amargo que queima em minha boca, miscigenado a raiva que são tão intensos que faz meu corpo tremer tirando-me o foco de tudo. A culpa por tê-la deixado sozinha, martela em minha cabeça como um inquisidor implacável.

O suor começa a correr frio pelo meu rosto enquanto rezo para que eu os alcance a tempo. É inegável, chegamos ao fim da linha. As duas viaturas que passaram por mim a pouco estavam ao encalço de Jennifer.

Tudo o que fizemos, todo sofrimento

causado a nós mesmo e a nossa família havia sido inútil.

Corto caminho por dentro da floresta tentando ganhar tempo e reduzir a distância o máximo que eu possa conseguir. Alcanço o caminho de pedregulhos que leva a entrada. Por um momento, ao ver o espaço vazio, a parte de mim que acredita em milagres, pergunta-me se talvez não houvesse sido apenas um mal-entendido. A porta semiaberta e as mãos de aço em meu peito respondem que não.

Eu não caminho, sou arrastado para dentro por minhas pernas trêmulas e vacilantes.

Vazio!

Tudo o que há é um imenso vazio. E

não digo apenas da minúscula habitação iluminada por luzes amarelas e opacas. Haviam me lançado em um imenso e frio buraco negro de dor e solidão. Não sei exatamente em qual momento meus joelhos tocam o chão, mas posso dizer com precisão, o momento em que a primeira lágrima saltou de meus olhos.

Jennifer, meus filhos, ninguém.

Consigo sentir o perfume dela e o cheiro suave de loção de bebê. E se eu fechar os olhos, a sensação é tão intensa ao ponto de chegar a ouvir o som de suas vozes.

— Me perdoem! Sinto muito!

O grito enrouquecido ecoa pelo quarto silencioso de forma espectral. A percepção de que eu havia falhado,

outra vez. Haviam conseguido exatamente o que queriam, me reduzir ao nada. Preso dentro de mim mesmo, definhando dia a dia como a cela que a aprisionariam. Meu coração está cheio de ódio e a minha alma é um mero fragmento do que um dia ela já foi.

Tão somente, momentos sombrios pela frente. O que seriam dos gêmeos e Anne, sozinhos? Crescendo sobre olhares acusatórios e palavras cruéis? Sem o carinho e abraço apertado de uma mãe.

Minha pequena Anne que havia passado sua vida toda apenas com meu amor. Jennifer e ela haviam se entregado ao laço denso de amor entre mãe e filha que não havia causado apenas minha

admiração, mas meu profundo agradecimento aos céus por tê-la colocado em meu caminho.

Eu sabia que minha vida havia mudado completamente quando a vi naquele beco escuro. Não foi a surpresa de saber que era cega que havia me colocado em transe, mas o magnetismo daqueles olhos e a certeza de que eu jamais voltaria a ser o mesmo. Do nevoeiro cercado de solidão parcialmente preenchido por Anne, ao voo esplendoroso que a sensação de tê-la em meus braços proporcionava.

Agora... Novamente ao inferno.

— Senhor?

Ouvi a voz familiar e som dos sapatos, rastejando no chão de madeira

degastado. O toque em meus ombros, levemente pressionados, oferecendo um conforto que estou muito longe de sentir.

— Levaram-na, Dylan — dou voz ao que eu havia repetido mentalmente em minha mente.

Eu já havia chegado ao meu limite. Tudo que quero é saber se Jennifer está bem. Mesmo sabendo que isso seria impossível.

— Eu os vi, rapidamente, quando cruzei com eles na estrada, a caminho daqui.

— Como ela estava? — exasperei, pressionando-lhe os pulsos com força demasiada.

— Eu não sei dizer.

Respiro fundo, procurando controlar

o vulcão em erupção dentro de mim. Amo-a demais para me render assim. E esse amor que me impulsiona a continuar lutando.

— Há alguma possibilidade de usarmos o carro? — pergunto ao me levantar do chão frio. Eu já sabia a resposta óbvia para essa pergunta, mas preciso manter minha mente ativa de alguma forma.

— Sem rodas novas...

— Preciso encontrá-la — sussurro indo em direção à porta.

— Como fará isso? — Dylan me interpela. — Andando sem rumo por aí.

Estávamos isolados, mesmo que caminhássemos até a cidadezinha mais próxima levaria pelo menos um dia. Um

tempo longo demais para mim, os últimos minutos foram dolorosos o suficiente.

— O que você quer que eu faça? — vocifero, meu peito comprimido de angustia. — Esperar ajuda dos céus? Eles não têm me ouvido muito nos últimos dias.

— Ajuda divina é sempre bem-vinda, senhor. Mas eu penso em alguém mais próximo de nós.

Minha mão vai automaticamente para o telefone em meu bolso. Em busca da única pessoa capaz de me ajudar nesse momento.

— Neil? — a voz soou ansiosa. Havíamos acertado de entrar em contato apenas quando estivéssemos instalados

no novo esconderijo.

As coisas haviam piorado consideravelmente em Nova Iorque. A polícia fazia marcação cerrada com minha família e amigos e a imprensa insaciada por notícias de primeira página. Os pais de Sophia não deixavam a poeira baixar um único instante, amargurados e ávidos por justiça. Não os condeno apesar de tudo, faria o mesmo. Minha única indignação é o novo e surpreendente interesse em Anne.

Ninguém irá tirar minha filha de mim. Jamais permitirei.

— A polícia esteve aqui... — pronuncio com pressa.

— Porra!

—Preciso da sua ajuda — murmuro,

rápido. — Não posso explicar agora...

— Certo. Estou a caminho.

O bip do telefone avisa que a ligação foi encerrada. Eu disco o número seguinte na agenda. Eu não posso estar ao lado dela, mas jamais a deixaria sozinha.

— Adam! — rosno, num tom apreensivo, assim que ele atente ao telefone. — Jennifer foi presa. Preciso que vá encontrá-la. Levaram meus filhos também.

— Inferno!

Os protestos ensurdecadores são como uma injeção de adrenalina para mim. Reflete exatamente o que vai no meu íntimo.

— Diga a ela que eu a amo —

pronuncio com a voz falha. — Não importa o que aconteça. Hoje e sempre.

— Dylan... — mantive meus olhos nos dele, firmes como gesso. — Me conte exatamente o que aconteceu.

— Eu fui até a cidade como me pediu — ele começa, senta-se na cama e enruga testa ainda manchada de sangue como se quisesse reorganizar os pensamentos. — Eu não encontrei um dos itens da lista...

— Dylan!

É claro que eu precisaria esperar Peter aproximadamente por quase uma hora no mínimo, então eu preciso manter minha mente ocupada em algo que não me faça enlouquecer em meio essa impotência a qual estou preso. Lista de

compras não irá ajudar em nada com isso.

— Pensei em ir para cidade ao lado, mas como estava com pressa de sair daqui, resolvi voltar. No caminho, eu notei um carro atrás de mim, parecido com aquele daquele dia.

Concluo que seja o carro que nos interceptou quando fugíamos em direção ao aeroporto.

— Eu estacionei fingindo procurar alguma coisa e esperei que ele seguisse, mas pararam logo atrás de mim. Eu soube que não era uma simples coincidência. Tentei recuar, mas os tiros nos pneus impediram-me.

— Foi assim que você machucou a cabeça? — pergunto preocupado. —

Você está bem?

— Tirando a dor de cabeça infernal, sim — murmura ele, cerrando os olhos, levando a mão à cabeça. — Mas não foi uma batida no carro que causou isso. Foi uma coronhada de um revólver.

Faz mais sentido, já que não há vidros quebrados no carro ou qualquer indício de acidente. Pneus furados em uma estrada como aquela, não chamariam a atenção da polícia tanto quanto os vidros estilhados. Não quando o alvo deles era muito mais atrativo — a esposa assassina de um dos CEO's mais visado do país.

— Quando o homem desceu do carro e se aproximou, alguma coisa me chamou atenção... — Dylan murmura

esfregando os olhos. — Eu não me lembro. As coisas parecem nebulosas em minha cabeça.

— Não se preocupe com isso — forçar sua mente debilitada agora, só poderia piorar as coisas.

Além disso, Dylan havia feito por todos esses dias muito mais do que qualquer funcionário fiel. Havia sido um amigo. Não apenas por todos os anos que esteve trabalhando comigo. Sei que em grande parte é pela relação que tem com Peter. Não é apenas gratidão por ter sido fervorosamente indicado para trabalhar para mim. Há algo mais além. É como se estivesse em dívida. Eu sei que eles trabalham juntos na CIA, mas essa é uma parte do passado de Peter

que ele mantém a sete chaves. Eu nunca o forcei a se abrir, todos nós temos nossos próprios segredos.

— Quando voltarmos à Nova Iorque, você estará dispensado por uns dias. Para todos os efeitos, você estava de férias...

— Senhor, eu ...

— Você foi imprescindível até o momento — murmuro. — Creia, ainda precisarei de você, preciso que esteja a margem de tudo isso.

Dylan balança a cabeça em resposta. A verdade é que não acho justo arrastá-lo, ainda mais para esse precipício que havia se tornado minha vida. Há pessoas suficientes sendo arremessadas contra ele.

O ruído de uma freada abrupta lança-me porta afora. Entro no carro seguido de Dylan. Segundos depois, a M3 vermelha e cintilante, cruza a estrada como se estivesse em uma pista de corrida, cruzando a noite tão negra e fria quanto eu.

— Então, desembucha — Peter fala sem desviar os olhos da estrada de curvas insinuantes.

Relato tudo a ele dando plena atenção a todos os detalhes. Algo que pode ter passado despercebido pode ser importante para mente perspicaz de Peter. Eu já não possuo a mesma

capacidade de racionar com tanta frieza.

— Ele disse algo mais sobre o homem? — pergunta Peter olhando para o Dylan através do retrovisor. Ele dorme profundamente no banco traseiro. Verifiquei sua cabeça enquanto esperávamos por Peter. Além do corte que precisaria de alguns pontos, aparentemente os danos não foram graves.

— Dylan está meio confuso entre o inconsciente e a realidade.

— Ele irá se lembrar no momento certo — murmura ele. — Como você está?

Como eu estou?

— Sabe como é sentir que está prestes a perder a pessoa mais

importante de sua vida? A razão de sua existência?

— Não.

— Então nunca saberá como eu estou.

O restante do caminho é feito em silêncio sepulcral. Não é de minha natureza entregar os pontos, por isso me agarro à frágil e pequena esperança em mim. Independentemente do que aconteça, a sensatez e frieza terão que falar mais alto. Embora eu queira chorar como aquele garotinho que haviam afogado o gato.

Como eu havia esperado, a delegacia estava repleta de jornalistas como vampiros sedentos por sangue.

“Onde estive durante todo esse tempo?”

“A acusação pede prisão perpétua, como se sente sobre isso?”

“Como é estar em meio a um dos crimes mais chocantes das últimas décadas?”

Perguntas seguem incessantes e implacáveis enquanto abrimos caminhos em meio a eles.

— Não responda nada — os ombros de Peter arremessam um jornalista mais afoito contra a parede. — Não caia no jogo deles.

Seria um conselho viável se ele mesmo não estivesse brincado de arremesso de peso.

Chego tenso à recepção da delegacia. Escapar das câmeras e dos repórteres foi o mais difícil. Não é todos os dias

que a esposa de um magnata é presa em plena fuga sob acusação de assassinato. No dia seguinte, a notícia estamparia a capa de quase todos os jornais do mundo.

— Senhor Durant, — um oficial vem ao nosso encontro — peço que me acompanhe.

Apenas isso? Sem algemas ou um batalhão de polícias atrás de mim?

— Deixe que eu cuide disso, oficial Hurt — Adam surge atrás dele.

— Doutor Crichton, eu tenho ordens severas para...

— O Sr. Durant é meu cliente — ele interrompe de forma enfática. — Não há nenhuma acusação contra ele, apenas um pedido de depoimento. Iremos assim que

eu achar conveniente.

Do que ele está falando? Eu não só havia fugido com Jennifer, como eu também tinha arquitetado tudo nos mínimos detalhes, com a ajuda de Peter é claro, mas isso ninguém mais precisa saber. Tecnicamente, eu sou tão culpado quanto ela.

— Ouviu o que ele disse? — Peter se coloca a minha frente, os punhos cerrados pronto para brigar. — Ou vou ter que fazer entendê-lo?

O homem o enfrenta por alguns instantes, mas sai resmungando alguns segundos depois.

— O que está acontecendo aqui? — encaro Adam com olhar inquisitivo.

— Neil, eu sinto muito — diz Adam,

vindo ao nosso encontro. — Sei que estiveram muito perto.

— Adam!

— Inicialmente eu achei a ideia da Jenny absurda, mas...

A simples menção do nome dela faz todas as outras coisas perderem o sentido.

— Jennifer... — sussurro quase inaudível. — Onde ela está? Os bebês?

— Vou levá-lo até ela — diz ele, a caminho do longo corredor onde pessoas transitam de um lado a outro. — Paige levou os gêmeos para casa dela.

Isso me deixa aliviado. Paige e Richard cuidarão bem deles.

— Tem que tirá-la aqui, Adam! — respiro fundo, procurando recuperar o

controle.

— Eu tenho que ser sincero — murmura ele. — Será muito, muito difícil. A tentativa de sair do país foi um atestado de culpa.

— É agora que você vem com o velho clichê “eu avisei.”

— Não — murmura ele. — Não que tenha sido a melhor coisa que fez, mas eu entendo.

— O que vai acontecer agora? — pergunto aturdido.

— Jenny será interrogada — diz ele. — Apresentarão todas as provas contra ela e depois irá a julgamento. Sugiro alegarmos legítima defesa.

— Mas ela é inocente! — retruco, apressadamente. — Acredita nisso, não

é?

— Eu acredito, mas o promotor, o júri e todas as outras pessoas, terão outra ideia — explica ele. — Precisamos de tempo e teremos dois pontos a nosso favor. O histórico de Sophia, o fato de que Jenny estava grávida quando tudo aconteceu, além de separá-la dos gêmeos, pode comover as pessoas.

— Eu quero o verdadeiro culpado pagando por isso, Adam! — murmuro irritado. — Não a piedade dos outros.

— Então acho melhor começarmos a procurá-lo e logo — diz ele, dessa vez num tom mais baixo. — Eu farei todo o possível para ajudá-la, mas não teremos muito tempo.

Passamos por algumas salas e paramos em frente a uma porta fechada. Os dizeres em negrito na placa prateada indicava ser uma das salas de interrogatório.

— Faremos isso — responde Peter as minhas costas. — Pode ter certeza. Cansei de brincar de gato e rato. E se minhas suspeitas estiverem certas... Mantenha-se forte. Não está sozinho nessa, Neil.

Eu queria questioná-lo. Perguntar o que eu não sei, mas a necessidade de vê-la é primordial para mim.

Entramos na sala vazia e minha decepção por não tê-la ali é gigantesca.

— Eu quero vê-la.

— Consegui alguns minutos a sós

para vocês dois — murmura Adam. —
Vão trazê-la para confrontar seus
depoimentos, precisam ser rápidos.

— O que está acontecendo?

— É melhor ela mesma lhe dizer, já
que duvido que eu possa convencê-lo.

A porta é aberta, primeiro entra o
policial, seguido de uma jovem de
cabeça baixa, meu coração salta no
peito. Parece frágil e indefesa. Nossos
olhos se cruzam, por um breve momento,
vejo a alegria brilhar em seu olhar ao
me ver, ser substituído pelo abatimento.

Um policial abre as algemas em seus
pulsos e a conduz até uma cadeira em
frente a mim. Gostaria de tocá-la,
estamos longe, muito longe, mesmo
estando tão perto, como se houvesse um

muro invisível e intransponível diante
de nós.

Capítulo 9

Amor...

*Ainda que eu falasse as línguas dos
homens e dos anjos, e não tivesse amor,
seria como o metal que soa ou como o
sino que tine.*

(I Coríntios 13: 1)

Jenny

A primeira reação que tive foi saltar na cama como uma leoa assustada, fazendo um escudo entre mim e os

meninos. Meu coração bate tão acelerado em meu peito que chega doer de tão comprimido que o sinto. Eu consigo visualizar cinco homens, talvez mais. Dois deles com armas apontadas para mim, como se eu fosse algum tipo de terrorista. Por Deus, eu sou apenas uma mãe tentando proteger seus filhos.

Estou paralisada com a dúvida entre encarar o homem com olhar hostil que me deu voz de prisão e o bebê que grita desesperadamente atrás de mim.

Pego o corpinho trêmulo prendendo-o forte contra o meu peito. Aos poucos Raphael emite pequenos suspiros sentidos. De forma desajeitada, eu seguro seu irmão em meus braços fugindo para o outro lado da cama.

Enquanto eles estiverem em meus braços, eu sinto que sou capaz de enfrentar qualquer coisa.

— O que vocês estão esperando? — o homem berra. As gotas de saliva saltando de sua boca retorcida de euforia e raiva — Algemem-na, imediatamente.

Eu pisco descontroladamente tentando livrar-me da barreira de lágrimas que se formam em meus olhos.

— Não!

O grito havia saído de minha boca, mas eu nem mesmo havia sentido, o nó queimando em minha garganta como ferro quente é denso demais para isso.

— Não... não... não — sussurro me prendendo contra a grade da cama

formando uma espécie de bola protetora entre eu e os bebês. — Por favor!

O homem negro que se aproxima de nós parece dividido entre a cena que vê e a aquilo que é obrigado a fazer. Encaro-o dessa vez com lágrimas rolando soltas por meus olhos. Meu corpo gélido e enrijecido, apenas o calor de corpinhos macios aquecendo meu peito fazem meu coração continuar batendo.

— Senhora... — ele senta ao meu lado da cama, os olhos não têm coragem o suficiente para enfrentar os meus. Estão focados em algum ponto além da minha cabeça. — Não dificulte as coisas.

Eu vejo o brilho metálico brilhando das algemas em sua mão.

Impulsivamente arrasto para o outro lado da cama, fugindo. No fundo, eu sei que não há nada que eu possa fazer aqui, além de prolongar a dor, mas a realidade de que irão tirar meus filhos de mim é pior do que qualquer pensamento obscuro ou pesadelo aterrorizante. A realidade é mais cruel.

— Eu mesmo faço isso — o homem hostil caminha pesadamente em minha direção.

— Não precisa ser desumano Hurt — o policial levanta ficando entre nós dois.

— Estou apenas cumprindo o dever, Scott. Não acredite nesses olhos fingidos e inocentes. Sabe muito bem o que ela fez. É uma assassina cruel e impiedosa.

— Isso a justiça ainda decidirá — o homem negro, agora conhecido como Scott retruca ainda fazendo uma barreira contra ele.

— Ouça, Sra. Durant, não vou algemá-la — ele murmura de costas para mim. — Mas tem que nos acompanhar. Pegue o que precisa para seus filhos e vamos. Isso é tudo o que posso fazer.

Balanço a cabeça, mesmo sabendo que ele não pode me ver. Eu havia conseguido, minutos, horas, quanto tempo eu não sei. Mas eles ainda estariam em meus braços.

— Eu ajudo — Uma jovem loira de porte mediano e uniformizada surge atrás dos outros homens.

Eu acredito que seja mãe ou tenha experiências com recém-nascidos. Ela sabia exatamente o que colocar, o que os gêmeos precisariam.

— Revistem cada centímetro — o oficial Hurt disse aos seus companheiros. — Encontrem o marido dela, não deve ter ido muito longe.

— O carro abandonado na estrada — um deles murmurou. — Talvez...

Meu coração que até alguns minutos parecia congelado em meu peito saltou desgovernado ao ouvir o que ele disse. Neil havia saído atrás de Dylan. Eu simplesmente recuso em acreditar que algo possa ter acontecido. Quanta dor eu seria capaz de suportar ainda?

— Pobre crianças — Hurt pronuncia

em tom de deboche. — Crescer com os pais na cadeia será muito difícil. Chegou a pensar neles? Por um minuto considerou que...

— Cala a boca, Hurt! — Scott esbraveja. — Já chega!

A raiva que sinto por esse homem desprezível e insensível só não é maior do que a dor da verdade nas palavras dele. Crescer sem o amor, carinho e proteção dos pais é doloroso, nos deixa um vazio desmedido, eu havia perdido os meus cedo demais.

Mas e, quanto a vê-los presos? A marca de um crime pesando sobre a cabeça. As pessoas podem ser ferais. Esse homem é a prova disso. E esta é uma mágoa que causaria a eles, na qual

jamais me perdoaria. Sendo inocente ou não.

— Não há nada lá fora — dois homens rompem a porta. — Ou ao redor do perímetro.

— Onde ele está? — as mãos de Hurt prendem meus braços com força, como garras, pouco se importando com os bebês em meus braços. — Pois é obvio que não fez isso sozinha.

— Eu não sei! — tento me afastar dele sem sucesso. — Ele não está comigo. Por favor, pare — o choro infantil me faz voltar às vias do desespero — está assustando-os.

Eu clamo a Deus para que ele não volte. Que o guie e proteja onde ele estiver. Basta apenas um inocente

pagando por um crime que não cometeu. Neil cuidaria dos nossos filhos, protegeria e daria todo amor negado a mim. Os amaria incondicionalmente, como havia feito comigo.

— Chega, Hurt — a mulher aproxima-se de nós e põe-se ao meu lado. — Vamos embora, não há nada mais aqui. Acho que o capitão não vai gostar nada da sua forma de agir, certo?

— Muito bem, Jones — murmura ele para ela, afastando-se de mim. — Já encontramos o que nos interessava.

— Vamos? — a oficial me auxilia a sair da cama, esticando os braços para Raphael. — Posso ajudá-la?

Se ela não tivesse feito a pergunta, talvez eu não tivesse notado meus

braços doloridos e formigantes devido ao peso de segurá-los por tanto tempo. Mas eles poderiam apodrecer e cair em pedaços antes que eu entregasse-os a algum deles. De alguma forma, eu sei que ao fazer isso, não haveria retorno.

— Não!

Caminhar até a saída, passo a passo, é como estar no corredor da morte.

“Não importa o que aconteça, saiba que amo você.”

As palavras de Neil parecem ressoar na cabana atrás de mim, quanto dou o último passo, olho em volta, deixando para trás o local que havia sido meu refúgio e paraíso, por curto tempo.

Assassina! Assassina! Assassina!

As palavras duras, cruéis e ofensas sem sentidos que ouvi quando chegamos à delegacia algumas horas depois, poderiam ter dilacerado minha alma e coração, se o pavor que estava rondando em meu peito assim o permitisse. O enxame de câmeras e jornalista não me assustaram mais do que eu esperava que está por vir.

Encontro-me em uma sala minúscula, há uma hora ou o que creio ter decorrido desde que chegamos, em um sofá marrom e desgastado pelo tempo, manchado de café, gordura e pequenas marcas de cigarro. Imagino que seja um

lugar para descanso. Aguardo apreensiva pelo momento que romperiam a sala e tirariam o bem mais precioso dos meus braços.

Eles se comportam como perfeitos príncipezinhos. Sinto que de alguma forma, eles compreendessem o pouco tempo que temos juntos e o quanto isso é valioso.

Começo a cantar *Somewhere Over The Rainbow*, suavemente. É um dos musicais que mais amo e, eles me encaram com olhar penetrante, como se estivessem hipnotizados ao som da minha voz. E cada um desses segundos é precioso para nós três.

As cores do arco-íris tão bonitas no

céu

*Estão também nos rostos das
pessoas que passam*

*Eu vejo amigos apertando as mãos
Dizendo — Como vai você?"*

*Eles estão realmente dizendo, eu...
eu te amo*

*Eu ouço bebês chorando e eu os vejo
crescer*

*Eles vão aprender muito mais
Que nós sabemos*

*E eu penso comigo mesmo
Que mundo maravilhoso*

*Um dia eu vou fazer um pedido para
uma estrela*

*E vou acordar bem longe das nuvens
Onde problemas derretem como*

balas de limão

*Bem acima dos topos das chaminés é
onde você vai me encontrar*

Eu toco cada pedacinho de seus corpos pequenos, memorizando-os. Os cabelos negros com pequenos cachos que enrolam nas pontas. Os pequenos olhos azuis, a única coisa que tinham herdado de mim. Cílios grossos e longos, como os do pai. Eu sempre havia admirado e invejado isso em Neil. Homens deveriam ser proibidos de terem cílios tão perfeitos assim. Meus pequenos arrasariam muitos corações, apenas com um piscar de olhos. Quantos momentos assim, eu perderia com eles?

*Além do arco-íris pássaros azuis
voam*

*E o sonho que você ousa sonhar
Por que, por que eu não posso?*

*Em algum lugar além do arco-íris
Lá no alto*

*E os sonhos que você sonhou
Uma vez em uma canção de ninar*

Talvez essa seja a última canção de ninar, mas eu guardaria na memória para toda vida e sei que eles também. Em algum lugar de seus corações, eles teriam a certeza de quanto os amo e amei.

— Jenny? — a voz grave de Adam interrompe esse momento terno.

— Adam! — murmuro quando ele me abraça.

Eu sinto um fio de esperança voltar a nascer dentro de mim. Eu dou vazão a toda dor existente em mim. Tudo o que viemos enfrentando é despejado em um mar de lágrimas e desalento.

— Pode chorar, querida — sussurra ele. — Está tudo bem.

Sinto tapinhas em minhas costas. Pequenos gestos que fazem lembrar de meu pai, quando me ensinava a andar de bicicleta, aos seis anos. Cada vez que eu caía e ou ralava os joelhos, ele me abraçava forte dizendo que ficaria tudo bem.

Afasto-me dele enxugando as lágrimas grossas em meu rosto. De certa

forma, envergonhada por minha fraqueza. Eu não estou mais sozinha no mundo, meus filhos precisam que eu seja forte.

— Tenho um recado que acho que a fará feliz.

— O quê?

Penso que seja algo de Paige ou mais provável de Anne. Pensar nela causa nova onda de dor em meu peito. A única coisa boa nisso tudo é que talvez agora eu possa vê-la.

— Aconteça o que acontecer, eu a amo — ele diz, sem jeito. — Bem não eu...

— Neil... — gemo seu nome. Meu amor, minha vida, meu tudo. Pressiono a mão em meu peito, massageando-o em

busca de minimizar a navalha afiada que parece querer rasgar meu coração, quando minhas pernas já não me sustentam mais.

— Está vendo esses bebês, Jenny? — Adam ajoelha ao meu lado, em frente aos gêmeos, no pequeno Moisés, no canto do sofá. — É o motivo que você precisa para ser forte. É por eles que tem que lutar a cada dia.

Eu teria forças? Teria forças para enfrentar tudo isso? Quando meu único desejo é que esse pesadelo acabe.

Há alguns meses, eu planejava uma nova vida. O quarto dos bebês. Meu dilema era entre paredes azuis ou amarelas. Minha única aflição era a saudade que teria de meus grandes

amigos. Principalmente de Paige, minha amiga louca e completamente sem juízo.

— Eu vou — murmuro, determinada.

Eu daria minha vida por eles, eu não preciso declarar isso. E sei o quanto Adam tem razão. Eu tenho que encontrar forças de algum lugar.

Além do arco-íris possa existir a esperança que eu não possa ver. Eu havia perdido minha irmã, meus pais, a visão, quase perdi Kelvin, Neil e continuo aqui. Não vou perder meus filhos, marido e o direito de estar com eles, principalmente o direito de ser feliz.

— Me ajuda? — pergunto, estendendo a mão a ele.

— Sempre! — responde ele,

apertando minhas mãos com firmeza.

Embora Adam tenha tentado disfarçar a emoção, vejo o brilho úmido em seus olhos contrastando com o semblante endurecido.

— O que acontece agora? — pergunto, angustiada.

— Eu tenho que ser sincero, Jenny — diz ele. — Será muito, muito difícil. A sua tentativa de sair do país e ficar foragida por todo esse tempo, foi praticamente um atestado de culpa.

— Será interrogada — continua ele — e apresentarão as provas contra você.

— Provas? — pergunto atordoada.

Adam levanta, andando de um lado a outro da sala, mãos na cintura e um olhar gazeado. É a primeira vez que o vejo no

modo advogado e imagino que esse olhar perspicaz e felino, deva ser ainda mais evidente em uma sala de audiência. De uma sagacidade impressionante, Adam não é o tipo de homem que deixa passar algo despercebido.

— Todas as evidências apontam para você, Jenny — ele pontua. — Local do crime, arma e um motivo.

— Motivo! — exalto-me elevando a voz mais do que gostaria. Gabriel se assusta e o pego para acalmá-lo. — Por que eu teria motivos para matar aquela bruxa?

O olhar interrogativo e as sobrancelhas arqueadas dele, respondem a minha pergunta. Eu a odiava e o sentimento era recíproco. Sim, eu teria

milhões de motivos para querer matar Sophia. Primeiro, toda a angustia que ela causou a Neil antes e depois de casada com ele. Segundo, todas às vezes que fez Anne sofrer e se sentir desprezada. Ainda há o escândalo que fez na loja de roupas quando cheguei a ameaçá-la na presença das vendedoras e outras testemunhas, o boneco vodu horrível que enviou a mim no início da minha gravidez e, por último, e não menos importante, a armadilha que me levou à casa dela no dia de sua morte.

— Eu sei que teria todos os motivos, mas eu não fiz isso — pressiono o corpo do bebê contra o meu. Como se isso me desse a força e coragem que necessito. — Sabe disso, não é?

Mesmo tendo todo mundo, todas as pessoas que enfrentei lá fora contra mim, se Neil e meus amigos estiverem ao meu lado, eu sei que conseguirei sair de cabeça erguida, não importa como isso acabe.

— Eu sei que não, Jenny. Conhecendo a bruxa como eu a conhecia, não a condenaria se tivesse feito. Ela teve um fim merecido — murmura ele, brincando com as perninhas do bebê. — O inaceitável é ter atingido você.

O gesto me pega de surpresa. Adam nunca foi muito próximo a crianças. Não que não goste delas, mas prefere manter-se a distância. Isso me lembra o filho dele e Penélope? Seria menina ou

menino? E o que os dois haviam decidido sobre isso?

Essas perguntas são esquecidas assim que a porta é aberta de forma abrupta, seguida da voz exaltada de Paige.

— Pois então me prenda e não fique ai parado! — ela encara o policial de prontidão do outro lado da porta.

— Paige! — eu a chamo, preocupada que possa fazer alguma estupidez e ao mesmo tempo emocionada em revê-la após tanto tempo.

— Jenny! — ela caminha apressadamente até mim e para ao ver o bebê em meu colo. — Oh meu Deus!

A garota impertinente, boca dura e raivosa dá lugar a uma chorosa de colegial. Há apenas alguns dias, a

incerteza de voltar a vê-la corroía meu coração. Agora tenho junto a mim, minha amiga, minha irmã de alma. Enquanto as lágrimas descem soltas, literalmente banhando nossos rostos, eu compreendo o quanto senti a sua falta.

— São tão lindos — diz ela, ao nos afastarmos um pouco. — Queria ter estado lá quando nasceram.

Sim, ela apreciaria muito, penso ironicamente. Brigar com o Neil, rir do Peter desmaiando e conseqüentemente, iria desistir de ter filhos por longos anos após me ver gritar e gemer de dor.

O burburinho lá fora chama minha atenção. Richard conversa, na verdade, parece discutir com o policial que faz a guarda e que ainda parece muito irritado

com a afronta de Paige.

— Paige? — Adam cruza os braços com olhar recriminatório.

— O quê? — Paige funga, balançando os ombros, secando os olhos. — Ele não queria me deixar entrar. Quem ele pensa que é?

— A lei? — Adam retruca, irritado.

— Desculpe, ok? — murmura ela, pouco convincente, enquanto senta ao lado de um balbuciante Raphael. — Oi lindinho, sou sua tia Paige.

Ele olha compenetrado para ela, que faz sons e gestos esquisitos, similares aos que todos os adultos imaginam que façam os bebês rirem.

— Pedi que ajudasse, Paige — ele esbraveja — não que criasse mais

confusão.

Ajudar? Em que ela poderia nos ajudar, além de seu apoio e compreensão?

— Sr. Crighton, sabe muito bem que é permitido apenas a presença dos advogados até que a indiciada faça seu depoimento — Hurt, o policial odioso, rompe a sala bufando como um touro — e seu tempo com sua cliente está findando.

— Essa é uma situação atípica, oficial Hurt — Adam responde, calmamente. — Há menores envolvidos e...

— Já solicitamos a presença da assistente social. Está a caminho para levar os bebês. Serão bem cuidados no

abrigo infantil...

— Não! — meu grito angustiado chama atenção de todos — não!

Aperto meu filho em meus braços e dou alguns passos inconscientes para longe dele.

— Paige... — soluço, encarando-a através da cortina de lágrimas vendendo meus olhos — por favor.

— Não vão fazer nada, Jenny — sussurra ela em meu ouvido, enquanto me abraça. — Eu prometo, fique calma.

— Hurt, eles têm família — diz Adam, num tom impaciente. — Os avós estão vindo para cidade, até lá, a Sra. Delaney é responsável pela guarda.

— Não é você que decide isso! — Hurt objeta.

— Não, é o juiz e saberia que o Sr. e Sra. Delaney têm autorização se tivesse olhado o documento que mandei entregar em sua mesa. Mas preferiu atormentar minha cliente em vez disso.

Eu sabia que cedo ou tarde o momento da separação chegaria. E eu compreendo que aqui não é o ambiente natural e tranquilo para eles, que como mãe, eu quero uma casa quentinha e aconchegante. Mas a dor de vê-los partir, deixando meus braços vazios e alma despedaçada. Mães, não deveriam perder seus filhos em nenhuma circunstância. Nenhuma deveria passar pela dor que sinto.

— Vocês têm mais quinze minutos — murmura Hurt. — Depois você será

conduzida à sala de depoimentos.

— Eu vou cuidar bem deles, Jenny.

— Choramiga Paige, com o bebê nos braços.

Eu olho para o meu filho em meu colo. O nó em minha garganta dificulta-me respirar.

— Um dia eu terei você de volta — sem que eu possa evitar, uma gota de lágrima toca a bochecha rosada. Deslizo o dedo por ela, acariciando-o com delicadeza. — Eu amo você, meu filho.

Richard se aproxima de nós pegando-o de mim. Mil navalhas rasgam meu peito. Um sofrimento diferente, de que tudo que já senti.

— Por favor... — bato o punho cerrado contra os lábios, tentando

controlar a dor visceral que faz meu corpo tremer. Esse é momento que o abraço de um amigo significa tudo.

E enquanto Adam me abraça forte, eu os vejo partir. Soluçando, gemendo e contorcendo-me de dor. Suprimida por uma dor que nada e ninguém poderá amenizar. Eu tive apenas poucos e preciosos momentos. Tão poucos.

— Ahhhhhh... — agarro-me a ele, em busca de ar, forças ou qualquer coisa que me mantivesse viva — ahhh...

Quanto tempo eu tinha ficado ali, destruída, eu não sei. Só havia notado que estava no chão, quando o oficial

Hurt ressurgiu, encarando-nos desconcertado.

— Hurt — Adam murmura, rouco.

— Certo — ele limpa a garganta saindo em seguida.

Pouco me importo se ele vai ou fica. Tudo o que me importava havia partido ao que para mim, já era um tempo longo demais. Minutos que já haviam se transformado em eternidade.

— Ei, lutadora? — Adam segura meu queixo, obrigando-me a encará-lo. — Vai desistir agora? Quer que aqueles bebês pensem que a mãe deles é uma derrotada?

— Não — soluço. — Não, eu não quero.

— Então vamos vencer isso aqui. —

Ele sorri, confiante.

— Como? — pergunto num muxoxo.

— Comece contando tudo o que aconteceu desde que recebeu a ligação de Sophia, até hoje.

É angustiante reviver esses momentos, mas se é fundamental para solução desse caso. Eu os enfrentaria.

— A senhora alega inocência, o que a levou a fugir, então?

Alec Müller, o investigador responsável pelo andamento do caso, pressiona-me pela milésima vez, enquanto seu amigo me analisa com olhos de águia, à espera que eu dê um

passo em falso.

— Eu tive medo — balbucio nervosa
— medo do que aconteceu hoje.

— O que quer dizer? — ele parece
confuso.

— Que tirassem meus filhos de mim
— busco ar em meu peito. — Mas isso
acabou acontecendo, no fim.

— E só agravou a sua situação a cada
dia.

O que posso dizer a ele? Que Neil e
eu, entramos em um estado de desolação
e desespero que ninguém jamais
conseguiria entender. Eu não me
arrependo de nada. Posso ter tornado
pior as acusações contra mim, mas nada
compensará os momentos que nós quatro
tivemos juntos. E se nossa ruptura fosse

logo após o parto, como temíamos, eu morreria literalmente.

— Recapitulando, senhora Durant — ele senta na quina da mesa. — Recebeu uma ligação da vítima dizendo ter sequestrado a própria filha. Foi sozinha até a casa dela, mesmo sabendo que era “perigosa.” Tiveram uma discussão onde acabou atingindo-a com a faca...

— Eu só me defendi! — levanto-me exaltada. — Aquela louca ameaçou meus filhos.

— Sente-se, senhora, ainda não acabei.

Encaro Adam, ainda exaltada, minhas unhas cravadas nas palmas das mãos, por sorte, as tinha cortado no dia anterior, pois tive receio de machucar os

gêmeos ou minha mão estaria em carne viva. Ele me encara firme e balança a cabeça para que eu sente.

— Então, após deixar a vítima se esvaindo em sague, a senhora fugiu, trancou a porta e deixou que morresse sozinha. Isso é inocente?

— Já disse que a deixei viva — apoio minha cabeça contra a mesa fria de ferro.

— Voltou para casa e contou ao seu marido o que havia acontecido — continua ele — que por sua vez, foi terminar o que você havia começado, mas chegou tarde demais para isso.

— Não!

— Investigador — Adam coloca-se entre nós dois. — Não está aqui para

distorcer os fatos, limite-se ao depoimento da minha cliente.

Eu queria arrancar o sorriso de boche desse homem à unha. Pela terceira vez, eu repito o que aconteceu, e ele a cada vez, muda a história. Estou exausta, psicologicamente abalada e tentando fervorosamente não me contradizer no que diz respeito a Neil. É claro que ele não acredita na versão que dei a ele, mas ninguém tem provas de nada e eu não mudaria uma única linha.

— Certo — murmura ele. — Será conduzida à cela provisória até ser transferida. Estamos em busca do senhor Durant e veremos o que ele tem a dizer.

— Quero alguns minutos com minha cliente. — Objeta Adam.

Ele não responde, mas sai deixando-nos sozinhos por um tempo.

— Promete que vai convencê-lo? — sussurro assim que a porta é fechada.

— Acredita mesmo nisso, Jenny? — Adam esfrega os olhos, desanimado. — Porque eu não.

Sei que Neil dificilmente entenderia a decisão que tomei e, que se pudesse, assumiria a culpa. Mas de alguma forma, eu preciso convencê-lo de que estou fazendo o melhor por nossa família. Por Anne, pelos gêmeos e por ele também.

— Eu farei isso — insisto com fervor. — Consiga que ele me ouça primeiro, Adam.

— As coisas não funcionam assim, Jenny.

— Eu não vou mudar uma única linha —
— revido, determinada — Será a
palavra dele contra minha.

— Como seu advogado, discordo —
ele suspira. — Como seu amigo, eu
entendo. Verei o que posso fazer.

A cela da delegacia não é como
imaginei. Confesso que havia feito em
minha mente uma pintura bem mais
aterrorizante. No entanto, decorado por
apenas uma cama minúscula, condiz
exatamente com meu interior. Frio e
vazio. A parede gelada contra minhas
costas, já não incomoda tanto. E os

joelhos que sustentam minha cabeça há quase uma hora, estão tão dormentes quanto o resto do meu corpo.

É fácil se manter forte com as pessoas ao seu lado incentivando-o, mas quando as portas se fecham, o mundo volta a ficar negro. Eu queria ter ficado com alguma coisa deles. Uma muda de roupa com seu perfume de bebê.

O ranger da porta assusta-me, fazendo com que me encolha contra a parede.

— Senhora Durant, — vejo o policial que havia sido gentil comigo na cabana, o mesmo olhar bondoso de antes — preciso que me acompanhe.

Agora notando com mais calma, concluo que tenha uns cinquenta anos

mais ou menos. Parece-me um daqueles policiais viciados em café e rosquinha que eu assistia nas séries de TV e, não duvido que muitas das marcas que vi no sofá na outra sala, tenha a contribuição dele.

— Sinto muito — diz ele, ao estender as algemas em minha direção.

Observo o metal frio circular os meus pulsos e me pergunto para onde estão me levando. Imaginei que demoraria algum tempo ainda até ser transferida para uma penitenciária.

Ajude-me a ser forte, senhor, rogo aos céus. Sei que posso encontrar todos os tipos de pessoas ali e, estaria mentido se não dissesse que estou apavorada.

Sigo fazendo esse mantra até a sala que estive anteriormente. Onde vivi o momento mais doloroso de toda minha vida. Scott abre a porta e entra. Exaurida, respiro fundo, fechando meus olhos.

Ele está aqui! Ergo a cabeça e nossos olhos se conectam imediatamente. É como acordar de manhã, abrir a janela e depara-se com um imenso sol brilhante. Tudo em mim reflete luz quando estou perto dele.

Até o momento que as amarras de ferro, restringindo meus movimentos, puxam-me de volta para realidade.

Não há céu sem nuvens. Não para nós dois.

Capítulo 10

*Amar não é olhar um para o outro, é
olhar juntos na mesma direção.
(Antoine de Saint-Exupéry)*

Neil

Ignoro qualquer protocolo estúpido que possa existir. E assim que suas mãos são libertas, eu a tenho presa em meus braços. Prendo-a como um casulo em volta de mim. Foram horas intermináveis de angústia e separação.

— Eu te amo — sussurro em seus

cabelos — amo tanto.

— Dez minutos, Sr. Crighton — alerta o policial que a trouxe. — Foi tudo o que consegui.

— Também te amo — sussurra ela, em meus lábios — muito. Sempre e para sempre.

Minhas mãos afoitas acariciam seu rosto, cabelos, ombros e cada parte de seu corpo que minhas mãos alcançam. O beijo desesperado que trocamos unindo muito mais do que nossos corpos. Há um gosto agriçoce de saudade e desalento, de um tempo que erámos felizes.

Eu vejo de relance a porta sendo fechada a minha frente. Entregando a cada beijo sôfrego, todo meu amor e carinho. Nos olhos úmidos, lábios

entumecidos, pescoço, e cada um deles são brindados com palavras cálidas de quanto a amo.

Não é incompreensível que nossos corpos respondam ao desejo que prontamente se intensificam. É mais do que um desejo carnal, é uma necessidade de almas.

— Neil... — ela geme, quando meus lábios arrastam-se por seus ombros, pescoço e chegam ao lóbulo de sua orelha em uma mistura de beijos cálidos e exigentes.

Eu vejo alguma coisa em seus olhos, uma melancolia. Algo como uma despedida.

— Não! — seguro seu rosto com firmeza, conectando nossos olhos. —

Não é uma despedida... Eu não vou permitir isso.

Nunca seria. Eu a tenho impregnada em cada parte do meu corpo e mente, em todo lugar. Apoio o meu queixo em sua cabeça, sentindo o perfume adocicado de seus cabelos. Anne tem razão, há um leve aroma de algo semelhante a morango.

— Eu tenho que te contar uma coisa — ela ergue os olhos para mim. — Preciso ser rápida e tem que me prometer que irá entender.

Encaro-a confuso. E não é reflexo do momento arrebatador que tivemos antes. Lembro-me que Adam havia citado algo parecido.

— Eu neguei tudo — ele sussurra

baixinho, como se temesse ser ouvido.

É óbvio que sim. Refutaríamos essas acusações descabidas até o fim.

— Você jamais esteve comigo em momento algum — diz ela. — Planejei e fugi sozinha. Tudo o que fez foi tentar seguir meus rastros...

— Não! — afasto-me dela pela primeira vez. — O que você está dizendo?

Que espécie de homem babaca ela acredita que sou, pergunto-me transtornado. Um maldito covarde que irá deixá-la arcar sozinha com o ato impensado que tivemos. Se havia algum culpado aqui, esse sou eu. E eu nunca fugi das minhas dívidas.

— Tem que fazer isso! — suas mãos

gélidas seguram meu rosto, firme. —
Por nossos filhos... Por mim.

— Não!

— Neil... — sua mão acaricia meu
rosto como muitas vezes já a vi fazer
com Anne ou com um dos bebês, com
imenso carinho. — Por eles.

— Não pode me pedir isso — insisto
veemente.

Vejo-a dar as costas a mim,
afastando-se para longe.

— O que fará? — sussurra, os
ombros caídos. — Ser preso comigo?
Deixar nossos filhos órfãos de pais,
vivos só Deus sabe por quanto tempo.

— Jennifer...

Aproximo-me dela, vacilante.
Quando minhas mãos tocam seus

ombros, ela se afasta, como se o toque a queimasse.

— Não vou perdoá-lo por isso.

— Droga, Jennifer! — vocifero, virando-a de frente para mim. — Ninguém vai acreditar nisso, mesmo que queira.

— Não podem provar o contrário, assim como não posso provar que sou inocente. Viu? — ela sorri em deboche. — A lei e eu estamos quites.

— Eu não posso! — soco a parede a minha frente, tantas e tantas vezes até as minhas mãos ficarem dormentes.

Ela não tem ideia do que está pedindo-me. O quanto me dói vê-la sendo alvo de tanta crueldade.

— Não pode? Você sabe o que é ter

os braços vazios? — diz ela, a dor nitidamente estampada em seu rosto. — Tiraram meus filhos dos meus braços. Por nove meses eles estiveram aqui... Eu só tive alguns dias com eles.

As mãos trêmulas pousam no ventre levemente ondulado.

— Tem razão... — murmuro, abatido — eu não sei o que é ter os braços vazios, mas eu sei o que é ter um coração. Vão arrancar de mim a única mulher que amei.

— Neil! — suplica, suas mãos voltam a prender meus dedos entre os seus. — Tem que me tirar daqui. Só conseguirá isso se estiver livre.

Há lógica no que ela pede. Em meio a esse caleidoscópio de emoções, tudo o

que parece certo é errado. Não é o fato de mentir que fugi com ela que me destrói por dentro, mas o fato de que se está aqui é por minha culpa. Eu nunca deveria tê-la trazido para a merda da minha vida. Seja quem for por trás de tudo isso, deseja atingir-me ao feri-la. O que sinto é o monstro da culpa corroendo minha alma. Portanto, eu deveria pagar por isso, não ela. Nossos papéis estão inteiramente invertidos. Eu deveria mentir para protegê-la.

— Neil? — Adam retorna acompanhado do policial que a trouxe.
— Precisam levá-la.

— Jennifer — murmuro, prendendo-a a mim.

— Façam o que precisam fazer —

sussurra ela. Vejo-a se afastar de mim com os punhos esticados. — Lembre-se do que eu pedi. Fique fora disso. Por favor!

— Não! — grito. Adam coloca-se ao meu lado. — Jennifer...

— Ouça, Neil — ele sussurra apenas para que eu ouça. — Não deveria dizer isso, mas ela tem razão, não poderá ajudá-la se estiver preso.

O som metálico das algemas prendendo seus pulsos deixam-me estático. O olhar triste em direção a mim rasga-me ao meio.

— Por favor! — sussurro com passos vacilantes. Estão levando-a. — Não!

— Meu amigo... — Adam segura-me pelos ombros — não piore as coisas,

pense em seus filhos. Não vai ajudar nada ficando assim. Os dois serão presos.

— Eu não me importo!

Observo fracassado o homem a conduzi-la para a saída. Mesmo que tente mascarar a tristeza sob um manto de coragem, os ombros franzinos, curvados e o brilho desolador em seu olhar em direção a mim foi tão perceptível que meus joelhos sedem e eu caio, rendido.

Por dentro, meu coração faz aquilo que os olhos já não são capazes de fazer. Chora.

Eu fiz exatamente o que ela me pediu. contei parcialmente a verdade, pelo menos até o ponto em que voltei da casa de Sophia e descobri que havia morrido, após isso, foram mentiras em cima de mentiras. Algumas relativamente convincentes. Meu cérebro trabalha perfeitamente bem quando necessário. E eu farei tudo que for preciso para tirá-la daqui. Mesmo indo contra todas as minhas convicções.

— Então só a encontrou na última semana, ajudou-a com parto e tentou convencê-la a entregar-se.

— Sim.

— E onde esteve hoje, Sr. Durant? — Müller pergunta, desconfiado.

— Fui encontrar o meu advogado —

respondo evasivo. — Sabia que ele me ajudaria a convencê-la que provaríamos sua inocência.

— Confirma isso Sr. Crighton?

— Confirmo.

— Isso é ridículo! — Müller atinge a mesa com um soco. — Sabem disso, não é?

— Detetive Müller, — Adam levanta-se, impassível — seu trabalho é apurar os fatos. Deixe que o júri decida isso. Não encontram Neil ao lado dela e não há nada que prove que o que meu cliente diz, não seja verdade. Se não tem mais perguntas cabíveis, por hoje, acho que já é o suficiente.

Müller apruma o peito, cruzando os braços.

— Obstruir o andamento das investigações apenas levará sua esposa ainda mais para o buraco — insiste ele.

Eu sei o que ele está fazendo. Posso estar inegavelmente transtornado por tudo o que está acontecendo, mas eu não sou idiota. Ele não irá me manipular em um dos seus jogos de investigação. Já que eu comecei tudo isso, irei até o fim.

— Podemos ir? — Adam pergunta.

— Sim. Ficarei de olho em você.

— Deveria ficar de olho no seu trabalho e encontrar o verdadeiro culpado — ameço-o com olhar antes de sair da sala.

O homem é relativamente um idiota. Se por um momento ele apenas não olhasse para o que os olhos dele querem

ver, saberia que Jennifer é completamente inocente. Ela não é muito convincente com mentiras, isso todos poderiam notar sempre que negasse minha participação em sua fuga, logo está sendo honesta quando diz que não foi ela a dar cabo a vida de Sophia.

Maldita mulher, mesmo morta continua a infernizar minha vida. Eu poderia matá-la se isso já não houvesse acontecido. Dificilmente odiei alguém como a odeio agora. Suas artimanhas, jogos e crueldade nos trouxeram até aqui. O fim que teve foi muito pouco por todas as suas maldades. E não sinto o mínimo de culpa por pensar assim.

— Como a polícia soube que íamos sair do país? — pergunto a Adam, assim

que cruzamos a porta.

Essa é uma pergunta que martelou em minha cabeça por todo caminho até aqui. Alguém havia nos traído? Mas quem?

— Através de uma denúncia anônima — diz ele. Encaro-o com muita desconfiança.

O que fazer quando um amigo pode ser tornar seu mais vil inimigo e quais razões os levariam a isso? Adam, Peter, Liam e Dylan. Conheço-os há muitos anos, mas meu inimigo oculto também. Qual deles poderia ter feito isso. Verdadeiramente, custo-me a desconfiar de algum deles. A desconfiança é um bichinho que me corrói lentamente.

— Você está certo, Neil — diz ele, magoado. — Questiono tudo e todos, só

não desconfie das pessoas erradas.

Confiança. Uma palavra bonita, mas difícil de lidar quando tudo a sua volta parece desmoronar e não há luzes o suficiente para guiá-lo de volta.

— Vamos para minha casa — murmura ele. — Precisa de um banho, descansar um pouco.

— Prefiro ficar aqui.

— E cair de exaustão? — pergunta ele, erguendo a sobrancelha. — Temos uma longa batalha pela frente. Preciso da sua ajuda, faça isso por ela e por seus filhos.

Bem o que Müller não havia conseguido há poucos minutos, Adam havia tido muito êxito. Colocado o dedo na ferida com precisão. Eu faria

qualquer coisa por eles. Até mesmo enfrentar uma casa que uma vez foi repleta de sonhos e risos, mas agora se encontra vazia.

— Os gêmeos?

— Estão com Paige.

Sim, ele já havia me relatado isso. Olho para o relógio na parede e vejo que já passam das duas da manhã. Seria cruel tirá-los de sua cama quentinha. E por mais que Paige seja uma cabeça intempestiva, sei que está cuidando bem deles.

— Anne?

— Chegará amanhã com seus pais — ele sorri. — Poderá vê-la, finalmente.

Se há algo de bom em tudo isso, é o fato de rever Anne. Faço uma promessa

de que nunca mais ficarei afastado dela.
Não importa o que aconteça.

— Certo, mas eu vou para minha casa
— anuncio.

— Mas, Neil...

— Preciso ficar sozinho, Adam —
aperto seu ombro, tentando garantir que
aparentemente pelo menos por fora, eu
estou bem — Encontro-o amanhã cedo.

— Vou levá-lo para casa, então.

Aceito a carona, até porque ainda
deve ter alguns repórteres lá fora.
Aqueles abutres desprezíveis.

— Onde está o Peter? — pergunto,
agora, dando-me conta que desde que
encontrei-me com Jennifer, ele havia
desaparecido.

— Surgiu algo urgente — Adam

balança os ombros. — Eu não sei muito bem, precisou sair às pressas.

— Ok — balanço a cabeça, desconfiado.

Como imaginei havia alguns repórteres de plantão, mas dessa vez foi mais fácil desviar-nos deles. Sigo Adam até o carro, enquanto ele profere a velha e conhecida frase — Nada a declarar. Deixando-os frustrados e irritados ainda mais.

Adam liga o som do carro, quebrando o silêncio pesado. A música *Fix You* do Coldplay, umas das bandas que Jennifer ama, começa a tocar. Esse é um daqueles momentos em que uma canção parece ser a trilha sonora da sua vida. De alguma forma, em vez de deixar-me

triste, ela me impulsiona a seguir em frente. Como na letra, eu vou consertar as coisas. E quando todas as lágrimas banharem seu rosto, eu vou estar ali colando seu coração partido.

— Mantenha-se forte. Não está sozinho nessa — diz ele ao estacionar o carro após termos passado pela segurança.

Os dois homens de plantão parecem surpresos e felizes em me verem, recebo suas palavras de incentivo e seguimos em direção à casa.

— Tem certeza que ficará bem?

Bem? Bem o suficiente para não pegar a arma no cofre do meu escritório para atirar na minha cabeça. Ou bem para ter uma noite tranquila

armazenando energias para o que enfrentaremos?

Não estou bem para nenhuma das alternativas. Mas por Jennifer, eu vou ficar.

— Pode ir embora — sussurro, indiferente.

Adam diz alguma coisa na qual não presto atenção em nada. Despeço-me dele com sinal de cabeça e caminho até o bar.

O porta-retratos em cima do balcão atraindo-me como um ímã. A foto do nosso casamento. Olho em volta da sala há milhares de fotos nossas espalhadas pela casa. Vejo o rosto dela por todos os lados, sorrindo. Feliz.

Aliso a foto e as lembranças são

vividas em minha mente. Esse foi o dia que imaginei que ela havia se tornado minha, para sempre. Foi o que acreditei na época. Deposito a foto de volta no balcão. Tudo que vejo é uma casa vazia e sem vida. Uma fúria incontrollável toma conta de mim. Arremesso uma garrafa contra a parede, estilhaçando-a em milhares de pedaços, manchando a parede clara.

Disseram para ter fé, mas onde está Deus nesse momento?

— Onde está você! — arremesso uma cadeira contra a porta — Deus... se você existe, onde esteve esse tempo todo?

Meu punho já machucado voa em direção à mesa de vidro. A dor

anestesia-me por um momento.

— Onde você está? — soco-a repetidas vezes. — Por que não me deixa ser feliz? O que fez a você? Eu o desafio!

Com uma força que nem sabia existir em mim, levanto a tampa e vidro e arremesso-a longe. O barulho é estrondoso, ecoando pela casa.

— Não a tire de mim! — meus joelhos tocam o chão. — Não a tire de mim. Fale comigo! — suplico curvando contra o chão. — Ajude-me.

Não há sinais divinos ou anjos enviados do céu. Há apenas um grande silêncio acompanhado do vazio em meu peito. Eu choro, desesperado, como um bebê.

Ouço a vizinha assustada de minha filha. Já não sei o que é real, o que é sonho. Abro os olhos e encontro seu rostinho sempre feliz substituído por um olhar preocupado em minha direção.

Não sei quanto tempo exatamente permaneci prostrado em um canto próximo à janela, mas já havia amanhecido há bastante tempo. Olho em volta da sala e vejo o estrago por todos os lados. Não é por menos que Anne tenha ficado assustada.

— Anne — murmuro sem ter coragem de encará-la.

Não queria que me visse assim, destruído, nem que se assustasse com a cena.

— Papai — ela chora baixinho, segura minha mão ferida, seus dedos estão trêmulos ao me tocar. — Onde está minha mãe? Quem fez isso, papai?

— Não chore, Terremoto... — não consigo continuar. Há um nó preso em minha garganta, sufocando-me, então abraço-a forte.

Como senti sua falta, Anne. Não sabe o quanto.

Ficamos um longo tempo abraçados. Sem dizer nada um ao outro. Ainda temos muito o que conversar, mas por hora, preciso apenas tê-la junto a mim.

— Onde está minha mamãe?

O que eu poderia dizer a ela? Quando havia finalmente descoberto o que é amor de mãe, privaram ela disso. Quantas coisas minha pequena Anne havia suportado até aqui e quantas mais teria que passar?

— Está com muita saudade de você, Anne — murmuro, segurando seu rosto. — Saiba que ela a ama muito.

— Mas eu quero vê-la, papai! — choraminga. — E meus irmãozinhos. Não nasceram ainda, não é?

— Já nasceram, sim. Logo você poderá vê-los — pressiono o nariz dela com carinho. — São lindos, cabelos negros como os seus e os olhos azuis como os de Jennifer.

— Como no meu sonho! — ela grita

animada. — Eu sonhei com vocês outro dia. Papai, você leu minha carta?

Anne me encara com grande expectativa.

— Sim, era a carta mais linda que eu já recebi — vasculho meu bolso em busca da carteira. O papel está cuidadosamente dobrado dentro dela. — Ficou comigo o tempo todo.

Ela sorri orgulhosa e abraça-me forte novamente.

— Pai, não vai embora de novo, não é? — Anne pressiona meu pescoço com força. — Me leva com você, paizinho.

Suas palavras atingiram-me como um trem em alta velocidade. Como ficar imune a isso? A esse amor profundo e incondicional?

— Perdoe-me, Anne — murmuro. —
Nunca quis magoá-la, filha.

— Eu sei, papai — ela sorri. — Amo
você.

— Também te amo, filha — sorrio de
volta, após um longo tempo, eu consigo
sorrir. Anne sempre foi capaz de trazer
um sorriso em meus lábios, tirando-me
de meu mundo obscuro e solitário. —
Muito.

O som de passos chama minha
atenção. Noto minha mãe a alguns
passos de nós dois. Apesar de elegante
como sempre, ela parece abatida.

— Que tal guardar suas coisas no seu
quarto, Anne? — Lilian aproxima-se de
Anne, bagunçando seus cabelos. —
Estava louca para voltar para casa.

— Quero ficar com meu pai! — Anne choraminga, agarrando-se mais em meus braços.

— Depois, querida — ela insiste. — Seu pai e eu vamos dar um jeito nessa bagunça.

Anne olha em volta da sala, confusa e receosa.

— Vai, Terremoto — ela ri ao ouvir o apelido carinhoso que dei a ela. — Eu não vou embora.

— Promete?

— Eu prometo — estico o dedo mindinho a ela.

Anne me dá um abraço estreito e cheio de afeição antes de sair, mancando. Revolta-me que sua deficiência não seja o único obstáculo

que ela vem enfrentando. Apesar disso, ela nos dá uma grande lição de vida. Sempre enfrentando a vida com coragem e inocência.

— Filho?

— Mãe.

— Levante-se desse chão, filho — ordena ela, com a voz enrouquecida.

— Como se você se importasse — murmuro, amargurado.

— Eu me importo e muito — diz ela, com a voz triste, dando-se por vencida, sentando-se ao meu lado. — Acho que é hora de você saber sobre algumas coisas.

Há um ar de tristeza em seu rosto e, o mesmo brilho que muitas vezes detectei em seus olhos durante anos, uma tristeza

algumas vezes passageira, outras vezes duravam dias, que se intensificou após a morte de Nathan. Eu nunca fui capaz de substituí-lo, mesmo que eu quisesse.

— Eu conheci seu pai aos dezessete anos — murmura ela. — Ele estagiava na empresa do meu pai, foi amor à primeira vista.

Se me falassem nesse tipo de amor dois anos atrás, eu com certeza o veria com ceticismo.

— Só que meu pai tinha outros planos para mim.

— Parece uma linda história — digo, evasivamente. — Porém, no momento não me interessa. Eu tenho coisas mais importantes acontecendo aqui.

Será que ela não vê que o mundo está

ruindo sobre minha cabeça. Minha mulher presa em uma maldita cela e não consigo pensar em nada que eu possa fazer para ajudá-la.

— Papai queria que eu me casasse com um membro do parlamento inglês. Um homem bem mais velho e muito rico — continua ela, ignorando meu protesto — meu pai era um homem muito severo. Às vezes até agressivo.

— Lilian! — murmuro, irritado. — Não acho que é o momento.

— Ouça-me, deixe que eu termine — ela pede, fervorosamente. — Quando ele soube sobre seu pai e eu, fez com ele tivesse que voltar para casa. Eu estava grávida e papai ficou furioso comigo. Isolou-me em uma casa no campo e

quando o bebê nascesse, ele daria um fim na criança. Para todas as outras pessoas, eu estava passando férias no campo.

Essa é uma parte de seu passado que eu não conhecia. Meu avô morreu quando ainda éramos crianças. Nem ao menos o conheci. Tocar no nome dele sempre foi um tabu.

— O amigo do meu pai acabou se casando com outra jovem. Às vezes, meu pai me visitava, dizia coisas horríveis — murmura ela com voz hesitante. — Estávamos falidos e a culpa era minha, dizia ele. Algumas vezes até me agrediu fisicamente. Seu pai acabou nos encontrando quando soube que eu não me casei — ela

respira fundo — eu nunca mais voltei para Inglaterra. Alguns anos depois, soube que ele havia falecido.

Parece que o passado ainda a perturba muito. Mas não entendo onde quer chegar com isso.

— O que isso tem a ver comigo?

— Sempre soube que Nathan era diferente — ela engole em seco. — Quando se irritava, eu via algo do meu pai nos olhos dele. Mas recusava-me a acreditar nisso.

Eu não ficaria mais chocado se Jennifer aparecesse naquela porta e a polícia viesse atrás de mim. Ou se aparecesse um homenzinho verde.

— Eu não entendo...

— Você sempre foi tão calmo — ela

sorri, mas ele não chega aos olhos. — SÉRIO, compenetrado, mesmo quando bebê. Mas também sempre gentil. Nathan era mais exigente, ciumento.

A cada palavra que ela diz, eu vou ficando mais impressionado. O Nathan que ela descreve é completamente diferente do que eu achei que ela via.

— Lembra do seu gato?

Claro que eu lembro. Presenciar o seu bichinho de estimação ser afogado pelo seu irmão gêmeo, não é uma coisa que um garoto de oito anos esqueceria com tanta facilidade. Tive pesadelos por semanas.

— Eu sabia que Nathan havia feito alguma coisa — diz ela, num tom de voz ácido. — Só não podia acreditar

naquilo.

— Mas podia me colocar de castigo — digo num tom acusatório.

Aquele havia sido o momento que o laço entre eu e ela, de certa forma, havia se rompido.

— Eu coloquei o Nathan — defende-se ela — você eu pedi que fosse para o seu quarto para não presenciar a cena. Eu sabia como ficava quando era contrariado. E seu pai, sempre era muito duro com ele.

— Agora a culpa é do meu pai?

Aquela velha história de todos os filhos que o pai escolhe um e a mãe o outro.

— Eu tinha medo que ele se tornasse alguém como meu próprio pai, Neil —

murmura ela. — Amei-o mais do que pude e com o passar do tempo vi que esse mesmo amor poderia tê-lo estragado, não quis cometer o mesmo erro com você.

— Que coisa linda de se dizer — sussurro, magoadado. — Todo amor para ele, nada para mim. Isso porque me amava.

— Eu estava perdida — diz ela, curvando a cabeça. — Pais também erram. Perdoe-me.

Não sei o que dizer. Meu irmão era o rei da manipulação. No fim, você acreditava que a culpa de tudo o que ele fazia era sua. Quanta coisa poderiam ter sido evitadas por um simples; eu te amo.

— Depois, as coisas que fizeram na

adolescência, aquela casa, a garota que se matou por causa daquilo. As coisas que Sophia me contou, só me fizeram ver o quanto errei e o fracasso que era como mãe. Você foi ficando cada vez mais distante. Achei que havia perdido você também.

— Por que está me contando tudo isso agora?

Não vou dizer que eu entendo ou que passarei uma borracha em tudo o que aconteceu. Os erros do passado dela estão refletindo agora, em pessoas inocentes. Seja o que for que Nathan tenha feito a esse homem que nos persegue, deve ter sido algo grande ao ponto de querer vingar-se de mim e minha família.

— Quando você conheceu a Jenny, Sophia me disse que havia voltado para antiga vida... — ela pigarreia, envergonhada — de jogos. Fiquei horrorizada e quando vi que era cega. Não pude acreditar naquilo. Que pudesse ser tão cruel com uma jovem indefesa. Pensei que quisesse nos atingir através dela.

Flashes do dia que elas se conheceram, me vêm à cabeça.

“Não pode fazer isso, Neil. Seu casamento foi um erro, mas isso...”

“Não pensei que nos odiasse a ponto de querer vingar-se assim. “

“Saiba que é o único a se ferir, com essa decisão, é você, Neil.”

Pouco a pouco as palavras que na

época pareciam confusas começam a fazer sentido.

— Sei o quanto você adorava Nathan e queria se parecer com ele.

Adorava? Eu só queria que ela me enxergasse também. Vivia confuso entre tentar parecer-me com ele para agradá-la e o desprezo pelas coisas que ele fazia.

— Quando você sofreu aquele acidente e perdeu a memória, eu senti que estava tendo a oportunidade de ter meu filho de volta. Que era melhor para Jenny ficar longe de você. Por isso tentei afastá-la, ela foi muito persistente. No fim, eu vi que ela o amava de verdade e tive esperança que pudesse fazer por você o que não consegui.

Então, me afastei para que ela tivesse sucesso.

— Mamãe você tem ideia do que está falando?

Eu não sei o que me causa mais dor, o desprezo que sempre achei que teve por mim ou a ideia que fazia sobre meu caráter. Está certo que quando jovem, eu havia cometido alguns erros. Por muito pouco, eu não fui por um caminho destrutivo e irreversível como meu irmão.

— Mas quando soube da gravidez — ela continua como se não tivesse ouvido meu questionamento. — Não pude mais me manter afastada. Ouça, não acredito em nada do que os jornais estão falando. Sophia era mãe de Anne, por isso eu a

suportava, mas sei que não era nada santa.

Ela me encara firme.

— O pouco tempo que tive com Jenny e todo amor que vejo dar a Anne, me provam que ela não seria capaz de algo como isso e mesmo que tivesse feito, Sophia teria que ter dado algum motivo...

— Jennifer é inocente!

— Eu sei — diz ela, prontamente. — Quando seu amigo esteve em minha casa pedindo autorização para abrir o túmulo do Nathan, todas essas coisas vieram à tona. Eu não queria mais mexer nesse vespeiro doloroso. Todas essas coisas me fizeram refletir.

Lilian segura minhas mãos, as dela

estão frias.

— Conte comigo — murmura, com fervor. — Jamais vou deixá-lo sozinho de novo. Eu juro!

Questiono-me se não fui duro com minha mãe ou julguei-a com demasia severidade. Talvez eu tenha visto apenas o que eu quisesse ver. O caso de Jennifer é prova mais clara de que nem tudo é o que parece ser. Claro que não justificativa para sua apatia e falta de carinho comigo. Mas sei que me ama, vejo em seus olhos, mesmo quando procurou camuflar com altivez e indiferença. Sobre uma coisa, ela tem razão, pais também erram. Eu quase havia traumatizado Anne.

— O que me disse não justifica

nenhuma das suas ações, mãe — murmuro. — Como também, não justificam os meus erros. Mas também não adianta ficarmos remoendo para toda vida. Eu quero tirar minha esposa daquele lugar, começarmos uma nova vida juntos, em paz.

— Posso abraçar você? — pergunta ela, receosa.

Estendo meus braços em resposta. Enfim, eu encontrei algo que procurei a minha vida toda e que esteve por muito tempo guardado dentro de mim. O amor da minha mãe. É como se voltássemos no tempo. Aquele garotinho, solitário, finalmente está encontrando o caminho para casa e aquele laço com ela, foi refeito.

— Meu Deus! — a voz de Paige rompe a sala. — O que é isso?

Não sei se ela se refere à sala caótica ou à cena entre minha mãe e eu. Noto o carrinho duplo de bebê em frente a ela. Richard logo atrás com mais malas do que acredito que os gêmeos precisariam.

— O que aconteceu aqui? — Paige olha ao redor, com expressão de espanto. — A casa foi invadida?

Aproximo para vê-los mais de perto. Estão dormindo, parecem dois pequenos querubins. Meu peito transborda de amor ao contemplá-los.

— Não.

— A sua mão?

Olho para meu punho inchado. Há cortes e arranhões em todos os dedos.

Caramba, agora está doendo pra cacete.

— Que horas são? — pergunto desnortado. Pelo visto havia dormido mais do que eu tinha desejado.

— Quase dez horas. — Richard informa, colocando duas malas no chão.

— Isso tudo é dos gêmeos?

Minha mãe dá voz à pergunta em minha cabeça.

— Na verdade são nossas coisas — diz ela, com naturalidade, apontando Richard com os dedos. — Estamos nos mudando para sua casa por um tempo.

— Hã? — encaro-a cada vez mais confuso.

— Era só eu, mas Richard não sabe viver sem mim.

— Paige! — protesta Richard,

irritado.

Que a Paige é conhecida por fazer coisas impensadas todos já sabem. Que Richard embarca em todas as loucuras que ela inventa é de conhecimento nacional, mas dessa vez, ela havia superado todas as minhas expectativas.

— Olha, Neil. Prometi a Jenny que cuidaria dos bebês dela — ela começa com a voz trêmula. — Quando soube que ela vinha para cá fazer isso...

Essa que ela se refere é minha mãe.

— Acho melhor eu ficar aqui — ela sussurra. — Não confio nela.

— Que ultraje! — minha mãe cruza os braços indignada. — O que pensa que irei fazer com os meus netos?

— Eu não sei, mas não vou pagar

para ver.

— Eu não tenho tempo para isso — beijo os bebês nas bochechas e saio deixando as duas brigarem sozinhas. — Richard, sabe onde é o quarto de hóspedes.

Vou em direção à suíte, ele que se virasse com aquelas duas malucas.

Tomo um banho rápido. Passo pelo quarto que havíamos começado a decorar para os bebês antes dos planos da viagem. Anne está debruçada sobre o berço, brincando com eles. Paige e minha mãe no lavabo discordando de

alguma coisa.

— Sorria, Terremoto — peço a Anne que pose para a foto. Ela me dá um sorriso lindo, apesar da enorme janela entre seus dentes inferiores.

— Você vai trabalhar, papai? — pergunta ela, inocente.

— É, eu vou — de certa forma, eu não estou mentindo para ela. Ir atrás de pistas que inocentem Jennifer é minha prioridade de agora em diante.

— E minha mãe?

Ainda não sei e nem tenho cabeça para pensar no que dizer a ela. Meus pais conseguiram deixá-la afastada do que está acontecendo, mas não sei até quando essa situação se sustentaria. Crianças são espertas, Anne então.

— Logo ela estará aqui — abraço-a.

— Acredite.

— Posso voltar para escola?

— Você me perguntando da escola?

— brinco com a ponta de seus cabelos.

— Quero contar para o Thomas que os bebês já nasceram. Não vamos mais embora, não?

— Não — sussurro — não vamos.

Nossa realidade agora é outra.

Passo no escritório para usar o computador. Após finalizar, sigo em direção em saída. Encontro Richard apoiado contra a pilastra.

— Fugindo? — pergunto o óbvio.

— Faria o mesmo que eu, se tivesse em meio ao fogo cruzado — ele balança os ombros, gesticulando com os dedos.

— Uma é velha demais para cuidar de dois bebês. A outra é jovem demais e sem experiência para lidar com eles. E essa ladainha não acaba nunca.

— Quem me dera que meus problemas fossem esses — murmuro, amargurado.

Ele parece constrangido ao ver a discrepância entre as duas situações.

— Você está bem?

— Eu vou ficar — respondo descendo os degraus da entrada.

— Quer uma carona?

— Vou no meu carro.

Estou cansado de ter que ficar à mercê de outras pessoas. É hora de voltar a tomar o controle sobre a minha vida.

Capítulo 11

*O tempo é muito lento para os que
esperam*

Muito rápido para os que têm medo

Muito longo para os que lamentam

Muito curto para os que festejam

*Mas, para os que amam, o tempo é
eterno.*

(Henry Van Dyke)

Jenny

Pensar sobre o tempo é algo bem peculiar. Há apenas duas formas de

olhar para ele, reclamamos o tempo todo por não conseguir realizar todas as coisas que havíamos planejado ao decorrer do dia ou sentimos que ele se arrasta lentamente. Comigo é apenas mais um dos meus inimigos. Estou aqui apenas um dia e já parece-me uma eternidade longe de ter um fim. Como seria quando os dias se transformassem em meses... anos? Quando não restasse mais nada do que a lembrança de um tempo feliz?

A primeira palavra dos gêmeos seria mãe? Os primeiros passos, as primeiras conquistas. O primeiro dia na escola. Eu estaria ao lado deles quando tivessem medo desse mundo novo e desconhecido? E quando Anne

apresentar o primeiro namorado ao pai possessivo e ciumento?

Nunca pensei nesses pequenos detalhes antes. Só agora vejo o quanto são inestimáveis para mim. Aos mesmo tempo, é a esperança de que eu viva cada um desses momentos preciosos que me dá forças para seguir em frente.

— Sra. Durant, — a mesma policial baixinha que havia me ajudado com os bebês desvia minha atenção desses pensamentos melancólicos — Achei que iria precisar disso e de um banho. Vou acompanhá-la até o vestiário.

Noto algumas peças de roupa em suas mãos suaves. A discrepância do que se imagina de uma policial e a mulher delicada parada a porta na minha frente

é gritante. Mas esse é um outro caso em que as aparências enganam. A forma com que ela enfrentou Hurt e o olhar ameaçador que ela lançou a ele, faria qualquer criminoso bambejar as pernas. Creio que ela é o típico caso em que a inteligência supera a força.

— Obrigada — agradeço, recolhendo as peças de roupa na mão dela.

— Bem, isso é necessário... — diz ela, erguendo as algemas.

Poderia ser algo significativo para mim, mas na realidade mais do que meus pulsos o que realmente está sendo acorrentado é a minha alma.

Acompanho-a pelo corredor amplo. Algumas mulheres caminham de cabeça baixa outras lançam a mim olhares

duros, a qual prefiro ignorar. Há um clima pesado e tenso aqui. Imagino como será o ambiente frio de uma penitenciária. Ao lado de mulheres que a muito, perderem a fé e esperança.

— Estarei aqui na porta — diz ela antes que eu entre.

Não há muito o que dizer sobre o ambiente. Paredes nuas e brancas, uma fileira de pias cinzas fiadas na parede. Do outro lado a fileira de chuveiros, a única privacidade que oferecem são as paredes que os separam, não há portas. No entanto, no momento, isso não é algo que me incomoda.

A mulher havia sido gentil ao anexar ao kit de roupas, escova de dentes, pente e um novo pacote de absorventes,

embora o fluxo não seja tão forte como nos primeiros dias, ainda é constante e sinto-me agradecida por lavar corpo e alma traves do jato de água quente. Penteio os cabelos e faço uma trança frouxa.

— Estou pronta.

Estico o braço a ela.

— Ah... — ela sorri ao prender as algemas — Você tem visita.

— Neil? — pergunto esperançosa.

— Se você fala do homem alto e bonito, ansioso para encontrá-la eu acho que sim.

Confesso que a parte do “bonito” me incomodou um pouco, mas nada que supere a felicidade de poder vê-lo outra vez. E a sensação que tive foi de

encontrar o presente debaixo da árvore de natal que você desejou durante todo o ano.

O homem mais lindo, o sorriso mais perfeito e o amor mais intenso que meus olhos poderiam ver. E não é um exagero causado pelo infortúnio que encontro-me. Eu vivi muitos anos na escuridão. Mesmo que meus olhos ainda não pudessem ver, minha reação seria a mesma.

— Oi — sussurro como uma abobalhada.

Enquanto ele caminha até mim, meu coração dispara no peito e minhas pernas parecem gelatina. É absurdo que meu corpo reaja assim, afinal de contas eu sou casada com esse homem e

tivemos filhos lindos. Mas o que sinto é a mesma reação que tive quando o vi pela primeira vez, não dessa vez é bem mais intensa. Acho que amar verdadeiramente é assim, apaixonar-se várias vezes pela mesma pessoa.

— Oi — murmura ele, segurando meu queixo. O brilho da sagacidade ardendo em seus olhos — É tudo o que tem para dizer para mim?

— Eu te amo? — sussurro com a voz fraca.

— Melhorou muito.

Quando ele toca meus lábios com os seus, tudo a nossa volta deixa de existir. Eu nem mesmo atento-me ao metal frio acorrentando-me. A única coisa que sinto é sua língua macia dançando dentro

da minha boca, lentamente, doce, serpenteando em busca da minha e todo calor que o toque dele causa em meu corpo languido. Pendo em seu peito e me perco ali.

— A saudade que eu tenho de você,
— sussurra ele, entre meus cabelos —
Só não é maior do que o amor que sinto.

Droga! É inevitável que as lágrimas imerjam em meus olhos. Eu sempre fui por deveras uma pessoa emotiva, nas atuais circunstâncias essa característica torna-se aguda. E como sempre, ele tem o dom de desestruturar-me redondamente.

— Neil...

— Eu tenho algo que a deixará mais feliz — diz ele, secando as lágrimas de

meu rosto.

Noto-o tirar um papel do envelope branco em cima da mesa. E quando ele entrega a mim sinto os joelhos fraquejarem. Rapidamente sou amparada por seus braços.

Uma foto.

Os gêmeos, lindos e Anne. Todos felizes e sorridentes.

— Pensei que a faria feliz — diz ele, consternado, abraçando-me forte.

— Eu estou, acredite — sorrio para ele em meio as lágrimas — Muito feliz. Foi o melhor presente que você poderia me dar.

Aliso o rostinho deles através da foto, é como tê-los pertinho de mim de alguma forma. Pode parecer estranho

dizer isso, mas pela primeira vez nas últimas horas sinto-me feliz de verdade. Não por uma simples e preciosa foto, mas por saber que eles estão felizes. Isso é tudo o que me importa.

— Oh! — soluço, baixinho— Anne, tão linda.

— Ela tem pergunta muito por você.

— E o que disse? — pergunto tensa. Será que me desprezaria de alguma forma. Pensará que a abandonei?

— Ainda não sei o que dizer a ela — Neil respira fundo — Não quero mentir e ela acabar descobrindo por outras pessoas, mas também não quero que sofra mas do que já vem sofrendo.

— Diga a verdade a ela.

— Jennifer...

— A verdade, Neil — apoio minha mão em seu peito. Noto como o coração dele bate acelerado — Que sou inocente e que a amo muito.

Dói-me saber o quanto ele está suportando. Se as circunstancias fossem inversas eu estaria destruída. Ver o sofrimento da pessoa que se ama torna a ferida mais profunda.

— Farei isso.

Volto para o casulo de seus braços enquanto ele me põe a par dos últimos acontecimentos. A conversa franca com sua mãe, fico feliz que eles tenham se acertado e que alguns pontos obscuros entre eu e ela tenha se esclarecido. Eu já não guardava nenhum tipo de ressentimento contra ela desde o último

natal. Mas agora, é como se as mágoas houvessem ficado para trás. Até consegui rir da última e inacreditável ideia da minha amiga ir morar em nossa casa, arrastando o pobre Richard com ela. Richard é um homem de muita sorte.

— Precisava ver a cara dele — murmura ele, alisando meus braços — Eu não julgo, não como faria antes. Também não me separaria de você por nada no mundo. Richard é um homem de muita sorte.

É impossível não detectar a melancolia em sua voz. É exatamente como me sinto. Fragmentos desses momentos que passamos juntos tornam-se cada vez mais importantes.

— Acabou o horário de visita —

Hurt surge na sala quebrando nosso momento mágico.

Eu não sou do tipo cria raiva instantânea das pessoas, mas esse homem, desde o primeiro momento que o vi, definitivamente me causa uma grande aversão. Não apenas pela clareza com que demonstrar considerar-me culpada, mas pela forma atroz com que me trata.

— Eu virei todos os dias, amor — Neil acaricia meu rosto — E quantas vezes me permitirem isso.

Balanço a cabeça em concordância, retribuindo seus beijos.

— Eu vou tirar você daqui — diz ele com firmeza — Confia em mim?

Anuí com a cabeça.

— Eu confio! — afirmo, com a voz trêmula — Eu confio!

Eu desejaria ter o peito como do homem de lata se toda vez que nos separássemos ele levasse meu coração com ele.

Longe do Neil as garras de Hurt já não são tão delicadas. E olhar cheio de ódio agora é mais evidente. Até entendo que não acredite em mim, mas a maneira bárbara com que ele me trata é inaceitável.

— O que é isso? — ele arranca a foto das minhas mãos assim que entramos em minha cela.

— Devolva-me! — exijo, esticando os braços tentando recuperar a foto que ele mantém acima da minha cabeça — Por favor!

— Tão bonitinhos — diz ele, soltando um sorriso de escárnio — Quem é a garotinha na foto?

— Me dá — esforço-me para controlar a voz de choro. Não vou demonstrar fraqueza perto dele.

— Não é sua filha — Hurt estala a língua — Claro, é a filha da jovem que você assassinou friamente. O que seus filhos irão pensar ao saber que a mãe deles matou a mãe da irmãzinha. Pensou neles quando agiu tão friamente?

— Pare! — não consigo evitar que o grito estridente escape da minha

garganta, ferindo-a — Não tem esse direito.

— Não tem o direito de matar, mas você o fez.

— Por favor, senhor — se é a minha súplica que ele espera eu não me importo em proporcionar esse prazer macabro, contanto que ele me devolva a foto. É tudo o que eu tenho.

— Acho que isso talvez a faça refletir e contar a verdade.

Hurt me entrega a foto e prendo-a em meu peito como uma menina que havia acabado de recuperar a boneca perdida.

— Se realmente ama-os de verdade faça a coisa certa — ele libera as algemas e tranca a porta.

Afago a foto amassada tanto quanto

minha alma. Eu não vou chorar, digo a mim mesma. Não vou.

Não há muito o que fazer em uma sala fechada, além de pensar e pensar. Eu já pensei em todas as possibilidades e todas as pessoas que me odiassem o suficiente para arquitetar um plano tão incompreensível como esse. Não fui o tipo de pessoa a colecionar inimigos durante a vida. Aliás, só descobri o verdadeiro significado da palavra, com Sophia.

Mesmo quando trabalhei no clube e lá a rivalidade entre as garotas era aparente. Paige brigava muito mais com

elas do que eu. Ela não é o tipo que leva desaforos para casa, eu sempre fui mais comedida, centrada. Então, nada disso faz sentido para mim.

— Sra. Durant?

Ergo a cabeça para o homem que fala através da janela da porta — Visita do seu advogado.

Escondo a foto embaixo do colchão antes de acompanhá-lo e torço para que não seja um esconderijo óbvio demais. Não quero voltar e ter a desagradável surpresa de que aquele homem nojento havia levado embora.

Acompanho o jovem policial, esse ainda não conheço, rogando a Deus que Adam tenha alguma novidade sobre o caso. Não sei quanto tempo conseguiria

suportar isso aqui, ainda mais com Hurt rondando-me o tempo todo. E havia passado apenas vinte e quatro horas.

A primeira coisa que vejo ao entrar na sala é uma mulher morena, bonita e alta. O cabelo negro está preso em um coque severo, percebo que tem grandes e bonitos olhos amendoados, mesmo por trás dos óculos de grau.

— Como está Jenny? — Adam surge ao meu lado, próximo a porta.

— Bem — não é necessário responder o contrário, no fundo, ele sabe.

— Você é uma péssima mentirosa — ele retruca — Alguém anda importunando você?

— Não importa — respiro fundo.

Eu não quero parecer uma garota chorona. E também não quero que o homem fique ainda mais furioso comigo quando soubesse de minhas queixas.

— Hurt? — Adam me sonda.

— Ele só é um imbecil — faço pouco caso.

— Abuso de autoridade não é permitido — diz ele, enfático — Darei um jeito nisso.

— Não é preciso — meu coração pula no peito.

— Deixe que eu cuide disso, tudo bem? — ele pressiona meus ombros — Tenho boas e más notícias para você, por qual começo?

Acho que minha cota de coisas ruins, deveriam estar esgotadas, mas elas

parecem renovar-se a cada dia.

— Começa pela ruim — murmuro, sem ânimo.

— Em breve o juiz dará permissão para que seja transferida para penitenciária.

Uma coisa boa sobre isso é que me livraria de Hurt de uma vez por todas, por outro lado, quantos Hurts encontraria na penitenciária?

— E qual é a boa?

— Essa é Savanna — Adam apresenta a mulher que até então se manteve calada — A melhor criminalista do país. Irá ajudar no seu caso.

Eu não sei se eu choro ou dou uma risada histérica. Essa é a boa notícia.

Adam acaba de afirmar que meu caso é tão grave que preciso da melhor advogada dos Estados Unidos. Isso só deixa claro uma coisa: Irei a julgamento e tudo poderá acontecer.

— Você tem uma grande vantagem Sra. Durant — ela caminha elegantemente até mim — Eu acredito em sua inocência.

— Sim, eu tenho muita sorte — respondo num tom debochado.

— Tem sim — ela sorri — Se nem o seu advogado acreditasse, as coisas seriam bem piores, acredite.

— Conte a ela tudo o que aconteceu, Jenny.

— Outra vez?

Eu sei que estou sendo intragável e

que na verdade deveria estar agradecida que ambos estão se empenhando em tirar-me daqui, mas sinto que minhas forças estão esvaindo-se.

— Sempre deixamos algum detalhe passar despercebido — diz ela, puxando uma cadeira para que eu sente — Analisamos algumas provas e visitamos o local do crime e há coisas que não batem.

Essa nova informação traz uma nova dose de esperança em mim. Se falar sobre aquele dia terrível puder ajudar em alguma coisa eu falaria a cada segundo.

E foi o que eu fiz.

Capítulo 12

*Quando a boca não consegue dizer o
que o coração sente o melhor é deixar
a boca sentir o que o coração diz.
(William Shakespeare)*

Neil

Encontro-me no escritório de Adam há quase uma hora, aguardando-o e, odeio essa sensação de impotência. Sou muito paciente quando sei o que quero. Saber como agir e no momento certo, foi

o que salvou nossas empresas da falência, após alguns erros tolos cometidos por meu pai e, que as colocou de volta no que é hoje, uma das empresas mais lucrativas do país. Além do que, sou do tipo: “Se quer algo com urgência, faça você mesmo.”

Ficar aqui ansiando por notícias, não faz de mim uma pessoa mais serena hoje. Apenas o fato de que Adam havia ido visitar Jennifer com outra advogada tranquiliza-me. De acordo com a secretária dele, a mulher é uma das melhores especialistas do país. Então, desejo encontrá-los logo e saber tudo o que essa mulher poderá fazer para inocentar minha esposa.

Enquanto caminho em círculos pela

sala, chego à conclusão de que provavelmente nos desencontramos quando eu saí de lá, hoje de manhã. Normalmente, eu teria ordenado a minha secretária que confirmasse dia, hora e local de uma reunião importante. Agora, minha vida está de cabeças para o ar. Nem mesmo sei como andam as coisas no escritório, mas isso realmente não me interessa.

Adam tem mantido as coisas sobre controle durante minha ausência. Houve uma época em que eu pensava que o trabalho era tudo na minha vida. Lá eu me sentia feliz e realizado. Mas era apenas um esconderijo onde eu brincava de rei. Uma pálida sensação de felicidade.

Todo o dinheiro que tenho não serve de nada nesse momento; dinheiro, poder, fama, todas essas coisas não significam nada. Eu daria cada centavo que tenho por uma vida tranquila ao lado das pessoas que amo.

— Gostaria de um café, Sr. Durant?
— a jovem de cabelos cor de chocolate, pergunta da porta. — Água? Precisa de alguma coisa?

Desvio o olhar dos arranha-céus na cidade que vejo através da parede de vidro. Apesar dos prédios em volta é possível ter uma boa vista de boa parte da ilha de Manhattan e da Estátua da Liberdade ao fundo.

— Não — respondo de forma evasiva.

O que eu preciso ela não poderá atender, por mais eficiente que aparente.

Volto-me a contemplar a cidade. Nova Iorque é o meu lugar preferido no mundo. Embora já tenha viajado muitos países e todos os continentes, nada se compara a Grande Maçã Verde e toda agitação e barulho em torno dela. O lugar onde sonhos são almeçados. Todas as luzes tão fortes, que nos cegam, brilhando em meio a essa grande selva de concreto. Nova Iorque está no meu sangue, aqui encontrei a mulher que mudou não apenas minha vida, mas também minha alma.

Meu significado de casa é Nova Iorque. Meu significado de lar *Jennifer*. Vergonhosamente a pequena ruivinha de

olhos cor do céu, havia me transformado em um romântico ridículo, mas eu não me envergonho disso.

O telefone vibra afastando-me desses pensamentos poéticos. Ligação de Peter que vejo através do identificador de chamada.

— Neil?

— Por onde você andou? — pergunto aborrecido.

Peter havia desaparecido desde que chegamos à cidade. O que andou fazendo quando sabe que preciso dele mais do que nunca. Adam e ele agora mais do que nunca são fundamentais em nossas vidas.

— Investigando... — responde ele, comedido — lembra da mulher que

chantageou Sophia?

Recordo-me muito bem. Havia dado dinheiro a Sophia para que deixasse Jennifer em paz, mas claro que a maldita não havia cumprido o combinado. Quando me lembro do que havia feito a ela no lago. Abusar de uma jovem cega e indefesa era inadmissível para mim. A jovem sendo a mulher que estava loucamente apaixonado transformou-me em um homem alucinado. Por muito pouco, eu mesmo não havia antecipado a ida de Sophia para o outro mundo.

— Você a encontrou? — pergunto em alerta. — Falou com ela?

Se essa mulher possuía informações que ameaçavam Sophia poderá saber quem foi o autor do crime, isso, se a

mesma não tivesse dado cabo à vítima.

A última informação que soube sobre ela é que havia desaparecido logo após receber o dinheiro.

— Sim e não — diz ele. — Pode se encontrar comigo agora?

— Claro.

— Certo, anote o endereço e venha o mais rápido que puder.

Pego um bloco de notas em cima da mesa de madeira maciça e escrevo rapidamente, alguns garranchos compreensíveis apenas para mim, somente como garantia, já havia gravado o endereço em minha memória. Quinta avenida 520 em Manhattan. Não é muito longe de onde estou, graças a Deus, pois seria capaz de infringir todas as leis de

trânsito para chegar o quanto antes e confrontar essa mulher em busca de informações. Qualquer coisa, uma ínfima pista quer que seja que possa ajudar Jennifer. E eu arrancaria cada palavra dela, nem que fosse com meus próprios punhos.

— Natasha, diga ao Adam que precisei ir embora — aviso assim que cruzo a porta. Meu modo faça o que eu mando *agora*, ligado, chispando através dos meus olhos — ele deve entrar em contato comigo imediatamente.

— Farei isso imediatamente, senhor Durant — murmura ela, apressadamente. Antes que eu saia suas mãos já estão no telefone.

Retificando o que disse sobre a

cidade, há apenas uma coisa que me irrita — o trânsito. Encontrar uma vaga para estacionar é uma missão quase impossível. Após encontrar uma vaga próxima ao endereço que Peter passou, vejo-me encarando a fachada de tijolos azuis com letreiro em prata entre confuso e apreensivo.

Olho para a anotação em minhas mãos e imagino que só posso ter anotado o endereço errado.

— Neil! — Peter vem ao meu encontro, saindo do local que estive contemplando a pouco.

— O que significa isso? — aponto para as letras em prata que identificam o prédio.

Chief Medical Examiner

— O que fazemos no necrotério? — pergunto, intrigado. — É um péssimo lugar para um encontro não acha?

— Venha comigo — diz ele, sério, retornando pelo mesmo local que havia saído.

Eu tenho um sério pressentimento de que não irei gostar nada do que estou prestes a encontrar ali, dizimando qualquer esperança de que a verdade finalmente apareça.

Após passarmos algumas salas e corredores, paramos em frente à porta. Minha paciência já havia ido para estratosfera.

— O que fazemos aqui?

Um homem de jaleco branco a abre nesse exato momento. Nos encara por

alguns segundos através dos óculos de lente grossa. É franzino, cabelos oleosos, pretos. Se pessoas pudessem ser comparadas a animais, eu diria que ele assemelha-se a um texugo.

— São parentes da vítima? — pergunta ele, encarando-nos com interesse genuíno. — Vieram reconhecer o corpo?

Corpo? Vítima? De que porra ele está se referindo?

— Entrem, a cena lá dentro não é muito boa — murmura ele, com pouco tato. — Se precisarem de ajuda, não hesitem em chamar, preciso anexar esses formulários de identificação lá fora.

A sala é parecida com a que vemos em filmes; paredes claras, aparelhos que

eu não faço ideia para o que servem e um cheiro desagradável de formol e algum produto químico que não consigo identificar.

Há duas macas de ferro. Uma delas há um corpo coberto por um lençol branco. Não é preciso ter um QI elevado para saber quem eu encontrarei ali. Os cachos caindo fora do lençol, além da maca, confirmam minhas suspeitas.

Paola Sanches.

A única pessoa nessa sala fria que seria capaz de me dar alguma esperança, está morta.

— Era um corpo que você queria que eu visse? — fervo e raiva. Todas as nossas chances haviam esvaído. — Uma brincadeira um tanto macabra, não acha?

— Ferimento à faca — diz ele, calmamente, levantando o lençol, ignorando minha acusação. — Exatamente no mesmo local que Sophia. A pessoa que fez isso sabia o que estava fazendo.

O corpo já em um estado de decomposição não é agradável aos olhos, mesmo dos mais corajosos. O que me chamou atenção foi a familiaridade entre os ferimentos. Exatamente como os que me lembro de ter visto em Sophia, no dia de sua morte. Essa não é uma cena fácil de esquecer.

— Você quer dizer que a mesma pessoa que matou Sophia, matou essa mulher? Então vamos à polícia imediatamente!

— Calma, não é bem assim — Peter segura meu braço, impedindo-me de atravessar a porta. — Não há provas suficientes que conectem os dois crimes. Além disso, Sanches era uma prostituta, qualquer um poderia tê-la matado.

— Então por que estamos aqui?

— Não podemos provar nada ainda — murmura ele. — Mas estamos chegando em uma direção. Encontramos quem matou Sanches, consequentemente, quem tentou incriminar Jenny.

Peter só pode estar rindo da minha sanidade. Agora não temos um caso de assassinato para resolver, temos dois e francamente, não vejo saída para nenhum dos dois.

— Como você a encontrou?

— Estive na mira dela desde que desapareceu naquela época. Ela tem um filho pequeno, então não demorou muito para entrar em contato. Uma pena meus homens terem chegado tarde demais. Foram enganados e até agora não entendo como.

— Voltamos à estaca zero?

Vejo-o cobrir o corpo e apoiar as mãos contra a parede. É impossível não notar a tensão enrijecendo a montanha de músculos sob a camisa negra. Não que eu seja fraco, eu me exercito bem, mas Peter é um gigante que eu evitaria enfrentar se não o conhecesse. Eu vejo que ele está furioso, tanto quanto eu. Somos controladores. Esse sentimento de impotência deixa-nos arredios como

um leão faminto em sua cela.

— Eu tenho que te mostrar outra coisa — Peter me encara, compenetrado. — Vamos.

Chegamos à calçada e o sol de fim de tarde banha nossos rostos. Ele coloca os óculos escuros e vai em direção ao seu carro. Algumas mulheres na rua param para notá-lo, cochichando entre elas. Em outro momento, eu daria risada dessa situação, não deixaria passar sem uma boa piada.

— Eu prefiro esse aqui — a loira um pouco mais atirada que as outras, sorri abertamente para mim.

Em vez do sorriso charmoso que eu teria dado quando solteiro, porque nunca senti-me casado com Sophia, eu retribuo

com olhar duro.

— Veio dirigindo ou Dylan trouxe você?

— Deixei Calvin em casa, caso minha mãe ou Anne precise dele — com Dylan de férias, me resta ser meu próprio motorista.

Além disso, não são apenas homens uniformizados que dirigem para mim, são seguranças treinados. Eu posso deslocar um dos seguranças da empresa até Peter enviar outro, mas estou bem assim.

Sigo para o banco de passageiro, nem em sonho ele deixaria que eu chegasse perto do *SLS Electric Drive* turbinado. Ele até pode dividir suas mulheres em um jogo sexual ou outro, mas seus

carros, nunca.

O som do Metálica começou a tocar no carro, alto, potente, assim que entrei e continuou por todo caminho. Enquanto a música rola, meus pensamentos vagueiam entre passado e presente, em busca de algo.

— O que é isso? — pergunto ao vê-lo estacionar o carro em frente ao cemitério onde há a capela com o jazigo de nossa família.

— Prefiro que você veja — murmura ele. — Você não acreditaria se eu contasse... talvez sim, mas prefiro que veja com seus próprios olhos.

É irritante que ele me venha com a síndrome de Sherlock Homes agora. Cheio de mistérios e enigmas

indecifráveis.

— Procurei sua mãe assim que saí da cabana naquele dia. Mas, Lilian não quis colaborar, ela fez um verdadeiro escândalo — diz ele, enquanto seguimos pelo caminho de pedras que nos levará até a capela.

— Posso imaginar isso — nossa última conversa havia sido bem esclarecedora. Acho que o que ela quer é deixar o passado para trás. Eu gostaria do mesmo, se ele não estivesse assombrando minha vida.

— Cheguei a pensar em usar outros métodos, não tão legais, mas não foi necessário. Recebi o sinal verde no dia seguinte.

— Minha mãe cedeu? — faz sentido

depois do que conversamos.

— Até parece — ele ri. — Estava furiosa comigo por não dizer onde você e Jenny estavam, de acordo com ela, a culpa era minha. Quem me deu a autorização foi seu pai.

— Meu pai? — a surpresa faz com que eu pare, estático e surpreendido. — Falou com ele sobre isso?

Em meio a todo esse turbilhão de coisas que nos aconteceram, esqueci completamente do meu pai e seu estado de saúde delicado. Egoistamente minha preocupação era proteger minha família. Como ele havia lidado com tudo isso? Nem ao menos havia perguntado sobre ele quando minha mãe chegou. O sentimento de culpa belisca minha

consciência.

— Acho que ouvia a discussão entre Lilian e eu — Peter balança os ombros. — De qualquer forma, a autorização estava em meu escritório dois dias depois, assinada por seu pai.

Chegamos à capela, a última lembrança que tenho dali é carregada de dor e tristeza.

“Sinto muito, mãe,” Eu não poderia calcular a dor que ela estava sentindo, mas Nathan era meu irmão, apesar de todas as nossas diferenças, amava-o também.

“Não sinta,” murmurou ela, os olhos tristes focados em mim. “Você jamais será como ele e....

“Não, eu nunca serei como ele,”

Interrompi, magoado e irritado com ela ao mesmo tempo. Nada do que eu fizesse era suficiente, nada. Nathan era insubstituível, a meu ver.

“Neil, filho...”

“É melhor não dizermos mais nada um ao outro, as coisas estão bem claras para mim. Só causaremos mais mágoas e ressentimentos.

Depois daquele dia, nosso distanciamento foi cada vez maior. Acho que a melancolia que sempre captei nos olhos dela, não era direcionada ao seu filho morto, mas sim, ao que ela já não sabia como alcançar.

A decepção que vi nos olhos da minha mãe, talvez não fosse direcionada a mim como eu havia imaginado na

época. Quando me comparou ao meu irmão, foi no sentido do homem perverso que ele havia se transformado, não no que ela gostaria que eu viesse a ser.

— Neil! — uma voz ao fundo puxa-me de volta para o presente. — Você está bem?

— Algumas lembranças amargas, apenas — respondo, recompondo-me.

Observo que o túmulo já está aberto, a tampa encostada em uma das paredes de mármore.

Jamais estive aqui depois do enterro, nada de flores ou arrependimentos, havia deletado o passado da minha vida. O trabalho e Anne foram as únicas coisas a manterem minha sanidade, por

muito tempo.

— Como eu disse — Peter caminha para perto do túmulo, suas mãos apoiadas na base do mármore, o rosto impassível, impossível de se ler. — Veja com seus próprios olhos.

Não há absolutamente nada, além de algumas folhas velhas e secas.

— Violaram o túmulo? — a pergunta é mais direcionada a mim mesmo do que a Peter. Qual o sentido de tudo isso? O que essa pessoa pretende afinal de contas? — Quem está fazendo isso? Não faz sentido algum.

— Nathan?

— Isso é impossível, Peter — é completamente ridículo e impensável — eu o vi sendo sepultado aqui.

Por dias nós tivemos esperança que ele sobrevivesse ao acidente. Houve até uma breve recuperação, seguida da frustração em vê-lo morto inesperadamente.

— Mortes também podem ser forjadas, Neil — ele insiste.

— Qual motivo ele teria para isso? — insisto, não há lógica para essa teoria — por que Nathan se sujeitaria a isso? O que ele ganharia em um plano como esse? Quem o ajudou? Seria impossível ele calcular e arquitetar algo tão macabro como forjar sua própria morte. Do que e como viveu todos esses anos?

— São perguntas as quais eu vou ter uma resposta — murmura ele. — Mas eu não descarto nenhuma possibilidade.

Pelo que sei, Nathan era capaz de qualquer coisa. Seja o que for por trás dessa história nebulosa, eu vou descobrir.

— Também podem estar querendo desviar nossa atenção — na realidade é o que faz mais sentido para mim. — Enquanto pensamos em Nathan, ele consegue agir livremente. Por isso o uso da máscara. Para não revelar quem realmente ele é.

— É uma possibilidade — ele sacode os ombros. — Mas não é o que diz o meu sexto sentido.

— Droga!

Apoio-me contra a pedra gelada. A cada vez que penso chegar a uma solução surgem coisas inexplicáveis.

Embora a possibilidade de que meu irmão esteja vivo seja algo impensável para mim, também não posso ignorar que haja uma probabilidade, mesmo ínfima.

E a pergunta que me atormenta diante disso é: Como Jennifer reagiria a isso? Quase a perdi devido ao ódio que sempre nutriu por ele. A quão quebrada ela sairia disso tudo e, mesmo que fôssemos capazes de provar sua inocência revelando a identidade dele, ela conseguiria passar por cima de tudo isso? Já cruzei nessa linha uma vez. Eu não suportaria.

— Willian, Sophia, Paola — pontuo — O desgraçado, seja quem for, está eliminando todas as pistas.

— De alguma forma, ele sempre está a nossa frente — Peter parece frustrado. — Como se calculasse todos os nossos passos.

— Um informante?

— Sra. Jackson, Claire, Dylan, Calvin, outros funcionários da casa — murmura ele. — Sua mãe. Pode ser qualquer um.

Minha mãe? Tudo o que ela havia me contado era mentira? Se Nathan está realmente por trás disso tudo, estaria ela mancomunada com ele? A ideia descarrila uma carga elétrica em meu peito. Tudo o que me disse era apenas para desviar minha atenção?

Céus, seria sádico demais pensar em algo assim. Desconfiar de tudo e todos é

terrível, são pessoas que estão comigo há muitos anos, pessoas as quais depositei a segurança e felicidade de minha família, mas desconfiar da minha própria mãe é como uma adaga cravada em meu peito, fazendo-o sangrar lentamente.

— O que Adam tem a dizer sobre o andamento do caso?

— Ainda não sei — esfrego meus olhos como se isso pudesse clarear minha mente. — Parece que há uma advogada com ele. Esperava por ele em seu escritório antes de encontrar-me com você.

— Reunirei minha equipe hoje — Peter toca meus ombros como sempre faz quando quer me tranquilizar. —

Nenhum crime é perfeito e essa pessoa deve ter deixado algumas pistas. A morte da Sanches pode nos guiar por algum caminho.

— Faça o que precisa ser feito, Peter — murmuro, cansado. — Sobre Nathan, não conte nada a Jennifer até termos certeza. Eu não sei como ela reagirá a isso.

— Tudo bem — anui ele. — Mas acho que Adam precisa saber disso.

— Informarei a ele hoje à noite.

Eu havia enviado uma mensagem para ele, durante o percurso até aqui, pedindo que se encontrasse comigo.

O caminho de volta foi feito ao som de um rock pesado e barulhento que Peter adora, mesmo sob meus olhares e

cara de protesto. Eu prefiro algo alternativo como Coldplay, U2, Oasis. Mas como ele diz — seu carro, sua música.

Assim que entro na casa sou recepcionado por choro infantil e uma discussão acalorada entre Paige e minha mãe com o pequeno Traquinas latindo e andando entre uma e outra.

Anne, Richard, Claire fingem estar concentrados em frente à TV, porque seria impossível ouvirem alguma coisa em meio a essa cena caótica.

— Neil, que bom que chegou — Paige vem ao meu encontro sacudindo o bebê de uma forma que eu tenho certeza que não o agrada. — Essa mulher é insuportável.

— Ela que é birrenta e mal-educada —
— mamãe retruca, empurrando o carrinho de bebê.

Como se eu não tivesse problemas suficiente tenho que lidar com essas duas desequilibradas. Sendo que uma delas, eu já nem sei se posso depositar minha confiança. O olhar carinhoso que ela direciona aos gêmeos será tão falso como suas palavras? O quanto eu estou sendo paranoico com tudo isso?

— Se não vão ajudar — protesto pegando o bebê que soluça nos braços de Paige — não atrapalhem.

Caminho até minha mãe tirando o carrinho de suas mãos e rosto atônito após meu rompante.

— Eu não preciso lidar com isso

agora.

Sigo para o elevador mais do que irritado, estou furioso. Antes que a porta seja fechada, eu noto os olhares chocados em minha direção. É bom que eles saibam que até posso estar fragilizado, mas ainda não havia me transformado em um idiota sem reação.

O bebê balbucia em meu braço diminuindo o choro. Ainda não consigo identificá-los como Jennifer fazia. Ela sabia exatamente com qual dos dois estava falando. Talvez seja coisa de mãe ou não tive tempo o suficiente com eles.

— Pelo choro estridente e impaciente é o Raphael, não é? — encaro os olhos azuis cristalinos que tanto me fazem lembrar dela. — E você, o Gabriel,

porque é o rei da soneca.

Acaricio a bochecha rosada com a ponta dos dedos, o que o leva a fazer uma pequena careta. Anne havia sido um bebê muito bonito, mesmo com sua deficiência. Eu havia me apaixonado por ela à primeira vista. Saber que alguém precisaria de mim e que eu poderia dedicar todo meu amor, havia me transformado em uma outra pessoa. Havia espaço para momentos felizes em minha vida.

Esses dois pequenos além de lindos e já terem conquistado meu coração, são símbolos da esperança. Por eles continuamos firmes.

Vou para o quarto dos bebês ao lado de Anne. Paige e minha mãe haviam

feito um bom trabalho, pelo menos ali, tudo parece em ordem. O berço duplo, branco de madeira próximo à porta, o trocador ao lado da tomada, uma cadeira de em frente à janela, o urso que Liam havia dado a eles junto a outros brinquedos espalhados pelo quarto.

Acomodo-me na cadeira com o carrinho do outro lado. Agora o bebê já não chora, mas os olhinhos estão fixos em mim. Há tanto amor vibrando em meu peito, por uma criaturinha que mal havia chegado a esse mundo, mas já me conquistou completamente.

— Eu poderia contar centenas de contos de fadas — apoio-o em meu peito enquanto contemplo o entardecer através da janela. — Mas acho que você

irá gostar mais de uma linda história de amor.

Falar sobre a mãe deles de alguma forma é como se a tivéssemos aqui. Eu farei isso todos os dias. Direi a eles o quanto ela os ama e quanto anseia tê-los novamente em seus braços. Não haveria um dia que sua presença fosse esquecida, eu garantiria isso.

— Neil — uma voz suave e um toque delicado em meu ombro, desperta-me de um sono tranquilo, acredito que pela primeira vez em muito tempo.

— Hora da mamadeira — Paige encara-me, constrangida. — Nós

também queríamos pedir desculpas a você.

Noto minha mãe com o bebê mamando, insaciável, em seus braços. Em seu rosto, um olhar terno e ao mesmo tempo culpado.

— Prometemos nos tratarmos melhor daqui para frente — mamãe acrescenta.

No passado, eu deixei que minhas dúvidas, dor e ressentimento nos afastassem, hoje, sinto que não posso cometer os mesmos erros. Que Deus nos ajude, que ela tenha sido verdadeira. Jamais a perdoaria se fosse mais uma peça desse quebra cabeça.

— Tudo bem. Adam já chegou? — pergunto ao observar a noite lá fora entregando-lhe Raphael.

— Ligou a pouco e está a caminho.

Já são quase oito horas, tanto eu quanto os gêmeos havíamos dormido bastante.

— Engraçado, Jenny dizia que quando eles ouviam sua voz ficavam calmos no ventre dela — murmura Paige, ocupando meu lugar na cadeira. — Parece que as coisas não mudaram. Ele fica bem calmo perto de você.

É inegável que mães têm uma conexão com seus filhos, mas eu posso dizer com absoluta certeza que eu também tenho. A começar pelos sintomas de gravidez que me fizeram ser motivo de piadas por muito tempo.

— Vou tomar um banho — ignoro seu comentário. Meu rosto em chamas

denuncia o quanto fiquei constrangido. Sim, eu gosto de ser conhecido como um cara durão. No fundo, acho que estão bem longe disso.

— Veja só, Lilian — Paige me encara com um sorriso divertido no rosto. — No fundo todos são cordeirinhos.

— Exatamente como o pai dele — ela coloca mais lenha na fogueira. — Sabe, Paige, eu posso lhe dar muitas dicas.

Inferno, ainda não decidi se é pior as duas serem amigas ou inimigas. De qualquer forma, juntas elas não são uma combinação muito boa.

— Como está o meu pai? — pergunto antes de sair.

— Um pouco recluso — ela suspira.

— Mas de saúde, vai bem. Achei melhor que ficasse em nossa casa, de qualquer forma, eu tive que vir às pressas. Ele chegará aqui amanhã.

Tranquiliza-me saber que ele está bem. Diferente de minha mãe, sempre tivemos um relacionamento perfeito. Ainda me lembro de todas às vezes que me levava para o escritório com ele. Nathan odiava e se sentia entediado. Eu amava sentar na cadeira do papai e me sentir um pequeno reizinho ditando ordens para as secretárias sorridentes e pacientes.

Após um longo banho vou para o escritório à espera de Adam. A foto de Jennifer ainda grávida e com Anne no colo distrai-me por um momento. Eu

mesmo havia tirado aquela foto.

— Desculpe a demora — Adam se justifica ao entrar. — Precisei rever algumas coisas com Penélope.

Penélope? Minha ex-secretária, Penélope?

— Ela voltou?

Meses antes de planejarmos nossa viagem para Paris, ela havia pedido licença, seguido de um pedido de demissão.

— Precisamos dela — murmura ele.

— Por quê?

A quem ele pensa que pode enganar? Imaginei que houvessem se entendido de uma vez por todas depois da conversa que tivemos sobre ela, mas semanas depois, Adam estava intragável e havia

uma carta de demissão em minha mesa.

— Ela conhece muito bem a empresa — diz ele, encabulado. Ser pego na própria mentira não é algo que ele saiba lidar muito bem. — Foi o mais lógico a fazer. Não posso concentrar-me na Jenny e na DET ao mesmo tempo.

Eu vou fingir que engoli essa, até porque fico mais tranquilo em saber que Penélope está de volta. Confio inteiramente nela e em seu trabalho. Quanto a esses dois, espero que o infortúnio a qual estou passando ajude-os a resolver essa relação de uma vez por todas. Afinal, foram quase três anos vendo minha secretária suspirando por ele, pelos cantos da empresa, achando que eu não pudesse perceber. O amor é

precioso demais para ser jogado fora por conta de algo tão estúpido como orgulho e insensatez.

— Fico feliz que ela esteja de volta. Acredito que você também.

— Quero que conheça Savanna — desconversa ele. — Estudou comigo e é uma das advogadas mais conceituadas do país.

— É um prazer conhecê-la — estendo a mão a ela que aperta a minha, um toque firme, mas delicado. Não sei como ou porque, mas ela inspira-me confiança.

— Se há alguém capaz de ajudar Jennifer esse alguém é Savana — diz Adam, colocando-se ao lado dela. — Lembra-se do caso, o povo contra

Puttock?

O caso que ele se refere havia repercutido pelo país por meses. Uma dona de casa que havia desaparecido misteriosamente. O marido havia sido o único suspeito. O que soube depois do caso foi que a mulher havia sido mantida em cativeiro por um amante possessivo e ciumento, mas antes que o caso viesse à tona, o suspeito havia sido julgado e considerado inocente.

— Foi você? — pergunto admirado.

Eu não sou do tipo que acompanha os crimes que chocam o país. Foi impossível ignorar o caso porque na época, só se falava naquilo, mas não acompanhei profundamente.

— Sr. Durant não será uma tarefa

fácil provar que sua esposa não é culpada — murmura ela, em um tom calmo. — Em um outro momento, eu aconselharia alegarmos legítima defesa e tentar reduzir a pena. Mas eu acredito em sua inocência e na justiça. Mas sem mentiras daqui para frente. Entendo que ela queira protegê-lo, mas jamais mintam para mim. Se não há confiança mútua, não posso ajudá-los.

Eu sabia que essa não havia sido uma boa escolha. Eu não venho fazendo boas escolhas ultimamente. É frustrante ter que admitir isso.

— Peter e eu também descobrimos algo hoje à tarde.

Relato a eles tudo o que havia acontecido, inclusive as suspeitas sobre

Nathan, embora para mim, ainda sejam improváveis. Não sei o que seria capaz de fazer se essas desconfianças provarem ser verdadeiras.

— Em minha profissão, Sr. Durant — Savanna murmura. — Nada mais me choca.

— Quais as reais possibilidades de que ela saia disso? — pergunto apressadamente.

— Mínimas, mas não impossíveis — ela se acomoda na cadeira que indico a ela. — Há algumas coisas mal explicadas na cena do crime. A vítima era mais alta e fisicamente mais forte que sua esposa. No entanto, não há sinais de luta. Parece que ela foi surpreendida. Nas fitas de segurança do

prédio mostra sua esposa saindo, mas não há manchas de sangue na roupa dela. E o mais interessante de tudo, são as marcas de sangue na mureta da varanda que liga um apartamento ao outro.

— Todas essas evidências ajudam a inocentá-la?

— Infelizmente, não — murmura ela.
— Mas já sabemos em que direção seguir. O que disse sobre seu irmão traz uma nova perspectiva. Se não for ele, quem está tentando desviar a atenção?

— Verificamos o apartamento vizinho, mas ele está vazio há alguns meses. — Adam informa.

— Houve um momento que as fitas de segurança não funcionaram — continua Savanna. — De acordo com o chefe de

segurança houve uma breve queda de energia.

— Alguém entrou e saiu sem ser visto — concluo.

— Já pedi para analisarmos as câmeras nos últimos meses. Quem quer que seja, tinha livre acesso ao apartamento vizinho — diz ela. — Mas isso leva tempo, tentarei protelar o julgamento o máximo que conseguir, mas Jennifer será enviada para o Centro de Detenção em breve.

— Inferno! — urro socando a mesa.

— Talvez seja melhor assim — Adam procura acalmar-me — Hurt não tem facilitado as coisas para ela. Eu conversei com o capitão dele, mas não sei até onde surtiu efeito.

— O que quer dizer com não tem facilitado as coisas? — a calma com que pergunto, está muito longe do que realmente acontece em meu interior.

A possibilidade de que aquele homem asqueroso esteja importunando-a de alguma forma, me deixa ensandecido. Jennifer não precisa de um imbecil como ele brincando com seu psicológico. Já tem bastante dor e tensão em volta dela.

Eu não estou apenas furioso, estou colérico.

— Garanta que ele não a toque, Adam — murmuro entredentes. — Ou você terá outra pessoa para defender.

Por mais que os dois tenham passado os minutos seguintes tentando me

tranquilizar, nada do que eles disseram surtiu efeito.

— Garantiremos que ela fique em segurança — diz ela antes de saírem.

Nem mesmo Anne com seu tagarelar infantil conseguiu desviar meus pensamentos sobre o que poderia estar acontecendo com Jennifer em sua cela.

Conversar com os gêmeos também não ajudou muito quando fui colocá-los na cama. De alguma forma, acho que captaram a tensão emanando do meu corpo. Estavam inquietos e irritadiços. No fim, acabei indo para cama regado a insônia e uma tremenda dor de cabeça.

Ando de um lado a outro da sala, ansioso para reencontrá-la. Preciso certificar-me de que não há nada errado com ela, física e mentalmente. Não é apenas isso que me incomoda, a transferência para o Centro de Detenção tornaria minhas visitas ainda mais restritas.

Por sorte, o policial que a acompanha é outro. Um homem bem mais jovem, acredito que recém-formado. Portanto, leva suas obrigações com muito mais rigidez e convicção. Tudo o que consegui dele foi segurar as mãos dela por cima da mesa.

— O que ele fez a você?

— Quem? — pergunta ela, os olhos

fixos em nossas mãos em cima da mesa.

— Hurt — cada vez que vejo a algema ao redor do seu pulso, sinto a necessidade de agarrá-la, de ampará-la em meus braços e irmos para bem longe daqui. — O que ele fez a você?

— Adam não tinha que...

— Jennifer! — meu tom de voz sai mais agressivo do que gostaria. — *O que ele fez?*

Eu vejo que ela está em dúvida. Uma luta interna entre o que dizer e a reação que eu teria. Inferno de mulher! Eu deveria protegê-la e não o contrário.

— Palavras desagradáveis — sussurra ela, quase inaudível. — E ameaçou pegar a foto que você me deu, somente isso.

Somente isso? O desgraçado não havia somente a torturado, havia mexido com meus filhos. Isso para mim é inaceitável.

— Ele não vai mais ameaçar você.

— O que você irá fazer? — pergunta ela, alarmada. — Neil, por favor...

— Não farei nada — minto, tentando tranquilizá-la. — Adam já está cuidando disso.

Distraio-a falando sobre os gêmeos, esse é tema inesgotável para ela, sobre Anne e as duas malucas em nossa casa. Trocamos impressões sobre Savanna e renovamos nossas esperanças para que tudo se resolva logo.

O tempo voa depressa, logo somos obrigados a sentir o sabor amargo da

separação. Ao invés de nós nos acostumarmos a isso, cada despedida é mais dolorosa do que a outra. Pergunto-me quanto tempo nossos corações feridos podem suportar a dor.

— Por favor, sabe onde encontro o agente Hurt? — pergunto a um policial que passa ao meu lado.

— Virando o corredor, a segunda sala à esquerda — informa ele, solícito.

— Obrigado.

Olho para sala repleta de papéis empilhados por todos os cantos. Na certa, a denúncia de Adam tinha surgido algum efeito, já que ele está preso a trabalhos administrativos.

O homem mal teve tempo de saber quem o atacou. Eu tão pouco consegui

controlar a ira dentro de mim. Em questão de minutos, arrasto-o da mesa onde estava e pressionando-o contra a parede. Primeiro um murro certeiro em seu olho esquerdo, seguido de outros golpes furiosos em sua frente. Pouco me importa que ele seja da lei. Ele havia despertado a fera que existe em mim. E eu posso ser cruel quando quero.

— Se você tocar, pensar ou se quer dirigir o olhar a minha esposa novamente — cuspo as palavras, de forma ameaçadora —, eu acabo com a sua vida com minhas próprias mãos.

— Seu imbecil — Hurt gagueja tentando estancar o sangue que corre por suas narinas, quando o afasto jogando-o no chão — posso prendê-lo por isso.

— Tente — presenteio com uma risada de deboche. — Sou um homem rico e influente. Acabo com você num estalar de dedos.

Estalo os dedos enfatizando o aviso.

— Acha que dinheiro resolve tudo? — diz ele, desafiador. — Se fosse assim, sua esposa não estaria presa. E vai continuar assim por muitos anos.

Agarro-o pelo pescoço ao ponto de seus olhos esbugalharem assustados e seu rosto ficar vermelho por falta de oxigênio.

—Você acha que não? — sibilo.

É certo que nem tudo se resolve com uma polpuda conta bancária, a prova disso é que todo o dinheiro que tenho, não pôde livrar Jennifer desse inferno,

mas dar cabo de alguém tão insignificante como ele, seria como esmagar uma barata repugnante.

— Passará o resto da sua vida dando lavagem aos porcos.

Pressiono minha mão ainda mais forte em volta do seu pescoço.

— E não falo no sentido literal! Um homem descontrolado é capaz de qualquer coisa — digo em um tom ameaçador ante de sair. — Não teste meus limites. Fique longe ou não respondo por mim.

Caminho pelo corredor guiado pela fúria. O punho latejando violentamente, ainda não havia se curado dos golpes que dei na parede e do estrago que havia feito em minha casa. Isso não me

incomoda, na verdade, a dor física é bem mais suportável do que a espiritual. Essa não há anestesia no mundo que faça diminuir a dor.

— Sr. Durant, poderia nos dar alguma declaração? — uma jovem com um gravador na mão, seguida de outros homens avançam em minha direção assim que alcanço a saída.

— Não tenho nada a dizer — afasto-me deles com pressa.

Peter havia insistido para que andasse com pelo menos um segurança e nesse momento, arrependo-me de não ter dado ouvidos.

A raiva que sinto de Hurt ainda não havia diminuído e para ser transferida a um desses abutres era questão de

segundos.

Olho para o prédio mais uma vez antes de entrar no carro. Aparentemente, a advertência sobre prender-me foi apenas um blefe de sua parte.

Merda! Adam ficaria furioso com isso e Peter arrancaria minhas bolas, na certa. Agredir um policial na delegacia não havia sido prudente, porém, inevitável. Eu não me importo, contanto que tenha ficado claro para Hurt manter-se à distância de Jennifer.

A luz piscando no visor do celular a qual havia esquecido no banco, informa uma nova mensagem recebida.

Nem mesmo o baque surdo, seguido do impacto causado pela batida no carro a minha frente foram capazes de me

arrancar do impacto ao ver a foto anexada à mensagem de texto.

Eu só consigo olhar para foto, com certeza, com o choque instalado em meu rosto.

Capítulo 13

Jenny

Eu não gostei nada do brilho que vi nos olhos de Neil quando ele saiu daqui. Havia aquela mesma desolação em seu rosto, sempre que vai embora, mas nos olhos, existia um brilho feroz ardendo dentro deles.

Conheço-o bem, sei que não deixará Hurt sem algum corretivo.

Adam e sua boca grande!

A culpa é minha também, deveria ter

ficado quieta. A capacidade que eu tenho para fazer coisas estúpidas como sempre é extraordinária. Mas para ser franca comigo mesma, no fundo eu tinha um desejo secreto que Neil desse uma boa lição naquele covarde. Embora isso me faça questionar se não estou me tornando uma pessoa fria e vingativa. Apenas três dias trancafiada nesse lugar e meu lado mais sombrio vem à tona.

Certo, normalmente eu não sou uma pessoa agressiva, mas a maternidade trouxe-me instintos de leoa. Faça o que quiserem comigo, mas jamais toque em meus filhos, nunca, em qualquer circunstância. Posso estar longe deles, mas sempre os protegeria com unhas e dentes, mesmo por uma foto.

—Neil... — sussurro seu nome, meus olhos focados no teto, sem realmente ver alguma coisa.

Deixar Neil furioso é como amarrar uma bomba nos pés e esperar que ela exploda. Eu já o vi no seu modo ataque. Com Sophia no restaurante, a primeira vez que a vi. Depois no hotel em Vermont, em que ele quase a matou. A vez que foi preso por dar um corretivo em Konrad, quando acreditou que havia sido ele a enviar-me o boneco vodu.

Pensar no que ele poderá fazer a Hurt faz todo meu corpo tremer. E eu achando que eu era protetora. Não, ele leva o significado dessa palavra muito além.

Desde o momento que nossos caminhos se cruzaram, mesmo com todas

às vezes em que tentei fugir como uma idiota assustada, Neil nunca havia deixado de zelar por minha segurança e felicidade. Mesmo quando não lhe dei nada em troca. Eu sempre achei que o amava com uma força desesperadora, mas ele... Nem que eu vivesse mil anos encontraria outra pessoa que me amasse tanto, de uma forma tão grandiosa. Tudo o que eu sei sobre amar alguém incondicionalmente, eu aprendi com ele.

— Visita — Scott bate na porta com o mesmo sorriso gentil de sempre.

Eu gosto dele, nunca me dirige olhares duros ou recriminatórios. Não sei se acredita que sou inocente ou se é assim com todas as pessoas.

É estranho como vamos nos

adaptando a certas coisas. Já não me tortura mais quando envolvem meus pulsos com as algemas, nem caminho com passos arrastados pelos corredores, envergonhada do que as pessoas poderiam pensar ou dizer sobre mim.

— Kevin! — corro para os braços dele assim que abrem a porta.

— Jenny! — em alguns momentos não é preciso palavras.

Passamos muito tempo separados. Houve uma época que acreditei que o havia perdido. Até mesmo cheguei a sentir muita raiva dele, além de ficar com o coração despedaçado por suas escolhas erradas.

Agora quem sou eu para poder julgá-lo? Antes mesmo de me ver emaranhada

nessa trama de mentiras, eu já o havia perdoado, com toda a sinceridade do meu coração. Sim, Kevin magoou-me muito no passado, afinal de contas, durante todos aqueles anos de escuridão, eu precisei do carinho e apoio do meu irmão mais velho, mas eu não tive.

Engraçado como tudo isso, agora perdeu sua significância. Eu imaginei que teríamos uma longa vida pela frente. Que recuperaríamos todo o tempo perdido. Que presenciaria nossos filhos crescerem juntos, felizes.

— Estou aqui, querida — ele alisa meus cabelos como fazia quando eu era criança e chorava por algum motivo. — Nunca mais vou abandonar você.

Não são palavras vazias, a dor

muitas vezes maltrata nossa alma, mas também é o que nos fortalece.

— Paige — agora um pouco mais calma, percebo a presença dela em um canto da sala.

— Como você está? — ela me lança um sorriso enorme, embora eu perceba o vestígio de lágrimas contidas em seus olhos verdes.

— Eu vou levando — respondo com um sorriso fraco.

Lamentar-me não ajudará em nada. Só os deixará mais tristes e preocupados comigo.

— Senti tanto medo quando desapareceu, Jenny — Kevin pressiona meus dedos que estão entrelaçados nos dele. — Achei que nunca mais voltaria a

vê-la. Eu não consigo acreditar que tudo isso esteja acontecendo.

— Algo que vamos superar. No final, tudo dará certo. Só temos que ter fé — diz Paige, confiante.

Embora tudo relacionado ao meu futuro pareça negro, eu prefiro acreditar que ela tenha razão.

— Meus filhos? — a ansiedade em minha voz é clara e evidente.

Neil fala muitas coisas sobre eles, mas para mim nunca é o suficiente. Dói tanto saber que estou perdendo momentos irrecuperáveis.

— Eu tive que comprar pulseirinhas para saber quem é quem, embora Anne nunca se engane — ela ri. — Eu sei que é vergonhoso isso. O Gaby é o mais

dorminhoco, tranquilo como você e Rapha é mais comilão e impaciente, como Neil.

Eu já havia diferenciado esses traços na personalidade deles. Eles são uma mistura entre Neil e eu. Na cabana, enquanto ainda podia amamentá-los, eu ficava imaginando quais as outras características herdariam de nós dois. Como qual deles teria facilidade com números como ele ou talento para música. Sempre amei cantar e por muito tempo foi ela que salvou minha alma, minha grande companheira, nos momentos de solidão. E não havia desistido do meu sonho em relação a ela, apenas adiado por causa da gravidez. Talvez uma escola de música

para deficientes no futuro. Um lugar onde eles pudessem se encontrar como eu me encontrei.

Respiro fundo, passamos a vida fazendo tantos planos e nem percebemos o quanto tudo à nossa volta é incerto.

— Os dois são terríveis — continua Paige alheia aos pensamentos que tumultuam em minha mente. — Lilian e eu temos nos revezado bastante, mas aquela mulher... ela consegue me tirar do sério.

— Soube que está morando na minha casa e ainda por cima arrastou seu marido junto.

Eu nunca vi casal mais maluco que esses dois. Quando dizem que um homem muda por uma mulher, não há

como não pensar em Richard. Eles se completam totalmente.

— Eu disse que ele deveria ficar em nosso apartamento — ela faz cara de inocente. — O pobre homem não sabe viver sem mim, o que eu posso fazer?

Desde que cheguei aqui é a primeira vez que sorrio de verdade. Um riso que vem da alma.

— A mim você não engana — encaro-a tentando controlar as lágrimas, dessa vez, causadas por sua irreverência. — Com o que você o ameaçou dessa vez?

— Por que acha que eu fiz isso? — pergunta ela, fingindo-se de chocada.

— Porque conhecemos você muito bem — murmura Kevin.

— Tudo bem, Kevin tape os ouvidos.

— Não seja ridícula! — ele protesta, visivelmente curioso com o que ela tem para revelar a mim.

— Deixa de ser intrometido. — Paige circula-o colocando as mãos em sua orelha, de modo a evitar que ele ouça sua revelação bombástica.

Eu sei que vou ser surpreendida, ela consegue sempre.

— Primeiro ele me disse que era uma loucura invadir sua casa. Que Neil teria um ataque e etc — inicia ela com toda tranquilidade do mundo. — Bom, quando ele se recusou a ir comigo, eu tive que usar outros meios, não tão ortodoxos.

— Tipo?

— Se ele não fosse comigo, eu mandaria retirar o mastro de pole dance do nosso quarto...

— Vocês têm um mastro de pole dance? — eu posso sentir minhas bochechas ficarem vermelhas, instantaneamente.

— Eu também tenho meus segredos, Jenny — ela pisca para mim — continuando, eu disse que não teríamos nada de sexo enquanto eu estivesse fora. Sabe como são os homens, você até consegue tirar o esporte e cerveja, mas sexo, jamais. Eles ficam arredios e mal-humorados.

— Chantageou seu marido com sexo? — eu não deveria estar chocada, mas eu estou.

— Eu não diria chantagear — Paige lança um sorriso endiabrado. — Usei argumentos altamente persuasivos, afinal, cerveja e TV a cabo ele encontraria em qualquer lugar.

— Só para deixar uma coisa clara — Kevin afasta as mãos dela de seus ouvidos. — Ouvi tudo o que você disse. E mulheres e sexo encontra-se em qualquer lugar também.

— Cala a boca, Kevin! — nós duas o repreendemos juntas.

Por um segundo, esse pequeno momento de descontração me faz lembrar de nossas conversas em minha casa, leves, tranquilas e cheias de humor. Os melhores amigos não são apenas aqueles que sofrem junto com

você, mas os que fazem você sorrir diante de cada infortúnio.

— Fale mais sobre meus bebês — adoro ouvir sobre eles, não me canso nunca. — E Anne?

— Pergunta por você a cada segundo — diz ela com a voz emocionada. — Eu já não sei mais o que dizer.

Neil ainda não havia tido aquela conversa com ela. Eu tenho certeza que ele está esperando o momento propício, mas como dizer a uma criança que a mãe está presa sob acusação de homicídio? Não haveria palavras suficientes para amenizar essa dor.

Eu poderia passar horas ouvindo-os.

Cheguei a perguntar a Kevin sobre seu filho. Ele conseguiu ver a criança algumas vezes, mas não se aprofundou no assunto. Entendo que não quer me preocupar com seus próprios problemas, como se isso fosse possível. Embora em proporções diferentes, ele é o que mais chega perto de sentir o que eu sinto.

O guarda informando o fim da visita e que me guiaria para outra seção de interrogatório. A despedida como sempre foi triste. Principalmente porque não sei quando ou como irei revê-los. Estou farta de dizer adeus às pessoas que eu amo.

Deus, quando essa tortura terá um fim?

Dentro da sala, Além de Adam, há

Savanna, o que me deixa um pouco mais tranquila.

Enquanto aguardamos na sala de interrogatório, observo os objetos em volta como uma forma de me distrair. Há uma mesa de ferro quadrada, algumas cadeiras em volta dela, a meia parede em frente a nós, eu não consigo observar as pessoas por trás dos vidros. Sinto-me como um animal em laboratório por trás do vidro espelhado.

Após minutos intermináveis, a porta é aberta e, os dois detetives que fizeram o primeiro interrogatório sentam em seus lugares, sem em nenhum momento desviar os olhos dos meus.

Eu tento manter a calma, mas o que me aterroriza é a incerteza do que

poderá acontecer daqui em diante. Não há dúvidas para mim que me considera culpada, e parece que não pretendem facilitar as coisas. A meu ver, já havia me julgado e condenado.

O detetive Müller levanta o braço e faz sinal para que outro policial se aproxime. O homem entrega um pacote a ele que despeja o conteúdo em cima da mesa. A bolsa e celular envoltos em um papel protetor produzem um pequeno eco ao cair sobre a mesa, e meu sangue gela.

— Reconhece esses objetos, Sra. Durant? — Alec Müller, indica os objetos envoltos em um protetor plástico.

Abaixo a cabeça, num gesto angustiado e o detetive volta a fazer um sinal ao companheiro ao seu lado. Outro policial surge com a faca usada para agredir Sophia.

Os músculos tensos em meu corpo indicam que estou a um passo de perder o controle.

— E isso? — murmura ele, colocando a faca em cima da mesa, em frente a mim — reconhece-as? Suas digitais estão nelas.

Encaro o objeto com os olhos arregalados. Eu me lembro da faca, como poderia esquecer se foi com ela que Sophia havia ameaçado meus filhos, ainda em meu ventre.

— Eu apenas me defendi — apresse-me em responder. — Sophia queria machucar meus filhos.

— Então admite que a atacou?

— Não! — levanto-me, exaltada. — Eu consegui arrancar a faca, joguei-a em algum lugar do apartamento e fui embora. Tem que acreditar em mim, detetive. Ela estava viva quando saí.

— Essa é uma versão muito difícil de acreditar, Sra. Durant — diz ele. — Confesse que a atacou. Quem sabe em legítima defesa? Garanto que a pena poderá ser reduzida se colaborar conosco, talvez vinte cinco anos.

Vinte cinco anos! Vinte cinco anos sem uma vida, sem Neil e acima de tudo,

meus filhos.

— Continue mentindo e pegará prisão perpétua.

— Müller, você não é o juiz desse caso — argumenta Savanna. — Contenha-se em apenas apresentar as evidências — ela passa a mão nos cabelos, respira fundo e me encara com olhar firme — sente-se, Jenny.

— Sra. Durant, há uma fita de segurança que mostra-a entrando e saindo do prédio no mesmo dia em que a vítima foi dada como morta. Seus objetos foram encontrados dentro do apartamento, além das digitais na faca. A pergunta é... — Müller continua impassível — Por que a deixou morrer

ali, agonizando, quando percebeu que já não representava perigo?

— Eu não fiz isso! — declaro, entre lágrimas. — Eu não a matei.

— A senhora não só a esfaqueou, como a trancou para que morresse sozinha, sem a mínima possibilidade de pedir ajuda — ele insiste com olhar duro. — Tem muita sorte que no estado de Nova Iorque tenhamos abolido a pena de morte...

— Eu não fiz nada!

Por que tortura-me assim?

— Müller! — protesta Savanna. — Pare de tentar induzir minha cliente. Você já apresentou todas as provas, cabe ao júri analisar cada uma delas.

— Eu não fiz nada — repito para ele,

com a voz embargada. — Não fiz isso.

O tempo todo durante o longo e massacrante interrogatório, tento manter o controle. Respondo às perguntas de por que havia ido até a casa de Sophia, repetidas vezes. Por que eu fui até a casa dela? Por que fugi? Com quem estive? Quem me ajudou no parto? Desejam pegar-me em contradição e munir mais provas contra mim.

— Acho que já temos o suficiente — murmura o detetive antes de sair. — Boa sorte a vocês, vão precisar.

Eu teria agradecido se não percebesse o tom irônico em sua voz antes de bater à porta.

— Por que não disseram a eles sobre a fita e todas as outras coisas? —

questiono-nos, desesperada.

— Temos que pegá-los desprevenidos e não o contrário, Jenny — murmura Savanna. — O trabalho deles é atacar, o nosso é defender e garanto que não seremos nós os surpreendidos.

— O que vem agora? — pergunto com a voz trêmula. — Vou continuar aqui?

— Infelizmente, o juiz recusou o pedido de liberdade provisória sob fiança — Adam responde. — Ficaré presa até o julgamento, poderá levar semanas ou meses, depende de quem será sua procuradora.

Em sua primeira visita, Savanna havia informado que faria a petição que

poderia ser em torno de cem mil a um milhão de dólares, mas que o juiz poderia recusar.

— Será transferida ainda hoje, Jenny — não me passou despercebido que Savanna chamou-me da mesma forma carinhosa usada por meus amigos, na certa, com esperança de me acalmar. — Tenha fé e mantenha-se forte.

Dias, semanas, meses, presa como um animal, como o mais vil dos seres. Trancafiada por algo que não fiz.

Enquanto meus filhos estão crescendo longe dos meus olhos, a cada dia, desenvolvendo-se, mudando e eu não veria nada. Eu não perdi apenas minha liberdade, perdi a minha vida. Nada do que eles disserem poderá consolar-me

nesse momento, nem controlar o choro copioso que domina meu corpo. Desejo ficar sozinha, exatamente como me sinto, agora. Perdida e sozinha.

Jenny. Eu ouço suas vozes ao fundo, mas nem isso consegue tirar-me desse transe. A porta é aberta, vejo-me ser conduzida rumo ao desconhecido. Meu coração esmigalha-se ainda mais, a cortina de lágrimas em meus olhos não me cega mais do que as trevas em minha alma.

Capítulo 14

Neil

A mulher, proprietária do carro atingido pelo meu há alguns minutos, fala e fala sem parar, descontrolada e de forma desconexa, pelo menos para mim. Uma fileira de carros forma-se atrás de mim, com motoristas impacientes.

Eu não faço a mínima ideia do que ela está falando, gritando, histérica, na realidade. Minha mente está focada em apenas uma coisa, *a foto em meu*

celular.

Tento passar a ela os dados do seguro, e tudo que venha a precisar para resolver esse inconveniente. Aparentemente, ela está bem, eu estou bem, fisicamente, pelo menos. Então, por que todo esse estardalhaço?

Continuo respondendo suas perguntas absurdas, sem prestar atenção, concordando com tudo o que ela está dizendo, sobre pessoas ricas e a falta de consideração pelos outros, meu sexto sentido diz que é o melhor a fazer no momento.

Enquanto ela fala, verifico rapidamente os danos causados pela batida, tudo no modo automático. Fora um amassado no para-choque e um farol

trincado, os danos eram ínfimos, já não posso dizer o mesmo do outro carro. Como ela consegue dirigir pela cidade com um carro como aquele?

— Você está falando sério? — pergunta a mulher, saltitando pela rua em um estado de deslumbramento. — Um carro novo!

Eu havia mencionado sobre um carro novo?

Eu não sei, acho que sim, pois agora, a jovem que só agora noto ter os cabelos roxos, sorrir como uma idiota e olha para mim como se eu fosse um rei ou algo parecido.

Olhando o velho Cadillac Deville 88, vermelho, eu posso entender o motivo de tanto contentamento. Apenas as rodas

do meu carro, valeriam mais do que o carro dela inteiro.

— Olha, agora eu não tenho tempo, fale com meu advogado, sim — murmuro, apressadamente oferecendo o cartão a ela.

— Bem que meu horóscopo disse que era meu dia de sorte...

Eu entro no carro ignorando-a e ao invés de pegar a estrada novamente com cautela e atenção, vejo-me dirigir como louco, sem sombras de dúvidas, infringindo todas as leis de trânsito enquanto costuro pela cidade.

Ligo para o Peter, a mensagem na caixa postal me deixa ainda mais irritado e tenso. Envio uma mensagem: *Entre em contato comigo urgente.*

Em pouco minutos, estou na entrada privativa do DET, minha empresa. A razão de estar ali meu cérebro ainda não consegue registrar. Assim que alcanço o caminho que leva ao meu escritório, sou bombardeado por olhares curiosos, arregalados e atônitos de todas as direções.

Anteriormente os olhares seriam de admiração e respeito, hoje, vejo olhares carregados de dúvida e surpresa.

Sigo direto para o elevador que dá acesso a minha sala. Não entendo a razão pela qual meu inconsciente me trouxe até aqui. Talvez seja porque essa é minha selva. Aqui eu tenho a sensação de ter as coisas sobre controle.

A primeira pessoa que vejo é Aline,

assistente da Penélope. Está ao telefone, o sorriso morre em seu rosto e ela me encara muda, com expressão abobalhada. Se eu tivesse em condições normais teria rido de sua reação.

Passo por ela que balbucia alguma coisa inaudível, não sei se para mim ou para quem conversava ao telefone.

— Penélope?

— Meu Pai Santíssimo! — a pilha de papéis em suas mãos voa em direção a mim como uma chuva de papel durante o carnaval.

A tão pragmática, controlada e eficiente secretária encara-me como se visse um demônio saído do inferno.

— Sr. Durant — murmura ela, levando a mão ao peito, a testa enrugada

em seu rosto pálido. Noto que parece mais magra que antes, até mesmo um pouco abatida. — O que faz aqui?

— Eu poderia perguntar o mesmo.

Eu não sei o que eu faço aqui. Literalmente minhas pernas me conduziram para o escritório. Há muito tempo que deixei de pensar e agir coerentemente. Estou afundado em um mar de caos e desespero.

— Estou feliz que esteja de volta.

— Adam pediu... — ela engasga nas próprias palavras — o doutor Crichton pediu que eu retornasse. Eu soube o que aconteceu com a Jenny...

É claro que a presença dela ali é muito valiosa. Além de excelente funcionária, Penélope é uma pessoa leal.

Eu já havia feito todos os testes possíveis. Inicialmente eu havia sido um chefe ranzinza e impaciente, muito além do que costumava ser. Primeiramente porque não acreditei que a jovem bonita e de olhar sincero, indicada por minha antiga secretária, conseguiria suportar a pressão e estresse causado por uma grande companhia como a minha. Depois, eu havia jogado um certo charme para constar se ela faria a linha apaixonada pelo chefe. Isso havia irritado Adam, mesmo ele não conseguindo admitir.

Curiosamente, apesar dela ser muito bonita, não há como negar isso, não houve qualquer tipo de atração entre nós. E minha admiração aumentou após

vê-la passar por cada teste imposto a ela. Uma suposta proposta irrecusável de emprego de outra empresa, um convite milionário de espionagem.

Ela havia passado por todos eles, de forma intocável, mesmo muitas vezes eu mostrando-me severo e intragável.

Talvez o fato de ficar tão próxima a Adam tenha falado mais alto, muitas vezes eu vi seu semblante paciente ficar vermelho, mas apesar de furiosa, ela se continha.

— Obrigada, Penélope — sorriu sem jeito.

Eu sei bancar o chefe linha dura, esse papel eu executo muito bem, abrir-me como amigo é bem diferente. Com os rapazes é diferente, temos lealdade,

camaradagem e respeito um com o outro. Não há sentimentalismo estampado em nossas caras, não expressa em palavras, por exemplo. Com as mulheres é bem diferente, no entanto. Elas estão sempre à espera de palavras que façam palpitarem seus corações, mesmo vindo de amigos.

E a única que eu havia conseguido abrir-me sem constrangimentos, desnudar minha alma completamente, sem a vergonha de parecer ridículo é Jennifer.

— Senhor Durant...

— Pode me chamar de Neil, Penélope — acho que cruzamos essa linha algum tempo, desde que Jennifer havia se afeiçoado a ela.

— Neil, — ela sorria, amplamente

envergonhada. — Você me acolheu quando mais precisei. Tudo o que sei agora foi porque teve paciência em ensinar-me. Ajudou-me quando meu mundo parecia destruído, embora só agora eu saiba o real significado de um mundo destruído. Eu o respeito muito e jamais viraria as costas em um momento como esse.

— Eu me sinto perdido — desabo diante dela.

Ela é o tipo de pessoa que consegue fazer você se abrir apenas com um simples olhar. Ou talvez eu não tenho conversado sobre meus sentimentos o tanto que deveria fazer. Ninguém é feito de aço e os fortes fraquejam também.

— Tudo dará certo — sinto seus

dedos pressionando os meus. — Eu quase perdi a pessoa que agora é a mais importante na minha vida. Mas Deus foi misericordioso comigo, será com vocês também. Não perca a fé.

Acredito que fé, é tudo que nos resta.
— Buscarei um café para você.

Atino que ela compreenda que preciso de alguns minutos para me recompor. Mostrar fragilidade não é uma característica que eu goste de evidenciar. Como sempre, ela sabe o momento exato de sair.

— Diga a Adam que estou aqui — murmuro com a voz rouca. — Encontre Peter também. É de suma importância.

— Sim, senhor.

Pelo visto, alguns hábitos não são

faceis de mudar tão rapidamente.

Olho em torno da sala bem decorada, aliso a mesa imponente, caminho até as paredes de vidro, de onde posso observar boa parte da cidade. Muitas vezes aqui, eu me senti um deus. Observando tudo e todos, mas preso em meu próprio mundo. Ficar sozinho não é uma novidade para mim. Mas também, essa parte da minha vida havia ficado para trás há muitos meses. Voltar a isso, apenas a essa mesa fria rodeado de pessoas que me admiram, mas não amavam, não da forma que preciso, é o mesmo que; estar sozinho em meio à multidão, ter tudo e não ter exatamente nada e, todas essas frases feitas que tão perfeitamente se encaixam a mim.

Olho para a foto mais uma vez. A expressão de pânico em seu rosto faz meu coração contrair-se dentro do peito. Embora seja apenas uma captura do passado, a imagem mexe comigo de uma forma inexplicável. É difícil ver quem você ama sofrer. Eu gostaria de ver apenas o sorriso em seu rosto, pois quando ela sorri, eu sorrio junto.

— Adam está a caminho e Peter chegará em uma hora — Penélope retorna com o carrinho de café. — Quer que eu traga o relatório dos últimos dois meses?

Eu devo ter passado muito tempo perdido em meus pensamentos, nem ao menos a vi entrar.

— Honestamente — respondo como

se estivesse me desculpando — eu não tenho cabeça para negócios hoje.

Provavelmente enquanto essa situação perdurasse. Minha esperança é o pedido de liberdade provisória que Savana solicitou ao Juiz. Eu sei que juntos, em nossa casa, suportaríamos tudo. Eu não pestanejaria em pagar qualquer pedido de fiança que ele fizesse.

— Entendo — murmura ela — eu gostaria de ter tido a oportunidade de visitar a Jenny, na verdade, não... Espero que as coisas se resolvam logo. Adam é um excelente advogado, tenho certeza que ele encontrará uma solução. E aquela mulher...

A cara de descontentamento que vejo

no rosto dela não me passa despercebido.

Ciúmes?

— Embora eu não goste muito dela — continua ela, enrugando o nariz — parece ser uma boa advogada também. Eu espero que seja, pois...

— Neil!

O estrondo da porta batendo contra a parede assusta-a e deixa-me em alerta. Adam não está apenas furioso, está colérico.

— Você é imbecil por natureza ou está fazendo doutorado?

A pergunta irônica combinada com tom explosivo em sua voz me diz que ele já sabe o que fiz com o Hurt. Mordo a língua para evitar dar uma resposta

mordaz a ele. Calo-me, pois no fundo, eu sei que o discurso que virá a seguir estará coberto de razão. Mas o que eu poderia fazer, ficar calado, dócil, enquanto aquele imbecil a torturava dia a dia?

— Adam, eu — o celular em minha mão queima como se chamas lambessem meus dedos, lentamente.

— Por que diabos você achou que agredir um policial iria passar despercebido? — estoura ele. — Eu estou cansado de limpar suas besteiras. Nem seus dois filhos juntos, fazem tanta merda assim!

Observo Penélope colocar a mão em seu peito, como se quisesse acalmá-lo.

— Eu sei que isso foi idiota, mas...

— eu preciso dizer a ele, não, mostrar a mensagem que havia recebido. O assunto sobre Hurt eu cuidaria depois.

— Sua sorte é que ele estava mais preocupado em recheiar a conta bancária — continua ele, interrompendo-me pela segunda vez. — Um belo processo é o mínimo...

— Dá para calar a maldita boca e me ouvir? — vocifero irritado — Hurt e todas as outras coisas podem ir para o inferno! Tenho coisas mais importantes aqui.

— Pensei que tirar sua esposa da prisão fosse o mais importante — repreende ele, amargo. — Não se unir a ela. Devo lembrá-lo que mulheres e homens ficam em instituições diferentes,

caso algo estúpido passe por sua cabeça.

— Porra, Adam! — jogo o celular em cima dele. — Olha isso aí!

Ele olha para a tela, várias emoções transpõem por seu rosto. Espanto, incredulidade, hesitação.

— Eu tenho o que você quer — Adam lê em voz alta a mensagem anexada à imagem. — Que porra é essa?

A foto é uma imagem da Jennifer no apartamento de Sophia. A loira de costas, as duas engalfinhadas, enquanto vemos o pânico no rosto de Jennifer e sua tentativa de livrar-se dos dedos em garras de sua opressora.

— Quando você recebeu isso?

— Assim que eu saí de lá — sento-

me, passando as mãos nos cabelos. — Inclusive, me envolvi em um acidente de trânsito.

— Espero que não tenha matado ninguém — murmura ele, voltando a se concentrar na foto.

— Não, embora minha vontade tenha sido de matar alguém naquela hora — murmura. — Ah, devo ter prometido um carro novo a uma maluca... Não sei bem.

Ainda não entendo o que aconteceu, estava tão concentrado na imagem, tudo à minha volta ficou fora de foco.

— O Natal está muito longe, não? — diz ele, jogando o aparelho de volta. — Vou pedir que alguém dê um jeito nisso também.

— Essa foto mostra que Sophia era

uma pessoa violenta — murmuro agitado. — Deve servir como prova, não é? Qualquer pessoa poderia tê-la matado, menos Jennifer. Veja o pavor no rosto dela. A forma que ela tenta proteger o ventre.

— Ou que Jenny agiu em legítima defesa — Adam suspira, sentando na cadeira em frente à minha — Veja bem, uma foto pode ter mil interpretações. A acusação pode alegar que ela se sentiu acuada por isso e atacou Sophia de volta, matando-a.

— Que droga, Adam! — urro, angustiado. — Pensei que iria ajudar-me e não complicar as coisas.

— Neil, eu tenho que analisar todos os fatos — diz ele, calmamente. —

Prever todos os passos que eles darão.
Faz parte do meu trabalho.

Por mais que isso me deixe frustrado,
no fundo, sei que ele tem razão.

— E quanto a fiança?

— Ainda não sei. Não tive tempo de
acompanhar a petição. Tentei argumentar
com Hurt assim que ele me procurou.
Por que não deixou que eu resolvesse
isso, cara?

— Hurt não me preocupa agora.
Deixe ele se divertir um pouco com meu
dinheiro — Murmuro, enquanto brinco
com uma caneta.

Ele havia provocado a pessoa errada.
Não costumo ser uma pessoa vingativa.
Até a segunda página. — Antes disso
acabar, ele terá uma surpresa bem

agradável.

— Jennifer está acima de qualquer coisa, deveria ter averiguado imediatamente.

— Savanna está vendo isso — ele murmura. — Está a caminho daqui a pouco, de acordo com a mensagem que recebi dela.

Às vezes eu sinto que irei enlouquecer, se já não estiver a beira da insanidade. Ter Jennifer tão perto e ao mesmo tempo tão longe. Minha cama, meu coração, corpo e alma sentem a falta dela. Sinto falta de acordar toda manhã, alguns minutos antes dela, com ela abraçada a mim. Deslizar o nariz por seu pescoço, embriagado pelo perfume natural de seu corpo. Depositar beijos

suaves ao longo de seus ombros, fazendo-a acordar com gemidos enrouquecidos. De acompanhá-la no banho, enquanto ela cantava com sua voz cristalina e eu em meu tom desafinado. Eu tenho saudades desses pequenos detalhes cotidianos, mas que faziam meu mundo perfeito. E só tenho suportado tudo isso, porque anseio ter esse paraíso de volta. Eu vou aguentar. E quando ela estiver livre, estarei esperando-a de braços abertos

Peter encara a imagem com olhar um pouco mais analítico. Eu não consigo ler a expressão em seu rosto. Ele sabe

manter os sentimentos abaixo da superfície. Talvez seu treinamento militar tenha ajudado com isso ou apenas as questões relacionadas ao seu passado tenham o deixado mais fechado para a vida.

— Eu tenho o que você quer — ele faz uma pausa, olhando fixamente para a tela. — E o que esse desgraçado deseja em troca? Dinheiro? Pode usar isso a favor de Jenny, não é?

Adam repete a ele tudo o que já havia alertado a mim. Embora a foto possa ser usada em benefício da Jennifer, precisa ser no momento certo. De acordo com ele, um julgamento é como um tabuleiro de xadrez. É preciso movimentar as peças na hora apropriada para não ser

surpreendido com um xeque-mate.

— Consegue rastrear a mensagem, Peter? — Adam questiona-o.

Amaldiçoou-me internamente por ter evitado o óbvio. De onde saiu essa foto haveria muito mais. Provas que ajudariam sem margem de dúvidas.

— Farei isso agora mesmo — diz ele a caminho da porta. — Volto em alguns minutos.

Eu queria acompanhá-lo enquanto ele banca o detetive. Ficar à espera de alguma informação é angustiante.

— Senhor, — a voz da Penélope ecoa através do alto falante — a Sra. Hernandez está aqui.

— Peça que ela entre — apresso-me em responder.

Eu fixo o olhar na porta como quem espera o ente querido retornar de uma longa jornada na guerra. Ela traz notícias que podem mudar nossas vidas e nos tirar desse tormento a qual vivemos.

— Você tem boas notícias, não é? — pergunto, antes mesmo que ela possa cruzar a porta.

O retarde na resposta e o olhar vacilante que direciona a Adam, como se pedisse ajuda silenciosa.

— O Juiz recusou o pedido.

Primeiro eu tento assimilar o que ela está dizendo. Em seguida, as palavras caem sobre mim como uma avalanche.

Recusou, recusou, recusou.

— Maldito!

O primeiro objeto que vi voando foi a tela do computador em minha mesa, seguido do telefone e todas as pastas que antes estavam meticulosamente empilhadas.

— Calma aí — diz Adam.

Meu corpo é lançado contra a parede, os braços dele pressionando meu peito. A ardência em minhas costas, causada pelo impacto, de certa forma, é um sinal do meu corpo, provando que ainda estou vivo. Dificilmente tenha alguma parte de meu corpo que não esteja machucada.

— Eu sei — murmura ele. — Você já foi além dos seus limites, mas eu preciso de você em pé, Neil. Me ajuda, cara.

Cerro os punhos maltratados, a dor

me anestesia. Ainda sou capaz de sentir alguma coisa. Isso é bom.

— Eu quero vê-la.

Eu consigo imaginar o que ela está sentindo nesse momento, isso me destrói.

— Não pode, Sr. Durant. Talvez eu consiga uma visita para amanhã. O Juiz nesse caso tem uma linha dura.

— Talvez não é suficiente para mim — dou-lhe um olhar duro. — Garanta isso.

O clima é tenso, pesado. Um longo e profundo silêncio se instala, cada um preso em seus próprios pensamentos.

— Temos uma evidência nova, Savanna — a voz de Adam quebra o silêncio.

— Evidência?

Já que Peter havia saído levando o telefone, ele é obrigado a contar a ela a imagem e o teor da mensagem e suas conclusões.

— Adam tem razão, mas eu sou bem mais otimista — murmura ela. — Pelo o que Jenny nos disse, ela procurou por sua filha em todos os cômodos da casa, o que elimina a presença de alguém lá dentro, pelo menos na hora em que esteve presente ou ela teria visto-o.

— A questão é como essa foto foi tirada?

— É uma captura de tela — Peter retorna — uma gravação.

Nos encaramos entre surpresos e eufóricos. Havia uma câmara em algum

ponto da cena do crime. Se havia uma gravação da Jennifer com Sophia, há imagens de quando o verdadeiro culpado invadiu o apartamento dela.

— Se acharmos a fita... — balbucio comigo mesmo.

— Conseguimos inocentá-la. — Savanna conclui.

— O que conseguiu sobre o telefone? — pergunta Savanna. — Eu posso ver? — Absolutamente nada.

Peter caminha até Savanna entregando o celular a ela.

— A pessoa foi precavida, usou um celular descartável.

— O que ele quer? — Adam conjectura. — Dinheiro é pouco provável ou teria entrado em contato há

muito tempo. O que ele quer...

— Talvez outra pessoa tenha encontrado a gravação. — Sugiro.

— Vou solicitar uma nova averiguação no apartamento — murmura Savanna enquanto faz a transferência da imagem para seu telefone. — A câmera ainda deve estar lá dentro...

— Não acho que ainda deva ter algo dentro dela. — Peter rebate, erguendo as sobrancelhas, intuindo que ela tivesse falado algo absurdo.

— Mas é uma prova, quem sabe encontramos algumas digitais, qualquer coisa — revida ela, apontando um fato que ele ainda não havia se dado conta. — Faça seu trabalho *Sherlock*, deixe que eu cuide do meu.

— Sim, senhora — Peter bate continência, fazendo com que ela saia irritada.

— Eu vou com ela — Adam lança um olhar de reprimenda a ele e volta a olhar para mim. — Vai ficar bem?

— Eu vou.

Não estou mentindo para tranquilizá-lo. Eu preciso que Adam, Savanna e Peter estejam focados nisso, o fato de imaginarem que possa fazer algo irracional não os deixaria cem por cento, conseqüentemente prejudicaria Jennifer.

E apesar de que tenho vivido em meio a essa grande oscilação de sentimentos entre expectativas frustradas e a frustração total, mas agarro-me a

esse novo fio de esperança com todas as minhas forças.

Quem sabe o fim esteja mais perto do que nós imaginávamos.

— Bonita, mas invocada — Peter debocha. — Tirando aqueles óculos, se soltasse os cabelos e suavizasse mais o rosto...

Acredito que ele refira-se a advogada. Era o que me faltava. Peter no seu modo macho alfa.

— Acha que está solteira?

— Está mesmo me perguntado isso?

— pergunto, incrédulo.

— Desculpe — ele sorri. — Força do hábito, mas foi indelicado de minha parte.

— Deixe de ser babaca e me conte

sobre seus planos.

— Por que acha que tenho planos?

Ergo a sobrelanceia de forma impaciente. Está certo, eu não espero que ele descreva cada passo que dá ou suas formas nem sempre legais de conseguir informações, só não quero ficar às escuras.

— Pedi que investigassem o hospital em que seu irmão foi dado como morto.

— Descobriu alguma coisa?

— A enfermeira que cuidou dele não trabalha mais naquele hospital. Vou encontrá-la em New Haven, Connecticut, amanhã à noite. Seja o que tenha a esconder, eu vou descobrir.

Repassamos todas as informações que ele obteve até aqui. Apesar dos seus

esforços, os avanços têm sido mínimos. É nítido que o homem por trás das máscaras, costura todas as evidências a seu favor. Somos apenas o peão em seu tabuleiro. Agora entendo porque minha inconsciência havia me levado até o escritório. Enquanto eu não souber quem é seu informante, minha casa não é segura.

Essa nova constatação me deixa irrequieto. Meus filhos estão ali. De forma alguma, posso deixar sua segurança em risco. No entanto, tirá-los dali poderia levantar suspeitas. Nathan está vivo? Quem realmente está por trás de tudo isso e o que realmente quer?

Damos voltas e voltas não parecemos chegar a uma solução.

— Preciso ir para casa — comunico a ele. — Mantenha-me informado do que descobrir em New Haven.

Há apenas uma pessoa que eu confiaria o bem estar deles.

Capítulo 15

*Quem aplica um castigo quando está
irritado, não corrige, vinga-se.
(Michel de Montaigne)*

*Quando caem as
máscaras...*

— Eles estão chegando muito perto.
— Murmuro para tela do monitor,
desligando-o com brusquidão, regado a
raiva e insatisfação.

Eu não havia planejado cada passo meticulosamente para que esses desgraçados colocassem tudo a perder.

Aquele detetive idiota está se intrometendo onde não deve e eu terei que dar um jeito nele.

A pergunta é: — Como farei isso, sem levantar mais suspeitas?

— Você me garantiu que ela levaria a culpa. — A porta é aberta com gesto brusco.

Inferno! Não quero ter que lidar com ele agora. Preciso pensar em uma saída urgente, antes que as coisas fugissem de meu controle.

— Ela está presa, não está? — pergunto irritado.

— Eu não sei — ele se queixa, como vem fazendo nos últimos meses. — A advogada parece boa. E se descobrirem alguma coisa? Se chegarem até mim?

— Tenho o protegido todos esses anos, não tenho?

Ele caminha de um lado a outro da sala, nervoso, sente-se encurralado.

— Além disso, brigas não são raras nas prisões — caminho até ele, a passos calculados. — Normalmente elas não acabam bem. Pessoas morrem.

É insuportável quando ele fica arredio, difícil de controlar. Não preciso de mais esse aborrecimento para lidar agora.

— Eu não sei... — ele parece

vacilante. — Se descobrirem sobre mim? Se descobrirem toda a verdade. Se minha família souber.

— Deixe que eu cuide de tudo — observo seu rosto perturbado. — Eu sei o que estou fazendo. De qualquer forma, vamos antecipar os planos. Confesso que ver o Neil sofrer um pouco mais tem sido muito divertido.

Pergunto-me por que não me livrei dele quando tive oportunidade.

— Está colocando pressão demais sobre ele — afirma ele. — Eu entendo sobre o Juiz, mas envolver Hurt no assunto. Neil pode cometer alguma loucura e colocar tudo a perder.

Por que essa preocupação com Neil?

Ele nunca gostou dele? Que importância tem o que ele poderia ou não fazer. Só mudaria um pouco os planos.

— A intenção não era essa? — afasto-me dele, escorando-me contra a parede. — Fazê-lo ficar desesperado ao ponto de fazer o que nós quisermos. Desviar o foco?

Chantagear o Juiz Bennet foi fácil. O homem tem muita coisa a esconder por baixo daquela postura de homem sério da lei. Algumas pessoas acreditam que dinheiro é fundamental. *Tolos*. O poder abre todas as portas. Tenha todas as pessoas em suas mãos e elas farão tudo o que você quer.

Quanto a Hurt, tive apenas que

procurar um policial corruptível e infiltrá-lo no caso.

— O novo presentinho deve estar chegando — continuo — com o amigo fora da cidade será como atrair uma mariposa.

— Como sempre, você pensa em tudo — ele sorri, aproximando-se.

Eu jogo com ele, como um gatinho em sua bola de pelos. Eu sei o que quer pelo brilho de seus olhos. E por enquanto, como venho fazendo por todos os anos, eu dou o que ele precisa até o momento que ele seja nada menos do que mais um nome riscado em minha agenda.

— Vamos para o quarto — afago seu

rosto com um sorriso cínico em meus lábios.

O problema sobre segredos é que eles não duram muito tempo, logo o dele seria revelado. Sim, as coisas caminham exatamente como eu havia planejado.

Capítulo 16

Jenny

Em menos de um mês, eu já me mudei mais do que em meus vinte e quatro anos. Mas por um tempo que ainda não sei quanto, será o meu novo lar. E esse lugar é bem mais assustador.

Eu já estive em lugares bem ruins, como meu antigo apartamento no Bronx. Lá também morava e frequentava todos os tipos de pessoas; prostitutas, drogados, cafetões, famílias desajustadas, entre outros. Mas apesar

disso tudo e mesmo sendo cega, eu nunca tive medo.

Talvez porque eu não captasse nada ao meu redor de. Nenhum olhar ríspido, buchichos quando pensavam que eu não estivesse olhando ou quem sabe, uma jovem cega com poucos recursos, não interessasse a ninguém. Definitivamente, eu não oferecia perigo algum.

E nunca estive realmente sozinha, jogada a minha própria sorte, após a morte dos meus pais, eu passei a morar com a tia Mary. Apesar de já ser bem idosa e, não saber lidar com uma adolescente órfã e deficiente, por um longo tempo, proporcionou todo o carinho e conforto que precisei. Depois vieram Paige e Paul, anjos da guarda

que me protegiam o tempo todo.

— Qual o seu número? — uma voz impaciente, dirige-se a mim.

— Como? — pergunto, confusa, voltando para minha realidade.

— Roupas... sapatos... — diz a mulher alta e forte a minha frente. — Qual o seu número?

Estamos em um depósito ou algo similar. Eu vejo armários com sapatos, roupas e toalhas. O laranja é o tom predominante aqui. Eu sempre gostei de tons fortes, quando estive mergulhada na escuridão, vermelho, laranja e roxo, foram as cores que por algum tempo, ficaram vívidas em minha mente.

— Pegue, isso deve servir — ela entrega uma pilha de roupas após eu

balbuciar o meu número. — Tire as suas roupas, eu vou inspecionar você.

Ficar nua diante de outra pessoa, fazendo movimentos constrangedores com meu corpo não é apenas humilhante, é um indício do que eu enfrentarei por ali.

— A aliança — diz ela, de forma brusca — deveria ter ficado com seus pertences na entrada.

Eu afasto a mão para as minhas costas. De certa forma, desfazer-me dela é como um golpe em meu peito. Eu passei boa parte das últimas noites, admirando-a, alisando em meu dedo. Assim como a foto dos gêmeos e Anne, ela é um símbolo que me faz sentir mais perto do Neil.

— Anda, moça, eu não tenho o dia todo.

É só um pedaço de metal, digo para mim mesma. Todas as memórias que preciso estão gravadas em meu coração e isso, ninguém é capaz de tirar.

— Posso pegar a foto no bolso da calça? — pergunto, indicando minha pilha de roupas em cima da bancada.

Ela não diz que sim, nem que não. Apresso-me para não irritá-la mais. Olho para a foto meio amassada. Gabriel, Raphael e Anne, meus filhos e, por eles estou suportando tantas coisas. Além do Neil, eles me encorajam a continuar.

Após a revista e a certeza que não havia nada escondido pelo meu corpo,

que não estava doente e não havia pragas em meus cabelos, eu visto o uniforme e sou conduzida para a minha nova cela. Paramos apenas para tirar minha foto e entregarem meu crachá de identificação.

No resto do percurso, eu vou ouvindo alguns assovios quando passo por algumas detentas; altas, baixas, magras, gigantes, morenas, negras, loiras. Algumas de aspectos bem esquisitos.

Olhares curiosos, outros de deboche. As mais marcantes são as com o gelo e ira nos olhos, essas eu sei que devo ficar bem distante. E cada passo vai se tornando pesado, como se eu tivesse uma bola de concreto e correntes pesadas amarradas aos meus tornozelos.

Há quatro camas de ferro dentro da cela, divididas em cada lado da parede, duas em cima próximas ao teto e duas rente ao chão, além das camas, há dois pequenos gabinetes com produtos de higiene em cima dele, não há outros objetos.

Uma senhora está sentada na cama à direita, lendo o que eu acredito que seja uma carta, na cama de cima, à esquerda, está uma garota loira de costas para mim, virada para parede.

— Bem-vinda ao nosso resort, Durant — a carcereira empurra-me para dentro, num chocalhão e olhar de deboche. — Suíte principal.

As pessoas não serão simpáticas aqui, foi o que disse minha conselheira,

antes de me enviarem para a cova dos leões.

Tenho que tentar me manter afastada de brigas, evitar encarar as pessoas e não fazer suposições ou julgamentos desnecessários. Não vão gostar de mim por minha aparência e menos ainda, quando souber quem sou, mulheres ricas ou de boa situação financeira não são vistas com bons olhos. Não importa que tenha passado minha vida inteira dando duro tanto como a maioria delas para sobreviver. O que importa é o que sou agora, esposa de um magnata, portanto, destoo-o aqui.

— Eu sou Wolf — a senhora de cabelos brancos caminha até mim.

— Jennifer — sussurro a ela.

Não houve aperto de mãos típico de pessoas que acabam de se conhecer, apenas um inclinar de cabeça e aquele olhar não mexa comigo e sua vida será tranquila.

— Jennifer! — a loira pula da cama tão ou mais chocada que eu. A probabilidade de eu ser presa por algum crime eram ínfimas, mas eu estou aqui. Agora, encontrar na mesma cela com Amanda, a loira insuportável do *Seduction*, na qual trabalhei por quase dois anos, é absurdo.

— O que a princesinha do Bronx está fazendo aqui? — ela sorri de um jeito horripilante. — Quem você matou?

A palavra morte, categoricamente, não é uma das mais preferidas em meu

vocabulário. Parece-me tão sombria quanto seu significado.

— Eu sou inocente — balbucio, pressionando meus dedos.

Não sei por que estou justificando-me a ela, mas é algo automático.

— Claro que é — Amanda ri — todas nós somos. Veja o meu caso, por exemplo, eu não matei o desgraçado do meu ex-namorado. Ele escorreu na tesoura... doze vezes. O mais engraçado, ele estava dormindo.

Eu não sei se sua real intenção é me chocar ou me deixar com medo, provavelmente as duas coisas.

— Coisas estranhas acontecem à noite — diz ela, no que para mim é uma ameaça velada. — Não é mesmo Wolf?

— É — a senhora fala revirando os olhos, já que a loira encontra-se de costas para ela. — Os gatos são pardos à noite, é o que dizem.

— E a insuportável da sua amiga? — inquire Amanda, aproximando-se mais de mim. — Você verá, algumas semanas aqui e todos os seus amigos desaparecem.

— Eu vou dizer uma coisa a você, Connor...

— Durant — corrijo-a com calma. — Sou Durant agora.

— Claro, agora é casada com aquele figurão — ela sorri em deboche. — Vocês duas deram um belo golpe. Mal posso esperar para ver sua amiguinha aqui, também. Afinal, pertencemos a

lugares como esse... Saiba que não vou facilitar em nada sua vida aqui.

— Eu...

A sensação de que meus problemas estão apenas aumentando, intensificam a cada palavra que ela diz.

— Fique de olhos abertos, agora que pode ver.

Agora entendo porque Paige nunca havia gostado dela. As duas saíram no tapa muitas vezes no passado, em várias delas, eu tive que defender minha amiga perante o dono do clube, então a raiva que Amanda sente por mim, não é gratuita. Ela me odeia por Paige e, primeira vez, agradeço por ser eu aqui, com certeza a cabeça oca da minha amiga, não veria o dia seguinte ou o

mais provável, acrescentaria mais um crime em sua ficha criminal.

Um sinal toca, assustando-me. Amanda encara-me com dureza antes de sair pela porta.

— É a hora do jantar. Fique longe da loira — Wolf adverte-me. — Esteve na solitária dias atrás, quase arrancou o dedo de uma outra detenta, ela é bem arisca.

Não que eu precise do conselho dela, desde o *Seduction* eu sabia que a jovem não era uma pessoa fácil, agora eu tenho certeza.

— Vem, eu mostro o caminho para você.

— Por que está me ajudando? — pergunto, ressabiada.

Ela me encara por um longo tempo, como se me analisasse.

— Lembra-me minha filha — murmura ela. — Infelizmente faleceu há alguns anos, tinha câncer.

Eu acho que o choque ficou transparente em meu rosto pela forma que ela se afastou e saiu caminhando. Eu não consigo imaginar como deve ser doloroso para ela. Mesmo eu estando longe das crianças, eu sei que estão bem, de certa forma, isso me conforta.

Sigo-a em silêncio, respeitando o momento que ela precisa, ficaria muito feliz em ser sua amiga. Esse é um lugar em que você precisa construir alianças. É impressionante como algumas são aprendidas rapidamente. Em poucos

minutos, eu já havia encontrado uma amiga e inimiga. Não consigo nem imaginar o que virá pela frente.

Estou no vestiário que é dividido por outras detentas aguardando na fila para que chegue a minha vez. Eu sou a última na fila, não por escolha própria, mas porque aqui eu sou a novata. É aqui também há regras, muitas delas. Eu espero que água quente não acabe, algo que duvido muito.

Como imaginei, a água não estava quente quando eu cheguei no box. Eu tento me concentrar em outras coisas para não pensar na água gelada,

congelando minha pele. Penso em Neil e a última noite que passamos juntos, essas lembranças ajudam a manter o meu corpo quente. Sinto tanta falta dele, é como se eu estivesse incompleta.

A cortina do box é puxada com força.

— Está demorando demais, Durant

— Amanda me encara séria a fúria brilhando em seus olhos.

— Eu já estou saindo — dou as costas a ela com intenção de desligar o chuveiro.

Esse foi meu erro. Aqui não se deve dar as costas para ninguém, muito menos para alguém que te odeia tanto.

— Aqui não é seu palacete — a dor em meu couro cabeludo faz meus olhos arderem e lacrimejarem. — Vai

aprender como as coisas funcionam por aqui.

Inicialmente o pânico instala-se em meu corpo, paralisando-me. Não entendo toda essa agressividade sem motivo, quando há vários chuveiros vazios por ali. Amanda quer confusão comigo e fazer dos meus dias um inferno. Impulsionada por desavenças do passado, causadas por ela mesma.

Sou arrastada para fora e os gritos agitados das presas que estão ali, inflamam ainda mais a cólera da jovem sobre mim. Então a imagem dos meus filhos e Neil passam como um flash em minha cabeça. Eu tenho que reagir, meu cérebro ordena ou jamais voltaria a vê-los.

Um golpe de defesa pessoal que Paul havia me ensinado me vem à minha mente. Com um movimento automático, eu me contorço, ficando de costas para ela, lançando-a no chão.

Aproveitando de seu momento de surpresa e subo em seu corpo, pressionando seu pescoço com meu antebraço. O suor corre frio por minha testa. A adrenalina correndo por minhas veias dá a mim uma força que jamais imaginei ter. Eu vejo-a mudar de cor, um tom cada vez avermelhado enquanto ela arranha meus braços e sacode as pernas.

Os gritos das outras mulheres e consciência de que mais alguns minutos pressionando sua clavícula, eu poderia matá-la, faz com que eu me afaste

apoando-me contra a parede.

Amanda encara-me enfurecida e se arrasta para o outro lado perto dos boxes. Estou trêmula e chocada comigo mesma. Procuro controlar minha respiração acelerada, sem muito sucesso.

— Eu não sou mais a Jenny que você um dia chegou a conhecer — murmuro com a voz entrecortada. — A vida tem me ensinado muitas coisas. Uma delas é a me defender, então, fique longe de mim ou arranco seus olhos a unha. E então, entenderá como é ser cega, como muitas vezes me perguntou.

Na verdade, eu estou blefando, mas ela não precisa saber disso, espero sinceramente que ela não saiba.

— O que está acontecendo aqui? — pergunta uma vigia noturna, surgindo alguns minutos depois.

— Apenas um mal-entendido que já foi resolvido. Amanda achou que eu estava com seu sabonete — minto, de cabeça baixa, escondendo meu rosto entre meus cabelos.

Não é que eu queria proteger a Amanda, por mim ela voltaria para a solitária, onde poderia passar anos, apenas não quero que as coisas compliquem para mim mais do que já estão. O Juiz não irá repensar um pedido de liberdade se souber que andei causando confusão.

Cada passo meu aqui tem que ser calculado, mas eu também não irei

deixar de me defender, dela ou de qualquer outra que queira tirar vantagem contra mim.

— O show acabou — murmura a vigia. — Voltem para suas celas. E você Cooper, sem gracinhas ou volta para solitária. E acho que você não gostará de fazer companhia a ela Durant.

— Não precisava me defender — murmura ela, esfregando o pescoço. — Não pense que serei sua amiguinha por isso.

— Não fiz isso por você — cuspo as palavras, enrolando a toalha em meu corpo antes de seguir até minha pilha de roupas. — Ser sua amiga é a última coisa que eu gostaria.

Não havia surgido entre nós um elo

de amizade e companheirismo como em uma linda história vista em um livro, mas Amanda havia entendido que se for preciso, eu sei me defender. Ela pode ser perigosa, mas se eu for acuada, eu também sou, de tanto apanhar na vida, também aprendi a bater.

De volta à cela, eu sou a última a ir para cama. Além de todos os problemas em minha cabeça, agora mais do que nunca, eu tenho que me manter vigilante. Eu não sei o que Amanda é capaz de fazer. Atacar-me durante a noite não seria algo que me deixaria surpresa.

Tenho saudades das noites que eu dormia tranquila, mesmo na cabana e com todos os riscos nos cercando. Todas as noites, eu tinha os braços protetores

de Neil em volta de mim. O peito largo e forte, que muitas vezes foi o meu travesseiro, garantiram-me a paz e tranquilidade que eu precisava.

Eu não consigo pegar no sono. Wolf, agora conhecida como Molly ronca ruidosamente em sua cama. Já havia recebido alguns safanões de Amanda, mas não adiantou muita coisa.

Olho para cima, Amanda parece ter pegado no sono, o travesseiro pressionando em sua cabeça em busca de minimizar os ruídos provocados pelo ronco.

Coço o meu dedo anelar enquanto olho para o teto, sinto o vazio onde antes estivera minha aliança e dou-me conta de que já não está mais ali comigo.

Brincar com ela, aliviava um pouco a tensão e solidão noturna.

Viro para o lado, de frente a porta, seria loucura deixar a retaguarda baixa, não com essa maluca tão próxima a mim.

Então, dirijo meu olhar na parede, observando cada detalhe, da parede, fixo meu olhar em algum ponto, aos poucos as pálpebras cansadas ficam pesadas a marca de tinta descascada é a última coisa que vejo.

Essa é a única parte do dia que me sinto feliz. Saber que irei vê-lo. É como se voltasse a ser uma adolescente e

estivesse esperando a tão sonhada noite do baile. Aliso meus cabelos e tento arrumar a minha roupa. Por mais que eu tente esticar as mangas é impossível esconder as marcas de unha em meus braços. Deus, ele ficaria louco e não consigo pensar em nenhuma desculpa convincente o suficiente para acalmá-lo.

— Não é permitido toques ou qualquer demonstração de afeto. — O guarda na porta me informa.

Balanço a cabeça e apenas concordo. Eu o vejo, no fundo da sala, em pé encostado contra parede. Camisa preta, jaqueta e calça escura, os cabelos úmidos, levemente jogados para trás, embora alguns fios teimosos insistam em cair em sua testa.

Algumas mulheres acompanhadas tentam ignorá-lo, enquanto outras encaram-no abertamente. Assim como eu, são poucas imunes a ele. Olhares que ele ignora. Eu tenho a estranha sensação que para ele há apenas nós dois aqui, ou quem sabe, seja assim que eu me sinto.

— Oi — eu quero me aproximar, mas o olhar firme de outra guarda impede-me. — Que bom que veio.

— Senta aqui.

Encaro a cadeira ao lado de onde ele acabara de sentar, minhas mãos estão suando.

— Tudo bem? — Neil encara as marcas em minha pele.

Droga!

Sacudo a cabeça em resposta e viro o

rosto para o lado da janela, fugindo dos olhos avaliadores.

— O que é isso? — um dedo acaricia minha pele machucada.

— Ah, você sabe... — pigarreio para limpar a garganta — eu sou bem desastrada.

— É, eu sei — murmura ele.

Dessa vez são seus olhos que fogem dos meus. Eu posso ver sua mandíbula contrair-se e percebo o quanto ele se esforça para controlar a exaltação.

Continuo calada, observando-o. Dizer que Amanda está aqui e que me atacou durante a noite seria como atear gasolina ao fogo.

Por baixo da mesa, eu sinto seus dedos tocar os meus, em uma leve

carícia. É um gesto tímido e fofo e o máximo de carinho que poderíamos demonstrar um ao outro. Ali, escondido de olhos inquisidores.

— Tenho notícias que talvez a faça um pouco mais feliz.

— O Juiz irá reconsiderar a decisão?
— pergunto, esperançosa.

— Ainda não — diz ele, com dentes cerrados. — Mas é algo tão importante como.

Respiro fundo. O que poderia ser mais importante para mim do que minha liberdade? Poder voltar para casa, para minha família. Longe de tudo e todos que tentam me fazer infeliz. Esquecer toda essa loucura e continuarmos nossa vida de onde paramos.

— Havia uma câmara no apartamento da Sophia — diz ele. — Recebemos uma imagem onde aparece vocês duas, naquele dia.

A pressão nos meus dedos é mais forte agora, ele parece tenso.

— Isso quer dizer que pode ter filmado a pessoa que a matou — concluo, animada. — Eu poderei sair daqui.

— Eu farei qualquer coisa para que seja assim.

Eu queria poder abraçá-lo e compartilhar com ele esse pequeno momento de alegria e esperança. É o que faço sem me importar com as consequências.

— Durant!

O alerta estridente em nossa direção obriga-me a afastar-me. Peço desculpas e volto a sentar novamente. De forma alguma, desejo que minha impulsividade impeça-o de ver-me enquanto eu estiver aqui.

— Inferno! — Neil, blasfema esfregando o rosto — Quando essa merda vai ter fim?

É uma pergunta que me faço a cada segundo, mas agora acho que a resposta está muito perto.

O sinal toca e o guarda alerta que a visita havia acabado. Parece que nunca temos tempo suficiente para ficarmos juntos, as pequenas migalhas oferecidas a nós, nunca serão o suficiente.

— Eu trouxe outra foto para você —

murmura ele, levantando-se.

Neil me entrega a foto e eu vejo os quatro, lindos, felizes. Um dos gêmeos dormindo e o outro chupando os dedos. Anne sorrindo e noto o pequeno dente despontado, onde outro havia caído. Neil também sorri, mas não chega a seus olhos, eu percebo. Sinto uma fígada dolorida no peito.

— Levaram minha aliança — aviso quando vejo seus olhos fixos em meu dedo.

As pessoas vão saindo, mas continuo conectada a ele.

— Quer se casar comigo?

— Já somos casados — murmuro, surpresa. Eu imaginei que soltaria algum impropério por causa do anel, como

sempre ele consegue surpreender-me. — Não tem nem um ano. É cedo demais para renovar os votos.

— Quando você sair daqui — murmura ele com um sorriso torto nos lábios — e será em breve... Uma cerimônia simbólica. Onde terei imenso prazer em voltar a colocar a aliança em seu dedo.

— Neil...

O nó embolado em minha garganta dessa vez é causado pela emoção que as palavras dele me trazem.

— Além disso, agora temos dois convidados especiais — continua ele. — Então? Aceita?

— Nada me faria mais feliz — sorrio. — Sim, eu aceito.

Eu poderia ser julgada e condenada, passar anos aqui, mas eu tenho a certeza que ele me esperaria todos os dias, fielmente com o mesmo amor que vejo em seus olhos.

Capítulo 17

Neil

Chegar em casa e tentar manter meus pensamentos presentes, não é uma tarefa tão simples. De um lado Anne que já começa a ficar irritadiça por falta de notícias da mãe. Eu sei que tenho que falar a verdade a ela, apenas ainda não sei como. Ela é inteligente e os sussurros e conversas paralelas não tem passado despercebido a ela. De outro lado, minha mãe, Paige, e a Sra. Jackson querendo informações sobre Jennifer. Todas pareceram bem desapontadas

quando soubera da recusa do juiz.

Posso dizer sem nenhuma dúvida alguma, que Paige foi a que mais sentiu. Não me escapou os olhos úmidos e a desculpa que não jantaria conosco devido a uma enxaqueca. De todas as pessoas ligadas ao nosso drama, ela é uma das únicas que tenho certeza não está com as botas sujas de lama.

Primeiro porque nossos passados não se cruzam em nenhum momento. A pessoa responsável por tudo isso vem rondando-me há muito tempo, muito antes de Paige e Jennifer surgirem em minha vida. Segundo, o carinho e cuidado que uma tem com a outra, são verdadeiros, algo que sempre provocou minha admiração. Independentemente do

que aconteça, uma jamais abandonará a outra.

Por esse, entre outros motivos, que confio a segurança dos meus filhos a Paige. Por isso não achei estranho ou desvairado que ela tenha se instalado aqui em minha casa. Eu mesmo teria feito o pedido se ela não tivesse agido antes. Não consigo dar a atenção que Anne e os gêmeos precisam. Já nem consigo raciocinar com clareza. E ela e minha mãe tem feito um bom trabalho, apesar de não confiar em Lilian completamente, bom até agora não tem me dado motivos para afastá-la.

Há um traidor entre nós e isso me deixa ainda mais insano. Poderia ser qualquer um dos meus amigos, família,

empregado. Pessoas a qual confiei.

— Queria falar comigo? — Richard surge na porta do escritório, após uma leve batida.

Meu sexto sentido, me diz que ele é confiável. Apesar do início esquisito do seu relacionamento com Paige, eu sinto que seus sentimentos em relação a ela são sinceros. Não foi atuação a surpresa que ele teve no parque quando soube que Jennifer e eu tínhamos um relacionamento e, nem foi fingimento a indignação que ficou ao imaginar que eu estava enganando uma jovem cega. Afinal, meu passado com as mulheres nunca foi muito lisonjeiro, embora nunca tenha enganado nenhuma delas, dei apenas o que podia oferecer, sem falsas

promessas.

— Sente-se — indico a cadeira a minha frente. — Preciso que me ajude em algo.

Ele se acomoda ficando de frente a mim. Não, definitivamente eu vejo a bondade e preocupação em seus olhos.

— Eu sei que há alguém aqui ou entre nós passando informações valiosas — início com uma calma que estou longe de sentir. — De alguma forma, esse covarde que esconde-se atrás de uma máscara está sempre um passo à frente de nós.

— Acha que é algum empregado...

— Desconfio de tudo e todos! — digo enfaticamente.

Noto o brilho de mágoa transpassar

nos seus olhos. Ele se movimentava como se pretendesse se levantar.

— Nesse caso, acho melhor Paige e eu irmos embora...

— Não se aplica a você dois, Richard — apresso-me a esclarecer as coisas. — Não o chamaria aqui ou pediria sua ajuda se fosse o contrário.

— Olha, Neil, a Paige ama aquela garota — ele diz em um só fôlego. — Muitas vezes eu fui deixado de lado porque a Jenny precisava dela...

— Eu...

— Não que eu tenha ficado magoado — ele respira fundo. — Bem, não sempre, mas eu admiro essa amizade. Paige a ama, ama esses bebês e você entra no pacote. Pode ter qualquer tipo

de desconfiança sobre mim e eu não posso julgá-lo, no seu caso, agiria da mesma maneira. Mas nunca, jamais duvide da sinceridade da minha esposa, jamais permitirei isso.

Se houvesse qualquer dúvida sobre ele, elas terminariam por aqui. A forma fervorosa com que ele defende Paige, é a prova que eu preciso para confiar nele a segurança da minha família.

— Eu jamais desconfiei dela, Richard — murmuro. — Agora muito menos de você. Acha que é fácil ter dúvidas sobre pessoas a qual abri minha casa e vida?

— Eu tenho certeza que não — ele suspira. — Olha, não sei como você tem suportado tudo isso. Mas Paige e eu, nós

estamos aqui por vocês, lutaremos juntos até o fim.

— Sei disso. Por isso preciso que seja meus olhos e ouvidos aqui dentro e que os mantenha em segurança.

— Eu farei isso — murmura ele. — Pedirei a minha secretária que cancele alguns compromissos e trarei alguns projetos para finalizar aqui.

— Nada que levante suspeitas — oriento-o.

— Fique tranquilo, Paige não parecia muito bem hoje — diz ele. — Todos sabem como sou protetor em relação a ela.

Ele pensa rápido. Isso é bom. Pelo visto a falsa dor de cabeça de Paige servirá para alguma coisa.

— Sr. Durant, — a governanta aparece na porta após minha autorização para que entrasse — o Dr. Crighton está aqui.

— Peça que ele entre.

É a primeira vez que vejo Liam depois da cabana. Esteve fora da cidade por questões pessoais, foi o que me disseram, na época, não questionei muito sobre isso, tinha coisas mais importantes em vista. Agora tudo parece muito suspeito. Eu não consigo pensá-lo como um traidor. Porra, foi ele que deu luz aos olhos da Jennifer, eu seria grato a ele por toda a minha vida. Mas nesse quebra-cabeça há peças que não se encaixam.

— Oi, Neil — ele para indeciso na

porta — voltei hoje e só soube agora o que aconteceu. Eu vim ver como você está e dar uma olhada nos gêmeos. Sabe que eles precisam de um pediatra, não é?

— Paige e minha mãe já cuidaram disso, sente-se — indico a cadeira ao lado do Richard.

— Isso é bom — ele se senta. — Essa ruptura entre eles e a mãe é traumática. Como Jenny está? Que pergunta, deve estar péssima.

Enquanto ele fala, estudo-o atentamente. Eu não consigo dizer quanta sinceridade há ali. Seria ele um ator tão bom ao ponto de enganar a todo mundo? Quais os motivos o levariam a isso? Dinheiro? Acho muito improvável, sua

família tem posses. Estaria apaixonado por Jennifer? O carinho e admiração que diz sentir, na verdade esconde algo mais profundo? E onde Nathan se encaixa nisso tudo? Estaria unido com ele contra mim? É algum plano sórdido para ficar com minha esposa? Então por que deixá-la presa por um crime que não cometeu?

Deus, são tantas perguntas. Todo esse desespero e busca pela verdade estão me deixando paranoico?

Peter que foi o primeiro que conheci. Embora não tenha conhecido Nathan, ele ainda estava vivo quando nós iniciamos nossa amizade. Fazíamos terapia com o mesmo médico e ele sabe muitas coisas sobre meu irmão. Na época, eu precisava de um amigo e ele parecia

disposto a me ouvir.

Somos sócios do mesmo clube, gostamos de pôquer e golfe e o fato de termos negócios juntos havia estreitado os laços de amizade. Um era meu advogado o outro lidava com segurança, Liam e Richard vieram depois. Conheci Liam através de Adam, pois ele é o irmão dele.

— Onde você esteve, Liam? — disparo, pegando-o de surpresa.

— Eu sei que estou em falta com você — diz ele, mordendo os lábios. — Acredite, se tivesse ficado sabendo antes...

— É segredo? — pressiono-o. — Esteve com alguma mulher casada?

— Prefiro não tocar no assunto

agora, — ele vacila, o rosto rubro. Pergunto-me se é de raiva ou vergonha — não quero incomodá-lo com os meus problemas... O que houve com a sua mão?

— Minha mão? — ergo o punho levemente inchado. Está um pouco melhor que antes, mas dolorido ainda. — Estive treinando em como deixar o rosto de um traidor.

— Eu não trouxe minha maleta — ele sorri — Mas posso dar uma olhada nisso.

Richard troca um olhar desconfortável comigo. Liam é seu amigo também, para qualquer um de nós seria uma grande decepção se ele estivesse por trás disso. Todavia, eu me

sentiria muito culpado em levantar suspeitas injustas em relação a ele.

— O que aconteceu quando você esteve na cabana? — sondo-o, a desconfiança falando por mim. — Lembro que você demorou muito para chegar aquele dia.

— Eu percebi que havia um carro seguindo-me — diz ele com expressão confusa — eu já falei sobre isso.

— Tem certeza que o despistou?

— Acho que sim — murmura ele, pensativo — eu não sei bem, eu tentei. Como descobriram onde vocês estavam?

— Adam disse que foi uma denúncia anônima — encaro-o firme. — No mesmo dia que mandou que Dylan saísse para fazer compras.

— Pera aí... — Liam encara-me abismado. — Acha que foi eu?

— Foi?

Vejo-o abrir e fechar a boca em choque. A cadeira tomba para trás, num baque surdo.

— Depois de tudo o que eu fiz? — há um toque de amargura em sua voz. — Arrisquei minha carreira mais de uma vez para ajudá-lo.

— Eu agradeço, mas...

— Dana-se seu agradecimento — Liam caminha furioso até a porta. — Eu só vou desculpá-lo porque entendo bem o que está passando. Quando estiver raciocinando com clareza, me procure, ajudarei no que eu puder.

Não preciso dizer que o silencio

após a partida dele foi pesado. Eu quero muito dar um voto de confiança a ele. Agora eu tenho mais um monte de merda para acrescentar na pilha que havia se acumulado em minha vida.

— Acredito que ele está sendo sincero — murmura Richard. — Mas se não, jogar a verdade na cara dele não foi um erro?

— Se ele tiver culpa, isso o deixará desconfortável, o que pode fazê-lo dar um passo em falso — esclareço. — Eu desejo profundamente que seja eu a ter que pedir desculpas.

Após um longo e relaxante banho, na

qual passei grande parte do tempo repassando a conversa que tive com Liam, eu tomo um comprimido para dor de cabeça e um relaxante muscular. Ir para a cama é a parte mais difícil do dia, ela nunca me pareceu tão grande e vazia.

Jogo-me em cima dela sem me preocupar em ajeitar os lençóis. Curvo-me contra o criado-mudo para ajustar o despertador. A foto no porta-retratos enche meu peito de calor. Uma foto do dia do nosso casamento. Jennifer, Anne e eu, claro os gêmeos em seu ventre, uma família completa e feliz.

Coloco a foto de volta ao lugar, não sem antes deslizar os dedos pelos lábios sorridentes. Como ela está agora que foi

transferida? Como Savanna previu, não tive autorização para vê-la. Espero que consiga amanhã ou seria capaz de invadir aquele prédio concretizando a ideia de Adam de que sou um tremendo imbecil.

Enquanto eu navego pelas fotos na galeria do telefone, um antigo vídeo chama minha atenção. Não lembro porque ainda não o apaguei, apesar de Jennifer estar linda nele. É uma lembrança de quando ainda não enxergava e quero deletar todos os *momentos tristes de sua vida, passados e futuros*.

“O que você está fazendo? “A voz dela ecoa, feliz. “Neil! Pare de tirar fotos”!

É impossível não sorrir do biquinho zangado que ela faz quando cruza os braços.

“Estou apenas eternizando este momento. Não seja chata.

“Eu não sou chata.” Diz ela, mostrando a língua.

“Ah, não, você não deveria ter feito isso, Srta. Connor.”

A única imagem na tela agora é da grama, ao fundo risos e sussurros apaixonados.

Inexplicavelmente essas imagens não me entristecem, mas trazem um conforto que minha alma precisa. Acho que deve ser assim que ela se sente ao observar as fotos que dei a ela. Na guerra, as pessoas se apegam as cartas e objetos

deixados por seus entes queridos, conosco não é diferente, também estamos em guerra com um inimigo oculto.

— Pai?

Abro meus olhos e me deparo com Anne parada entre o vão e a porta. Ela está com a boneca que Jennifer havia lhe dado.

— Oi, princesa — sorrio, encostando-me contra cabeceira da cama — não consegue dormir?

Anne balança a cabeça em negativa e aperta a boneca contra o corpo.

— Posso dormir com você?

— Sim, querida — afasto-me para que ela deite ao meu lado — claro que pode, vem cá.

Ela corre meio desajeitada em sua perna mecânica e recebo-a no conforto dos meus braços. Ficamos assim, por um tempo. Eu percebo que preciso dela tanto quanto ela de mim.

— Você está triste, papai?

— Um pouco, mas vai passar, meu amor.

— É por causa da mamãe? Por que ela está presa?

A pergunta me pega de calças curtas.

— Sim, é por causa da mamãe.

Embora eu soubesse que cedo ou tarde teria que revelar a verdade a ela, protelei isso o máximo que pude. Como dizer a uma criança que a mãe dela estava presa acusada de assassinar sua mãe biológica? Porque Sophia nunca

significou nada mais do que isso. Os quase dois anos que Jennifer teve com Anne, ela deu mais amor a pequena do que Sophia em toda sua vida.

— Como soube disso? — afasto-a de mim com delicadeza para observar seu rosto triste.

— Eu vi a tia Paige chorar perto da escada. Ela disse ao tio Richard que se mamãe não saísse logo, ela mesma a tiraria de lá — murmura. — Por que prenderam ela, pai?

Porque a vida nem sempre é justa. Porque existem pessoas cruéis no mundo. Posso dizer tantas coisas a ela e nenhuma delas seriam suficientes.

— Jennifer não fez nada, Anne — acaricio as pontas do cabelo dela —

eles só ainda não sabem disso.

— Mas minha mãe é boazinha, papai!
— funga ela, entre lágrimas. — Ela não me bate e nem grita comigo e não me chama de aleijada. E só briga comigo quando eu não quero comer fruta, não contei isso para você porque eu sei que no fundo é para o meu bem e você me obriga a comer frutas também.

Ela vai disparando todas as palavras de forma desconexas. Em meio a todas elas, eu sinto o quanto esta situação também provoca dor a ela. Ver seu filho padecer em dobro.

— E ela sempre cantava para eu dormir mesmo quando eu não queria ir para cama — continua ela, quase sem fôlego — você tem que tirar ela de lá e

trazer para casa porque os gêmeos sentem falta. Você não está aqui, mas eles choram, daí eu canto, mas não é a mesma coisa. Papai, tira ela de lá...

— Anne — aperto-a em meu peito, tentando acalmá-la.

Se havia um coração em meu peito, ele deixou de existir nesse momento. Ele está no chão, despedaçado por todas as palavras sentidas que vieram dela.

— Vamos tirar ela de lá, pai — Anne soluça — eu falo que ela é uma boa mãe.

— Eu vou tirar, Anne — sussurro para ela — eu prometo.

Quantos minutos ficamos assim, eu não sei. Aos poucos a sua respiração vai ficando regular e vejo que está mais

calma. Eu prometi a minha filha que tiraria a mãe dela da prisão e de alguma forma, terei que cumprir essa promessa.

— Pai, eu vou cuidar de você enquanto a mamãe não volta — ela salta da cama, olhando-me séria.

— Você vai? — sorrio sem jeito. Sempre procuro cuidar do bem estar daqueles que eu amo. Ver minha filha empenhada em cuidar de mim, toca meu coração.

— Não pode dormir em cima da coberta — ela me afasta para puxar a manta — vai ficar doente. Pronto, agora deita.

Eu não ousaria desobedecê-la. Não quando há grande determinação brilhando em seus olhos.

— Eu vou cantar e você vai dormir
— ela sorri — mamãe fazia isso e
sempre dava certo.

Ela começa a cantar e não consigo
evitar um sorriso bobo. Não é o tipo de
banda que eu colocaria na minha
playlist, mas a intenção dela é tão bonita
e sincera, que eu não me importo. E foi
ao som de *You and You* do One Direction
cantado pela minha filha de nove anos,
que eu adormeci.

Você e eu

Não queremos ser como eles

Podemos levar isso até o fim

Nada pode ficar entre

Você e eu

Nem mesmo os deuses lá em cima

Podem separar nós dois

*Não, nada pode ficar entre
Você e eu
Oh, você e eu*

Ela está machucada, não apenas na alma, mas em seu corpo. Ela tentou esconder de mim o tempo todo e eu fingi acreditar na tola desculpa de que havia se acidentado. As marcas em seu braço e mãos não era nada menos que provocado por brigas. Eu posso imaginar todas as barbaridades que acontecem na prisão. Filmes e séries de TV não chegam nem perto da realidade. Por esse motivo havia fugido. O que seria dela grávida e desprotegida?

Embora perante as pessoas sãs tudo tenha parecido loucura, eu, no fundo, sei que fiz o certo, mesmo tudo parecendo errado. Eu pude garantir os momentos especiais que toda mãe tem o direito de ter, ao seu lado, mesmo sendo em uma cabana simples. Jesus não havia nascido em uma manjedoura?

Nós compartilhamos a chegada dos bebês e tivemos momentos incríveis com eles, momentos que seriam negados a nós se sua prisão tivesse ocorrido antes. O quanto sua alma estaria devastada se a tivessem separado dos gêmeos assim que nascessem ou se eles viessem ao mundo dentro de uma cela fria e sombria?

O que me deixa um pouco mais

tranquilo é que havia tomado minhas próprias medidas. Assim que soube que Jennifer ficaria naquele inferno, eu fiz Peter me garantir que encontraria alguém lá que pudesse protegê-la. Pelo visto, não havia se empenhado bastante. Recorrer a Adam não me parece o mais viável, já que ele parece agir apenas nos limites da lei. O que me importa a maldita justiça quando ela está contra mim?

Assim que saio daquele maldito buraco ao qual ela foi enterrada, liguei para Peter imediatamente sendo recebido por sua voz debochada e um recado de voz idiota.

Que tipo de pessoa deixa um recado como aquele? Tudo bem que é seu

número pessoal, mas ainda assim, ridículo.

Passo no escritório e Penélope me põe a par das coisas mais urgentes. Ainda não posso assumir algumas responsabilidades até que as questões judiciais sejam finalizadas. Eu pensei que um pouco de trabalho pudesse ocupar minha mente durante essas lacunas de espaço vazio enquanto espero por soluções, mas não teve efeito algum sobre mim. Além de ter que lidar com isso tudo, tenho em minha cola muitos jornalistas em busca de uma declaração. O barulho incessante do telefone me diz que Penélope tem se desdobrado para contornar a situação.

No fim da tarde, cansado e incapaz

de me concentrar em nada além de Jennifer, resolvo voltar para casa.

Antes que eu saia, Penélope me avisa que devo comparecer na delegacia para um novo depoimento.

Eles não estão convencidos de que não estive com Jennifer em sua fuga. Não há nada que rebata nossa mentira, mas também não há evidências que provem o contrário. Depois de quase duas horas dando depoimento a qual me concentrei ferrenhamente para não entrar em contradição, eu sou liberado. Os detetives não vão facilitar as coisas. Mas eles estão atrasados, já existe uma pessoa empenhada em dificultar minha vida. Se a polícia fosse a única interessada em ter minha cabeça em uma

bandeja de prata, eu ficaria feliz. Pelo menos com eles, eu tenho as armas certas para enfrentar esse duelo.

Chego em casa e sou informado pela governanta que meu pai já está em casa, instalando-se no quarto de hóspede com minha mãe. Vou direto para o quarto dos gêmeos. Anne tinha razão, não tenho dado atenção a eles como deveria. Jennifer ficaria desapontada comigo, não tenho sido um bom pai.

Quando chego no quarto, sou surpreendido por uma cena doce. Paige e Anne sentadas de forma desconfortável na cadeira de balanço. Paige tem um livro infantil tombando de suas mãos e Anne acolhida no colo dela. As duas dormem tranquilas ao lado do

berço.

Eu percebo que a intenção era lerem para os gêmeos dormirem, mas o resultado foi inverso, já que eles parecem mais atentos do que nunca. Eu não sei se eles sentiram que as duas precisavam de paz e tranquilidade e por isso estavam tão calmos. O que raramente acontecia. Sempre um dos dois estava se fazendo presente. Agora parecem unidos em proporcionar esse momento de calma.

Acaricio a bochechas deles e sou impactado com seus olhos azuis tão parecidos com os da mãe. Agora entendo porque de certa forma tenho ficado tão distante. Eles me lembram a ela fazendo com que a dor em meu peito

seja gritante.

Admiro-os por um tempo, embora queira pegá-los, temo que isso os faça ficarem inquietos.

Volto para onde está Paige e minha filha. Pego-a com cuidado. Ela abre os olhinhos assustada, mas ao me ver, sorri e volta a dormi. Paige também desperta e faço um sinal para que fique em silêncio. Vou para o quarto da Anne e colocou-a na cama. Eu vejo o quanto ela é parecida comigo. Sempre preocupada em cuidar das pessoas em volta dela, assim como eu. Na verdade, Anne é mil vezes melhor do que eu. Na infância, eu preferi isolar-me em meu próprio mundo e tirando as questões emocionais difíceis para lidar naquela época, eu não

tive os problemas que ela enfrenta. Eu não tive que lidar com uma deficiência e apesar de magoado com minha mãe, ela nunca foi cruel comigo como muitas vezes Sophia havia sido com Anne. Tão pequena e já enfrentando as adversidades da vida com tanta bravura. Eu deveria sentir vergonha de mim mesmo. Mesmo com essas barreiras em seu caminho, ela jamais havia perdido a inocência e ternura.

— É impressionante como ela é forte, não é?

Paige havia entrado sorrateiramente e colocado as mãos em meus ombros.

— Sim, ela é sim — respondo orgulhoso e o amor por ela explodindo em meu peito.

Minha pequena Anne. A primeira pessoa que me ensinou o que é o amor verdadeiro e que ensina-me algo novo todos os dias.

— Sabe o que ela me disse hoje?

— O quê? — pergunto já me preparando para ser surpreendido.

— Que ela estava rezando, pedindo a Deus que ajudasse a mãe dela... — ela faz uma pausa para aliviar o nó preso em sua garganta, impossível de não perceber devido o tom de voz emotivo — que quando vocês foram embora, ela rezou todos os dias pedindo que voltassem e que ela seria uma boa menina. Deus a ouviu e ouviria de novo.

— Oh, Anne — ela tinha tanta fé em um milagre, quando eu já havia perdido

a minha.

— Sabe o que mais? — Paige pressiona meus ombros. — Eu tenho fé nisso também. No orfanato, enquanto eu crescia e via outras pessoas sendo adotadas por outras famílias me deixando para trás, eu rezava para que minha mãe voltasse, e que eu pudesse abraçá-la mais uma vez, nem que por um instante.

Eu conheço a história dela. Sua vida também não foi fácil. Mas isso não tinha a transformado em uma pessoa amarga e infeliz. Tudo bem. Paige é mesmo uma maluquinha de boca solta, mas é uma amiga fiel e se doa como ninguém. Se eu tivesse uma irmã ficaria orgulhoso se fosse alguém como ela.

— Depois enquanto crescia e via que esse sonho estaria muito longe de se realizar, meus sonhos mudaram. Passei a pedir alguém que me amasse como eu era. Foi aí que caí nas mentiras de John, ele não havia roubado apenas meu dinheiro, móveis e me deixado na rua, ele havia levado embora todas as minhas esperanças. Então, eu conheci a Jenny e vi como era forte e corajosa e senti vergonha de quem eu estava me tornando.

É a mesma sensação que tenho com Anne. Achamos que nossos problemas são únicos, mas basta nos deparamos com pessoas em situações piores para que nosso foco mude.

— Ela me fez ver que existiam

peessoas más nesse mundo, mas há muitas pessoas boas também. Então Richard apareceu e hoje me sinto completa. Depois de muitos anos, eu reencontrei minha mãe e foi um momento mágico.

Eu ainda não entendia como ele havia perdoado a mulher que a abandonou por tanto tempo. Agora sei que em seu coração só há espaço para o amor. Por que gastarmos tempo com rancores e magoas que fazem mal a nós?

— Eu não posso e nem consigo imaginar a dor que você e Jenny tem sentido, mas eu estou com Anne. Nosso pedido será atendido, eu tenho fé que sim e se suas forças estiverem esvaindo-se, nós duas temos um estoque para vocês dois.

Suas palavras me tocam de uma forma que ela jamais poderá entender. Eu sei que ela também sofre. Não foi preciso que Anne tivesse falado que a viu chorando, eu sinto. Agora eu entendo o porquê Richard teve tanto empenho em defendê-la. Mesmo com as minhas desconfianças não se aplicando a ela.

— Você é uma grande amiga, Paige — pressiono suas mãos em meus ombros. — Nossa irmã de alma. Não sei o que faríamos sem você. Nunca me esquecerei disso.

— Bom, quando isso passar, eu tenho grandes ideias — ela ri, marota.

— Ah, eu sei que tem — murmura ele. — Mal posso esperar para saber o que passa nessa cabecinha maluca.

Vou para o quarto do meu pai. Encontro-o observando o jardim através da janela, em sua cadeira de rodas. Embora as restrições físicas impostas a ele, devido o derrame, ele ainda é um homem de constituições fortes. Penso em como deve ter sido duro para ele ver-se assim, impotente.

Até hoje não consigo entender o que havia acontecido no dia em que passou mal. Na época, eu já possuía quase todo o controle da empresa, mas a voz e opinião do meu pai, ainda eram muito respeitadas, principalmente, pelos acionistas. Grande parte do que sei, havia aprendido com ele. Lembro quando era menino e ele me passava seus conhecimentos e de como eu

escutava tudo, atentamente, mesmo que na maioria das vezes, eu não entendesse nada. Apesar de suas decisões retrógradas tivessem feito com que ele estagnasse a empresa levando-a falência eminente, eu ainda o respeitava.

Por muitos anos, ele foi uma raposa nessa selva que é o mundo dos negócios. Só que o mundo havia mudado, e era sua resistência a mudanças que precisava ser repensada e isso nos colocava num impasse. Naquela semana tivemos discussão ferrenhas sobre eu dar aposentadoria para os executivos mais velhos e rígidos ao novo mercado.

Precisávamos de pessoas talentosas e de visão. Claro que os mais antigos e adeptos a uma reciclagem, ficariam.

Meu pai não entendia a ideia de uma nova reforma, ele era leal demais aos amigos que ajudaram na fundação da empresa. Eu tinha uma visão mais pragmática, realista e revolucionária. Transformar a DET de uma das mais antigas empresas do país direto para o topo do iceberg.

Foi o que fiz, sem margens para sentimentalismos tolos, afinal, não somos uma instituição sem fim lucrativos, empregamos centenas de pessoas. Nossa queda é a queda de muitos. Eu havia conseguido. Não apenas isso, mas também expandi nossos negócios para hotelaria e aviação. Os dois ramos casaram muito bem.

A lembrança daquele dia ainda é

nebulosa. Estava em meio a uma reunião importante quando a governanta ligou avisando que o havia encontrado caído no chão do escritório da minha casa. Não tive como não me sentir culpado. E a partir daquele dia, eu me empenhei cada dia mais para ser o melhor e que ele sentisse orgulho de mim.

— Pai?

Ele demora um pouco para se equilibrar e girar a cadeira. Eu teria ajudado, mas isso só o faria ficar mais irritado. Nos últimos meses, ele estava tendo um progresso espantoso. Desde que Jennifer surgiu em minha vida e após a notícia sobre os gêmeos parece que havia dado a ele uma nova dose de esperança

— Eu preciso contar algo — começo cauteloso. — Preciso que fique calmo, está bem?

— Jenniii — ela fala em uma voz arrastada — temm que saber.

— Ela vai ficar bem, pai — agacho em frente a ele — vamos tirá-la dali. É sobre Nathan que preciso falar.

— Nãoo — ele levanta a mão, exaltado — ruimm.

Eu sei que deveria poupá-lo, mas é sobre o filho dele que estamos falando. Ele já sabe que abrimos o caixão é direito dele saber que alguém havia violado o corpo e que estava brincando conosco.

— O túmulo estava vazio, pai — eu continuo com a voz calma.

— Nathhh...

— Eu sei que isso é imperdoável, eu vou encontrar o responsável e...

— Neil, — a senhora Jackson surge na porta com um pacote em suas mãos — é para você, diz que é urgente.

Eu caminho até ela, intrigado. Mas o que quero mesmo é dar tempo para que meu pai possa digerir essa nova informação.

— Falarr — meu pai balbucia — homemm...

— Nós vamos encontrar esse maldito — eu começo a tranquilizá-lo enquanto minhas mãos rasgam o papel de forma automática — vai ficar tudo...

Minhas palavras morrem em minha boca assim que o conteúdo no envelope

fica visível aos meus olhos.

— Que porra é essa?

Em minhas mãos dezenas de fotos da Jennifer no apartamento de Sophia. Desde que entrou até o momento que haviam brigado pela faca. Várias capturas quadro a quadro.

— Eu preciso ir — falo ao meu pai sem olhar para ele.

Não sei se respondi algo a Sra. Jackson sobre o jantar e nem dei importância a pergunta do Richard, quando atravessasse a sala. Eu só tinha um destino em mente.

— O que aconteceu? — ele pergunta da porta, observando o pacote em minhas mãos.

— Prefiro mostrar lá dentro. —

Passo por ele indo em direção à sala.

— Neil, eu não estou... — ele bate a porta, rendido, após eu ter passado como um furacão — sozinho.

Não foi preciso que ele concluísse a frase, no meio da sala estava Penélope rubra e desajeitada. Eu noto que havia interrompido algo. Sua roupa sempre perfeita estava amarrotada e fios de cabelo escorriam no coque severo.

— Desculpe se interrompo algo — murmuro, sincero — mas é realmente importante. Adam, eu não viria...

— Tudo bem, Neil — ela sorri, desconfortável — eu já estava de saída.

— Neil? — Adam fala entredentes. Ele não está falando comigo, mas da forma informal que passamos a nos

tratar.

— Sim, Dr. Crichton — Penélope rebate, sarcástica — algumas coisas mudam outras continuam iguais. Eu não deveria ter vindo aqui.

Sabe quando você tem aquela sensação de que é um intruso? É assim que me sinto como se estivesse infiltrado em uma bolha invisível que pertencia somente a eles.

Mas que droga! Meu caso é anos luz, muito mais grave do que os dele em definir esse relacionamento. Porra, minha mulher está presa! É a minha vida que está em caos aqui.

— Fica, não terminamos ainda — Adam insiste. Ele me lembra um garotinho pedindo um pedaço de bolo —

não temos segredos para você.

Caramba! Se isso não foi uma declaração, eu não sei de mais nada.

— Eu não posso — ela caminha até a bolsa no sofá — esperam por mim em casa.

— Então vá! — ele urra ficando de costas para ela e de frente para mim.

— Você não se importa, não é? — diz ela num tom magoado.

— É, eu não me importo — rebate ele, mas eu visualizo a mágoa nos olhos dele. — Por que eu me importaria?

— Realmente as coisas não mudam — murmura ela em direção à porta — Fui tola em acreditar que sim.

Por algum motivo eu tenho a sensação que ambos falam de coisas

diferentes.

— Certo — eu murmuro. — Vai atrás dela. Eu procuro Savanna.

— Você veio até aqui — ele sacode os ombros como se não se importasse — deve ser importante e ela teria ficado se quisesse. Há coisas mais importantes esperando por ela em sua casa.

Eu espero que eles resolvam essa situação antes que toda essa merda na minha vida seja encerrada. Ou eu mesmo sentaria com esses dois e os obrigaria a resolver esse dilema. Como um pai segurando a espingarda.

— O que você tem aí?

Entrego o pacote a ele que examina foto por foto de forma neutra.

— Vou encontrar Savanna e de lá

vamos para a delegacia — murmura ele, guardando as fotos. — Uma foto tudo bem, mas isso?

— Eu vou com você — murmuro em direção à porta.

— Não. Você vai para casa e aguardará notícias.

— Uma porra que eu vou! — vocifero — não vou ficar em casa aguardando notícias.

— Você vai sim! — ele grita de volta. — Savanna e eu vamos estudar essas imagens antes de entregá-las a polícia, o que pode demorar horas, a última coisa que precisamos é de você nos atrapalhando.

Ele está possesso. Grande parte da sua fúria não é destinada a mim. Adam

quer apenas um alvo para descarregar a frustração dentro dele. Se ele precisa de tempo para se acalmar e pensar com clareza, eu posso segurar minha ansiedade por um tempo. Irei para casa, tomarei um banho e farei plantão naquela maldita delegacia até eles aparecerem.

— Me manterá informado? — pergunto, desgostoso.

— Claro que sim.

— Eu vou para casa então — murmuro abrindo a porta.

— Vejo você na delegacia — diz ele.

Adam me conhece bem. Não há forças nesse mundo que irão me manter longe disso. Só estou dando o tempo que meu amigo precisa para se recompor e

desenhar sua estratégia. Isso porque é para o bem da Jennifer e por ela, farei esse sacrifício.

Eu mal estaciono o carro em minha garagem e o telefone toca. Concluo que seja Adam e que tenha mudado de ideia.

— Neil...

Não foi apenas o tom esquisito e robotizado na voz que fez os pelos em minha nuca eriçarem, foi meu sexto sentido.

— Quem é?

— Um velho amigo — a voz saía de arrastada e irônica. — Que bom ouvir sua voz, outra vez. Recebeu meu presente?

— O que você quer? — sibilo, agitado.

Vou direto ao ponto. De alguma forma, eu sempre soube que esse momento chegaria. A hora de confrontá-lo cara a cara.

— Tisc, tisc — ele estala a língua em seu jogo ridículo de velhos amigos. — Não me trate como seu inimigo. Estou aqui para ajudar você.

— Isso quer dizer que tem provas para inocentar minha esposa e vai entregá-las a mim? — inquiri, descrente. — Sem segundas intenções?

— Eu sou uma pessoa benevolente — murmura — mas seria um tanto arriscado enviá-las pelo correio, os serviços postais nem sempre são eficientes... Eu ficaria desapontado se elas se perdessem por aí.

— Eu entendi — eu entro em seu jogo de faz de contas. — Se eu quero, eu tenho que pegar... Certo?

— Um pequeno inconveniente, não é mesmo? Mas valerá a pena, acredite.

— Onde e quando devo encontrar você?

— Há um galpão, não muito longe da sua casa. Em dez minutos eu envio a localização exata. E, Neil...

Há uma longa pausa. Meus dedos agarram o telefone com tanta força que temo deixá-lo em migalhas antes que a ligação seja finalizada.

— Não traga convidados, creio que a timidez seja um dos meus piores defeitos. Você entende, não é? Não vai querer que as provas sejam destruídas,

porque eu não soube lidar com minhas emoções.

— Claro que não.

Ligo o carro e dou ré fazendo o caminho de volta. Pego o celular e coloco na discagem rápida, de forma alguma, eu seria estúpido o suficiente para ir a esse encontro sozinho. Jennifer havia caído nessa cilada facilmente, mas o mascarado não está lidando com uma jovem grávida e inocente.

Outra vez a voz debochada de Peter ecoa do outro lado seguido do bip. Inferno! Havia esquecido que ele estaria fora da cidade.

— Eu não acredito — soco o volante com força e frustrado. — Porra, Peter!

No momento em que mais preciso

dele aqui, ele havia se aventurado em uma viagem ridícula. Eu preciso de alguém como ele em minha retaguarda.

Eu faço outra ligação ciente de que meu tempo está reduzido.

— Adam, é Neil — apresso-me a falar com ele sem prestar atenção na mensagem.

— Eu retornarei assim que puder.

O carro para em um uma freada brusca. Ele também está incomunicável. Peter está viajando e Adam seja lá qual o motivo não atende a droga do telefone. Qual a probabilidade de isso ser uma coincidência?

Estariam os dois por trás de tudo isso?

“Você tem o direito de desconfiar de

quem quiser, só não desconfie das pessoas erradas.”

A lembrança do que Adam havia me dito quando Jennifer foi presa vem a minha cabeça como uma metralhadora.

Eu havia desconfiado de Liam, minha mãe, os empregados da minha casa, mas bem pouco deles dois, afinal, eles estavam empenhados em nos ajudar.

E quanto a Peter, foi muito conveniente essa viagem agora. Além de Liam, ele era o único a saber a localização da cabana, além do que, a mesma pertence a ele. Sem contar a insistência em dizer que Nathan estava vivo quando eu o vi morto no caixão. Tudo havia sido um plano para me despistar? Onde Adam se encaixa nisso

tudo? Ter o controle das minhas empresas? Eu havia assinado uma procuração dando poderes a ele. Mas o que o motivou a tudo isso? Quanto mais eu penso, menos as peças se encaixam. Há indícios de que eles possam estar envolvidos, mas as razões que os levaram a uma traição tão vil são fracas.

Antes que eu possa tentar falar com Liam, o telefone vibra em sinal de mensagem.

O endereço para onde devo ir. Não é muito longe. Menos de quinze minutos de onde estou. Talvez eu devesse contatar Dylan ou Calvin, mas eu não sei se posso confiar em nenhum dos dois.

O que fazer quando todos a sua volta parecem ser seus inimigos?

É claro que eu estou indo em direção ao precipício. Mas eu não posso recuar. Não quando a vida e a felicidade da pessoa que mais amo no mundo está em jogo.

Eu faria qualquer coisa por ela, eu ficaria na prisão em seu lugar. E meu amor é tão profundo que sem nenhuma contestação eu mataria ou morreria.

Eu só espero que entregar minha alma e meu corpo, libere o dela. Jennifer tem o direito de ter uma vida plena comigo ou não.

Com essa decisão em mente, eu dou partida, não sem antes encaminhar a mensagem, em uma reação desesperada.

O lugar está escuro e abandonado. Parece-me uma fábrica abandonada. Há sacos de lixo e contêineres por todos os lados. Ratos circulam entre um saco rasgado e outro.

Eu avanço pela penumbra a passos calculados. A pessoa disse que estaria aqui, mas não o vejo em parte alguma. Passo por algumas pilastras e esteiras desativadas. Há apenas uma luz difusa iluminando o local. Continuo caminhando indo em direção ao fundo do galpão onde a iluminação é ainda mais fraca.

— Pensei que havia desistido — uma voz soa, vinda da penumbra e embora não possa vê-lo, essa voz é

irreconhecível. — Está sozinho?

— Sim — cerro os punhos tentando controlar a vontade de avançar contra ele como um animal feroz, implacável e guiado por toda ira que queima em mim — eu estou.

— Eu sabia que viria — diz ele, abandonando a penumbra a qual se escondia — o amor nos leva a coisas desesperadoras.

A máscara e luva branca são os toques finais dessa peça macabra que ele havia idealizado, mas no momento, não são significantes, a voz o denunciou.

— Pode tirar seu disfarce, eu sei quem é você... — caminho dois passos até ele — Konrad!

Lentamente ele vai se livrando do

tecido, revelando seu rosto a mim.

Parte II

Capítulo 18

Há pessoas que amam o poder, e outras que tem o poder de amar...

(Bob Marley)

Jenny

Estou num imenso e lindo jardim de rosas. Elas são azuis. Milhares e milhares de rosas azuis. Eu estou sentada em um balanço. Indo para frente e para trás com o sol cálido enviando calor para o meu rosto e, uma brisa suave bagunça alguns fios de cabelo. Eu

o vejo chegando, caminhando entre as rosas. Ele sorri e o sorriso é mais caloroso do que o próprio sol que toca minha pele.

Neil estende a mão pedindo que eu o siga. Eu não pareço caminhar, eu flutuo entre as rosas.

— Espere! — grito para ele quando o vejo se afastar de mim. Vejo-o ficar cada vez mais distante. — Neil.

Não há mais seu maravilhoso sorriso. Em seus olhos uma imensa tristeza. Não. Eu quero meu sorriso de volta.

Uma suave neblina começa a nos envolver. Perco-o de vista em segundos. Conforme ela vai ficando mais densa, o desespero e pânico começa a tomar conta de mim.

— Neil! — grito por ele. O desespero evidente em cada palavra saindo da minha boca. — Neil! Não me deixe aqui!

Eu já estive na escuridão antes. Eu não quero voltar.

A neblina vai se dissipando, mas eu não estou mais no jardim. Há uma escada. Eu sinto que não há nada de bom no final dela, mas é como se uma força me impulsionasse.

— Jennifer...

— Neil!

Eu corro, corro muito em busca da voz que invoca meu nome. No topo da escada há uma porta branca semiaberta. Eu me sinto como Alice atrás do coelho maluco. Empurro a porta meio ansiosa,

meio com medo.

O quarto também é todo branco do chão ao teto. O único tom destoante é do berço no centro.

— Meus bebês... — sussurro, emocionada.

Praticamente voou em direção ao berço. Deus, como senti saudade de tocá-los. Ninguém mais os tirariam de mim. Não vou permitir isso.

— *Não! Não! Não...* — demoro a entender que o som sai dos meus lábios acompanhados das grossas lágrimas rolando por meu rosto.

Eles não estão aqui. Em seu lugar a terrível e maldita máscara branca.

— Ei, Jennifer! — sinto os movimentos em meus ombros, mas não

há ninguém aqui. — Jennifer!

Abro meus olhos e vejo a cama de ferro acima da minha cabeça.

—Você está bem? —uma voz preocupada faz com que eu vire a cabeça para o lado. —Tudo bem, garota?

Foi apenas um sonho. Um sonho lindo transformado em um pesadelo horripilante. Eu já tive um sonho como esse. Ele é recorrente.

— Eu estou bem — respondo apesar da garganta seca.

— Que bom — diz Molly, aliviada. — Gritava tanto que pensei estar possuída.

— Acho melhor você ficar quieta, Durant — Amanda resmunga da sua

cama acima da minha. — Ou vou fazer você calar para sempre.

Ela não havia parado de me provocar, seria ingenuidade minha achar que fizesse isso. Aqui as regras são diferentes, você tem que mostrar o tempo todo que não é uma pessoa fraca. E nossa pequena briga no banheiro fez com que algumas pessoas entendessem que meu rostinho bonito e aparência frágil limitam-se apenas a isso. Mesmo ela soltando suas piadinhas com as outras presas ou derrubando minha comida *foi sem querer*. Amanda não havia mais me tocado.

Mas é impossível escapar de seus olhares furiosos. Às vezes eu temo que ela possa me sufocar com o travesseiro

durante a noite. Minha sorte foi ter encontrado Molly. Ela sempre me diz o que devo ou não fazer, com quem devo ou não falar. Ainda não entendo porque ela havia se aproximado de mim. Aqui é cada um por si e Deus para poucas, pelo menos, foi o que o supervisor me disse.

Então eu agradeço a amizade de Molly desejando que não seja nenhum plano maluco para me atingir. Eu não sei se eu tenho forças para tantas coisas. Eu tenho tentado ser forte e corajosa, pois é isso que todos esperam de mim. Só que esse não é um caminho fácil de percorrer. Eu tinha uma vida perfeita, agora apenas esperança de um futuro feliz.

Voltar a dormir depois daquele

sonho, foi impossível. Eu revivo-o a cada minuto. Como se fosse um agouro ou premonição macabra. Ou talvez eu esteja apenas tensa. Esse lugar causaria pesadelos em qualquer um.

O que me preocupa é Neil. Eu sinto uma pressão enorme no peito e uma angústia sem fim. Todos pensam em mim e esquecem de zelar pela segurança dele. O próprio, pouco se importa com isso. Se esse homem ainda quiser prejudicá-lo? Algo me diz que me enviar para a prisão é apenas um dos seus objetivos. Rezo fervorosamente para que nada de mal aconteça a ele. Eu não suportaria isso.

— Molly, acha que permitirão que eu faça uma ligação? — pergunto baixinho

enquanto caminhamos com nossa bandeja pela fila do café da manhã.

— Chegou aqui ontem e já quer regalias — ela fala num tom brincalhão. — Vai ter que conquistar o diretor e não falo no sentido figurado.

Eu teria que transar com ele? É isso mesmo que ela está me dizendo? Apenas o pensamento me causa repulsas e calafrios.

— Isso seria ilegal e antiético — murmuro, indignada. — É errado.

— Criança, tem muito que aprender aqui — caminhamos até nossa mesa. — Muitas coisas erradas acontecem aqui.

Ela tem razão, o pouco que estive, eu pude observar coisas absurdas. Parece que aqui as pessoas deixaram de ser

humanas e até mesmo animais são tratados com mais respeito. Sim, muitas delas carregam a marca de crimes em suas costas, mas devem existir mais casos como o meu, com pessoas inocentes. De qualquer forma, algumas mancharam as mãos de sangue, devido a vida dura que tiveram ou por motivos desesperadores. Como no caso de Molly; cansada dos abusos e violências físicas e emocionais do marido, havia usado a arma dele para se livrar do problema.

— Oh, desculpe. —Amanda derruba minha bandeja, pela terceira vez.

As duas primeiras, além de ter-me feito limpar a sujeira no pátio, fui obrigada a comer as sobras do

refeitório, fria e sem gosto.

—Você fez de propósito, Amanda — cheia de raiva, eu puxo o cabelo dela obrigando-a a encarar. Num gesto impensado, eu bato com a mão em sua bandeja, espalhando comida por todos os lados. — Pare de me provocar!

Ela não estava mentindo ao dizer que faria da minha vida aqui, insuportável. Essa pequena provocação é coisa de criança perto do que ela queira ou possa fazer. Molly me alertou que ela deseja que eu seja punida. Alguns dias na solitária — quem sabe?

— Olha o que você fez, sua idiota!

— Foi sem querer — murmuro num tom inocente, imitando o dela.

— Eu vou arrancar cada fio do seu

cabelo!

— Fica na sua, Amanda — Molly coloca-se entre nós duas. — Não caia na dela, Jennifer.

É muito difícil um pedido como esse, quando tudo o que quero é descontar toda raiva, dor e frustração em alguém. E Amanda está pedindo isso.

Eu quero quebrar as coisas e gritar dias sem parar. Quem sabe toda essa angustia e desespero saia de mim.

— O que está acontecendo aqui?

Uma mulher alta, cabelos curtíssimos, quase careca e de fisco forte vem até nós. Não é apenas a cara fechada dela que me dá medo. Seu corpo é musculoso como o de um fisiculturista.

— Quem é o responsável por toda

essa bagunça?

— Ela — Amanda aponta em minha direção. — Desde que chegou, só causa confusão.

— Isso é mentira — Molly apressa-se em me defender. — Você conhece a loira aí, vive provocando.

— Eu não quero saber dessa ladainha — a mulher solta faísca pelos olhos. Eu posso ver as veias saltando por sua testa, enquanto ela cospe as palavras, literalmente. — Vão ficar para limpar essa desordem. O refeitório todo, cozinha e corredores.

— Mas... — Amanda começa, indignada.

— Fiquem felizes de não irem para solitária e você, Wolf, está incluída no

pacote também. Agora circulem, acabou a refeição para vocês.

Saímos apressadas e impulsionadas pelos gritos dela. Sigo em direção à cozinha ao som da desavença entre Amanda e Molly num linguajar que deixaria uma prostituta rubra. Eu prefiro ficar quieta e cumprir minha sentença do que as paredes úmidas e escuras de uma solitária.

Passamos toda manhã e boa parte da tarde ocupadas com a limpeza. Se antes, Amanda me odiava, agora já não sei como classificar os sentimentos que explodem em seus olhos.

Durante o almoço ficamos bem distantes uma da outra para evitar novos conflitos. Droga, sempre que eu ajo sem

pensar, acaba em merda. Se fosse com Paige, ela ainda receberia medalhas e coroamentos por sua atitude intempestiva. Ela é um imã para confusão, mas tudo no final acaba bem.

— Olha, Molly, me desculpe — murmuro, sincera. — Nunca quis envolvê-la nisso.

— Não se preocupe, faz parte do meu trabalho.

Eu a encaro meio confusa. Não sabia que ela fazia esse tipo de trabalho por aqui. Talvez seja algum tipo de programa para redução de pena.

— Você irá entender um dia — ela pisca um olho. — Vamos que a loira está vindo em nossa direção.

Eu não acredito que Amanda tente

mais alguma coisa hoje. Mas é melhor não subestimá-la, então voltamos rápido para nossa cela.

— Ei, Durant...— a mesma agente que havia imposto o castigo me chama da porta. — Pegue suas coisas e me acompanhe.

—Por quê?

—Você saberá em breve.

— Seu showzinho de ontem à noite deve render uma bela noite na solitária, amorzinho. — Amanda provoca.

Eu pego as poucas coisas que tenho ali. Apenas fotos, não tenho mais nada que importa.

— Não liga para essa bruxa — diz Molly, sem muita convicção em sua voz, colocando a mão em meus ombros.

— Obrigada — eu não sei porque, mas eu sinto que soa como uma despedida. — Por tudo.

Sigo a mulher troncuda com coração saindo pela minha boca. Talvez eu não deva me preocupar com o risco de ser castigada. Quem sabe entenderam a implicância que Amanda tem comigo e me mudem de cela. Eu tenho que ser positiva.

Passamos pela porta principal e alguns corredores depois, me vejo em frente uma porta de madeira.

— Pode entrar — a mulher diz antes de sair e me deixar sozinha.

Eu não consigo mover um músculo do meu corpo. Ela foi embora me deixando sozinha? Sem medo de fuga? Afinal, eu

já tinha um histórico para isso.

Nessa ala, a segurança não é tão rígida como nos outros setores, quase não há segurança. Parece-me uma parte administrativa.

Eu ergo minhas mãos, mas não consigo tocar a maçaneta. E se estiverem levando-me para outro local. Um lugar ainda mais sombrio e apavorante que esse. E se meu sonho quisesse dizer isso? Nunca mais ver o Neil, os gêmeos e Anne.

Eu começo suar frio, minhas pernas estão trêmulas. É como se por trás dessa porta houvesse um monstro horripilante, desses que nos apavoram durante a infância.

Fecho os olhos tentando reunir

forças. Eu preciso enfrentar o que quer que seja.

— Jenny?

Adam.

Solto o ar aliviada. Adam está aqui e, portanto, nada de ruim poderia acontecer.

— O que faz aí parada — ele tem um enorme sorriso no rosto. — Não disseram para que entrasse?

— Sim... — eu começo nervosa — eu tive medo.

— Medo? — pergunta ele, erguendo a sobrancelha.

— Por causa do sonho, bem depois se transformou em pesadelo e também teve Amanda que vem fazendo da minha vida um inferno.... — paro um pouco

para pegar ar — isso porque ela tem pegado leve e Molly me disse que...

Eu falo tudo e nada com nada ao mesmo tempo. As palavras vão saindo atropeladas e confusas da minha boca.

— Você está livre, Jenny.

— E tinha aquele berço. Depois o Neil desapareceu... — faço uma pausa ao ouvir o que ele acabara de dizer. — O que você disse?

— Está livre — as palavras veem acompanhadas de um forte abraço enquanto ele me gira no ar. — Vai sair daqui agora mesmo.

— Quer dizer que o juiz concedeu a liberdade provisória?

Se alguém pudesse morrer de felicidade, eu diria que estou muito

perto disso.

— Não — Adam coloca-me de volta no chão. — Está livre de qualquer acusação.

— Está falando sério? — minha voz é falha. — Está mesmo... falando sério?

— Não mentiria com algo assim. Finalmente acabou, Jenny. Está livre.

Fiz a única coisa que uma pessoa em minha situação faria, joguei-me nos braços dele, chorando, intensamente de alma lavada e espírito livre.

— Pode chorar — ele sussurra com doçura na voz e me acalenta em seu peito. Sinto levemente suas mãos tocando meus cabelos enquanto soluço. — Você tem esse direito. A tortura acabou.

— Neil —afasto-me dele, secando o rosto com o braço de forma rústica. — Onde ele está?

Corro para dentro da sala em busca dele. Ela está vazia.

— Onde ele está, Adam? — pergunto com desespero. Ele jamais perderia um momento como esse. Aliás, ele deveria ser o detentor da boa notícia.

O mau pressentimento de que algo havia acontecido, faz com que meus joelhos dobrem. Apoio-me em uma cadeira para evitar a queda.

— Onde ele está?

— Fique calma...

— Adam! — sinto toda a cor sumir do meu rosto. Se minha liberdade foi às custas dele, prefiro apodrecer nesse

local para sempre. — Por favor...

— Ele está no hospital, Jenny...

Um grito de terror escapa pela minha boca. Eu desabo, perdida e, meu coração congela no peito.

— Calma, garota — ele me força a ficar em pé. Sinto como se minhas pernas não podem sustentar meu corpo, então sou amparada por ele. — Não foi nada grave. Apenas um deslocamento no ombro, além de uma crise nervosa. Pensei que mataria o Konrad.

—Konrad? — o mesmo Konrad que eu conheço — Konrad Bauer?

—É uma longa história e conto no caminho. Não quer sair daqui, ver Neil e seus filhos?

Meus filhos! Sim e Anne. Quero

muito vê-los. Eu quero muito ver o Neil também.

—Liam já deve ter conseguido com que ele receba alta e irá levá-lo para casa —murmura Adam. Creio que deva ter percebido o conflito em meu rosto. — Já deve ter passado o efeito do calmante e perguntando por você, é melhor chegarmos em casa antes dele.

— Está bem — sussurro, agora mais calma. Sempre que me imaginei atravessando a porta de saída eu me via com ele ao meu lado. Mas isso agora já não importa. Vou reencontrá-los e é suficiente para mim.

—Vamos — arrasto-o pelo corredor sem saber em que direção tomar. — Quero vê-los.

—É por aqui, sua maluca —Adam me guia pela direção certa.

Na saída devolvem minha aliança e minhas roupas. Quando a coloco em meu dedo, é como se parte do vazio que tinha no peito, fosse preenchido.

— Agora me conte tudo o que aconteceu. — Exijo assim que entramos em seu carro. Estava tão eufórica por ir embora desse lugar, voltar para casa e todos os que eu amo, que os detalhes importantes como o que provou minha inocência e o envolvimento de Konrad, perderam sua significância.

— Coloque o cinto — ele alerta. Eu percebo que Adam não está referindo-se a minha segurança, apenas. — É uma história surpreendente. A primeira coisa

que deve saber é que foi o Konrad que matou a Sophia.

Cada palavra dele durante a narrativa, me deixa chocada, com raiva e atônita. Milhares de sentimento passeiam por mim.

Sophia e Konrad estavam unidos em um plano sórdido movido pela vingança e com objetivos diferentes. Konrad era apaixonado por Nathan e culpava Neil pela morte dele.

— Isso é absurdo! — profiro, indignada — Neil não teve nada a ver com o acidente. Eu estive naquele carro. Eu sei.

— Bom, o cara é maluco — Adam balança o ombro. — De acordo com o que ele disse ao Neil, ele estava com

Nathan quando pediu ajuda ao irmão pelo telefone. O pai dele já estava cansado das suas atitudes e vida desregrada. Ameaçou interná-lo em uma clínica. Neil também estava farto do Nathan e disse para ele se virar sozinho.

— Por isso o Neil se sentia culpado, não é? — na cabeça dele, se tivesse ajudado o irmão, ele ainda estaria vivo.

Por isso ele se empenhou para cuidar e ficar com Anne, ele se sentia em dívida. Não que ele não a ame. Qualquer pessoa se apaixona por uma garotinha linda e amorosa como ela, mas é que no fundo, ele se sentia em dívida. Eu até posso entendê-lo, pois sei que é coisa de irmão. Kevin também fez muito mal a mim e eu o perdoei. Mas Kevin estava

perdido. As drogas o tinham transformado em outra pessoa, no fundo, ele é uma pessoa boa, só estava perdido.

Nathan não. Ele era cruel, desprezível e agradeço por ele estar morto, caso contrário, nunca teria deixado Neil se aproximar de mim e jamais conheceria a grandiosidade do seu coração e amor. Quase o matei e morri de dor quando vi seu rosto pela primeira vez. Apenas o profundo e inexplicável amor que sinto por ele, faz com que eu supere o ódio que nutri por aquele homem, por anos. Agradeço a Deus que ele esteja morto ou eu mesmo daria fim a sua vida.

É incoerente que uma pessoa que acaba de sair da prisão pense isso, mas

não consigo pensar ou sentir diferente. Odeio-o com todas as minhas forças. Ainda mais agora que sei que ele foi a causa de tudo isso. Mesmo morto, ele é capaz de provocar distrações entre as pessoas que o rodeiam.

—Ele passou anos odiando o Neil e planejando uma vingança. Tentou destruir a empresa, mas Neil reverteu isso. Depois quis matá-lo, cortando os freios do carro, naquele dia em que voltou a enxergar.

Eu me lembro, Peter havia informado que não foi um acidente como nós havíamos pensado, sabotaram o carro dele. Agora parece fazer sentido, os acontecimentos esquisitos, vão ganhando clareza.

— Nada do que ele fizesse dava certo e Konrad queria que Neil sofresse tanto quanto ele. — Adam faz uma pausa ao passarmos por um cruzamento.

Eu vou tentando assimilar tudo o que ele vai me dizendo. Neil sempre teve uma desconfiança contra ele. Imaginei que fosse o ciúme causador de tal sentimento.

— Então, ele resolveu seduzir você — continua ele, o desprezo evidente em sua voz. — Observou-a por alguns dias, ele viu que procurava emprego... então, armou tudo.

— Agora faz sentido — murmuro, seca. — Por que ofereceriam um cargo daqueles para uma jovem sem experiência como eu? Como eu posso

ter sido tão estúpida?

— Você estava preocupada com Neil e a amnésia dele, além do que, tinha acabado de voltar a enxergar — ele desvia uma mão do volante e dá tapinhas em meu ombro. — Você não poderia imaginar um plano como esse, Jenny. Ele se aproximou antes fingindo ser seu amigo, não foi?

— Por isso mesmo, Adam, foram muitas coincidências.

— O caso é que ele tentou seduzir você para que Neil sofresse com isso, e armou aquelas fotos que também não surtiram efeito.

Realmente não. Embora ele tenha ficado bem furioso no início. Ele sempre soube o quanto sou apaixonada por ele.

Eu havia ignorado um trauma do passado.

Certo, até aqui as coisas se encaixam, mas e Sophia? Onde ela entra nessa história?

— O que Sophia tem a ver com tudo isso?

— Ela odiava você por ter roubado Neil dela e, antes disso, acreditou que Nathan fosse apaixonado por sua irmã.

— Samantha! — praticamente grito no carro enquanto encaro-o atônita e indignada.

— Sim...

— Isso é mentira — rujo, nervosa. — Aquele homem não era capaz de amar ninguém. Quem ama não violenta. Ele destruiu não só o corpo dela, mas a sua

alma. Por causa dele, ela se matou devido a dor e vergonha.

— Sim, mas a maluca da Sophia pensava diferente. Com Konrad na cidade ela encontrou um aliado. Ela sabia que ele também odiava sua irmã e você.

— Eu?

— Seu irmão disse que você teve uma crise nervosa no carro, o que provocou o acidente. Para Konrad, você era tão culpada como Neil. Quando viu que ficou cega, acreditou que teve o castigo merecido. Mas quando soube que era a mesma garotinha do passado dele e que havia voltado a enxergar, seu ódio por você redobrou.

— Tem razão —respiro fundo,

encostando-me contra o banco. — É uma história sórdida e suja, quase inacreditável. Mas por que ele matou a Sophia, se ela era sua aliada?

— O plano dos dois ou que Sophia acreditava — ele continua. — Era atrair você para o apartamento dela. Fazer com que você deixasse suas digitais na faca. Matariam o Neil e culpariam você. Ela ficaria com Anne, o dinheiro, empresa e o controle de tudo.

— Que plano burlesco e absurdo! — consigo falar, mas falta ar em meus pulmões a cada palavra — eu o amo, eu morreria antes de fazer qualquer mal a ele.

— O plano deles era forjar que Sophia e Neil estavam tendo um caso

clandestino — ele ri do absurdo. Ele já não tocava em Sophia antes mesmo dela ter engravidado da Anne — você teria descoberto e uma mulher ciumenta e ferida seria capaz de tudo. Um crime passionai. Levado por um amor louco e doentio.

— Ainda não entendo por que Sophia foi assassinada?

— Ele aceitou participar do plano de Sophia, fingiu é a palavra certa, mas na verdade, a odiava profundamente. Ela sempre fez pouco caso dele e tinha uma parte do Nathan que ele jamais teria.

— Anne! —pronuncio, horrorizada, levando as mãos a minha boca.

— Então o plano dele mudou. Instalou câmeras no apartamento dela,

pois ele não confiava na instabilidade de Sophia. Você sabe que eles eram vizinhos de apartamento. Ele alugou o apartamento ao lado do dela. Pagou o chefe de manutenção para que ele desse um apagão no prédio para que não fosse visto entrando e saindo do apartamento. Entrou pela varanda e o resto você imagina como foi.

— Ele a matou e pôs a culpa em mim. Como isso veio à tona e por que Neil está machucado?

Algumas peças estão fora de lugar. Se nos odeia tanto, por que deixaria essa prova escapar com tanta facilidade?

— Ontem à noite, o Neil recebeu um pacote com muitas fotos suas e veio até mim — explica ele. — Eu fui ao

encontro de Savanna e disse para o Neil voltar para casa, encontraríamos uma forma de usar essas fotos a seu favor. Além disso, com as marcas na parede, a polícia teria que levá-las em consideração, na verdade, já estavam investigando isso. Mesmo com todas as provas contra você, eles não podiam ignorar algumas evidências contrárias.

— Bela forma de demonstrarem isso — murmuro, cansada. — Torturaram-me por horas.

— Faz parte do trabalho deles, Jenny — Adam rebate — e sua mentira sobre a fuga e de não ter ficado com Neil era bem fraca, vamos assumir isso. Sabiam que estavam mentindo em alguma coisa.

Neil e eu havia enfrentado isso de

forma errada. Sair fugindo por aí como Bonnie não daria certo, mesmo. Mentiras sempre são descobertas.

— Neil ficou possesso quando o dispensei, mas eu também estava tendo uma noite complicada...

Eu não imagino diferente. Neil não ficaria parado, vendo tudo se desenrolar nos olhos dele, apenas como um expectador, ele não é assim. Meu lindo possessivo e cabeça-dura.

— Ele foi para casa, mas no caminho recebeu um telefonema dizendo que tinha provas que soltariam você...

— Era uma armadilha. — Concluo antes dele.

— Sim. Mesmo com você presa, Konrad ainda o queria morto — diz ele.

— Ele sabia que Neil faria qualquer coisa para salvá-la.

Eu não imagino nada diferente. Se as câmeras na empresa não comprovassem que ele esteve à tarde toda no prédio, Neil teria assumido a culpa por mim.

— Neil entrou em contato comigo, mas eu tinha deixado no silencioso. Já estava muito tenso ontem, aquela mulher me deixa maluco...

Que mulher? A advogada?

—Savanna? — pergunto concluindo que ele fale dela.

— Não... Isso não vem ao caso. Savanna atendeu uma ligação no meu celular. Aquela mulher, definitivamente quer me enlouquecer. Só depois quando fui ligar para ver o que Penélope queria

que vi a mensagem do Neil com o endereço.

“Hum... Penélope”.

— Eu achei estranho e, com Peter fora da cidade, atrás da enfermeira que cuidou do Nathan, Neil virou um alvo fácil, Konrad só estava esperando uma oportunidade e...

— Pera aí... — encaro-o completamente confusa — o que você está falando? Nathan está vivo?

Ele suspira e morde os lábios sabendo que falou demais.

— Neil não queria que você soubesse disso, ele sabia que você ia pirar — murmura ele. — Mas Peter acreditou que Nathan pudesse estar vivo

e por trás de tudo isso. Por isso Konrad usava aquela máscara, era para se esconder e também nos confundir. Ele queria desviar o foco.

Nathan vivo? Apenas a ideia de que isso possa ser verdade me dá falta de ar.

— Mas... mas — eu gaguejo. — Ele está morto... não está?

— Konrad queria que nós acreditássemos que não, ele violou o túmulo removendo o corpo. Quando Peter conseguiu autorização do pai e pôde verificá-lo, foi surpreendido ao encontrá-lo vazio.

— Que coisa horrível — certo, eu odeio o cara, mas violar um túmulo é demais, até mesmo para ele. Afinal, ele já pagou pelo que fez. — Como

conseguiram que Konrad confessasse isso?

— Não conseguimos, ele é realmente insano — murmura Adam. — Ficou muito feliz em dizer isso a Neil. Em como fomos idiotas em não termos percebido seu plano brilhante. Quando disse a Neil que o mataria e ainda ficaria com Anne, sabe crianças somem todos os dias. Isso foi o estopim para deixar Neil furioso. Ele aproveitou que Konrad estava distraído e conseguiu desarmá-lo. Daí para frente foi uma briga e tanto. Quando cheguei e a polícia logo depois, Neil estava sobre ele e Konrad quase inconsciente. Mesmo machucado, ele consegui deixar Konrad num estado, digamos lamentável.

Não é surpresa para mim. Ele já havia feito um estrago em Konrad antes.

— Então Konrad confessou na cadeia?

— Não —ele suspira outra vez.

Essa história é maluca para qualquer pessoa, mesmo para ele, um advogado experiente que já deve ter visto coisas inacreditáveis.

—Ele parece cada vez mais surtado, não diz nada coerente — continua ele. — Ele havia falado ao Neil que a fita estava na casa dele, guardaria como lembrança de como matou Sophia e destruiu você. Também havia conseguido colocar câmeras e escutas em sua casa, por isso sabia cada passo que nós dávamos.

— Como?

— Lembra quando Neil colocou alguns seguranças na casa para proteger você? — ele desvia os olhos da estrada para olhar para mim. — Os mesmos que você ludibriou?

Tudo bem, eu sei que eu fiz merda, mas eu caí em um plano muito bem arquitetado. Eu jamais deixaria Anne nas mãos da Sophia. Antes de tudo isso acontecer, eu havia percebido que ela era louca.

— Um deles instalou câmeras e escutas. Eram nossos seguranças e vocês estavam de mudança, por que desconfiaríamos deles?

Por isso sabia tudo o que nós fazíamos, sempre.

— Não é apenas isso.

— Tem mais?

Meu Deus o que mais poderia sair daquela mente conturbada?

— Acho que está muito longe de acabar. Quando a polícia invadiu o apartamento, encontraram todas as fitas, inclusive a que inocenta você. Mostra você saindo e ele entrando pela varanda.

— Murmura ele.

— Pera, é muita informação. — Sinto minha cabeça rodar e tudo a minha volta perder o foco.

— Você está bem? — Adam para o carro no encostamento — Jenny?

— Tudo bem, eu só preciso de um pouco de ar. — Sussurro abrindo a porta e jogando para fora tudo o que havia

comido no almoço.

Adam segura meu cabelo enquanto da minha garganta sai mais que restos de comida, eu vômito toda minha indignação e repulsa.

Quantas pessoas foram mortas por causa de Konrad, Sophia e Nathan. A primeira jovem que ele levou a morte, minha irmã, meus pais indiretamente, devido a omissão de Sophia em entregar a carta deles a Neil e tantas outras que talvez nem saibamos. Em nome de um amor doentio e obsessivo.

—Você está melhor? —eu sinto o tom preocupado em sua voz. —Droga, eu sou mesmo um idiota. Não deveria ter jogado todas essas coisas sobre você, desse jeito.

— Tudo bem, Adam — procuro deixá-lo mais calmo. — Eu precisava saber. Foi bom me dizer tudo de uma vez. Quero voltar para casa e esquecer tudo isso. Quero apenas Neil e meus filhos. Me leva para casa, por favor.

Enquanto ele dirige, eu sinto as lágrimas escorrendo por meu rosto. Lágrimas de raiva por Sophia, Nathan e Konrad com seu plano sórdido. Mas principalmente de alívio de que tudo isso acabou.

Há muitos jornalistas e câmeras em volta da nossa casa, mas isso não me incomodou. Quando cruzamos o portão, eu só tenho uma coisa em minha cabeça e coração. Minha família.

Mal Adam desliga o carro, eu voo em

direção à porta transbordando de
saúde, felicidade e amor.

Capítulo 19

Jenny

Eu me lancei contra porta. Meu coração bate tão forte e tão rápido em meu peito, que eu juro, sou capaz de ouvi-lo o martelar em meus ouvidos. Minhas pernas tremem como cipós.

Em meio ao véu de lágrimas, eu vou identificando cada pessoa ao meu redor. Paige em seu vestido amarelo como sol, sendo amparada por Richard e seu sorriso gentil. Ao lado deles, a mãe e o pai de Neil com um sorriso de boas-

vindas. Geórgia, a governanta e seu olhar bondoso, Claire a babá, Calvin e até mesmo Dylan. No canto, à esquerda, próximo à porta, Kelvin, as lágrimas brilhando por seu rosto e Paul tentando controlar suas emoções. Todos são incontestavelmente importantes para mim, mas meu coração e braços tem sede de algo mais. E que esperei por um tempo que pareceu eterno.

Então eu vejo tudo como em um daqueles momentos em câmera lenta. Perto da janela, o carrinho duplo de bebê, azul-marinho. Curvada sobre ele, um pedaço do meu coração.

— Mãe? — sussurra ela, tão baixinho, suave, mas o som repercute em meu coração como a mais bela e perfeita

melodia do mundo. — Mamãe, é você!

A felicidade e emoção estampada em seu rosto reflete a minha. Ela corre em minha direção, desajeitada, caindo alguns metros à frente.

— Anne! — engatinho até ela tomando-a em meus braços. — Você está bem?

É como se cada pedacinho do meu coração aquebrantado estivesse sendo colado.

— Mamãe, é você mesmo? — ela pergunta alisando meu rosto. — Não é um sonho como o do Natal?

— Eu estou aqui, Anne! — beijo suas mãos trêmulas. — Eu nunca mais vou embora.

Sei que são lágrimas de emoção

escorrendo por seus olhos, a cena deixa meu coração em frangalhos.

— Eu amo você — Anne me abraça forte e com ela agarrada ao meu pescoço choramos juntas todas as lágrimas que precisavam ser derramadas.

— Eu também te amo — sussurro para ela. — Muito.

— Tem duas pessoas com muita saudade de você também — ela se afasta de mim secando meus olhos. — Mas não pode chorar porque pode assustá-los. Vem, eu levo você.

Eu sinto meu corpo paralisar. É como se minhas pernas desobedecem as ordens do meu cérebro. O meu coração grita para que eu prossiga, mas nenhuma fibra de mim obedece.

— Você está com medo? — Anne aperta minha mão.

Eu estou apavorada. E se não me reconhecessem mais? Havíamos perdido tantos momentos preciosos. Se o vínculo que tivemos houvesse se quebrado?

— Não precisa — Anne me impulsiona. — Falei sobre você todos os dias, mamãe, e mostrei muitas fotos.

Eu não sei se foram as palavras delas ou necessidade inexplicável de tocá-los que me deu a coragem necessária. Em questão de segundos, eu me vejo de joelhos no chão admirando-os.

Dois pares de olhos azuis me encaram curiosos. E ao menos que eu esteja ficando louca, um deles sorri para mim.

— Oi, — sussurro com a voz engasgada — filho.

Pego-o no colo com as mãos trêmulas. A primeira coisa que sinto é o cheirinho gostoso de bebê. Outra parte do meu coração voltou ao seu lugar.

— Meu filho — choro baixinho com medo de assustá-lo enquanto prendo-o em meu peito. — Meu filho amado. Eu te amo tanto, tanto...

Raphael chora em seu carrinho. Sei que é ele porque sempre foi o mais impaciente dos dois.

— Shhi — tento pegá-lo, frustrada pela fraqueza causada pela emoção.

— Eu ajudo você — diz Paige ao meu lado, colocando o bebê em meu braço. Eu estou completa.

— Sabem quem eu sou — digo a ela com a voz embargada pela emoção — Eles sabem.

— Claro que sabem — sussurra ela, limpando a garganta. — É a mãe deles, não é?

Balanço a cabeça em concordância. Passariam mil anos e esse elo jamais seria quebrado. Agora eu sei.

— Vem Anne — encaixo-a junto a mim, a cabeça apoiada em meus ombros.

Ali no chão, com eles em meus braços, eu vejo que a palavra amor tem um novo significado.

Mãe.

— Jenny! — olho para porta aberta.
— Esperei muito por esse momento.

Neil caminha até nós com passos largos. Noto seu ombro imobilizado e me angustio ao pensar nos riscos que correu por mim. Eu só não me jogo em seus braços, porque meus pequenos estão todos aninhados em mim.

— Eu te amo — sussurro em seus lábios, sentido o gosto salgado das lágrimas em meu rosto. — Eu te amo, muito.

— Graças a Deus acabou — murmura ele, inclinando sobre mim. Ele beija minha testa, tentando abraçar nós quatro entre alguns gemidos de dor. — Está em casa agora.

Quero abraçá-lo e dizer como senti

sua falta, mas também não quero soltar os meus filhos nunca mais.

Todos na sala evidenciam sua emoção. É impossível conter as lágrimas ao presenciar nosso reencontro. Ficamos assim por longos minutos. A sensação que tenho é que nenhum tempo que passemos juntos será suficiente.

— Meus queridos, eu tenho certeza que todos estão muito felizes porque a Jenny está de volta — Lilian aproxima-se de nós dois, falando como um general. — Mas eles devem estar cansados e precisando de um pouco de paz.

— Não... eu... — balbucio, surpreendida. — Eu estou bem e muito

feliz por estarem aqui.

Estou realmente muito feliz com a presença de meus amigos aqui. É emocionante poder rever a todos e ver que minha vida voltará pelos eixos outra vez. A presença deles não me incomoda, pelo contrário, mas talvez sobre Neil, ela esteja certa, ele parece cansado e com dor.

— Lilian tem razão — Paige aproxima-se de mim pegando o bebê do meu braço. Embora eu tenha ficado reticente no início, acabo cedendo. — Foram muitas emoções para um único dia.

— Obrigada, Paige — agradeço a ela flexionado meu braço dormiente. Não estou falando apenas por aliviar o peso

em meu braço, refiro-me aos cuidados que ela teve com eles. Estão lindos e bem cuidados, cresceram significativamente desde que foram tirados de mim. Eu sinto um peso na consciência. Embora eu tenha feito o melhor de mim na cabana, eu sei que não foi o suficiente. A começar pela falta de leite para amamentá-los — e a você também, Lilian.

— Nós não fizemos nada — Lilian abraça Paige pelos ombros enquanto sorri. — Nós nos divertimos bastante não é, Sra. Delaney?

— Ah realmente, sim — ela revira os olhos de forma cômica. — Foi muito divertido aturar você.

Todos riem, inclusive eu. É claro que

as lembranças ruins jamais sairiam da minha mente. Eu poderia aprender a lidar com elas e trabalhá-las dia a dia. Mas essa é minha vida. Os momentos ruins que havia passado parecem estar muito longes.

Um a um, eles vão se despedindo de nós. Com abraços carinhosos ou piadas engraçadas, como no caso de Liam. Despeço-me de Kevin com a promessa de que ele voltará no dia seguinte.

Paige e Lilian se oferecem para levar as crianças para cima e colocá-los na cama, eu recuso. Esperei um longo tempo por isso. Algo simples para elas, mas muito importante para mim. Poder desejar boa noite e observá-los dormir.

Com ajuda um pouco limitada de

Neil, colocamos os bebês no berço. Enquanto eu dou as mamadeiras, ele vai para o outro quarto ver como Anne está. Com toda essa agitação e loucura das últimas horas, ela parece exausta.

Quando chego ao quarto dela, Anne já havia tomado banho e ele estava ajudando-a a ir para cama.

— Mãe? — murmura ela, assim que sento ao lado dela. — Posso abraçar você?

— Sempre que quiser — sorrio encantada com a doçura dela. — Não precisa me pedir, nunca.

— Você tem cheirinho de morango — ela sorri antes de um bocejo. — Assim como eu me lembrava.

Estou bem longe do cheiro das loções

pós-banho que costumava a usar. Aliás, sinto-me grudenta e um pouco desconfortável agora. Eu passei o dia ajudando na limpeza e banho foi a última coisa que pensei ao sair de lá.

— Eu também posso? — Neil senta do outro lado dela.

— Abraçar a mamãe? — ela ri.

— Você, Anne.

— Você canta pra eu dormir? — pergunta ela com grande expectativa e ainda abraçada ao Neil.

— O que você quer que eu cante?

— *You and I* — ela sorri, empolgada.

— Cantei para o papai dormi quando ele estava triste, mas a sua voz é muito mais bonita.

Meu coração dá batidinhas ritmadas

em meu peito. Pensar em Neil arrasado e Anne cuidando dele é uma imagem muito doce, apesar de saber que eles estiveram sofrendo por mim.

— Então será essa música.

Eu começo a cantar como ela pediu. Essa banda juvenil passou a ser minha preferida também. É coisa de mãe, acho que conheço todas as letras tanto quanto.

Assim que saímos do quarto dela, eu não resisto e volto para o quarto dos gêmeos. Nunca me cansarei de admirá-los. De olhos fechados, tranquilos como agora, eu me dou conta de como são a réplica perfeita do pai.

Seria injusta essa realidade, se não me fizesse amá-los ainda mais. Eles passaram quase nove meses em meu

ventre, protegidos pelo meu amor e carinho para saírem a cópia fiel do Neil.

A única exceção são os olhos que herdaram de mim, mas essa é uma parte minha que ele mais ama. No fim das contas, ele havia sido beneficiado em tudo.

— Estão dormindo? — ele pergunta da porta.

— Parecem anjos — estico o braço para que ele se aproxime de mim, no berço.

Ficamos um tempo desfrutando da paz que somente as crianças podem transmitir.

— O que foi? — pergunto ao notar o olhar fixo em mim.

— Eu não havia notado como é

bonita.

— Você sempre me diz, bobo — eu sorrio, tímida.

— É, mas nunca vou cansar de repetir isso — murmura ele.

Abraço-o arrancando um gemido de dor.

— Ah, desculpe — afasto-me um pouco, preocupada — Adam me contou sobre ontem à noite, mas o que realmente aconteceu? Como se machucou?

— Eu não quero falar sobre isso agora — ele aponta para o berço. — Não aqui.

— Tá bom — seguimos para o nosso quarto. Eu com a minha cabeça fervilhando, dentro dela, milhares de

perguntas.

Elas teriam que esperar, pelo menos por hoje. Eu entendo que ele esteja reticente. Desconfiar que o irmão está vivo para depois descobrir que está morto. As revelações de Konrad e antes disso, toda a preocupação que teve comigo.

Eu não quero pressioná-lo. Não enquanto estiver em recuperação, não apenas do corpo, mas da alma. Quando ele se sentir confortável irá se abrir comigo. De qualquer forma, não sei se quero continuar cavando essa história digna de filme de terror.

— Será que ficarão bem? — pergunto ao me afastar do berço. — Se acordarem assustados ou...

— Vamos levar isso — ele pega a babá eletrônica.

Assim que atravessamos a porta envolvo minha mão em seu pescoço.

— Não quer tomar um banho? — pergunto, sugestiva. — Talvez precise de alguém para esfregar suas costas?

Ele pisca um olho e retribuo o gesto. Quando sua boca aproxima-se da minha um som agudo ecoo do aparelho.

Ele geme frustrado e eu dou risada.

— Somos pais.

— Vá na frente, volto em minutos — bato levemente em suas nádegas e corro para o bebê, impaciente.

Pego-o no colo para evitar que acorde o irmão. Verifico o macacão e a fralda, vejo que está sequinho. Pelo seu

jeito impaciente, imagino que esteja com fome, mas ele larga a mamadeira alguns minutos depois.

— Saudade da mamãe?

Sento na cadeira de balanço e começo a niná-lo.

— Eu também senti muita falta de você — sussurro enquanto balanço. — Agora eu estou aqui.

Conversamos por minutos sem fim, na verdade, eu falei e ele me ouviu com olhos atentos. Muito tempo depois, suas pálpebras vão ficando pesadas e ele dorme após um suspiro.

Coloco-o de volta no berço e quando penso que havia acabado, Raphael acorda. Ele sim estava faminto e vou de encontro à segunda jornada. Se eu me

aborreci? É o melhor momento da minha vida, mesmo sabendo que provavelmente nos meses seguintes essa será minha vida.

Volto para o quarto e como imaginei, encontro Neil dormindo. Ao lado da cabeceira, um copo de água e um comprimido para dor.

Sigo para o banheiro. A enorme banheira de mármore me seduz. Passo mais tempo do que calculei dentro dela. Após passar a loção preferida dele pelo meu corpo, eu juro que nunca mais iria sentir-me desconfortável com o luxo e riqueza que essa casa e Neil proporcionam a mim. Eu tenho muita sorte e devo agradecer por tudo o que tenho e todo o cuidado que ele tem

comigo.

Vou para cama e deito ao dele, abraço-o evitando o ombro ferido. Em poucos minutos, o sono me domina.

Espreguiço na cama tocando a parte vazia o meu lado. Ouço sussurros próximos a janela e apuro os ouvidos.

— Ele não vai dizer nada — diz ele num tom exaltado. — Faça seu trabalho e garanta isso.

Neil desligada o telefone e olha para mim. Eu vejo ira em seus olhos.

— O que aconteceu? — sento na cama. — Quem era?

Ele caminha até mim. Agora há uma

suavidade em seu rosto e eu volto a relaxar.

— Minha secretária — ele acaricia uma mexa de cabelo caindo em meu rosto. — Alguns jornalistas querem que Adam e eu façamos algumas entrevistas e já me recusei a isso.

Faz sentido que ele tenha ficado alterado. Neil não gosta nada da imprensa e só falava com eles se for por um assunto profissional.

— Eu vou descer para o café — ele beija minha testa. — Espero você lá em baixo.

— Está bem — suspiro em direção ao banheiro.

Tomo uma ducha rápida, visto jeans e camiseta, passo no quarto dos gêmeos e

eles não estão, nem Anne. Controlo o pânico que ameaça tomar conta de mim e desço.

— Você já pode ir embora agora, Paige — Neil diz a ela antes de pegar o jornal.

— Neil! — repreendo-o antes mesmo de chegar à mesa.

— Não se preocupe — ela ri, rubra. — Eu sei quais as intenções dele, Jenny.

Ela pisca para mim, mas ainda me sinto mal por ele ter dito isso a ela. Eu compreendo que talvez queira que tenhamos mais privacidade. Só que em uma casa com três crianças e vários empregados é uma missão quase impossível. Paige e Richard ali não fariam a menor diferença. Além do mais,

aprecio a companhia dos dois.

— E Richard disse a mesma coisa — Paige continua. — Homens, eles usam outra cabeça para pensar... Meu único pesar é ficar longe daquelas coisinhas fofas. Posso visitá-los sempre, não é?

— Claro, não precisa nem pedir — sorrio para ela. — Sempre bem-vinda.

— Desculpe se fui rude, Paige — Neil sorri para ela. — Apenas quero aproveitar minha esposa o máximo que puder.

— Não importa — ela sorri de volta.

— Onde estão as crianças? — sento-me ao lado dele, disposta a ignorar o ocorrido.

— No jardim com Claire, minha mãe e aquele cachorro barulhento. —

Responde ele, fazendo meu prato.

— Traquinas — sorrio saudosa. —
Senti falta dele também. Vou vê-los.

Ergo da cadeira, mas sou puxada de volta.

— Tome o seu café primeiro, Jenny — diz ele com firmeza no olhar — é visível que está mais magra e abatida.

Não é para tanto. Eu nem havia voltado à forma física que tinha antes da gravidez e talvez jamais volte. Neil dizia na cabana que tinha adquirido curvas nos lugares certos, mas estou bem mais magra do que quando estive lá, isso é verdade. O que dizer? Os dias tristes na prisão não tinham sido muito benéficos a mim.

Eu sei que agora preciso me

alimentar melhor se quiser acompanhar o ritmo das crianças.

— Está bem — começo e vejo que estava faminta.

Richard se une a nós e relata como foi divertido o convívio entre Lilian e sua esposa, principalmente no início que brigavam como Tom e Jerry, na qual dou muitas risadas. É muito bom voltar a sorrir novamente.

Depois que eles vão embora, Neil volta para o quarto devido a uma dor de cabeça repentina, mas pediu que eu não me preocupasse.

Eu fico com Anne e os gêmeos no jardim. Quando a Sra. Jackson aparece com suco, eu peço que Lilian olhe as crianças e volto para meu quarto. Tive a

impressão de tê-lo visto nos observando da janela.

Ele parece tranquilo em seu sono, suave. Faço um carinho em seus cabelos e beijo sua testa. Apago a luz para não incomodá-lo ainda mais. Lilian volta para o quarto assim que eu regresso. Anthony não parece estar muito bem de acordo com ela.

— Talvez Neil e ele tenham pegado uma virose.

— Pode ser — ela sorri. — Se for isso mesmo, ele terá que ficar afastado das crianças. Ficarão triste, ele as adora.

— Eu espero que não seja isso — murmuro antes que saia.

Falo com os bebês e vez ou outra observo Claire, Anne e o cachorro perto

da piscina. Ela está coberta, mas não deixo de me preocupar.

— Olha se não é a mamãe pato, mais linda do mundo? — Liam une-se a nós na toalha florida.

— Liam! — recebo-o com enorme sorriso em meu rosto. — Eu acho que é ganso.

Ele balança a perninha de Gaby que está no bebê conforto e segura os dedos de Rapha em meu colo.

— Que seja — ele ri e pisca um olho.

— Que bom que veio — murmuro. — Mal conseguimos nos falar ontem à noite.

Neil tem razão. Traquinas é bem escandaloso e peralta. Minha única

preocupação era que ele assustasse os bebês, incrivelmente, os gêmeos haviam amado o cachorro sapeca.

— Passei rapidinho, antes do meu plantão.

— Liam — começo sem saber ao certo o que dizer. — Acha que nós deveríamos procurar um médico? Quero dizer Neil e eu.

— Estão com algum problema? — ele parece preocupado.

— Bom tirando o ombro dele, fisicamente acho que não — olho para janela no andar superior. — Eu também estou bem. Falo psicologicamente. Algum terapeuta ou algo parecido. Eu me sinto estranha.

— É natural devido a tudo o que

passou — murmura ele — e para o Neil foi uma barra também. Ele ficou meio paranoico.

— Como assim? — pergunto, preocupada e coloco-o que de volta no bebê conforto. Não quero passar essa energia para ele.

Eu percebi que ele estava além do seu limite, a última vez que foi me ver na prisão. A mania de todos esconderem as coisas de mim para me proteger, às vezes é irritante. Como posso ajudá-lo se nem sei o que acontece com ele?

— O que quer dizer?

— Ele acreditou que eu havia traído vocês, revelado sobre a cabana, que eu fosse algum tipo de informante, entre outras coisas — ele respira fundo e

pesadamente — agora sabemos que havia câmeras pela casa...

— Sinto muito — aperto a mão dele — não foi um gesto consciente, estávamos desesperados. Eu tenho certeza que foi terrível para ele cogitar isso.

— Eu sei disso — Liam dá tapinhas em minha mão sobre a dele — antes mesmo de cruzar a porta quando saí, eu já havia esquecido isso. Eu penso que ajuda médica não é só necessária, como fará muito bem a vocês dois.

Conversamos um pouco mais. Ele me diz que conhece alguns especialistas e mandaria os contatos.

Dos amigos de Neil, ele é meu preferido, não que eu não goste dos

outros de uma forma ou de outra, todos haviam feito muito por mim. Tenho uma gratidão eterna por eles. Mas com Liam há um carinho especial. Se não fosse por ele, eu não teria a imensurável alegria de olhar para os rostos dos meus pequenos como agora.

Sendo sincera, não é apenas por isso. Ele me faz rir como Paige, só não é maluco como ela, mas igualmente divertido.

Geórgia retorna avisando que podemos almoçar quando quisermos. Ele declina o convite e promete voltar em breve.

Nos despedimos com um abraço apertado e ele me diz para não me preocupar. Como se isso fosse possível.

Eu sinto que ando em um labirinto.

— Neil não irá descer? — pergunto assim que me acomodo.

— Sua dor de cabeça não passou e preferiu comer no quarto.

— Tudo bem. — Sorrio para ela, desapontada com a ausência dele.

— Mamãe, meu pai está doente? — Anne pergunta com a voz trêmula.

— Não, é só uma leve dor de cabeça — acaricio a bochecha dela. — Não fique preocupada.

Mudo de assunto perguntando se está animada em voltar para escola. Mas minha cabeça está a quilômetros de distância.

O quanto Neil havia sido afetado por essa tragédia? Konrad teria feito ou

revelado algo que tenha modificado de alguma forma? Quais os novos fantasmas ele está sendo obrigado a enfrentar?

Eu também sinto que não sou a mesma. Tenho medo de perder os bebês novamente a qualquer momento e fico rodeando-os o tempo todo como uma mãe ganso. Mas eu também preciso ser uma boa esposa. Eu me sinto cada vez mais confusa em relação a isso. Nesse momento, eu tenho mais certeza do que nunca, que Liam tem razão, talvez precisemos mesmo de ajuda médica.

Ao sair da prisão, eu pensei que minha vida seria perfeita. Jamais pensei que por causa dos monstros do passado,

eu teria que lutar por meu casamento. Eu nunca desisti e não irei desistir agora.

Capítulo 20

Jenny

É como se estivesse vivendo em uma esfera diferente. Meu corpo está aqui, mas a minha mente a luz de distância. Como se eu visse a minha vida através de um espelho invertido.

— Você deveria ter se unido a nós no jardim — deito na cama apoiando minha cabeça em seu peito

— Não quis estragar a tarde de vocês — ele sorri, brevemente.

— Liam esteve aqui. Ele me contou o

que aconteceu.

— Não quero falar sobre isso agora
— Neil cobre os olhos com o braço, soltando um suspiro alto.

Claro que não, ele nunca quer falar sobre isso. Como não quero incomodá-lo, então, outra vez deixo a conversa para depois.

— Sua cabeça está melhor?

— Um pouco — diz ele, evasivo — não se preocupe com isso.

Um calafrio passa por minha espinha chegando na ponta dos pés. Não faz muito tempo que ele teve o acidente. E se houver sequelas? Lembro-me que o Dr. Parker havia mencionado essa possibilidade. E se a pressão e estresse tivesse desencadeado isso?

— Acha que tem algo a ver com o acidente? — fico de joelhos e toco sua cabeça — Não devemos procurar um médico?

— Por que não viajamos por um tempo? — sugere ele mudando de assunto. — Ficar longe de tudo isso? Tentar esquecer o que aconteceu...

— Não! — levanto da cama e caminho até a janela.

Há uma boa visão do jardim e do canteiro onde eu e as crianças estivemos. Eu não tinha imaginado, ele tinha mesmo nos observado durante boa parte da manhã.

— Eu não quero sair daqui agora. Estou cansada de fugir. Quero paz e tranquilidade, aqui com minha família e

meus amigos — Neil acaricia meu braço e beija o topo da minha cabeça. — Liam disse que talvez um médico...

— Acha que eu estou louco? — ele balança a cabeça, desapontado.

— Não foi o que eu disse — encaro-o, frustrada.

Eu passei dias naquela cabana com a incerteza do que aconteceria em nossas vidas e sem a menor perspectiva sobre um futuro. Foram dias angustiantes desejando que meu martírio tivesse fim e que eu tivesse a oportunidade de voltar para casa.

Perdi as contas de quantas vezes chorei e rezei a noite implorando para que meu pedido se tornasse realidade. Agora, eu tenho tudo o que desejei.

Andar de um lugar a outro com três crianças não faria bem a nenhum de nós. Sem contar que ainda temos problemas mal resolvidos.

— Eu só quero paz — insisto, baixinho. — Eu quero voltar a ser a Jennifer de antes e ter minha vida de volta.

— Iremos superar isso — ele me abraça forte — acredite em mim. Não precisamos de um médico, apenas de tempo.

Balanço a cabeça em concordância. Não tivemos tempo de digerir o que aconteceu ainda. Talvez eu estivesse ainda presa nessa situação traumática.

— Eu vou tomar banho — murmura ele, afastando-se.

— Quer ajuda? — indico o ombro imobilizado.

— Não, obrigado — diz ele, dando-me as costas — eu me viro sozinho.

Torço minhas mãos sem conseguir evitar o desapontamento. Neil não é o tipo de homem que goste de ficar dependendo de outras pessoas. Cuidar das necessidades dos outros tinha feito dele um viciado em controle. Até eu aparecer em sua vida — como ele costumava dizer. Com um sorriso doce, uma voz macia e um olhar determinado, eu havia derrubado a muralha em volta dele. Nem mesmo quando estive sem memória e houve dias em que ficou ranzinza e temperamental algumas vezes, ele se isolou tanto.

Claro que as circunstâncias são completamente diferentes. Bom, talvez esteja apenas contrariado por me recusar a viajar com ele.

Ouçó o barulho do chuveiro sendo ligado e caminho até a porta. Toco na maçaneta, indecisa se devo entrar ou não.

Uma batida na porta me assusta e me afasto.

— O Sr. Stone está aqui — informa Geórgia.

— Neil está no banho. Eu vou recebê-lo — fecho a porta e vou em direção à escada.

Estou muito feliz em revê-lo. Esteve comigo no momento mais marcante da minha vida, mesmo que ele tenha

desmaiado.

É curioso, em cada momento importante, seja ele marcado por felicidade ou dor, os amigos de Neil sempre estiveram entre nós dois. Adam no processo de divórcio e na acusação em minha defesa. Liam quando estive cega. Richard com Paige haviam assegurado que meus filhos fossem bem cuidados e seguros. Peter em quase tudo, durante nossa fuga, o nascimento dos gêmeos e tantas outras coisas. Cada um deles presentes. Como se nossas vidas fossem tecidas em uma máquina de tear.

— Peter — chamo por ele que está distraído, admirando um quadro sobre a lareira.

— Eu não acredito ainda. Está livre

mesmo — Peter sorri esticando os braços. — Vem cá, garota. Me dá um abraço.

Eu devo ter me tornado uma pessoa volúvel ou ainda mais confusa do que já sou. Porque assim que ele me abraça, eu revejo meu conceito sobre Liam ser o meu preferido.

Eu tenho um imenso carinho por esse grandalhão. E o mico que ele deu na cabana, fez cair por terra toda intimidação imposta por seus músculos e olhar penetrante. Ele me transmite confiança.

Ou talvez eu não deva classificar qual dos meus amigos gosto mais. Apenas amo cada um por motivos e jeitos diferentes. Seria como pedir para

escolher entre meus três filhos ou entre eles e Neil — seria impossível.

— Eu queria ter estado aqui quando saiu — sussurra ele, cortando meus devaneios.

— Eu sei — murmuro. — Adam disse o que esteve fazendo.

Vamos para o sofá e Geórgia aparece com o carrinho de café. Ela adora o Peter e sempre que ele vem aqui é tratado como um rei. Não tem nada a ver com o fato dele ser alto, bonito, tatuado e cheio de músculos. Isso foi o que ela quis me convencer. Afinal, ela já é uma senhora idosa — palavras dela, claro.

— Por sorte, eu fiz aquele bolo de chocolate com passas que você adora — ela sorri para ele. — Quer um pedaço?

— Eu adoraria — ele pisca para ela.

Caramba, ele não perdoa nem mesmo as senhorinhas, coitada da mulher que cair nos seus encantos. Ou melhor, coitado dele quando caísse nos encantos de alguém. Seria divertido de ver.

— Quer também, Jenny?

— Não, obrigada.

Sirvo o café para nós dois e me acomodo de modo a ficar cara a cara com ele. Quem sabe ele tenha as respostas que preciso.

— Como foi na sua viagem? Adam informou que foi atrás da enfermeira...

— minha voz trava me impedindo de continuar.

— Não foi muito esclarecedora — ele coloca a xícara intacta de volta a

bandeja — deve ser difícil para você falar sobre isso. Desenterrar o passado dessa forma.

— Suas suspeitas eram verdadeiras?
— minhas mãos tremem tanto, que a xícara e o pires fazem um dueto sincronizado em minhas mãos.

— Não há nada o que temer, querida — ele segura minhas mãos trêmulas. — Konrad foi desmascarado e você está segura agora.

— Então a mulher...

— Infelizmente está muito velha e em um estado avançado da síndrome de Wernicke Korsakoff — ele soca a mão, desapontado.

— O que é isso?

— Um dos principais sintomas de

Korsakoff é a memória retrógrada, confusão mental entre outros sintomas. Uma doença causada por falta de vitamina B1 geralmente causada pelo alcoolismo. O doente perde grande parte da memória.

— Lembra da Dory?

— Quem? — pergunto, confusa.

— Procurando Nemo — ele fica vermelho. — Aquele desenho que a Anne gosta.

Ah, o desenho dos peixinhos que ela quase sempre o obriga ver com ela. Pensando bem, acho que não é bem uma obrigação. O bom sobre as pessoas é que sempre descobrimos algo sobre elas. Quem diria que um homem desse tamanho gostasse de desenhos de

criança.

— É mais ou menos o que o peixinho tinha — murmura ele. — Foi impossível ter uma resposta coerente e o filho não estava muito receptivo.

Ele respira fundo e volta a sorrir para mim.

— Mas isso não importa. Você foi solta e o verdadeiro culpado está na prisão — diz ele. — E onde está o Neil, o homem de ferro atacou novamente?

Eu sorrio de volta. Esse é um apelido que Liam havia dado a ele quando cuidou da ferida causada pela bala quando fomos encurralados na estrada.

— Trocando a armadura — Neil surge na sala antes que eu possa responder.

— Você parece melhor do que eu esperava — Peter murmura, rindo. — Aprendeu direitinho as aulas que eu dei. O aluno superando o mestre. Me conte, como foi enfrentar o Máscara?

— Nada agradável — diz ele, sério. — Conversaremos sobre isso depois.

Ele olha para mim e faz um movimento leve com a cabeça. Fugindo outra vez. Eu me pergunto o que está ocultando de mim.

— Claro — Peter fica de pé, caminha até uma cadeira, onde havia deixado sua jaqueta. — Foi insensato da minha parte. Desculpe, Jenny. Não tem nem 48 horas que saiu e já estou bancando o detetive.

— Não tem problema — eu me apresso em responder. — Sobre Nathan

você desconfiou que ele estivesse vivo...

— Eu tinha que pensar em todas as possibilidades, querida — ele coloca a jaqueta e volta a encarar Neil. — Vou ver o que a polícia conseguiu com o Konrad. Acho que você quer saber onde ele escondeu o corpo.

— Pensei que Adam já estivesse cuidando disso? — Neil coloca-se ao meu lado e me abraça pela cintura. Eu o sinto tenso.

Será por isso que ele anda tão esquisito? Ainda acredita que Nathan está solto por aí e não sabe como eu poderei lidar?

— Sim, mas eu tenho amigos lá dentro... um pouco mais influentes.

— Espero que você tenha sucesso, Peter.

— Eu volto depois com notícias — ele balança a cabeça. — Até logo ruivinha.

Eu não sei se estou mais irritada com a ideia do Nathan vivo à espreita, ou com a reação de Neil sobre isso. Preciso saber se há alguma possibilidade de que isso aconteça. Não é apenas minha vida em jogo, agora.

— Por que esconde as coisas de mim? — pergunto, abalada. — Achou mesmo que eu nunca iria saber?

— Eu só quis proteger você — ele tenta me abraçar. — Por isso sugeri darmos um tempo.

— Fugir de novo! — acuso com

raiva, afastando-me dele. — Não deu certo da primeira vez e não dará certo de novo.

— Jenny?

— Eu vou ver os bebês — subo as escadas com pressa.

Para quem acabou de dizer que fugir não é o melhor remédio estou fazendo exatamente o contrário, eu sei. Mas eu preciso de um pouco de espaço.

Desconfio que ele esteja em conflito com ele mesmo. O amor que sente por mim e culpa que sempre carregou pela morte do irmão.

Se Nathan estiver vivo, esse peso sairia dos ombros dele. Por outro lado, saber que ele quis nos ferir deve estar fazendo-o se corroer por dentro.

Essa é a única explicação que encontro. E aquele monstro era ou é o irmão dele. É natural o ódio que sinto. No caso de Neil, ele é seu sangue, mais do que isso, seu reflexo.

Antes de entrar no quarto, eu respiro fundo. Pego um dos meninos acordado no berço, aconchegando em meu peito. Agora eu entendo a angústia e o dilema que teve quando soube que esperava gêmeos. Nada seria mais doloroso para mim do que meus filhos se tornarem dois inimigos.

Beijo o topo da cabecinha frágil e sinto o cheiro suave de bebê. Um aroma que jamais saiu das minhas lembranças.

Canto baixinho para ele enquanto caminho em volta do quarto.

— Eu trouxe as mamadeiras —
Claire sussurra baixinho ao abrir a porta.

— Eu faço isso — pego uma das mamadeiras e vou para a cadeira de balanço. — E a Anne?

— Tirou um cochilo — diz ela. — A primeira vez que a vejo feliz e relaxada de verdade.

Meu coração aperta no peito ao imaginar tudo o que ela passou.

— Eu vou ver se ela está bem — informa Claire. — Se precisar de mim é só chamar.

— Obrigada, Claire.

Quando ela sai, começo a alisar o rostinho do bebê com o dedo e observo-o comer com ansiedade.

— Sempre serão amigos, não é? —
sussurro com lágrimas nos olhos. —
Promete pra mim?

Ele para de sugar o bico e me olha fixo como se entendesse o que estou dizendo. Logo em seguida, ele volta ao que é mais importante para ele no momento, seu leite. Eu ficaria nesse quarto com eles às 24 horas do dia. Me traz a paz e tranquilidade que eu preciso.

Passo o resto da tarde no quarto dos gêmeos. Neil apareceu umas duas vezes, mas me mantive distante. Sei que estou sendo idiota, mas uma relação não pode ser construída a base de segredos, mesmo que seja para me proteger.

No jantar foi apenas Anne e eu.

Lilian e Anthony ficaram em seu quarto. Acho que ele pegou mesmo uma virose. E Neil ficou em nosso quarto outra vez. Pelo visto está tão chateado comigo como estou com ele.

Eu saio do banheiro aromático, vestindo a camisola que ele adora. Estou nervosa e ansiosa ao mesmo tempo. É a primeira noite que vamos passar realmente juntos. Pedi à babá que ficasse atenta aos gêmeos durante a noite. Não é a primeira vez que brigamos, mas a melhor parte delas é quando fazemos as pazes.

Sinto seus olhos percorrerem por todo meu corpo assim que entro no quarto. Sorrio sedutora e caminho lentamente até a cama.

— Chega de brigas? — ajoelho entre suas pernas.

Eu não tenho sido muito justa com ele, devo admitir. Não quando ele fez e faz tudo para me ver feliz. Havia arriscado a própria vida e em troca, agi como uma garotinha mimada, cheia de vontades.

— Chega — ronrona ele passando a mão livre pelas minhas coxas.

O beijo foi possessivo como imaginei. Mais havia algo mais. Suas mãos agarram-me com força, até mesmo com certa brutalidade.

Ele morde meu lábio, sinto o gosto metálico na boca e me assusto com a brutalidade do gesto. É claro que eu havia experimentado seu lado selvagem antes. Quase não a regra entre nós dois a não ser nada de dor extrema ou que deixe marcas.

— Neil...

Em segundos, sou jogada na cama e seu corpo cobre o meu.

— Não sabe como esperei por esse momento.

Suas mãos ávidas agarram minhas coxas prendendo-as em sua cintura.

— Sra. Durant — Claire chama por mim, após uma batida na porta.

Claire? Tento me recompor, mas o corpo dele sobre o meu mal me deixa

respirar direito.

— Não atenda — ordena ele

— O que houve? — pergunto alto, ignorando-o.

— Desculpe incomodá-la — ela parece nervosa. — Acho que o Gaby não está bem. Chora sem parar.

— Eu não ouvi nada — salto da cama em um pulo e olho para a babá eletrônica em cima da mesinha de cabeceira.

— Está desligada! — encaro Neil em um tom acusatório.

— Você precisava de descanso — ele se justifica. — Além disso, a babá está aqui para isso.

— São meus filhos, Neil — murmuro com lágrimas nos olhos. — Meus filhos.

— Desculpe eu...

Não vou ficar discutindo isso com ele agora. Não quando meu bebê precisa de mim.

— Desculpe, senhora — Claire me acompanha, enquanto corro pelo corredor. — Achei que gostaria de saber.

— Não se preocupe, Claire. Você fez a coisa certa.

Eu não sou uma dessas dondocas que joga a responsabilidade e criação dos filhos nos empregados.

— Oi, meu amor — tomo-o em meus braços assim que me aproximo do berço. — Ele parece quente.

Claire toca a fronte dele para confirmar o que disse.

— Parece que sim.

Eu já não sei quem chora mais, eu ou o bebê. Toco o bebê no berço, respiro aliviada ao ver que está bem.

— Arrume as coisas dele — peço antes de sair do quarto.

Vai ficar tudo bem, repito mentalmente. Só preciso manter a calma.

— Temos que levá-lo ao médico, Neil!

— Tem certeza? — ele caminha até o closet. — Talvez seja cólica, bebês tem isso o tempo todo.

— Ele tem febre! — exalto-me e isso faz o bebê pular assustado. — Desculpe... desculpe.

Volto a chorar novamente. Estou assustada e não sei o que fazer. Peço a

Deus que não o tire de mim. Acabei de tê-lo de volta. A vida não poderia ser tão injusta.

— Deixa que eu seguro enquanto você troca de roupa.

Olho para ele com certa dificuldade devido a cachoeira que embaça meus olhos. Havia trocado a calça do pijama por jeans e uma camisa mal alinhada no peito.

— Não! — saio do quarto apressada.
— Não vamos perder tempo.

— Vai sair de camisola? As pessoas vão pensar...

— Não me importa o que pensam as pessoas — digo, irritada. — Sairia nua se fosse preciso.

— Vista pelo menos o casaco — ele

estende um casaco preto, longo. Coloco-o com pressa e saímos.

Encontramos Claire na sala com a bolsa do bebê.

— Tudo o que precisam está aí — murmura ela.

Raphael está no sofá chupando os dedos. Beijo-o rapidamente antes de sair.

— Desculpe ter que incomodá-lo, Calvin — sussurro ao encontrá-lo na garagem.

— Não se preocupe, senhora — murmura ele, ajustando suas roupas. — Lembra quando me chamava se Anne desse apenas um espirro?

Neil sorri para ele e balança os ombros.

— Quis alertar minha esposa que não deve ser nada grave — diz ele. — Mas sabe como são as mulheres.

Entro no carro sem esperar a resposta do motorista. Neil pode ter mais experiência que eu, mas eu nunca ficaria imune ao sofrimento dos meus filhos.

Após mais de três horas fazendo exames, o pediatra informa que é uma leve infecção nos ouvidos causada por otite. Ele receitou analgésicos, anti-inflamatórios e indicou compressas no ouvido dele para amenizar o incômodo.

Não é preciso dizer que passei a noite em claro com ele em nossa cama. Conforme o analgésico começou a surtir efeito, ele foi se acalmando. Por volta das sete, nos dois caímos no sono,

exaustos.

Acordo com o resmungar do bebê. Vou para a banheira e preparo um banho para nós dois. Dobro os joelhos e o coloco em minhas pernas. Começo a jogar água sobre ele tomando cuidado com seus ouvidos.

— Você gosta, não é?

Faço massagem em seus braços e pernas.

— Eu tenho que sair — Neil rompe a porta — tenho que dar um novo depoimento.

— Quer que eu vá com você? — pergunto me levantando.

Ele me olha fixo de cima a baixo. Fico estupidamente envergonhada. Não sei por que, afinal, Neil conhece cada pinta em minha pele.

— Fique com ele, eu volto logo.

— Tem certeza? — insisto. Embora eu não queira voltar naquele lugar tão cedo.

— Sim — ele beija minha testa. — Volto logo.

Enrolo Gaby na toalha e voltamos para o quarto. Troco-o rapidamente e dou a mamadeira.

— Entre — respondo após uma leve batida na porta.

— Paige está aqui — informa Geórgia. — Ele está bem?

— A febre baixou — sorrio feliz. —

Diga a ela que eu já desço.

Coloco um vestido de mangas compridas, sapatilhas e desço.

— Ei, coisinha fofa — ela acaricia a bochecha do bebê assim que chegamos à sala.

Raphael parece tranquilo no colo dela. Anne e Claire estão no outro jogo do sofá vendo TV.

— Soube do susto que passou — ela indica o sofá atrás dela e sentamos. — Ele está bem?

— Vai ficar — eu respiro fundo. — Eu tive tanto medo.

— Eu imagino — diz ela, brincando com o bebe em seu colo. — E você está bem? Parece abatida.

— Passei a noite em claro e as coisas

andam meio complicadas.

— Como assim? — Paige parece preocupada.

— Neil e eu não andamos muito bem — sussurro para que Anne não nos ouça.

— Sêrio? — ela parece incrédula. — Do jeito que ele me expulsou daqui pensei que você já estaria planejando um novo enxoval de bebê.

Balanço a cabeça ressabiada.

— Amo meus filhos e nunca me arrependerei deles — murmuro. — Mas outra criança em meio a essa confusão seria irresponsabilidade. E para ter filhos é preciso ter sexo.

— Não fizeram... — ela olha para o outro lado — não fizeram sexo ainda?

— Não. Alguma coisa sempre

acontece — respondo com o rosto em
chamas — ou estamos brigando ou
cuidando das crianças.

— Você pode deixá-los comigo e ter
uma noite de orgia daquelas.

— Paige! — repreendo-a. — Não
vou deixar meu bebê doente por uma
noite de orgia.

— Ser mãe é tão chato.

— Aproveite enquanto pode —
sorrio. — Ser mãe é maravilhoso. Mas
os filhos sempre estarão acima da nossa
felicidade.

— Tenta convencer meu marido —
diz ela queixosa. — Esses dias aqui fez
ele se apaixonar pelos gêmeos e só fala
em bebês com olhar de cachorro
perdido.

Eu não consigo segurar o riso.

— Não ria da desgraça alheia, Jenny — ela fica zangada — sou eu que ouço. Olha que bebê bonito. O que acha sobre meninas? A mulher do fulano está grávida. E blá, blá, blá...

— Você tem medo — seguro a mão dela — depois do que aconteceu.

— E se eu não puder ter filhos? — ela abaixa a cabeça.

— Paige — levanto o rosto dela e vejo o brilho de lágrimas. — Você pode! Eu me lembro bem do que o médico disse, estive lá com você, lembra?

— E se eu for mesmo maluca como todo mundo diz? — ela morde os lábios. — Achar que está grávida, ter todos os sintomas e não estar. É coisa de gente

louca.

— Você não é maluca — digo com doçura. — É apenas impulsiva e com o coração enorme. Maluca sou eu que com um homem daquele fico fazendo pouco caso.

Eu quero mudar de assunto, sei que essa parte do passado dela ainda não está totalmente resolvida em sua cabeça.

— De qualquer forma tenho a faculdade em vista — ela balança a cabeça como se espantasse algum fantasma — e seus problemas são mais urgentes. É sério, posso ficar com eles e Anne pelo fim de semana.

A ideia parece boa. Mas não me sinto confortável em deixá-los. Neil e eu teríamos que resolver isso de outra

forma.

— Talvez mais para frente.

— O que acha de darmos uma festa?

— pergunta ela como se tivesse tido uma ideia brilhante.

— Sêrio?

— Deixa de ser chata — ela resmunga. — Não uma grande festa. Apenas uma reunião entre amigos para comemorar sua volta para casa. Semana que vem no meu apartamento.

— Não adianta recusar, não é?

Um grande e enorme sorriso é a resposta que recebo dela.

As horas seguintes eu passo contando a ela sobre meus receios. O comportamento de Neil e minhas próprias inseguranças. Paige me alerta

que nós dois passamos por momentos difíceis. Como ele quase havia destruído a sala quando fui presa e que não sabia como ele não enlouqueceu. Concordou com Liam sobre procurarmos um médico.

Assim que ela vai embora, eu vou para mesa de jantar. Embora seja muito parecida com a anterior não é a mesma. As cadeiras também são um pouco diferentes. Teria notado antes se não tivesse preocupada com outras coisas.

— Ele vai dormir aqui de novo? — pergunta Neil após sair do banho.

Termo de vestir o bebê e encaro-o com olhar magoado.

— Tenho que administrar a medicação dele — respondo, pegando-o no colo. — Podemos sair se quiser.

— Não — ele sorri deitando ao meu lado. — Acho que está sendo cautelosa ao extremo e só queria uma noite normal com você.

Mordo o lábio confusa. Talvez eu esteja sensível demais.

— Pode esperar só mais um dia? — pergunto, ansiosa.

— Para quem esperou uma vida inteira — ele beija meus ombros. — Uma noite não é nada.

O resto da noite foi tranquila. Neil desabou. O bebê dormiu, acordando apenas uma vez para mamar. Eu tive que ir duas vezes verificar Raphael, embora

Claire estivesse presente.

A manhã de sábado começou agitada com a visita de Peter e Adam.

— Como assim ele se matou? — pergunto, abismada.

— Foi encontrado morto na cela — Adam informa. — Usou o próprio lençol.

— Konrad teve o fim que merecia — Neil dá de ombros.

— Neil! — olho para ele chocada.

— O quê? — ele me encara, sério. — Está com pena dele? Depois de tudo o que nos fez?

Pena não. Mas é horrível saber que ele havia terminado assim.

— Só fiquei surpresa — murmuro. — Também não vou ficar comemorando a

morte de ninguém. Mesmo sendo um louco como ele.

— Excesso de bondade também é maléfico, Jenny — ele retruca. — Por mim, ele pode queimar no inferno onde é o lugar dele.

O clima instaurado na sala é tenso, pesado.

— Conseguiu falar com ele, Peter? — pergunta Neil, quebrando o silêncio.

— Não. As chances de encaixarmos as outras peças foram por água abaixo.

— Pensei que tinha amigos influentes — diz Neil, irônico.

— As coisas não acontecem como mágica — ele caminha até o bar. — Era para hoje, mas cheguei tarde novamente. Estou pensando seriamente em rever

minha profissão.

— Deveria — Neil apoia.

— Neil!

Eu não acredito que ele tenha dito isso.

— Estava apenas brincando — ele massageia meus ombros. — Você anda muito tensa.

— Eu tenho que ir — Adam informa.

— Savanna e eu temos que finalizar alguns detalhes. Sinto pelo seu irmão, Neil.

Adam bate de leve nos ombros dele.

— Konrad levará a informação sobre o corpo dele para o túmulo — ele murmura. — Não deixa de ser irônico.

— Ou não — Peter bate o copo na mesa. — Vou continuar procurando.

Nem que seja a última coisa que faça.

Noto que ele não parece bem. Há uma inquietude em torno dele. Quem sabe seja apenas frustração. Eu também estou atrás de respostas, mas não quero vê-lo obcecado com isso.

— Talvez devêssemos virar a página — seguro seu ombro. — Seguir em frente.

— Ela tem razão, Peter — Neil me apoia — Jenny está solta, Konrad pagou pelo que fez. Tudo voltará ao seu lugar.

— Certo — Peter olha para mim. — Sabe onde me encontrar caso precise.

— Quer uma carona? — Adam oferece.

— Não — ele vai em direção à porta. — Preciso correr um pouco.

— Não achou que ele estava estranho? — pergunto assim que eles partem.

— Talvez saiba mais do que nos disse — Neil me aperta em seu peito. — Eu vou descobrir.

Não foi um sábado animado. Além do clima fúnebre havia amanhecido chovendo. Passamos a tarde na sala. Como fazíamos antes.

— Mamãe, posso trazer o Traquinas para dentro? — pergunta Anne. — Ele deve estar solitário lá na casinha dele.

— Não — Neil responde por mim — Bebê e animais não combinam.

— Mas os gêmeos gostam dele — Anne insiste. — Não é, mamãe?

— Sim, eles não têm medo...

— Não com um deles doente — Neil rebate. — Não seja teimosa, Anne.

— Mas, pai — os lábios dela tremem como se segurasse o choro.

— Já disse que não.

— Que tal a varanda? — tento consolá-la, alisando os seus cabelos. — Podem brincar na varanda.

Anne olha para o pai em dúvida. Eu noto a mágoa em seus olhos. Embora tenha razão, sobre Gabriel, ele poderia ter sido mais paciente com ela. O que há de errado com ele?

— Pode, pai?

— Desde que ele não faça barulho — ele é mais suave dessa vez. — Seu irmão está com ouvido machucado.

— Está bem — ela volta a sorrir e

beija o rosto dele. — Vamos ficar quietinhos.

Neil vem para perto de mim e me abraça, mas eu me afasto. Estou com muita raiva dele nesse momento.

— O que foi?

— Não sabe mesmo? — volto a olhar para TV, ignorando-o.

— Não, eu não sei — diz ele, zangado. — Estou cansado de tentar agradar você e desvendar o que pensa.

Ele sai pisando duro. Não quero que ele me agrade. Quero que seja o mesmo de antes. Eu quero a minha vida de antes. Quero ser a mesma de antes. Mas esse desejo parece longe de se tornar realidade.

— Não faz barulho, não — ouço ao

fundo a voz de Anne misturada aos latidos do cachorro — Papai vai ficar bravo com a gente, Traquinas.

O resto da minha tarde não foi nada bem. Sinto-me melancólica e triste.

— Geórgia, pode olhar as crianças por um minuto — Anne já havia retornado e brincava com os meninos. — Vou ver como está Lilian e Anthony, não os vejo desde ontem.

— Fizeram todas as refeições no quarto — ela informa. — Pode deixar que fico com eles.

Subo as escadas pensativa e preocupada com a indisposição do meu sogro. Se for algo grave, precisaremos levá-lo a um médico.

Eu paro na porta entreaberta e quando penso em bater e me fazer presente, a voz aflita de Lilian me faz parar no vão.

— Eu não acredito que me escondeu isso — sua voz parece chorosa. — Como vou contar a Jenny agora? Eu não sei o que fazer.

Anthony olha para mim e Lilian percebe minha presença.

— Contar o quê? — pergunto da porta.

— Eles estão indo embora — Neil surge atrás de mim e dou um pulo com o susto.

— Nós pensamos melhor... — Lilian começa nervosa.

— Eu já sei, mamãe, por mais que eu

insista, não quer nos incomodar — ele continua, espalmando meu braço. — Eu entendo e papai precisa voltar para casa e para os seus cuidados. Não se preocupem. Seu filho está bem, por enquanto.

— Não precisam ir — murmuro — são bem-vindos. Não incomodam de forma alguma.

Caminho até a cadeira de rodas.

— Anne adora vocês — Anthony aperta firme a minha mão. Seus olhos dizem algo que não consigo ler.

— Mas precisamos ir — Lilian coloca a mala em cima da cama, evitando me encarar.

— Foi alguma coisa que eu fiz?

O início do meu relacionamento com

ela não tinha sido amistoso, mas havia melhorado com o tempo e depois que Neil havia me contado os motivos que a levaram a isso, eu compreendi suas ações.

— Querida, meus pais querem nos dar apenas um pouco de espaço — murmura ele — e voltar para a rotina deles.

— Mas não precisam sair fugidos, Lilian — brinco com ela. — Vão segunda-feira, passem o domingo com a gente.

— O avião já está esperando por eles.

— Precisamos mesmo ir embora — afirma Lilian.

Por que seus olhos parecem querer

dizer outra coisa? Há uma angustia dentro deles e seu corpo também fala a mesma coisa.

— Tem certeza? — insisto. Ela encara Neil e volta a mexer na mala.

— Sim. E meu jardim deve estar um horror.

Ela começa a falar de suas plantas enquanto faz a mala. Anthony escuta calado e eu não sei o que dizer. Despeço-me deles e volto para sala.

— Não disse nada a eles, não é? — pergunto quando ele se junta a mim. — Como fez com Paige?

— Claro que não — diz ele, contrariado. — Não ouviu o que eu disse no quarto, insisti para que ficassem?

Ele tinha falado isso mesmo, devo admitir.

— Olha, meu pai não anda bem. Acho que precisa do espaço dele e tem a fisioterapia e tratamento... — ele me abraça e beija meus lábios sensíveis — deve estar irritadiço com a demora em sua recuperação.

Faz sentido, mas alguma coisa parece estranha. E o comportamento da Lilian?

— Vou levá-los para casa — murmura ele dando uma mordida em meu pescoço.

— Ai — esfrego o local dolorido. — Dentes nervosos, não?

— O lobo mal sempre foi o meu preferido — quando ele sussurra, há um brilho selvagem em seus olhos. De certa

forma, isso me intimida. — Me espere com aquela camisola que eu amo.

Ele me beija e o beijo ganha mais ferocidade como se ele quisesse me engolir realmente, feito um lobo faminto.

— Neil... — tento freá-lo — espera.

O elevador é aberto e Lilian aparece com Anthony.

— Alguém precisa pegar as malas — Lilian interrompe e me afasto envergonhada — pode fazer isso, Neil?

— Eu gostaria, mas não posso por causa do ombro — ele se afasta de mim. — O motorista fara isso.

— Então você pode chamá-lo, enquanto nos despedimos da Jennifer?

— Para que perder tempo, mamãe — ele sorri. — No caminho eu faço isso.

— Certo — ela respira fundo. —
Você sempre cuida de tudo.

— Que bom que ainda se lembra.

Antes que Neil direcione a cadeira de rodas para saída, eu abraço Anthony, desejando uma boa viagem.

— Cuide-se — Lilian sussurra em meu ouvido. — Que Deus proteja você, filha.

— Boa viagem — respondo, triste.

No passado, jamais sonharia em dizer isso, mas gostaria que ela ficasse.

— Vão com Deus. Liguem quando chegarem lá.

Eu não gosto desse clima de despedida. Me faz lembrar de quando meus pais morreram. Minha mãe me disse exatamente isso antes de sair e

nunca mais voltou.

— Não rosna para mim — Neil ruge para o cachorro perto da porta.

O latido continua até eles se afastarem.

— Estamos na cozinha tomando café, você quer? — Geórgia pergunta e me afasto da janela onde estive observando-os.

— Apenas chá.

Acompanho-a até o cômodo, onde está Anne e o carrinho duplo de bebê.

Por que o cachorro foi agressivo com Neil? E a reação dele não foi muito diferente.

— Geórgia?

— Sim, querida — ela coloca a xícara e um pires com bolo na minha

frente.

— Notou alguma coisa diferente?

— Sobre? — ela senta perto de mim.

— Tudo — olho para Anne distraída com um desenho e seu pedaço de bolo.

— Neil... eu.

— Acho que desde que você chegou ambos parecem tensos. Como se não tivessem se desligado ainda. Mas tudo irá se resolver quando viajarem.

— Como? — engasgo com o chá.

— O Sr. Durant disse que fariam uma longa viagem em breve — murmura ela.

— Ah, não sabia? Deve ser surpresa então. Talvez alguma viagem romântica. Acho que fará bem a vocês. E esses jornalistas aí em frente não dão trégua.

Geórgia continua falando, mas já não

ouço quase nada do que ela fala. Por que Neil disse a ela que faríamos uma longa viagem quando eu já havia me recusado a isso?

— Vou para o meu quarto — levanto-me abruptamente.

— Não vai terminar o chá? — aponta a xícara.

— Estou com dor de cabeça — murmuro, indo em direção ao carrinho. — Você vem, Anne?

— Não, mamãe — ela sorri mostrando o papel. — Vou terminar o desenho que estou fazendo para você.

— Está bem — beijo a cabeça dela antes de sair.

Não tinha mentido para Geórgia. Minha cabeça está quase explodindo de

dor e com centenas de perguntas que eu não vou esperar nem mais um dia para ter as respostas. Assim que Neil voltar, eu vou confrontá-lo.

Alguma coisa está errada e eu quero saber.

Acordo meio desorientada. Havia tomado um comprimido para dor que Geórgia me deu durante a noite. Neil havia avisado que passaria a noite fora. Algum problema com o avião — disse ela.

Cuido das necessidades dos gêmeos antes de me arrumar e descer para o café da manhã.

— Neil já voltou?

— Está a caminho — Geórgia responde.

— Preciso falar com ele quando chegar — informo a ela. — Olha os bebês para mim?

É o fim de semana de folga para Claire. Paige havia dado e não quis atrapalhar os planos dela. Tem sido de grande ajuda para mim e merece um descanso.

— É sempre um prazer ficar com eles.

Antes que eu chegue à sala o choro desesperado de Anne ao lado de Calvin me param.

— O que aconteceu? — pergunto, correndo até eles, apalpando-a. — Ela

caiu.

— Mamãe! — ela engasga em meio à lágrimas. — Ele tá morto.

Olho para Calvin sem entender nada.

— Anne foi dar ração ao cachorro como faz todas as manhãs...

Sim, essa foi uma das condições que Neil tinha imposto para ela ficar com Traquinas. Dar comida e manter limpo o local onde ele passasse.

— Ele apareceu na piscina — conclui ele, sem maiores explicações.

— Meu Deus! — levo a mão a boca, horrorizada. — Mas ela não estava coberta?

Eu tenho certeza sobre isso. Eu mesma vi quando tomamos sol no jardim.

— Talvez a chuva... — ele balança a ombro.

Anne continua a chorar abraçada a mim. Eu tento acalmá-la com palavras doces de que ele ficaria bem. É muito difícil continuar firme quando meu coração também se encontra despedaçado.

— O que está acontecendo aqui? — Neil surge na sala.

— Pai! — ela corre até ele — meu cachorrinho morreu.

— Acontece, Anne, — ele ajoelha em frente a ela — animais morrem. Compramos outro para você.

— Eu não quero outro! — ela berra — eu quero aquele!

Ela se afasta subindo as escadas

correndo. Encaro-o através das lágrimas. Como ele pôde ter falado isso a ela? Nem as pessoas ou animais são assim, facilmente substituíveis.

— Vou cuidar dela — passo rápido por ele. — Depois teremos uma conversa séria.

— Jenny — ele tenta me deter.

— Agora não — repito o que ele me disse há dias. — Agora eu não posso.

Puxo meu braço e saio correndo.

Acaricio os cabelos dela com carinho. Os suspiros sentidos que Anne emite durante o sono apunhalam meu coração. Choramos juntas a perda do

cachorrinho e lembramos de quase todas as peripécias dele. Recordo de quando Neil levou-o para o apartamento que eu dividia com Paige e como ela havia ficado brava com ele que ao invés de me presentear com um cão guia, havia me dado um filhote de Shih-tzu.

Ele me explicou que a vendedora esteve mais preocupada com um rapaz no balcão do que em atendê-lo, deviam ser namorados ou algo assim. Além disso, ele havia se encantado pelo cachorro.

Lembro da alegria que Anne sentiu quando demos de presente a ela, seu primeiro bichinho de estimação. Sim, animais morrem como ele disse a ela. Eu tive um cachorro quando era criança.

Ele havia sido atropelado horas antes de voltar para escola. Minha mãe havia contado com muito tato e delicadeza. Eu não havia passado pelo trauma que Anne acabara de passar.

Será por isso que Neil teve essa reação fria?

Entro em estado de choque ao me lembrar do primeiro e único animal que ele teve na vida. O gato havia morrido na piscina também.

Não! Nathan o afogou!

Com as pernas bambas, eu saio do quarto e caminho até o nosso quarto, onde imagino que ele esteja. O barulho do chuveiro me atrai para dentro do banheiro. Observo-o através do box, de costas para mim. Respiro fundo e com a

mão trêmula, abro a porta.

— A cicatriz! — meu grito ecoa pelos quatro cantos do ambiente.

— O quê?

Ele vira assustado.

— Onde está a maldita cicatriz?

Capítulo 21

Neil

Como qualquer pessoa no mundo, eu tenho arrependimentos na vida. Já fiz coisas das quais não me orgulho, principalmente em minha juventude. Se houvesse uma forma de voltar no tempo, eu mudaria, quase tudo.

No entanto, quebrar a cara desse maldito quando tive a oportunidade, não está entre elas. Meus dedos coçam para fazer isso novamente. Poder descarregar

todo ódio e desprezo que nutro por ele. Contribuir com mais um motivo para que ele faça uso dessa máscara bizarra.

Só que eu tenho que controlar a fera rugindo dentro de mim. Isso exige calma e esforço mental. Quando meu único desejo é matá-lo. Devo me controlar ou o risco no qual me coloquei para ajudar Jennifer, irá por água a baixo.

Não sou ingênuo, ele quis me prender em sua teia de mentiras e blefes. Não acredito que haja a remota possibilidade que ele tenha algo que prove a inocência dela e o incrimine. Mas se eu conseguir com que ele fale alguma coisa... Qualquer informação que a livre disso.

Preciso apenas de tempo, saber o momento certo para usar o dispositivo

de gravação do celular em meu bolso. Algumas palavras dele, e ela estaria livre. Os dias naquele inferno teriam fim.

Espero que Adam tenha recebido a mensagem e venha ao meu auxílio e rápido.

Eu tento calcular o tempo da casa dele até aqui. Tenho quase uma hora para enrolar o Konrad. Agora, se ele já estiver saído de casa, as coisas complicam um pouco mais.

— Por que a máscara? — pergunto, conforme ele avança.

— Por que não?

— Foi você que matou a Sophia? — coloco a mão no bolso. — Por quê?

— Por que eu faria isso? — ele tira a

máscara revelando seu rosto — ela era minha *amiga*.

A palavra amiga tem uma tonalidade diferente.

Desgraçado! Ele não vai facilitar nada como previ. Seu passatempo preferido é brincar de gato e rato e confundir nossas cabeças. Ele não vai confessar assim tão facilmente. Tenho que encontrar um jeito para que fale sem que perceba que estou arrancando essa informação. Todas as suas armações provaram que é uma pessoa inteligente, ludibriá-lo, não será algo tão fácil. Psicopatas, que é o que acredito que ele seja, são pessoas inteligentes e perspicazes.

— Porque ela sabia coisas sobre

você. Como ter violado o túmulo do Nathan, por exemplo. Fazer se passar por ele para nos distrair... — eu sondo-o — foi inteligente, admito. Eu só não entendo por quê?

— Você não sabe de muita coisa — ele sorri — muita coisa mesmo.

— Por que está fazendo tudo isso? O que eu fiz para você?

— Você irá descobrir — ele olha para um ponto além das minhas costas. Não estamos sozinhos, como desconfiei — em breve.

O movimento que faz com a cabeça é um sinal de consentimento. Tarde demais para qualquer movimento meu. O baque de algo em minha cabeça foi a última coisa que eu senti, antes de fechar os

olhos.

Eu ouço música. Bem distante, um som melodioso e sexy. Uma voz de mulher. Minha cabeça dói como se houvesse um martelo dentro dela, trabalhando fervorosamente. Tento abrir os olhos, minhas pálpebras pesam. Forço novamente e o brilho da lâmpada cega meus olhos, então, torno a fechá-los.

Ergo as mãos para massagear os olhos — eu não consigo.

— Que porra é essa! — sento na cama estreita. — Que porra é essa?

Não são apenas meus pulsos que

estão acorrentados, os tornozelos também. Obrigo meus olhos a se abrirem. Inicialmente, vejo tudo embaçado, faço uma varredura no ambiente, embora o esforço faça minha cabeça latejar dez vezes mais. Eu vejo duas, não, uma porta de madeira mais à frente. Fora a cama em que me encontro, parece que não há mais nada. Espera, há um colchão inflável no canto esquerdo da porta. Minha cabeça volta a rodar. Volto a olhar em torno, além da minha visão periférica. Os olhos adaptados à claridade agora.

Procurro me localizar no tempo e espaço. Então, eu a vejo, perto da minha cama, nos pés da cama propriamente, encolhida contra a grade da parede.

Encara-me fixamente. Conheço esse tipo de olhar. Eu já o vi antes. Ódio e repulsa.

— Quem é você? — não é bem uma pergunta, é uma exigência. — Solte-me!

A resposta que tenho é completamente inesperada. A jovem avança sobre mim, atacando-me. Sons incompreensíveis saem de sua boca. Tento me defender da melhor forma possível, mas as correntes restringem bastante meus movimentos.

— Para com isso, sua maluca! — parece que minhas palavras a deixa ainda mais irritada. — Pare!

Suas unhas cravam na minha pele e gemo de dor quando um cotovelo acerta em cheio no meio das minhas pernas.

— Caralho! — um homem, narigudo e alto, usando rabo de cavalo entra e joga a bandeja que carrega no chão. O baque faz a garota afastar-se, assustada. O homem aproxima-se e a arrasta pelos cabelos, jogando-a contra o colchão do outro lado.

— O chefe disse que era para cuidar dele, retardada — o homem berra. — Além de muda, quer ficar sem braços também?

Ela se encolhe em um canto, enrolada no próprio corpo como se esperasse o ataque. O homem se afasta e vem em minha direção.

— Pensei que houvesse morrido — diz ele — está desmaiado desde ontem. Achei que tinham batido muito forte em

sua cabeça. Mas qual a diferença? Vai morrer de qualquer jeito. Hoje, amanhã, tanto faz.

— Quem é você? — balanço a corrente quando avanço contra ele. Ela é muito curta, consigo apenas ficar de pé. — O que você quer?

Ele se afasta em direção a jovem encolhida.

— Vai comer do chão, come, merece — ele a chuta. — Prostituta.

— Solte-me! — exijo. Ele me lança um sorriso e bate a porta. — Volta aqui! — puxo as correntes várias e várias vezes, até que o aro em meu pulso perfura minha pele. — Maldito! Desgraçado!

Há quanto tempo eu estou aqui? O

homem disse desde ontem. Onde fica esse lugar? Busco lembrar do que aconteceu. Estava em um galpão. Não me lembro de ter visto nada no galpão vazio, além de lixo e roedores.

Vasculho meu cérebro em busca de mais lembranças, qualquer coisa que possa me orientar. A última pessoa que vi foi o Konrad. Não... Espere! Havia mais alguém. A pessoa atrás de mim e que me pegou desprevenido.

De relance eu o vi, também usava máscara. Qual o motivo de não querer que eu o veja? Minhas suspeitas estariam certas? Um dos meus amigos traiu-me. Talvez os três.

Liam foi o primeiro a desaparecer sem justificativa. Peter havia inventado

uma viagem repentina, sem contar a insistência absurda sobre Nathan. E em último caso, Adam. Por que ele não quis que eu o acompanhasse? Ele queria me atrair para sua armadilha?

Embora tudo aponte para um deles, qual motivo os levaram a isso? O que fiz a algum deles para me odiarem tanto?

Jennifer! Meus filhos! O que Konrad almeja?

Há milhares de perguntas e suposições em minha cabeça. Eu dou voltas e não chego em lugar algum.

— Ei.... — encaro a jovem encolhida, no mesmo lugar que o homem a havia deixado.

Ela não me encara. Mas posso observá-la melhor agora, sem a

confusão anterior.

Do que lembro quando ficou em pé para me atacar, ela não é alta. É magra, mignon, pele negra, cabelo castanho, afro, estilo parafuso, batendo na altura dos ombros. É muito bonita — eu diria exótica.

— Qual o seu nome? — pergunto. — Eu não sou seu inimigo, estamos no mesmo barco aqui.

Dessa vez ela me encara com o mesmo ódio de antes, como se duvidasse de minhas palavras. Eu não entendo. Sou tão prisioneiro quanto ela, ainda mais, afinal, eu estou de correntes.

Será que está sob o efeito de alguma droga?

Puxo as correntes novamente e ela se

encolhe.

— Não posso fazer mal a você — murmuro, suavemente. — Não sou como eles.

Ela solta um som esquisito dos lábios e deita de costas para mim. Respiro fundo, frustrado. Eu preciso convencê-la a ajudar-me a fugir.

— *Deus!* — tento lutar contra as argolas em meu pulso e com as lágrimas queimando em meus olhos. — *Jennifer!*

Desesperado, insano, furioso. Eu chuto a grade de ferro que balança, mas não dá sinais de que possa se romper. Chuto outra e outra vez.

— Inferno! — puxo as argolas que me prendem com toda força que possuo. — Deus, por favor! Por favor, me ajude!

Somente quando não tenho mais forças e, já não sei quanto tempo estou lutando, desabo na cama. Não porque eu queira, meus músculos já não me obedecem mais.

— Você tem que me ajudar — murmuro sem me importar de chorar como uma criança. — Por favor... Eu tenho filhos.

Silêncio, nenhuma palavra, nada.

— Eu tenho uma filha — continuo com a voz rouca — o nome dela é Anne.

A música que ela cantou para mim e a voz dela me invadem.

“Papai eu vou cantar e você vai dormir.”

— É a garotinha mais doce e esperta — continuo e um sorriso terno invade

meus lábios — ela tem nove anos e uma deficiência na perna. Mas é a pessoa mais incrível do mundo. Isso nunca foi problema para ela. Anne tem uma coragem admirável.

Ainda me lembro quando a segurei pela primeira vez. E quantas vezes tive medo de derrubá-la. Os primeiros passos, mesmo quando todos acreditavam que ela não seria capaz disso.

"Vem Anne" a fisioterapeuta e eu incentivamos quando colocou a primeira perna mecânica. "Você consegue."

"Grande garota" comemoramos a tentativa vacilante.

A primeira vez que me chamou de pai, que sorriu, que fez o primeiro

desenho.

— Eu tenho esposa, ela é linda. O nome dela é Jennifer — engulo o nó preso em minha garganta. — Ela era cega quando a conheci, mas isso nunca me importou. Eu me apaixonei no momento em que eu a vi. O amor está além dos olhos, além do que os olhos possam ver.

Milhares de recordações invadem minha cabeça. A primeira vez que disse e ouvi *eu te amo*. Quando a fiz minha. Quando me olhou com amor e não raiva. O nascimento dos *gêmeos*.

— Me deu bebês lindos. São gêmeos — sento na cama para encará-la. — Não pode ser imune a tudo o que estou falando!

Estou além do desespero empregado em minha voz, estou em pânico. A jovem me olha por um momento, ela se levanta e aproxima-se da cama.

— Eu vou tirar você daqui também, prometo — encorajado pelo seu sorriso, eu continuo — Precisamos de um jeito para...

O tapa que ela desfere em meu rosto, foi potente o suficiente para virá-lo para o outro lado. Pego de surpresa, eu não sou capaz de emitir uma reação.

— O que você quer, droga? — volto a olhá-la com fúria.

A jovem se assusta e se afasta. Jogo-me na cama, vencido. Eu não vejo saída. A morte mais dolorosa não seria tão cruel como essa. O desespero de não

saber o que acontece em minha casa e com minha família é aterrador.

— É dinheiro que você quer? — falo com a voz calma. — Eu posso dar o que quiser. Apenas fale...

Um longo silêncio fala por nós dois.

Algo que aquele homem falou sobre ela me vem à minha mente. Ele sugeriu se além de muda, ela gostaria de ficar sem braços.

— Você não fala? — sento na cama, desejando dar um chute em mim mesmo. — É isso, não é?

Ela me dá as costas e volta para o mesmo lugar de antes. Como eu posso ser tão imbecil. Deve estar assustada, encontra-se em um quarto com um estranho e ainda não ser capaz de se

comunicar.

— Me desculpe — murmuro com a voz suave. — Eu não vou fazer mal a você. Por favor! Escute-me.

Os dias, horas ou seja lá quanto tempo, arrastam-se lentamente. Eu não tenho ideia de quanto tempo tenho passado aqui. A rotina é a mesma. Eu peço ajuda, a mulher me dá as costas ou me olha com ira.

O homem traz a comida e entrega a ela. Não preciso dizer que nada chegou até mim. O homem acredita que esteja fazendo greve de fome. Até mesmo fez piada sobre isso na última vez que veio.

Na verdade, a garota não tem me alimentado ou me dado água como ele disse que deveria fazer. A impressão que tenho — não certeza. É que por ela, eu morreria de fome e sede.

Algumas vezes, ela sentou em frente a mim enquanto comia. Como se quisesse me provocar. Na maior parte das vezes, eu ignorei. No momento, a fome é um dos meus menores problemas. A falta de água que me preocupa.

Quanto tempo o ser humano é capaz de ficar sem água antes dos órgãos pararem e começar as alucinações? Quatro, cinco dias? Quanto tempo estou aqui?

Ela seria capaz de me ver definhar lentamente? Pela forma que derramou a

água no chão depois de oferecer, eu acredito que sim.

Não a denunciei uma única vez. Ela também é uma prisioneira vejo pelo tratamento que recebe.

Preciso ganhar sua confiança. Por que não acredita que eu possa ajudá-la?

— Nós dois vamos morrer aqui — repito com a voz falha, a garganta seca. Já disse e repeti isso tantas vezes, que já perdi as contas. — Vamos morrer aqui se não nos ajudarmos.

Fixo meu olhar nela. O homem chama-a de prostituta constantemente.

Teria pegado repulsa de toda espécie masculina? Eu noto as marcas em seus braços e pernas, visíveis através da roupa curta — short jeans e top. Quais

os tipos de tortura ela havia sofrido aqui?

— Por favor, moça — forço a corrente nos pulsos inchados. — Você tem filhos? Família? Alguém?

Nunca imaginei que acabaria assim. Como da primeira vez que estive face a face com a morte, foi me negado o direito de despedida. Eu queria uma única chance de dizer Adeus.

Amor me perdoa. Eu gostaria que essa mensagem chegasse até ela. Eu fiz tudo o que podia para protegê-la — eu falhei.

Perdoe-me, Anne, por desapontar você outra vez. Eu jurei que nunca mais iria embora. Meus filhos não chegarão a me conhece, nem saber o amor que já

sinto por eles.

Não! Eu não posso desistir assim. Nem todos os meus amigos devem ter me virado as costas, alguém entre eles virão a minha procura.

Richard e Paige fariam alguma coisa. Arrependo-me de não ter falado com ele quando cruzei a sala. Ter mostrado as malditas fotos.

Jennifer também não aceitaria meu desaparecimento com tanta facilidade. Paige faria alguma coisa. As duas insistiriam, na verdade. Meus pais não desistiriam. Eu só tenho que continuar vivo o máximo que conseguir.

Se ao menos eu conseguir convencer a jovem a me dar um pouco de água.

— Tenho sede — minha garganta está

dolorida. Não sei se é pela falta de líquido ou de tanto gritar em busca de ajuda. — Por favor. Só um pouco.

Não quero ter que reclamar sobre ela e carregar mais culpa sobre meus ombros, mas tenho que me manter vivo. Não sei quais os planos de Konrad, mas já teria me matado se quisesse isso, ali mesmo no galpão.

— Olha, não quero ter que denunciar você para aquele homem — murmuro com dificuldade. — Mas minha família vem em primeiro lugar.

Pelo que lembro, o homem já havia aparecido pela terceira vez hoje. Pelas minhas contas, geralmente faz isso três vezes ao dia. Joga a comida em um canto e sai.

Duas vezes a tirou do quarto e ela retornou com outra roupa. Mesmo ofendendo-a constantemente, ele não deixa de importuná-la. Não sei o que fazem lá fora. Deve levá-la para tomar banho, é o que prefiro acreditar.

Contudo, pelo jeito retraído e angustiado que ela retorna, eu sei que não.

Que o inferno ajude essa miserável, quando eu sair daqui e puder colocar minhas mãos sobre ele vai desejar não ter nascido.

Ela pode ter escolhido me deixar morrer, mas ninguém deve ser tratado como vem fazendo com ela. Abuso em cima de abuso, ser tratada nada menos que um pedaço de carne no abatedouro.

Nem menos consigo condená-la por transferir seu ódio para mim. Eu preciso encontrar uma forma para que não veja como seu inimigo. E rápido.

Ouçó outra vez o barulho da música. Ela sempre começa em algum período da noite e dura por algumas horas.

No quarto não há janelas, talvez nem seja um quarto. Pela umidade nas paredes devemos estar em algum porão. A música mesmo de longe, parece vir do teto. Não ouço vozes e ninguém parece me ouvir também quando grito.

O cansaço começa a me dominar. Eu não quero dormir e correr o risco de não acordar outra vez.

Tento brigar com meus olhos, mas a exaustão me vence.

Primeiro, eu sinto o golpe em meu rosto, seguido de outro tapa. Não posso mover os braços, minhas mãos estão presas em minhas costas. A luz forte em meus olhos aponta que estou debaixo do facho de luz no centro do quarto, pisco algumas vezes tentando me adaptar a claridade em meu rosto.

Tento me movimentar, meus tornozelos estão marrados aos pés da cadeira.

— Acorda! — outro tapa.

Vejo a máscara branca a centímetros do meu rosto. Meu mundo gira e busco

manter o foco. Por que ele ainda usa o disfarce quando já sei quem ele é?

— Konrad... — murmuro, seco.

— Tisc, tisc — ouço um estalar de língua atrás de mim e mãos em garras puxam minha cabeça para trás, forçando-me a encará-lo. — Não... não. Tente outra vez.

— Peter?

Ele gira em torno de mim e coloca-se a minha frente.

— Você já foi mais inteligente, Neil. Não reconhece a minha voz? — murmura ele com um tom melodioso. Suas mãos vão em direção ao rosto, onde está a máscara, tirando-a lentamente. — O seu clone.

A primeira sensação que eu tenho é

que haviam colocado um espelho em minha frente. Meu reflexo, ostentando um sorriso de deboche, quando eu tenho uma expressão congelada no rosto.

Olhos, cabelos, boca, formato do rosto, exatamente igual, meu clone, como havia dito. Como se visse eu mesmo refletido na água límpida. As únicas diferenças são as roupas — minhas roupas eu reconheço. E o ombro imobilizado.

Gêmeos idênticos, mas não poderíamos ser mais diferentes.

— Tam nam — ele faz um gesto teatral como se estivesse agradecendo o público antes de fecharem as cortinas. — Ao vivo a cores e.... ainda mais bonito.

— Nathan? — murmuro, ainda sem conseguir acreditar em meus olhos.

Só pode ser algum tipo de alucinação provocada pela carência de água e comida. Eu sabia que cedo ou tarde elas iriam acontecer.

— Você já disse isso — ironiza ele. — Tanto tempo sem me ver e, tudo o que tem a dizer é meu nome? Isso é decepcionante, Neil.

— Você está vivo? — pergunto, incrédulo.

— Acho que eu bati forte demais na sua cabeça — ele acaricia a região onde eu havia recebido o golpe. — Deveríamos chamar o Dr. Crighton para examinar você. Liam.. o tão e sempre eficiente doutor.

— Ah, mas ele não pode ajudá-lo agora— continua ele, coloca uma cadeira invertida, em frente à minha. Ele senta sobre ela, seus braços apoiados no espaldar da cadeira enquanto me contempla de forma cínica. — Nenhum dos seus amigos podem. Como se sente? Sabendo que está sozinho...

— O que você quer? — trinco meus dentes.

— Ah... Agora fez a pergunta correta — ele para por um momento, analisando-me, ponderando sobre a minha pergunta e sua resposta. — O que eu quero? Você quer uma resposta. Ela está bem aqui, na sua frente. Pense... sempre foi tão observador.

A única coisa que consigo pensar é

em Jennifer e a reação que teria quando soubesse que o homem que odiou por tanto tempo, está vivo.

Lidar com seu olhar assustador quando me via, após algum pesadelo, foi difícil, doloroso, algumas vezes eu desejei de ter trocado de rosto. Isso quase nos separou e me destruiu. Ter que lidar com o fato de que por algum momento ao olhar para mim, ela via-o.

Foram inúmeras às vezes que acreditei ou tive medo que seus traumas um dia fossem maiores que seu amor ou tudo que vivemos. Uma coisa é ter que lidar traumas e sentimentos do passado, enterrados com ele, outra é vê-lo ressurgir do inferno como um demônio, ganhando vida.

Olho em volta do quarto, enraivecido. Encontro a garota parada, em seu canto habitual, o carcereiro ao lado dela. Quando nossos olhos se conectam, vejo que está em choque. E agora eu entendo o tratamento que despendeu a mim, acreditou que eu fosse ele, *Nathan*.

A compreensão despenca sobre mim como uma bomba atômica. Tudo começa a se encaixar e fazer sentido. Ele quer tomar o meu lugar.

— Por que está fazendo isso? Por que não me matou antes quando teve a oportunidade? Por que envolver a Jennifer nesse plano sórdido? Ela não tem nada a ver com isso!

— Deus, são tantos porquês. Por que

isso, por que aquilo? Por que, por quê? — ele faz uma voz fanhosa. — Parece aquele garoto chato na nossa infância...

Ele levanta e caminha até a mim. Quando toca meu rosto, eu tento me afastar, mas meus movimentos estão limitados.

— Porque eu quero — desliza um dedo pelo meu rosto. — Porque eu não quis matar você sem nos encontrarmos antes, não seria tão emocionante. Porque eu a quero e sim, ela tem tudo a ver com isso. Ou eu apenas gosto de brincar de Deus.

A risada louca e desenfreada me obriga ver que diante de mim, eu tenho alguém sádico e perigoso.

— Por que agora? Depois de oito

anos?

— Você é um louco desgraçado.

— Humm. Elogios não me compram — ele tem um sorriso debochado. — Eu poderia responder todas as suas perguntas fervilhando em sua cabeça, mas eu tenho em casa uma esposa linda, me esperando.

— O que você está falando? — sacudo-me na cadeira. — Se tocar nela...

— Eu já toquei. E você não vai acreditar — murmura ele, lambendo os lábios e levando a mão entre suas pernas, acariciando-se — ela aproveitou cada momento.

Não! É mentira. Tudo que vem dele é mentira em cima de mentira. A começar

por sua morte forjada. Aquilo não era verdade, não pode ser. Eu simplesmente enlouqueceria.

— Maldito! — a cadeira tomba para o lado. — Quando eu colocar as mãos em você...

— Não fará nada — ele sussurra em meu ouvido. — Logo aquele túmulo será ocupado novamente e o corpo não será o meu.

Um tecido úmido é pressionado contra meu rosto. Brigo contra a luz, mas outra vez, eu sou derrotado.

Eu tento emergir a superfície e é como se chumbos em meus pés me

puxassem para o fundo. A água entra pela minha boca, invadindo meus pulmões, impedindo-me de continuar respirando. Olho em todas as direções e não há nada além desse mar sem fim. Estou afundando. Inspiro fundo em busca de ar e começo a tossir.

Puxo ar novamente e abro meus olhos. Deparo com um par de olhos castanhos, expectantes. Necessito de alguns segundos para separar o sonho da realidade.

— O que está tentando fazer? — pergunto bruscamente e afasto-me da mulher o máximo que as correntes permitem. Estou na cama outra vez e pergunto-me se Nathan e tudo relacionado a ele não foi um sonho.

Pelo olhar suavizado da jovem, eu vejo que não. O brilho em seus olhos parece diferente agora. Eu vejo... compaixão. Ela me olha longamente e estende a garrafa de água em suas mãos. Eu olho para a embalagem com desconfiança. Afasto a mão quando ela direciona em minha boca.

— Você quer me envenenar! — em um reflexo, eu bato na embalagem que choca contra a parede, derramando boa parte do líquido no chão.

Estou furioso, desnortado, insano. O ódio passeando por meu corpo como as chamas engolem a vela, consumindo-me.

Vejo-a caminhar até a garrafa e voltar até minha cama. Mas eu não sei se devo acreditar no que os olhos dela me dizem.

Minha capacidade de julgar as pessoas não tem sido muito precisa ultimamente. Desconfiei dos meus amigos quando o perigo que me rondava era outro.

Ela empurra a garrafa em minha direção novamente, obrigando-me a beber. Eu não tenho alternativa, preciso sobreviver. Agora mais do que nunca. Ficou claro que a mulher sente um desprezo inenarrável por Nathan e o havia transferido a mim, acreditando que eu fosse ele.

Os primeiros goles, ávidos, descem rasgando por minha garganta seca, mas eu engulo com ânsia mal incontida. Paro apenas em busca de ar e volto a esvaziar a garrafa com longos goles.

— Obrigado — digo a ela um

momento depois. — Acredita em mim agora?

A jovem dá as costas mais uma vez como já havia feito outras vezes, mas dessa vez, retorna com um prato de comida.

— Você acredita em mim? — insisto quando ela tenta colocar uma garfada em minha boca.

Ela balança a cabeça dizendo que sim. Parece envergonhada e arrependida de seu comportamento anterior. Eu vejo uma faísca de esperança surgir em meu caminho. Preciso convencê-la a me ajudar. A segurança da minha família depende disso.

— Tem que me ajudar a sair daqui — murmuro enquanto ela continua a socar

comida em minha boca.

A comida está fria e sem gosto, eu não ligo. Recuperar minhas energias e pensar em algo que nos tire daqui é o mais importante.

— O que ele quis dizer com voltar para casa e esposa? — pergunto em voz alta.

Se ele já ocupou meu lugar, quer dizer que Jennifer não está mais presa. Adam teria conseguido a liberdade provisória? Nathan está na minha casa. Com meus filhos, minha esposa e temo o que ele possa fazer com eles. Se esse desgraçado colocar as mãos em algum deles.

— Ele está com ela! — concluo, angustiado. — Nathan está com a

Jennifer.

Eu puxo as correntes com força. Preciso sair daqui. Eu tenho que tirá-la daquela casa. Ele é um psicopata capaz de qualquer coisa. Não há limites para um louco como ele. Preciso sair daqui antes que ele deixe sua alma em pedaços e nem todo amor que sinto será capaz de curar.

Eu tenho certeza que ela não havia se entregado a ele como Nathan havia falado e se algo aconteceu, foi contra sua vontade. Ninguém odiou Nathan tanto quanto ela. Ele não pede, ele toma.

O que mais me preocupa é que ele deve estar enganando-a, passando-se por mim. Cedo ou tarde, ela notaria a diferença e entraria em pânico.

— Ahhh... — eu puxo o ferro com força, até que meu peito queime e meu coração pareça explodir em meu peito. — Solta! Maldita! — Desgraçado! — tento livrar das amarras em meus pés, sem sucesso. — Inferno!

Eu nunca estive tão desesperado em toda minha vida. Nada que se comparasse a esse momento. Nem quando fugimos, quando ela foi presa, quando pediu que saísse de sua vida. Em cada um desses momentos, eu sabia que a teria de volta. Como um pássaro ferido, eu cuidaria de suas feridas, esperando pacientemente que voltasse para mim para os meus braços. Eu daria minha vida e faria qualquer coisa para que nada acontecesse a ela. Não vou

morrer aqui e nem perder essa batalha.

— Eu preciso sair daqui! —
murmuro.

A mão suave toca meus dedos frios.

— Preciso que me ajude a sair daqui!
— imploro a ela. — Por favor.

Ela balança a cabeça em resposta.

— Você sabe onde nós estamos?

Ela nega com a cabeça e leva as
mãos aos olhos.

— Você foi vendada.

Recebo um sinal positivo com o
dedo. Se ao menos eu conseguir
descobrir onde estamos ou uma forma de
me comunicar com alguém?

Peter! É o único com recursos para
descobrir onde estou, mas também
estaria sendo enganado? Ele perceberia

a diferença?

Lembro do celular que havia escondido em meu bolso, não sinto nada.

— Aqui — viro-me de lado mostrando o bolso a ela. — Procure um celular no bolso.

Ela vasculha e puxa tecido mostrando-me que não há nada. Nathan não daria esse passo em falso. Foi ingênuo da minha parte acreditar nessa possibilidade.

— Para onde você vai quando a tiram daqui?

Ela se afasta encolhendo-se em um canto da parede. Não que ela me responda. Sei como é o Nathan. Conheço os tipos de jogos que ele gosta. Mas eu nunca imaginei que fosse tão

longe. Essa não é apenas uma casa de BDSM e Voyrismo. É uma casa de prostituição e pior, ele mantém essas jovens a força. Isso explica a música todas os dias. Eu posso imaginar os tipos de atrocidades os homens que frequentam esse lugar são capazes de fazer.

— Há um telefone na casa? — pergunto, ansioso. — Tem alguém em que confie?

Ela nega com a cabeça. Eu já esperava por isso ou ela teria escapado há muito tempo. Deve ter capangas como o homem que vigia-nos, espalhados por todos os lados.

— Precisamos de um telefone — falo mais para mim do que para ela —

preciso entrar em contato com um amigo. — Você consegue dar um telefonema?

Porra! Claro que não. Nathan havia sido esperto de me deixar aos cuidados de uma muda. Eu só não entendo por que ele não me matou ainda. O que ele espera ou está arquitetando? Como ele disse, talvez não haja um motivo e tudo o que ele queira é me atormentar.

Se eu conseguir me comunicar com o Peter de alguma maneira, ele nos encontraria.

— Você consegue um telefone? — pergunto a ela esticando os braços. — Ou a chave?

A jovem balança os ombros em reposta. O que eu vou pedir não é algo

fácil, mas é uma questão de sobrevivência.

— Certo, eu vou dizer o que você tem que fazer.

Ela me escuta atentamente. Embora esteja com medo, eu vejo o brilho da determinação em seus olhos. Preciso que ela sinta confiança no que planejo. Parece-me uma jovem inteligente. Em nosso caso, perspicácia, uma grande dosagem de cautela e paciência para agir no momento certo, são nossas únicas armas.

O único problema é que brigamos contra o relógio. Nathan ainda me mantém vivo, o que eu não sei, é por quanto tempo.

Capítulo 22

Jenny

O sangue corre rápido e gelado em minhas veias. Instantaneamente, todas as coisas suspeitas que vinham acontecendo nos últimos dias, desabam sobre mim e finalmente começam a fazer algum sentido.

— Jenny... — ele caminha em minha direção com cautela, como se pisasse em cacos de vidro. Assemelha-se a uma serpente, deslizando ao redor de sua presa, à espera do bote.

— Jennifer! — murmuro, andando de costas até a porta. — Jennifer!

Neil nunca havia me chamado de Jenny. Algumas vezes — em um momento romântico e íntimo, ele referia-se a mim como *Jen*. Jamais Jenny. Nunca!

A lembrança de quando me chamou assim pela primeira vez passa como um flash em minha cabeça.

“Jen?” Perguntei dando-me conta do diminutivo do meu nome.

“Todos a chamam de Jenny, mas eu gosto do seu nome, Jennifer é um nome lindo. Mas, eu queria algo único, algo especial. Algo que pertencesse somente a mim, a mais ninguém. Então, para algumas pessoas, você é Jennifer, Jenny,

mas para mim apenas Jen. Minha linda e pequena Jen.”

— Querida, você só está apenas um pouco nervosa e confusa... — ele afasta essa doce lembrança e se aproxima ainda mais. — Talvez devesse descansar um pouco.

Todas as peças do quebra-cabeça vão se encaixando; a sensação esquisita que tinha ao ficar perto dele e que fazia-me duvidar de minha sanidade, a recusa em contar o que realmente havia acontecido com Konrad quando ele foi ao seu encontro, a conversa estranha no telefone e a resposta nada convincente, o jeito que tratou Paige, a frieza em relação aos nossos filhos e Anne, o jeito esquisito e partida inesperada dos pais

dele e... o cachorro. Neil amava o bichinho tanto quanto qualquer um de nós. Ele havia o escolhido para mim.

Deus, os sinais apontavam em minha direção o tempo todo e fui uma grandessíssima idiota de não ter dado conta disso. E quando eu coloco a última peça do quebra-cabeça — a cicatriz no ombro causada pelo tiro que Neil levou é o rosto odioso de Nathan que eu vejo.

Ciente disso, um grito acuado escapa da minha garganta, mas, não é de medo, é de fúria.

— O que você fez com ele? — a primeira coisa que vejo em meu campo de visão, dentro dessa esfera nebulosa envolvendo nós dois, é uma tesoura em

cima do balcão na pia.

Eu não pensei duas vezes ao avançar sobre ele com a arma em punhos. Guiada por meus instintos, e, totalmente fora de controle. Todos os anos que passei alimentando desprezo, raiva e ódio por ele, vem à tona.

Mesmo tomada pela ira e de posse de todas as minhas forças, eu não sou páreo para ele. Ainda assim, luto bravamente, usando todas as minhas energias.

Quando ele torce meu pulso a dor é lancinante. A tesoura cai, em um baque mudo, amortecida pelo tapete branco e felpudo.

— É uma pena que tenha descoberto tão cedo... Jennifer — murmura ele.

Eu sinto sua mão pressionando meu

pescoço, e, meu corpo sendo erguido que meus pés mal tocam o chão.

Agarro seu pulso com ambas as mãos, tentando sair do seu agarre. Nathan coloca um pouco mais de pressão em seus dedos em volta da minha pele e arrasta-me em direção ao quarto. Apenas um som rouco escapa de meus lábios e a pressão em minha cabeça faz tudo a minha volta rodar.

— Agora sou obrigado a antecipar os meus planos — sou arremessada contra a cama. — Eu gostaria de jogar um pouco mais.

Enquanto ele caminha até a porta, eu me arrasto para o outro lado da cama, onde fica o telefone. Eu ouço o clique da porta sendo trancada e meu sangue

congela. Ao se dar conta de minha intenção e antes que eu alcance o aparelho em cima da mesinha, ele cruza o quarto, tirando o telefone do meu alcance, estilhaçando-o contra a parede, em um gesto violento.

— Isso não é uma boa ideia — murmura ele, agora, muito irritado. — Não mesmo, Jennifer.

Em seguida, vejo-o arrancar os fios dos cabos internos, arremessando-os janela a fora. Eu pulo da cama, apesar de minhas pernas bambas, consigo chegar até a porta. Giro a maçaneta, forçando-a. O pânico instaura-se em mim ao dar-me conta que estou trancada e sozinha com um homem demoníaco.

— Não está sendo uma boa menina

— murmura ele, com um sorriso debochado. — Por que piorar as coisas entre nós dois?

Suas mãos agarram meus cabelos trazendo água aos meus olhos.

— Sabe o que acontece com garotas malvadas? — sussurra ele, colocando-me de frente. — Elas são castigadas.

Dou-me conta agora que ele está nu e a ideia do que possa fazer comigo, paralisa-me inteiramente. Ele esfrega seu corpo contra meu — todo asco, nojo e aversão que sinto dele, é convertido em forma de vômito em seus pés descalços.

— Droga! —vocifera ele.

A bofetada inesperada em meu rosto me faz cair diante dele e tudo a minha

volta fica escuro.

Acordo com o gosto amargo em minha boca e um odor azedo infiltrando em meu nariz. Mechas de cabelos cobrem meu rosto embaçando minha visão já embaralhada por minha mente confusa.

Eu vejo quase tudo desfocado, então me apoio contra o cotovelo procurando me equilibrar. A primeira coisa em meu campo de visão é o pé descalço, seguido do outro nas pernas cruzadas, logo as duas mãos espalmas nos braços da poltrona, os dedos batendo sobre ela como se dedilhassem as teclas de um

piano.

A poça gosmenta sob meus dedos adverte-me que eu havia desmaiado em cima do meu próprio vômito, mas, isso não é tão nojento para mim como o homem a minha frente.

Neil... — choramingo seu nome, em um pálido e fraco pedido de socorro.

Ergo um pouco mais a cabeça e deparo-me com os olhos frios sobre mim, penetrantes, ameaçadores.

Corro meus olhos pelo roupão de cetim negro, perguntando-me quanto tempo eu fiquei desacordada e o que ele havia feito comigo.

Sento-me apressada apesar da tontura e verifico minha roupa. Aparentemente está tudo no lugar.

— Não se preocupe, eu não toquei em você — diz ele, calma e pausadamente. — Ainda.

Olho para a porta pensando em uma rota de fuga. Todos os tipos de sentimentos e conflitos guerreando dentro de mim.

A poucos metros de mim está Anne e os bebês, desprotegidos, a mercê de todos os perigos que ronda-nos. Meu único desejo é pegá-los e ir para o mais longe possível desse animal e suas crueldades.

— O que você fez com ele? — pergunto outra vez com a voz trêmula e irrito-me comigo mesma por demonstrar tal fraqueza.

Por que eu não fiquei quieta?

Vigiando-o, seguindo seus passos em silêncio até encontrar uma solução que pudesse afastá-lo de nossas vidas para sempre. Minha reação impensada pode ter colocado todos nós em perigo. A verdade é que fiquei sem reação. Até o último segundo eu tive a esperança de que não passasse de devaneios da minha cabeça, não essa dolorosa e terrível realidade.

Sinto-me sem chão e completamente perdida.

— Se você tivesse que escolher... entre Neil e seus filhos — ele levanta e caminha até onde estou — passos curto, calculados como se deslizasse. — Quem você escolheria?

Eu escolheria matar você, penso. De

uma forma lenta e muito dolorosa.

— Quem é mais importante em sua vida, Jennifer? — a insistência em usar meu nome agora, de forma irônica, como se degustasse de cada sílaba é pífia e irritante. — Quem você salvaria?

Mesmo que essa pergunta fosse feita por uma pessoa normal e, em circunstâncias diferentes, eu não teria uma resposta. Meus filhos são parte de mim, uma parte do meu coração, metade de nós dois.

Neil é minha alma, tudo o que eu sou. Meu mundo sem ele jamais seria o mesmo, nem os anos obscuros que vivi quando estive cega poderiam ser tão negros. Somente uma mente psicótica como a dele, pensaria em uma escolha

tão indigna como essa.

— O que você quer? — pergunto, erguendo meu queixo de forma desafiadora. — Por que está fazendo isso?

— Antes que eu clareie sua mente...
— sua mão crava em meu rosto dolorido, levando lágrimas aos meus olhos. — Devo esclarecer que tudo isso é culpa sua.

Minha culpa? Do que esse miserável maldito está falando? Se Não trata de Neil e toda a raiva e inveja que nutri por ele? Em que diabos da história eu encaixo-me? Acredito que tenha me usado em seu plano asqueroso para atingi-lo, mas eu nunca representei qualquer ameaça a Nathan, mesmo

quando tive a chance. Sua declaração não faz o menor sentido.

— Eu amei a Samantha ou acreditei que a amasse na época — murmura ele, alisando meu rosto com os dedos. — Eu teria feito qualquer coisa para ficar com ela.

Nathan afasta-se de mim e caminha ao redor do quarto com as mãos no bolso do robe.

— Mas, quanto mais eu me aproximava, mais ela fugia. Estava encantada com Neil enfurnado naquela biblioteca vazia e, seus livros idiotas — murmura ele, em volta de mim. — O coitadinho que todo mundo ama, patético.

Ele ajoelha e pressiona a testa contra

minha, tenho grande dificuldade em controlar a náusea que a proximidade dele me causa.

— Quando eu poderia ter mostrado um mundo incrível a ela — suspira ele. — Mas não, ela preferia o garoto perturbado e solitário. Vocês mulheres adoram um cãozinho perdido.

A cada palavra que ele profere, eu vejo como sua mente é doentia e suja. Eu posso imaginar porque Samantha havia se apaixonado por Neil, não pelas palavras desdenhosas que Nathan tenta atribuir a ele, mas porque eu o conheço mais do que qualquer pessoa. Por trás do olhar sério, autoritário e enigmático, existe uma pessoa incrível com coração mais lindo que eu já vi.

— Então eu não tive escolha, eu tive que mostrar que era de mim que ela precisava e não do idiota do meu irmão, a qual ela acreditou que enviava as cartas românticas.

Suas mãos acariciam meu rosto e tenho vontade de jogar ácido sobre elas.

— Quando eu a vi atrás da cortina, nos observando com esses olhos impressionantes, eu soube que tudo o que eu queria estava diante dos meus olhos — sussurra ele. — Samantha, na verdade, era fraca, provou isso suicidando-se. Você é diferente.

Quero que ele cale-se. Tudo em relação a ele me causa repulsa. A voz, a respiração em meu rosto, seu toque. Quando penso que o beije, abracei e

que estive a um passo de entregar-me a ele faz meu estômago revirar.

— Você ficou calada e eu soube que era para me proteger — sua voz é suave em um tom que me causava medo. — Sabia que seria minha. Um pouco de paciência e poderia treiná-la devidamente e seria minha.

Ouçõ horrorizada a forma distorcida com que ele relata o que havia acontecido. Eu tinha apenas catorze anos, era apenas uma menina que foi colocada frente a frente com lado mais perverso do ser humano, na época, eu era apenas uma menina perdendo a inocência de forma violenta. Ele não abusou do meu corpo como havia feito com minha irmã, mas fez isso com minha

alma.

Samantha e eu não soubemos como lidar com o ocorrido. Após ele ter saído satisfeito e saciado, foi eu, uma garotinha de catorze anos que recolheu os cacos da minha irmã. Eu que a vi chorar todas as noites envergonhada. E se eu não tivesse me calado como ela me fez prometer, talvez ainda estivesse viva. Eu deveria ter percebido que ela não suportaria a grande tristeza infiltrada nela por muito tempo.

A culpa que carreguei ao compartilhar desse segredo, me perseguiu por anos. Ficar cega foi um castigo que aceitei com resignação. O preço que paguei pelo meu silêncio. Viver presa no meu próprio mundo foi

muito mais fácil.

— Mas você me traiu como todo mundo... Não era para você estar naquele carro e quando me viu — os olhos gazeados confrontam os meus, acusadores — eu não tive outra alternativa. Não seria preso novamente. Suas ameaças naquele dia me obrigaram a isso. Você me traiu da forma mais dolorosa, Jenny.

Eu busco encontrar alguma coerência no que ele está dizendo, mas não há. Nathan distorce os fatos de uma forma nojenta e incompreensível. Em sua mente conturbada, ele havia sido a vítima.

— Tive que forjar minha morte ou correr o risco de ser preso — murmura

ele. — Konrad me amava, então faria qualquer coisa. Além disso, estava cansado do meu pai, e suas ameaças de me enviar de volta para aquela clínica maldita. Como se eu fosse louco.

Ouçó tudo procurando manter a calma, encontrar um meio de sair daqui e escapar desse homem insano. Uma pessoa capaz de forjar a própria morte sem se importar com a família ou a dor que causaria a ela é capaz de tudo. É incontestável, Nathan havia feito mal a muitas pessoas e todas elas, assim como eu, sentiram alívio com sua morte, mas seus pais e Neil sentiram a dor da perda, mesmo ele sendo um monstro insensível.

— Não quer saber como fiz isso? — ele caminha até a cama, decepcionado.

— Neil é muito mais curioso que você.
É? Isso significa que...

— Sim, ele ainda está vivo — ele sorri, vitorioso como se tivesse a capacidade de ler a minha mente. — Se continuará, depende de você.

Louco desgraçado! Faço uma varredura no quarto em busca de algo que eu possa usar como arma contra ele. Além da escova, maquiagens e alguns perfumes na penteadeira, não há nada mais que eu possa utilizar. O abajur está muito longe, além disso, teria que passar por ele.

— Existe uma substância, que extraída dos órgãos sexuais de um peixe em específico, combinada a outras, produz um veneno potente, a tetrodoxina,

o principal composto, paralisa o sistema nervoso central e pode fazer as pessoas parecerem mortas, causando um efeito similar à catalepsia — continua ele — Clairvius Narcisse foi o primeiro caso, a droga passou por diversos processos de aprimoramento, não é fácil de ser encontrada, mas, nada é impossível para mim... É incrível as coisas que o ser humano pode criar e o que o dinheiro pode oferecer, não é?

— Minha ideia inicial era escapar das ameaças do meu pai que já estava me irritando, livrar-me dos conselhos enfadonhos do meu irmão babaca e, fugir com você para algum lugar no mundo — ele estala os dedos sem emitir som algum, vagorosamente. — Tem

ideia de quantas pessoas desaparecem no país todos os anos? Assim, do nada, simplesmente evaporam. E finalmente, eu poderia viver como queria do jeito que eu queria.

Mantenho uma expressão inabalável, pelo menos tento, mas o quadro que ele desenha em sua mente destorcida, faz os pelos em minha nuca arrepiarem. Se os planos dele tivessem seguido adiante, eu teria sido apenas mais um rosto em um cartaz, mal consigo imaginar o sofrimento que meus pais sentiriam.

— Você não passa de um lunático — arrasto-me em direção ao banheiro, olhando de relance. — Mentiras sempre são descobertas, não irá muito longe.

— Mesmo? — diz ele, em tom de

deboche. — Até agora tudo foi perfeito.

— Age como se merecesse algum prêmio por sua eficiência em manipular e fazer mal as pessoas. Como se fosse um gênio ao brincar de Deus. Tudo o que teve foi sorte.

— Em tese — murmura ele. — Foi sorte aquele velho ter tido um derrame quando estive aqui a primeira vez para instalar as câmeras. O resto exigiu perspicácia e inteligência.

— Por que tudo isso? — afasto-me um pouco mais, posso ver parte do banheiro, mas a tesoura ainda está fora do meu campo de vista. — Por que não continua no inferno do qual veio?

Eu preciso que ele continue falando. Como todo psicopata, ele tem orgulho

de falar de si mesmo e suas maldades. Enquanto ele estiver concentrado nisso, talvez eu consiga pensar em alguma forma de escapar.

— Foi bom no início, viver livre, sem regras — murmura ele. — Mas cansei de viver nas sombras. Primeiro do Neil depois de um fantasma. E Konrad foi ficando enfadonho e ciumento. O tempo todo fazendo exigências. Não sou do tipo que gosta de ser dominado.

— Konrad e você...

— Qual o problema? Sexo é sexo, Jenny. Eu busco o prazer não importa de onde ele venha — diz ele com a voz mansa. — Só precisei dele no começo, mas ele controlava o dinheiro que

ganhávamos com as prostitutas...

Encaro-o chocada. Isso jamais passaria pela minha cabeça. Não por preconceito, meu melhor amigo é gay. O que eu vejo é que Nathan jamais se importou com nada e ninguém. Tudo o que importa a ele é o que ele pode extrair das pessoas, como um parasita, sugando nossas energias.

— Então resolvi trocar de parceiro. Sophia sempre foi mais obediente a mim.

— Ela sabia que estava vivo? — não deveria ficar surpresa, mas minha reação é exatamente essa.

— Não no início, apenas quando você voltou para nossas vidas. Eu soube que Neil havia encontrado seu irmão,

chegar até você seria apenas questão de tempo — continua ele — eu não podia permitir isso. Então, Konrad chegou ao encontro primeiro. Ele estava mesmo determinado a sair daquela vida, Konrad ofereceu a última dose, mas não existe última dose para um viciado descontrolado como ele. Outro fraco patético. Você não deveria ter ido ao encontro dele.

Infeliz! Ele havia iniciado meu irmão nesse mundo maldito. Ele era apenas um adolescente querendo agradar os filhos dos patrões. Sentir-se importante em sua roda de amigos.

— O plano inicial era separarmos vocês dois quando Neil visse aquelas fotos. Todos pensariam que deu outra

oportunidade a Sophia, após a
desilusão. Daríamos um fim nele, claro.
Eu teria controle da empresa, o dinheiro
e, Sophia ficaria comigo, como sempre
quis. Mas eu não queria outro Konrad no
meu caminho.

— Então você a matou?

— Eu? Não... — ele fala de forma
debochada — não sujo minhas mãos
com sangue, Konrad fez isso.

— Por quê? — pergunto, confusa.

— Use seu cérebro — diz ele sem
paciência. — O plano da Sophia era
atrair você até a casa dela, deixar suas
digitais na faca e matarmos o Neil. A
culpa seria sua. Já o Konrad — ele
passa por mim, indo em direção ao
banheiro. — Mataríamos a Sophia

colocaríamos a culpa em você e nos livraríamos do meu irmão. Isso que estava procurando?

Ele gira a tesoura em seus dedos e me olha com meio sorriso. Deve ter notado meus olhares sorrateiros quando eu pensei que ele estava distraído.

— Isso pode ferir alguém — ele guarda a tesoura no bolso. — Concluindo, eu não estava interessado em nenhum dos dois. Meu plano era muito mais interessante.

Os olhos escuros que por muitos anos foram a causa dos meus pesadelos, encaram-me, frios.

— Você os manipulou o tempo todo.

— Como eu disse, sorte não tem nada a ver com isso. Sophia está morta,

Konrad foi preso — ele caminha para mais perto de mim, a voz agora é suave e melodiosa. — Bom, agora também está morto e nós vamos embora do país como era nosso plano. Até pensei em deixar meu irmão vivo. Sabe, eu posso ser bem misericordioso. Afinal, ele meu irmão — Nathan leva a mão em seu peito. — Mas seu amigo detetive quer um corpo. Se ele quer um maldito corpo é isso que darei a ele. Eu o abandonaria em alguma ilha por aí. Talvez com uma máscara de ferro como no filme. Seria um final magnífico.

— Você é doente! — levanto-me e corro até a porta, batendo com as mãos espalmadas, enquanto grito por ajuda. — Socorro! Socorro!

— Isso me deixa excitado, sabia? — diz ele com um gemido. — Todo esse fogo é estimulante.

Eu nunca tive medo dele, até agora. Ele me vira de frente a ele. Ouço o som do tecido sendo rasgado e imediatamente suas mãos nojentas agarram meus seios.

— Não! — agarro seus cabelos tentando afastá-lo.

Sua mão agarra as minhas, enquanto a outra mão pressiona a minha boca. Eu tento me soltar e chamar por ajuda, mas, nenhum som, além de alguns grunhidos desesperados saem que da minha boca.

Deus ajude-me.

Prefiro mil vezes a morte a isso.

— Sr. Durant? — a voz ressoa após a

batida — está tudo bem?

Geórgia! Lágrimas de alívio saltam de meus olhos ao reconhecer a voz amiga. Ajude-me, por favor, o som ecoa em minha cabeça enquanto luto para soltar-me.

— O que você quer, Geórgia? — Nathan faz um sinal para que fique quieta, mas eu luto contra seus dedos pressionados em minha boca. — Algum problema?

— Achei ter ouvido gritos.

— Sim, eu chamei você — ele me encara furioso. — Jenny não está bem, vomitou no quarto. Acho que deve ser alguma virose. Poderia fazer uma canja ou algo assim. Ela está no banho agora.

— Claro, e vou pedir que alguém

venha limpar o quarto — ela murmura, solicita. — Paige também está aqui, o que eu digo a ela?

Paige está aqui. Uma nova onda de esperança renova-me. Ela não iria embora sem me ver.

— Eu já desço. Peça que me espere — diz ele, antes de me arrastar até o closet.

— Sim, senhor.

— Não pense em nenhuma gracinha — alerta ele, cravando o dedo em minha bochecha. — Seria terrível que sua amiga tropeçasse na escada e quebrasse o pescoço.

Não sei se foi a ameaça declarada que me deixou paralisada ou se minhas forças que estavam ruindo. Eu não tenho

dúvida que faria mal a Paige. A sorte sempre estava com ele, prova disso são os falsos indícios no chão que provavam a teoria dele sobre eu estar doente.

— Seja uma boa menina e tudo ficará bem — sussurra ele, arrastando-me até a cama. — Não quer que nada aconteça a seus bebês, não é mesmo?

Desgraçado maldito! Odeio-o com todas as minhas forças.

— Por favor — lanço olhares suplicantes. Meus filhos, não. São apenas inocentes.

Meu Deus não permita isso.

— Seja boazinha e nada irá acontecer.

Nathan beija minha testa e para na porta olhando para mim.

— Pense nos seus filhos, Jenny — diz ele num tom desaprovador. — É o que uma boa mãe faria.

A porta é fechada e escuto ruídos no corredor e pressiono minha cabeça contra a porta.

— O que ela tem? — ouço a voz de Paige distante.

— Acho que alguma virose — responde ele. — Acabou de dormir e não quero incomodá-la.

— Vou ver os bebês então e...

Eles se afastam e não consigo ouvir mais nada. Caminho até a cama e desabo sobre ela, enrolada em meu próprio corpo.

— *Neil* — soluços escapam dos meus lábios em meio às lágrimas

abundantes por meu rosto. — O que ele fez a você?

Os minutos arrastam-se, levando com ele minhas forças, fé e esperança. A dor comprimindo em meu peito é visceral e desesperador. Eu não tinha conquistado minha liberdade, havia trocado uma prisão por outra.

E esse carcereiro é muito mais perigoso.

Um longo tempo depois, ele retorna e não está sozinho. Um grito abafado ecoa da minha garganta.

— Olha quem veio ver a mamãe —
Nathan balança o bebê em seu colo. —

Ela está doente e vai ficar um tempinho longe.

Sou incapaz de numerar o turbilhão de sentimentos explodindo em meu peito; raiva, dor, desespero, medo. Todos eles absorvendo o que restava de forças em mim.

— Mas se ela se comportar bem... logo ficará bem e poderá ter você de novo — ele aproxima-se mais. — Ela só tem que fazer tudo o que o papai falar, certo, mamãe?

Balanço a cabeça em concordância. Enquanto ele tiver meus filhos e o Neil sob a navalha, não há nada que eu possa fazer. Estou de mãos atadas, literal e psicologicamente.

— Muito bem — diz ele, satisfeito

com minha obediência. Vejo-o sair do quarto e voltar minutos depois.

— Parece que hoje é dia de visitas — murmura ele, incomodado. — Foi fácil me livrar daquela intrometida, mas o detetive insiste em vê-la. Disse que é importante.

Meu coração dá um pulo no peito. Faço uma oração em agradecimento. Peter está aqui e de alguma forma conseguiria me comunicar com ele, juro a mim mesma.

— Lembre-se do que me prometeu. Nenhuma gracinha. Um telefone e Neil vai para o espaço.

E Nathan continua:

— Você parece realmente doente — diz ele, limpando as marcas das

lágrimas em meu rosto. — Olhos inchados, nariz vermelho... Ah pedi que Geórgia desce uma volta com as crianças. Anne ainda parece tão triste.

Ele sorri e beija meu rosto.

— Ficarei com o telefone por perto, nunca se sabe o que pode acontecer — seu olhar ardiloso, fixa nos meus. — Uma senhora idosa com três crianças. Acho que eu não fui muito prudente. Imagine se um carro desgovernado atingisse o carrinho, se ela se distraísse um pouco. Não gostaria disso, não é, Jenny.

— Não — o som angustiado mal sai da minha boca e vejo minhas esperanças ruírem. — Não dizer nada.

Eu não poderia dizer nada a Peter e a

ninguém. O risco seria alto demais.

— Você realmente não aparenta estar bem — suspira ele. — É melhor vermos o que ele quer e você deve voltar para cama.

Caminho pelo corredor guiada por ele. Cada passo que dou parte exige mais e mais de mim. Quando desço o último degrau e meus olhos cruzam com o grandalhão em pé no centro da sala, minha vontade é de correr até a ele.

Teria feito exatamente isso se a mão em volta do meu cotovelo não estive me impedido.

— Espero que seja rápido, Peter — Nathan murmura, pressionando ainda mais o meu braço. — Jennifer não está muito bem como vê.

— Uma virose, certo — diz ele, os olhos fixos em mim. — Passei apenas brevemente. Quando sai daqui ontem, eu percebi que vocês tinham razão. Tudo se resolveu é melhor deixar o passado como está.

Mordo meus lábios para que o protesto não escape de minha boca. Pense em seus filhos, pense neles.

— E por que mudou de ideia? — questiona Nathan, desconfiado. — Pareceu-me tão determinado.

— É difícil ter que admitir que eu estivesse errado — ele sorri, sem jeito. — Sabe como eu sou meticuloso com meu trabalho, Neil. Bem, devemos admitir quando erramos. Algumas peças não se encaixam isso que me deixou

aborrecido.

— Peter... — início e o aperto em meus braços silencia-me.

— Poderia ter ligado e falado isso — Nathan repreende em um belo exemplar de marido preocupado.

— Desculpe. Achei que deveria me desculpar pessoalmente e avisar vocês dois. Não vou prologar mais minha visita. Vocês precisam de calma e tranquilidade.

— Volte sempre que quiser — Nathan sorri. — Eu o convidaria para uma bebida, mas...

— Eu tenho um compromisso de qualquer forma — Peter beija meu rosto rapidamente e caminha em direção à porta.

Eu sinto que vou desabar a qualquer momento. Minha última esperança cruzaria aquela porta. E não haverá nada que eu poderei fazer por meus filhos, Neil e eu mesma.

— Ah, Jenny... — ele volta no meio do caminho. — Gostaria de pedir mais um favor.

— Claro — Nathan responde por mim.

— Sobre a cabana — ele encara Nathan por um longo tempo. — Lembra o vexame que dei hora antes da Jenny dar à luz aos gêmeos. Não gostaria que ninguém mais soubesse, principalmente, Liam.

— Ah, aquilo... — diz ele evasivo. — Não se preocupe, não falaremos

nada.

— Sair correndo por causa de uma aranha — Peter parece envergonhado. — Eu perderia respeito de todos e Liam faria da minha vida um inferno.

Encaro-o com os olhos arregalados. Meu coração bate tão forte em meu peito que temo que ele possa me denunciar.

— Obrigada — ele sorri, largamente olhando em minha direção. — Conto com seu silêncio.

Ele sabe de tudo. De alguma forma havia descoberto tudo.

Capítulo 23

Neil

“O que você está fazendo?”

“Apreciando a lua.” Disse antes de desviar o olhar da esfera redonda, refletida sobre o lago escuro. Olhei para ela em seguida e meu coração deu um descompasso em meu peito. Estava linda em sua camisola branca de cetim, descalça e cabelos soltos. Uma brisa suave balançando os fios que emoldurava seu rosto.

“Tenha cuidado, dois passos a sua

direita.” Orientei quando a vi aproximar-se de mim no píer.

“E como está a lua hoje?” Observei-a tatear o ar até encontrar minhas mãos.

“Gostaria de poder vê-la.” Ela sorriu.

“Aposto que está muito bonita.”

Era o último dia de um fim de semana maravilhoso que passamos na casa do lago em Vermont, antes da cirurgia dela. Na época, eu não sabia que seria a última noite tranquila por um longo tempo.

“Eu não preciso ver a lua para saber que o brilho dela não se compara ao seu.” Levantei me coloquei de frente a ela.

“Ah... Neil.” Seus lindos e perdidos olhos azuis ganharam um novo brilho,

gerado pela emoção.

“Em breve você verá a lua, as estrelas, esse lago e principal de tudo, o amor que tenho por você em meus olhos...” Disse afastando as mechas de cabelos em seu rosto e emoldurando-o em minhas mãos, enquanto acariciava suas bochechas com o polegar. “Hoje eu falarei com meu corpo.”

E quando ela sorriu, foi o incentivo que precisei para tomar sua boca na minha, de forma voraz, aproveitando de cada oportunidade para enlouquecê-la com toques sutis de minhas mãos passeando por seu corpo.

Com um grunhido feroz, eu beijei-a com força. Em seguida, suspendi-a no ar, rodeando suas pernas em volta da

minha cintura.

Meus dedos ardem com a necessidade primitiva de tocar sua pele. E quando deslizo minhas mãos por suas coxas macias, o calor do desejo explode dentro de mim. Transformando nós dois em dois vulcões em erupção.

"Neil" Protestou ela, quando parei de beijá-la por um segundo, seu olhar ardente fixou-se no meu, exigente. Admirei o brilho prateado da lua banhando seu corpo e encarei seu rosto rubro, uma delicada tonalidade escarlate causada por meus beijos ardentes. "Por favor!"

"Jennifer." Sorri de leve e caminhei com ela fixa em meus braços até uma pilastra de madeira. "Sempre

impaciente.”

Suas mãos aflitas deslizaram pelo meu peito e quando introduziu-as dentro da calça do pijama, pegando meu pau enrijecido, meu corpo tremeu e todo meu autocontrole foi para o espaço.

“Você quer literalmente enlouquecer-me!” Disse antes de devorar seus lábios voluptuosos.

“Uma troca justa.” Disse ela, gemendo, sua mão pressionando meu pau excitado. Os toques suaves e a mão de seda, levando-me a um patamar inimaginável de prazer e excitação. “Você enlouquece-me todos os dias, Sr. Durant.

Num ímpeto e descontrolado ergui suas mãos acima da cabeça e liberei-a da

camisola de forma rápida e precisa. Os seios apontavam em minha direção e minha boca cai ávida sobre eles.

“Oh...” Ela recebeu o meu beijo quente com a respiração acelerada, as mãos cravadas em meus cabelos, exigindo mais. “Neil.”

“Não tenho preservativo aqui.” Gemo frustrado. Volto a tomar sua boca e apressadamente minha calça foi para os meus joelhos e sua calcinha a qual havia rasgada, jogada no piso de madeira. “Foda-se, eu assumo todas as consequências!”

Eu estava sendo um babaca, essa era uma escolha dela também, bastaria apenas uma palavra e eu frearia meus desejos, mesmo que a sensação fosse

algo como arrancar minha alma.

“Jennifer!”

“Eu quero você!” Exigiu ela.

E quando eu levei minha ereção palpitante até sua entrada molhada, seus dedos cravaram em minhas costas e sua respiração tornou-se irregular.

“Isso, anjo...” Gemi, guiando meu pênis para dentro dela, sentindo sua umidade e, eu empurrei com força, afundando-me profundamente dentro dela.

— Ahh... — ela soluça, mordendo os lábios em busca de conter os gemidos, languida e, a cada investida, o corpo tão trêmulo quanto o meu.

Ela gemeu e choramingou em rendição, contorcendo seu corpo,

enquanto conduzia nessa dança.

Suas unhas marcando minha pele e, logo encontramos o nosso ritmo, indo e vindo, banhados por beijos ardentes.

Eu já estava à beira do precipício, afundando ainda mais, como se o calor dos nossos corpos pudessem nos fundir. Jennifer enganchou as pernas ainda mais em volta da minha cintura e quando mergulhei duro dentro dela, seu grito apaixonado foi angelical.

Dentro, cada vez mais fundo, meu membro duro, deslizando dentro e fora de sua vagina úmida, ávida por cada investida, rápido e forte, entregando, recebendo. Minhas mãos cravadas na pele de suas coxas, meus lábios sugando todos os sons que sua boca tinha a

necessidade de emitir. Irracionalmente o prazer nos arrasta para longe.

Estoquei mais uma vez antes de sentir o calor da construção do seu orgasmo em seu ventre. Prendi minha boca na sua, esvaindo-me dentro dela e juntos mergulhamos em algo que foi muito além do prazer.

Longos minutos depois, após voltarmos à Terra, senti seu coração bater acelerado, ou talvez tenha sido meu próprio coração, batendo no mesmo compasso que o dela, eu não sei.

“Isso foi...” Jennifer apoiou a testa em meu peito.

“Perfeito” conclui a frase dela com a voz rouca.

Dei-me conta que ainda a mantinha

presa em volta de minha cintura. Escorreguei-a pelo meu corpo, até seus pés tocarem o chão. Peguei-a no colo, e voltamos para dentro da casa, nossas roupas esquecidas no chão. E sobre a cama, finalizamos o que havíamos começado lá fora, uma noite regada a amor e paixão.

São lembranças como essas que vem mantendo minha sanidade e me impedindo de enlouquecer. Recordações de momentos felizes que compartilhamos juntos, pergunto-me se foram essas lembranças que deram a força necessária para que ela

sobrevivesse à prisão.

Procuro não pensar em meu irmão e nas mentiras que saíram de sua boca. Se houve algo entre Jennifer e ele, teria tomado a força e isso não me agrada mais. Parece insano de se falar, mas seria incontestavelmente mais fácil para ela aceitar que havia se entregado a ele, acreditando que fosse eu, do que ser violentada de forma bruta.

Pensar nessa possibilidade mina todas as minhas energias. E seria capaz de matá-lo com minhas próprias mãos, se ele tiver cometido essa crueldade com ela. Além de que tenho a convicção de que jamais teria outra chance de tê-la em meus braços, isso significaria a morte para mim.

— Você é mesmo uma selvagem — a porta é aberta, afugentando meus pensamentos. — Deixe o chefe ficar sabendo mais uma das suas.

A garota é arremessada para dentro perto do colchão.

Levanto-me irritado com a brutalidade com que ele a trata. Consigo dar meio passo, nada mais do que isso.

— Animal! — encaro-o com ódio.

Cedo ou tarde esse desgraçado teria um fim merecido. Queira eu, ser o felizardo a dar o que ele merece.

— Cala sua boca — diz ele, olhando-me com pouco caso. — Acha que acredito que ficam o dia todo aqui sozinhos sem fazer nada? Essa puta dá para todo mundo. E você, come de

graça, então fica quieto.

Ele sai batendo a porta impedindo-me de responder devidamente.

— Você está bem? — pergunto com a voz calma.

Ela continua em silêncio com a cabeça baixa, ombros caídos e punhos cerrados com força.

Eu gostaria de poder abraçá-la da mesma forma que fazia com Anne quando ela ficava triste e, poder garantir que tudo ficaria bem. Mas eu não posso prometer isso, nem ao menos sei se acordaríamos na manhã seguinte.

Após um tempo, ela parece sair do transe a qual havia mergulhado. Creio que essa é a única forma que encontrou para se proteger, dentro dela mesma.

Sigo seus passos vacilantes até minha cama. Ela está mancando e morde minha língua para não soltar um impropério. Esses cretinos, miseráveis haviam passado do limite essa noite. Antes que eu possa investigar o que houve, ela ergue a cabeça e exhibe um sorriso tímido no rosto machucado.

— Filhos da puta! — não consegui frear minha indignação ao deparar com seu olho inchado e a lábio cortado.

Notei seus ombros relaxarem e ela levar as mãos dentro da calça. Em seguida, um Blackberry prata, balança diante de meus olhos.

— Você conseguiu! — sorrio pela primeira vez desde que acordei nesse porão.

Ela afirmou com a cabeça e em seguida, jogou o aparelho em meu colo. Eu posso imaginar tudo o que ela deve ter enfrentando para que eu tenha o aparelho em mãos. Eu tenho uma dívida de gratidão eterna com essa jovem. Tirá-la daqui e com segurança é o mínimo que poderia fazer. Graças a ela, a sorte nos voltou a sorrir.

— Droga! — blasfemo ao conferir que não há sinal de rede de onde estou, nem um mísero ponto. — Sem sinal.

O sorriso em seu rosto se desfaz e vejo seus lábios ficarem trêmulos. A decepção também abateu sobre mim. Recuso-me deixar que o desânimo nos invada. Não havíamos chegado até aqui para nada. A jovem não havia arriscado

a própria vida, diversas vezes para que nós dois desistíssemos.

— Deve ter algum sinal em algum ponto — estendo a mão entregando o celular a ela. — Procure.

Ela caminha pelo quarto ainda mancado. Abaixando e erguendo o aparelho, algumas vezes franze a testa e para por um momento, em seguida volta a caminhar em busca de rede.

Assisto pacientemente tentando manter o controle, dosando a ansiedade e nervosismo dentro de mim.

Alguns minutos depois, ela para em frente à porta, fica por lá um tempo bem maior do que os anteriores. Ela olha para mim e volta a sorrir, fazendo sinal positivo com os dedos.

Grande, é o único lugar com sinal nesse quarto maldito e estou preso a essas correntes. Sem contar que a garota é muda. Minha única oportunidade de sair daqui está em um telefone e uma garota muda. Seria cômico se não fosse trágico.

Eu poderia colocar no viva voz, mas isso seria muito arriscado, não sabemos a que distância da porta, encontra-se o homem.

— Você sabe usar o telefone?

Obtive um olhar debochado como resposta. Bem, eu precisava ter certeza sobre isso.

— Certo, eu vou dizer o número e que tem que escrever na mensagem — sussurro a ela.

Informo o número de telefone e aguardo o sinal para que eu continue.

— Peter, sou eu, Neil — Começo a falar o que ela deve digitar pausadamente para que ela não deixe escapar nenhum detalhe. — Jennifer e meus filhos estão em perigo, não acredite no homem que está em minha casa. Aquele não sou eu. Nathan está vivo e ocupando o meu lugar. Preciso da sua ajuda.

Aguardamos por minutos intermináveis. Quando a demora começa a me incomodar a vibração no telefone, faz com que ela pule para frente, assustada. Ela lê a mensagem e volta olhar para mim com a expressão confusa em seu rosto.

— O que foi? — pergunto apreensivo.

Ela caminha de volta até a cama, entregando-me o aparelho.

“Boa tentativa, não parecia tão engraçadinho quando saí da sua casa, há algumas horas. Você é muito engraçado, Nathan, quer dizer, Neil”

— Porra! — urro, descontrolado.

Não consigo acreditar que ele pensa que seja uma piada sádica de minha parte. Jamais envolveria Jennifer e meus filhos em um assunto tão sério.

Ao menos que ele precise de alguma prova. Eu não duvido que Peter tenha se deixado enganar por meu irmão. Somos idênticos é verdade, mas meu amigo é sagaz e muito inteligente. Os anos que

passou trabalhando no Serviço Secreto havia aprimorado essas habilidades.

— Tire uma foto — peço a ela, erguendo-me para que as correntes ficassem visíveis.

Aguardamos novamente, o silêncio pesando sob nossas cabeças. A mensagem retornou mais rápido que a anterior. Pela forma que ela geme, frustrada, concluo que a resposta ainda não é a que esperávamos.

“Apesar de convincente, eu preciso de um pouco mais, talvez uma cabana, algo que eu não gostaria de contar em uma rodada de pôquer.”

— O que ele quer dizer com isso? — falo mais comigo mesmo do que com ela. — O que ele precisa saber.

Recordo das vezes que nos reunimos na casa de algum de nós. Passamos mais tempo humilhando um a outro do que realmente jogando. Claro que o grande culpado disso é Liam. Para ele tudo é motivo de piada e passamos mais tempo bebendo e concentrados no tema do que concentrados no jogo. Esses são os raros momentos em que baixamos a guarda e parecemos cinco amigos inseparáveis do colegial.

Agora com Richard e eu casados, o foco havia passado para nossas mulheres, principalmente Paige. Ela era nossa principal fonte de provocações. O que deixava Richard quase sempre muito irritado.

— O que ele teme que todos saibam?

— pergunto a ela.

Recebo um balançar de ombros e um suspiro irritado.

— O parto! — é como se um clarão iluminasse minha cabeça. — Peter desmaiou quando viu a Jennifer tendo os bebês.

A jovem sorri como se eu tivesse falado algo inacreditável. Isso porque ela não viu o tamanho do brutamontes ou estaria rolando no chão, em cólicas de tanto rir.

— Você desmaiou quando viu o bebê coroando — sorrio ao lembrar da cena. — Desculpe, mas Liam não irá segurar isso por muito tempo.

“Onde você está, Neil?”

Leio aliviado, embora eu não tenha

uma resposta para isso.

— Não sabemos — respondo para que ela escreva — Alguma espécie de porão. Acho que é uma casa de prostituição ou casa noturna. Não há janelas e estou preso. Escuto música à noite.

“Nós? Quem está com você? Onde esteve a última vez?”

— Há uma jovem comigo — sorrio para ela. — Eu estive...

O jeito que ela soca o telefone, alerta-me que alguma coisa está errada.

— O que foi, agora? — pergunto quando se aproxima de mim na cama. — Inferno!

A bateria havia acabado. Observo-a voltar para o seu canto no chão,

desanimada. Eu não vou deixar que o desespero fale por nós dois. O mais importante havíamos conseguido, se antes Peter tinha alguma dúvida sobre Nathan, agora ele tem certeza. E sei que ele achará alguma forma de nos encontrar.

Não é apenas meu sexto sentido aguçado me dizendo isso, é a confiança que tenho nele.

— Ele vai nos encontrar, eu tenho certeza — digo a ela.

Ela faz um sinal com as mãos perguntando se a levaria junto comigo.

— Claro que sim! — afirmo sem margens para dúvidas. — Jamais esquecerei o que fez por mim. Por que não me diz seu nome?

Ela balança os ombros e aponta para sua boca.

— Use o telefone — murmuro.

Ela revira os olhos e balança o aparelho no ar. Se pudesse falar, com certeza, no mínimo, me chamaria de idiota.

— Teclas — sugiro a ela.

Ela assente e vem para cama sentando ao meu lado.

F. A. B. I. A. N. A — Observo-a passar o dedo sobre a teclas.

— Fabiana? — pergunto, sorrindo.
— É um nome bonito.

Ela retribui o sorriso e volta a mexer nas teclas encantada por poder se comunicar novamente.

M.E.N.D.E.S.

— Fabiana Mendes — repito em voz alta. — Você é latina?

Antes que possa responder ouvimos um barulho vindo da porta. Tomo o aparelho de suas mãos e escondendo no bolso da minha calça. A porta é aberta em um movimento brusco.

A última pessoa que gostaria de ver no mundo surge à nossa frente. Por muitos anos eu senti culpa pela sua morte, hoje, o que eu mais desejo é que isso fosse realidade, agora, sem remorsos.

— Que cena encantadora — diz ele, gentil. — De todas as minhas

qualidades, jamais imaginei que cupido seria uma delas. Esse momento lindo merece ser eternizado.

Nathan apoia-se contra a porta e tira um celular do bolso da jaqueta.

— Não sejam tímidos — murmura ele. — Abracem-se. Jennifer ficará feliz em saber o quão feliz você está, Neil.

— Vá para o inferno!

— Acabei de sair de lá — ele caminha até nós na cama. — Não tenho intenção de voltar. Cedi meu lugar para você.

Não existe pessoa no mundo que eu despreze mais do que ele. Tínhamos tudo para sermos amigos inseparáveis. Por nove meses dividimos o mesmo ventre, somos fisicamente idênticos, mas

as semelhanças acabavam por aí.

Nathan sempre foi uma pessoa instável, mudando de temperamento de acordo com suas necessidades. Eu quis por um longo tempo ser seu melhor amigo. Até mesmo mergulhei em seu mundo na esperança de que pudesse compreender sua mente deturbada. Afinal, ele poderia ser mesmo o garoto intenso e cheio de energia e eu apenas o cara chato.

Com decepção, percebo o quanto errado estive o tempo todo. Nathan é cruel, manipulador, desprezível e incapaz de sentir amor por qualquer pessoa que não seja ele mesmo. E ainda assim — meu irmão.

— Abraça-o! — ele ordena a garota

ao meu lado.

Sinto a tensão do seu corpo junto ao meu e vejo-a se afastar alguns centímetros. Se o medo tivesse cheiro, eu poderia identificar o perfume exalando do corpo dela.

— Abrace-o, agora! — repete ele, exaltado, puxando-lhe os cabelos.

— Pare com isso! — encaro-o com ódio. — Covarde! Solte-me e me enfrente como um homem de verdade, Nathan. Eu tenho pena de você.

— Pena?

— Sim, pena — lamento. — Nossos pais amavam você, tudo o que deu a eles foi dor e decepção. Sophia, Konrad, também o amava, destruiu os dois. Você tem uma filha linda e amorosa, ela

também poderia amar você...

— Não me importa aquela aleijada — murmura ele com desprezo na voz. — Aliás, fez um péssimo trabalho com ela, é tão fraca e chorona como você.

Inspiro fundo ao me dar conta que as duas pessoas responsáveis por tê-la colocado no mundo jamais deram a Anne o mínimo de carinho. É inaceitável para mim que ele não se dê conta de quanta sorte ele tem.

— Um dia — balanço a cabeça, inconformado, cerrando meus punhos — eu amei você, agora só sinto ódio. Você é um verme que destrói tudo o que há de bom ao seu redor. E isso me dá muita pena.

— Eu não preciso da sua pena — ele

ri com escárnio. — Não preciso da sua pena e nada de você. Amor é para pessoas fracas como você. Olhe onde está agora, preso como um animal nojento à espera da morte. Eu não preciso que me deem nada! O que eu quero, eu pego! Deixe-me lembrá-lo disso.

Fabiana é agarrada pelos braços e lançada contra a parede. O medo em seus olhos me faz lembrar de uma outra garota, em uma outra época, em situação semelhante.

O quarto, os homens, Sophia, Nathan, minhas súplicas para que parassem com aquilo, flashes e flashes invadem minha cabeça. Eu quis ter desviado as atenções dele para mim para que deixasse a

jovem em paz, mas havia conseguido exatamente o contrário.

Eu tinha engatilhado o lado mais perverso dele. Um cão raivoso e sem controle.

— Quer saber o que eu fiz com sua linda esposa? — ele rasga a camisa dela enquanto ela tenta se defender, sem sucesso. — Então olhe!

— Pare com isso! — meu grito soa angustiado.

Odeio-o com todas as minhas forças, Anne, Jennifer, meus pais e todas as garotas que ele havia prejudicado, por todas as vidas que tirou e corrompeu.

— Desconte em mim — grito para ele tentando chamar sua atenção. — É a mim que você odeia, Nathan. Não faça

isso com ela.

Não é a dor crucial em meu pulso que banha meu rosto, é a forma desumana com que ele a ataca e viola seu corpo.

— *Pare!*

Meus joelhos cedem e outra vez me vejo impotente. Meus joelhos cedem diante da cena brutal.

Ela luta com bravura, usando de toda a sua força. Mas está diante de um animal feroz. Após algum tempo, fraca ou talvez tenha cansado de resistir. Seus olhos buscam os meus como se procurasse algo para fixar os olhos.

Perdoe-me — suplico com os meus olhos.

Seu olhar agora é distante como se apenas o seu corpo ainda estivesse

presente. A garota feliz que havia compartilhado alguns momentos de alegria comigo minutos antes, havia outra vez desaparecido. Novamente, ela havia mergulhado em seu mundo vazio.

Eu sei como é esconder-se dentro de si mesmo. Por anos estive ali, protegendo-me das pessoas e afastando-as de mim. Seu inferno particular onde nada de bom acontece a você. Viver assim, nem sempre é uma escolha fácil, na maioria das vezes é sombrio, triste, doloroso e solitário.

É impossível continuar a observar a cena, então, fecho meus olhos. Quanta dor e sofrimento uma pessoa consegue aguentar em sua vida. Quantas tragédias ela é capaz de enfrentar e presenciar,

sem que seu espírito seja destruído durante o processo?

I Coríntios: “O amor é sofredor, é benigno; o amor não é invejoso; o amor não trata com leviandade, não se ensoberbece. Não se porta com indecência, não busca os seus interesses, não se irrita, não suspeita mal; Não folga com a injustiça, mas folga com a verdade.”

Recito os versículos em minha cabeça e, pergunto-me se o amor seria mesmo capaz de curar todas as feridas da alma.

Posso afirmar que sim. O amor puro e verdadeiro o faz renascer das cinzas, renova sua alma, traz paz e esperança. Lava sua alma e transforma-o em alguém

melhor.

Eu desejo sinceramente que um dia Fabiana tenha a mesma sorte que eu. Que em seu caminho possam cruzar pessoas tão incríveis como Anne, os meninos e Jennifer. Pessoas na qual você tem certeza que apesar de tudo, ainda valha a pena lutar e viver. Por eles, eu posso enfrentar qualquer obstáculo.

— Já percebeu que tudo isso é culpa sua? — pergunta ele.

Volto a olhá-lo e vejo-o afastar-se dela, empurrando-a em um canto, após sentir-se saciado. Ela escorrega pela parede, abraçando a si mesma, distante.

— Seu gato, Samantha — pontua ele com os dedos. — Essa pobre garota.

— Vá se foder! — brado dominado pela cólera. — Não vai mais foder minha mente, Nathan. Tudo isso é culpa sua e da sua mente deturpada. Não queria colocar a culpa em mim por ser um psicopata demoníaco.

— Psicopata? — ele ri, ajeitando a calça. — Pessoas sem empatia, culpa e remorso, uma definição interessante. Embora eu me enquadre, não me vejo com uma serra elétrica ou um machadinho em minhas mãos, isso seria bizarro.

— Vá para o inferno. Ria o quanto puder, Nathan — murmuro entredentes. — Seu fim está mais próximo do que imagina.

— Ameaças, ameaças, ameaças! —

diz ele, sacudindo a cabeça. — Duvido muito. Jennifer, seus filhos e eu, sairemos do país ainda hoje. *Gamer Over* para você. Assim que esse lugar estiver limpo, irei destruí-lo com vocês dois dentro.

Nathan bate na porta e aguarda por alguns segundos.

— Tudo pronto? — pergunta ele, assim que a porta é aberta.

— Estão começando a desinstalar as câmeras e as garotas foram trancadas no quarto dourado.

— Faça uma varredura precisa — continua ele. — Tudo o que eu preciso está salvo no pen drive. Quanto tempo ainda precisam?

— Um ou dois dias no máximo —

responde o homem.

— Até lá, já estarei longe, coloque fogo na casa quando terminar.

Ele volta a olhar para mim com um sorriso cínico no rosto.

— Foi um prazer revê-lo, Neil — murmura ele, batendo continência. — Mesmo que por tão pouco tempo.

— Miserável! — vocifero.

— Idiota! — murmura ele antes de sair.

Um ou dois dias foi o que ele havia falado. Esse inferno tinha data e hora para acabar. Apenas não imaginei que esse seria o final. Inexplicavelmente, eu não estou em pânico como deveria. Enquanto estivermos vivos ainda há uma chance.

Não posso desistir ainda. Eu tenho uma esposa e filhos que precisam de mim. Quando Nathan se cansasse de brincar de casinha ou o interesse por Jennifer findasse. Qual seria o fim deles? Eu não posso permitir isso.

Ouçó o choro baixinho e dou-me conta de que não sou o único transtornado aqui.

— Ei, vem aqui — murmuro.

— Não vou fazer mal você. — insisto, apesar do olhar vacilante.

Ela me encara indecisa, o medo e o desejo de ser consolada, duelando em sua face. No fim, a necessidade de calor humano venceu. Em poucos segundos, ela está deitada na cama, sua cabeça apoiada em meu colo.

— Não desista, agora — peço a ela
— Peter irá nos encontrar. Eu sei que
vai e se não conseguir, encontraremos
outra forma.

Enquanto ela chora, meu coração se
contrai em meu peito. Somos como dois
náufragos em busca de um bote.

Eu espero que não seja tarde demais
para nós dois.

Capítulo 24

Jenny

Conto com seu silêncio. As palavras de Peter ecoam na minha cabeça. Havia sido uma mensagem para mim — um sinal.

Como ele havia notado que o homem ao meu lado não era o Neil? Bem, ele é um detetive, seu trabalho é observar aquilo que ninguém mais consegue ver.

Silêncio foi o que ele me pediu. Eu vou fazer o que ele me orientou e tentar manter a mim e aos meus filhos, o mais

longe possível do Nathan.

Suas mãos pegajosas continuam em minha cintura, causando-me asco. Mas eu mantenho o controle, pelos menos, enquanto as crianças estiverem lá fora, sob o peso de suas ameaças.

— Senhora, — Janine, uma das empregadas da casa, fala as minhas costas — seu quarto está limpo, deseja mais alguma coisa?

Ela nos encara durante esse momento incomodo e espera em silêncio, por uma resposta minha.

— Não, volte aos seus afazeres — Nathan responde por mim. — E você deve voltar para cama e descansar um pouco, amor.

Não me passou despercebido a

entonação que ele deu a palavra cama e, sem margem de dúvidas, ele quer terminar o que começou comigo mais cedo. Não vou permitir que ele me toque novamente, e se o único jeito de evitar isso é ficar em volta das outras pessoas é o que vou fazer.

Aproveitar a farsa que ele mesmo montou ao meu favor. Algo que aprendi com ele é saber usar a fraqueza do meu oponente no momento certo. Apesar de louco e ardiloso, ele não é burro, não jogaria seu plano ladeira abaixo por um capricho momentâneo. Por enquanto, usaria isso para conseguir escapar dele.

— Eu gostaria de um chá — volto-me para ela com um sorriso no rosto.

Ela notou a marca em meu rosto, pois

a surpresa em seu olhar foi mal disfarçada. Encara Nathan por alguns segundos e desvia o olhar.

Parte de mim, quer chutar o balde. Dizer a ela que aquele não era o Neil e que ele jamais levantaria a mão a mim ou a qualquer mulher.

Uma vez ele foi um pouco mais agressivo com Sophia, mas ela era uma mulher desequilibrada. Ele havia suportado as loucuras e crueldades dela contra Anne por muito tempo. Quando me atingiram também, foi a gota d'água para ele.

— Cuidarei disso agora mesmo, senhora — murmura ela, indo em direção a cozinha. — Levarei no seu quarto em instantes.

— Eu vou com você...

— Querida, você não está bem! —
sinto sua mão pressionando meu pulso.
— Deve subir e descansar um pouco.

— Agora sou mãe e não posso me
dar o desfrute de ficar doente, *querido*
— murmuro com a voz doce. — As
crianças retornarão em breve, não é? —
encaro-o com olhar decidido — Não me
deixarão em paz de qualquer maneira.
Mas, você tem muita experiência, sabe
do que eu estou falando.

Deixei-o bastante irritado, sei disso
não apenas pelos olhos estreitos e o
brilho feroz que reluz dentro deles, mas,
pela força que emprega em seus dedos,
em volta da minha pele. Resisto à dor e
continuo impassível, se Nathan me

quiser naquele quarto, terá que arrastar-me até lá.

— Tem razão, senhora — murmura Janine, parando no meio do caminho. — Tenho dois meninos e já não me lembro a última vez que fiquei doente.

— Está bem — ele sorri, soltando minha mão. — Esperarei Geórgia voltar com as crianças aqui.

A mensagem é clara: não faça nenhuma estupidez ou eles sofrerão as consequências.

Eu sinto vontade de arrancar aqueles olhos frios com minhas próprias unhas.

Controlo a raiva fulminante e sigo para cozinha. Eu tenho controlado muitas coisas, o ódio que sinto, o asco, a vontade cortar a garganta dele com uma

faca, por exemplo, ou enfiar um punhal em seu peito.

Pensar em várias possibilidades de vê-lo morrer faz com que eu me sinta muito bem. Nathan tem razão, somos capazes de fazer coisas surpreendentes. Eu morreria e mataria para salvar minha família.

Assim que me acomodo em um dos balcões da cozinha, Janine começa separar os utensílios para o chá e dá continuidade a conversa.

— É interessante como o casamento e filhos modificam as pessoas... — diz ela, com falso desinteresse. — Meu marido virou um ranzinza irreconhecível quando nosso primeiro filho nasceu, mas depois tudo foi se ajeitando.

— Janine... — faço uma pausa pensando no que dizer. — Não acredite em tudo o que você vê. Algumas coisas estão além dos nossos olhos.

—Não está sozinha, Sra. Durant — ela entrega-me a caneca com um sorriso cálido. — Ninguém está.

Sei que estamos falando de coisas absolutamente diferentes. Ela sobre a violência doméstica, que acredita que venho sofrendo. Eu sobre dividir o mesmo teto que um psicopata cruel.

Janine me alerta que precisa cuidar de outras coisas e eu insisto para que fique comigo. Conversamos sobre qualquer coisa, desde suas novelas preferidas até o nosso cantor favorito em um programa de música.

Algumas vezes Nathan veio até cozinha em busca de um copo de água ou outra desculpa qualquer, quando na verdade sua intenção é me vigiar e alertar que ele está no controle.

A cada badalada do relógio, meu coração pula em meu peito. Geórgia já deveria ter retornado com Anne e os bebês. Milhares de possibilidades passam por minha cabeça.

E se ele tivesse enviado meus filhos para algum lugar distante? Se tivesse feito algo a eles como havia ameaçado antes? E se eu o tivesse desafiado demais e cruzado a linha entre a razão e sua insanidade.

Sinceramente, não há mais nada que venha dele pode surpreender-me.

Quase duas horas depois, Geórgia, Anne e os gêmeos retornam, corro em direção a eles, abraço Anne e agarro a alça do carrinho como se fossem meu bote salva vidas, agora posso voltar a respirar com tranquilidade.

— Vocês demoraram — murmuro, com a voz baixa. Pelo canto do olho tenho um vislumbre de Nathan perto do bar, servindo-se de alguma coisa. — Gaby não deveria ter saído — verifico a touca em volta da cabeça do bebê. Não está bem ainda.

— Tomei cuidado para que ele não pegasse vento — murmura Geórgia. —

Não pretendia demorar tanto, mas Anne encontrou uma amiguinha da escola...

— Tudo bem, desculpe-me, sim — murmuro, arrependida. Não quis ser grosseira com ela, quando foi apenas mais um peão nas mãos de Nathan.

Enquanto ela fala, imagens minhas colocando altas doses de veneno na bebida dele me vem à cabeça.

Isso é algo que me agradaria muito, vê-lo contorcer-se de dor, pagando por todo o mal que havia nos feito.

Esse homem não é apenas alguém perverso, ele é capaz de evocar o lado mais obscuro de qualquer pessoa. Mesmo alguém pacífica como eu. Não sou do tipo que guarda rancor ou ressalta o defeito das pessoas, mas

Nathan arranca de mim os piores instintos.

— Como ela ainda está um pouco abatida.... — Geórgia faz carinho na cabeça da menina — pensei que ficar com alguém de sua idade, faria bem a ela.

— Agiu bem — volto à realidade, concentrando-me no que ela me diz.

— Não aconteceu mais nada além disso, não é? Você viu algum carro estranho rondando vocês?

Geórgia franze a testa como se lembrasse de algo — Bem havia uma van preta estacionada um pouco mais a frente, na esquina, mas, o que houve? Estão recebendo algum tipo de ameaça?

— Jennifer anda um pouco nervosa

— Nathan coloca-se ao meu lado.

Fiquei tão desnorteada com o que ela disse que não o notei aproximar-se de mim — Eu disse que precisava ir para cama, amor.

Amor. Uma palavra tão linda, mas que dita por ele, perde o encanto e ganha um tom desprezível.

— Neil tem razão — ela me encara preocupada. — Não parecia bem quando saímos. E o que houve com o seu rosto?

— Ela escorregou quando vomitou e bateu a cabeça nos pés da cama.

É impressionante a habilidade que ele tem para distorcer as coisas. Tudo — exatamente tudo, vinha com uma explicação que o inocentasse. Até

quando a sorte estaria ao lado dele?

— Oh, Jenny — Geórgia olha-me, horrorizada.

— Eu já estou bem — murmuro, irritada.

Não com ela, mas comigo. Com todas as coisas estupidas e idiotas que faço, como vomitar no quarto.

— As crianças devem estar com fome. Vamos servir o jantar e colocá-las na cama.

Acaricio o rostinho triste de Anne e aperto a ponta do seu nariz. Só agora me dou conta de que esteve muda o tempo todo.

Está agarrada a minha cintura e evita olhar para o homem que nem ao menos sabe ser o seu pai. Biológico apenas,

porque a única contribuição desse homem ao mundo foi essa linda garotinha, mas o único com direitos irrevogáveis desse título é o Neil.

Corta-me o coração a forma com que Nathan a trata. Como ele pode ser imune a própria filha. Tudo bem que nos odiasse, mas Anne é uma parte dele que anda e respira, a continuação dele mesmo.

Em situações como essa, vemos que laços de sangue não significam nada.

O amor sempre estará acima de qualquer coisa. Isso jamais faltará a ela — não da minha parte e do Neil. Essas adversidades só me fazem amá-la ainda mais.

As crianças e eu comemos na

cozinha. Nathan seguiu para o escritório. Dou graças aos céus por isso, ele é detestável e é quase impossível ignorar o fato.

Eu pensei em segui-lo, mas achei arriscado. Ser pega por ele, espionando-o só pioraria ainda mais nossa situação. Mas eu sei que tenho que encontrar alguma maneira de desmascará-lo, sem colocar a vida de Neil e dos meus filhos em risco. Como? Eu pergunto-me o tempo todo.

Subimos logo após o jantar. Normalmente ficaríamos vendo TV um pouquinho, mas nenhum de nós sente clima para isso hoje. Quase sempre Traquinas nos acompanhava. Pensar na morte dele me deixa infeliz. Se eu

tivesse descoberto a verdade antes, talvez o cachorro ainda estivesse vivo.

Com a ajuda de Anne e Geórgia, eu dou banho e alimento os gêmeos. Esses pequenos momentos, lembram-me de que são as coisas simples do dia a dia que nos fazem felizes. Viver assim, cercada por meus filhos e ao lado do homem que eu amo é o suficiente para fazer da minha vida plena.

Passei tantas horas naquela cela fria e solitária imaginando como seriam nossas vidas quando retornasse para nossa casa e Nathan havia eclipsado isso com suas perversidades.

— Pode cuidar deles um momento? — pergunto a Geórgia, sabendo que já exigi muito mais do que deveria. — Eu

vou ver como Anne está.

— Pode ir querida, eles estão dormindo agora.

Se Neil estivesse ao meu lado, dividir tarefas como essas, seria algo divertido, eu diria até mesmo romântica.

— Onde está o meu marido? — pergunto. Referir-me a ele como Neil é inaceitável para mim.

— Eu o vi no escritório quando subi com as mamadeiras — murmura ela. — Quer que o chame?

— Não! — percebo a imposição em minha voz, recuou e dou-lhe um sorriso gentil. — Não é necessário. Eu já volto.

Sigo para suíte e após ter certeza absoluta que o quarto está vazio, eu entro apressadamente. Vou direito para o

closet. Passeio os olhos rapidamente entre as peças cuidadosamente organizadas. Ignoro os vestidos — jeans e camiseta. Separo uma peça de cada. Com tudo o que preciso em mãos, eu saio apressada e vou para o quarto de Anne.

Respiro aliviada quando me escoro contra a porta.

— Mamãe? — a voz infantil ecoa ao meu lado, assustando-me.

Ela está sentada com as pernas cruzadas em cima da cama. A sua volta há dezenas de folhas de desenho. Seus cabelos molhados e roupas desalinhadas revelam que ela havia tomado banho e se arrumado, sozinha. Anne está crescendo, penso com um sorriso

pesaroso.

— Oi, querida — murmuro, trancando a porta. — Posso usar seu banheiro?

Anne encara-me com confusão estampada em seu rosto, mas segundos depois, balança seus ombros e volta concentrar-se em seu desenho.

Crianças são mais objetivas, as coisas interessam-nas ou não a elas, fazem ou não fazem sentido. Ao contrário de nós que questionamos e procuramos resposta para tudo.

Desfaço-me das minhas roupas e regulo o chuveiro. Eu poderia passar horas, dias, meses ou anos, sob o jato de água quente, remoendo todas as desgraças que marcaram minha vida.

Sempre que algo bom acontece, algo terrível vem em seguida. É como se algumas pessoas tivessem que provar a cada momento que são merecedoras da felicidade.

Havia me apaixonado por uma fotografia, escondida na gaveta de Samantha, para em seguida, ser amaldiçoada por um terrível fantasma. Eu encontrei o homem da minha vida, aquela pessoa que você tem certeza que esteve com você em outras vidas e como se nossas almas houvessem se reencontrado. E quando eu tive certeza que meu mundo não poderia ser mais perfeito, o passado retorna de forma destruidora.

Em pensar que acreditei que os dias

na cadeia e ser separada dos meus filhos fossem a pior experiência que poderia ter.

Pensar em Neil dilacera minha alma. Não saber onde ele está e se está bem. Se está se alimentando direito ou se está aquecido durante as noites frias. E o principal, como ele está lidando com isso?

Apoio a cabeça contra a parede fria e deixo que a dor em meu peito converta-se nas lágrimas que estive retendo ao longo do dia. O som do chuveiro abafa o som da minha voz desolada, mas não pode calar os gritos do meu coração.

— Volta para mim — escorrego pela parede, abraçando meus joelhos. — Eu te amo tanto.

Algum tempo depois e quando me sinto recuperada eu saio do banheiro, e deparo-me com Anne ainda concentrada em seus desenhos. Sento-me na beirada da cama ao lado dela, observando as folhas espalhadas. Há vários desenhos do cachorro, dos bebês, mas uma em particular me chamou atenção.

No desenho, eu, o carrinho dos gêmeos e Anne.

— E o papai? — pergunto a ela, erguendo a folha.

— Ele não gosta mais de mim — murmura ela de cabeça baixa.

Sabe aquele momento em que uma

faca afiada atravessa seu peito e partindo seu coração? Foi exatamente assim que senti.

— De onde tirou isso, Anne? — pergunto com a voz abafada.

— Sophia tinha razão — ela me encara como se me desafiasse a negar o que tem a dizer. — Quando ele tivesse seus filhos normais, não iria querer saber de mim. E você também não.

Ela chora e eu sigo-a, abraçando forte contra meu peito. Como eu posso dizer a ela que aquele homem não é o pai dela. Que nunca haverá pessoa no mundo que a ame mais do que Neil, nem mesmo eu.

— Isso não é verdade, Anne — enxugo seu rosto com delicadeza. —

Neil a ama muito.

— Não gosta mais, mamãe — diz ela com carregada de tristeza. — Eu sinto isso. Não me trata mais como antes, nem ao menos fica perto de mim.

— Querida... — seco minhas próprias lágrimas — seu pai está com muitos problemas — respiro fundo. — Ele não... aquela pessoa não é o papai que a gente conhece.

— Não entendo — diz ela, confusa. Não é à toa. Qual a explicação para o comportamento vazio e indiferente do homem que sempre foi seu mundo, seu porto seguro.

— Ainda não, mas entenderá em breve — murmuro, beijando-a. — Isso logo terá um fim, eu prometo.

— Você ainda me ama, Jenny?

A pergunta receosa atinge meu estômago com a força brutal de um pugilista. Se eu a amo? Eu havia me apaixonado por ela antes mesmo de conhecê-la — pelas palavras de Neil e a forma carinhosa com que ele me falava dela. Os gêmeos haviam nascido do meu ventre, mas Anne foi cultivada e regada por Neil, dentro do meu coração. E quando a conheci, mesmo sem poder ver, nossa conexão foi imediata. Eu não a amo como uma filha, ela é minha filha.

— Você ama os gêmeos? — pergunto, segurando seu rosto com carinho.

Ela balança a cabeça — Muito.

— E se tivéssemos outro bebê, você deixaria de amá-los?

Ela reflete sobre isso por alguns segundos. Seu rosto iluminasse-se em seguida, quando compreende o que quero dizer.

— Não, mamãe — um sorriso surge em seu rosto, acho que o primeiro durante todo o dia. — Eu não deixaria.

Beijo a ponta do seu nariz e faço cócegas em sua barriga, fazendo-a contorcer-se de tanto rir.

— Para, mamãe!

Jogo-me na cama e deito ao lado dela, segurando sua mão.

— Eu posso amar quantos filhos eu tiver, Anne — murmuro, suavemente. — Mas jamais deixarei de amar você ou a amarei menos.

Ficamos algum tempo em silêncio,

como se trocássemos através de nossas mãos, todo o amor que há em nosso peito.

Assim que ela pega no sono, eu vou para o quarto dos bebês. Geórgia está dormindo na cadeira de balanço. Sinto-me mal por abusar de sua boa vontade, mas não há ninguém mais a qual eu confie.

— Geórgia... — sussurro, tocando seu ombro.

— Ah, desculpe — ela olha assusta para o berço. — Eu acho que cochilei.

— Desculpe-me — murmuro, encabulada. — Pode ir agora.

— Quer mais alguma coisa?

— Não, obrigada.

Quando ela sai, eu tiro Gabriel do

berço e coloco no carrinho, tomando cuidado para não acordá-lo. Faço o mesmo com Raphael, pego a medicação, as mamadeiras e volto para o quarto de Anne. Tranco a porta, posiciono o carrinho ao lado da poltrona próxima a janela, onde será meu leito por essa noite — desejo veementemente que seja a primeira e única.

Nem em sonhos eu ficarei naquele quarto com Nathan. Não há a menor possibilidade que isso aconteça. Verifico novamente se a porta está fechada e retorno a poltrona.

O que eu faria se ele arrombasse a porta, assustando Anne e os bebês? Ou pior, se me arrancasse dali a força?

Nada irá acontecer, fixo esse

pensamento em minha cabeça. Eu preciso acreditar nisso, pois é a única forma de eu não enlouquecer.

Pergunto-me como algumas pessoas conseguem viver assim? Em constante ameaça, prisioneiras do próprio medo.

A sorte de Nathan é que temo o que ele possa fazer com as pessoas que eu amo. Caso contrário, se eu fosse a Jenny de antes, sozinha no mundo, eu não pensaria duas vezes antes de enviá-lo ao inferno.

Para fugir desses pensamentos, penso em Peter e sobre o que ele estará fazendo. Por que ele não tinha enviado sinais de vida? Será que já havia descoberto alguma pista que pudesse levá-lo até Neil?

Com o passar dos minutos começo a imaginar se tudo não foi algo criado pela minha cabeça. A dúvida começa a instalar-se em meu coração, angustiado-me.

Não! Ele deu a corda na qual Nathan havia se enforcado. Não foi alucinação minha, embora eu já comece a questionar minha sanidade. Peter pediu-me silêncio. Eu vou aguardar e manter todos nós seguros pelo máximo de tempo que eu for capaz.

Acho estranho que Nathan não tenha me procurado ainda. Eu vi claramente quais são suas intenções em seus olhos. Que nova maldade ele estaria tramando agora?

Quando penso que o abracei, beijei e

deixei que tocasse em mim, sinto vontade de mergulhar em uma panela com óleo fervente. Sinto raiva de mim mesma e nojo de qualquer parte do meu corpo que ele tenha tocado.

Como posso ter sido enganada dessa forma? E se tivéssemos feito sexo? Não seria apenas Neil, que não conseguiria lidar com isso. Eu jamais me perdoaria.

Agora entendo o que ele sentiu quando abri meus olhos e descobri que ele era cópia fiel do irmão a qual odiava. Isso não me faz me sentir melhor, pelo contrário. Sinto um medo inenarrável com a possibilidade de que ele me encare de outra maneira ao descobrir que por pouco, não fui para cama com outro homem — não qualquer

homem, mas seu irmão é causador de toda nossa desgraça.

Afasto esses pensamentos rapidamente quando noto o movimento da maçaneta na porta. Meu coração dispara. Como diz o ditado — é só pensar no diabo que ele aparece.

O desgraçado sabe que estou aqui, seu único objetivo é me deixar aterrorizada. A maçaneta redonda volta a girar, de um lado para o outro, de forma lenta.

Fecho meus olhos e começo a rezar em silêncio. Todo meu corpo está rígido devido à tensão, e minhas mãos estão trêmulas. Sinto-me presa em um daqueles filmes de terror.

Os únicos sons que ouço no quarto é

o leve ranger na porta, e, sem dúvida alguma, as batidas desenfreadas do meu próprio coração.

Por favor, Deus, não deixe que ele venha. Por favor, não deixe que ele venha... Suplico para que minha prece seja ouvida e que ele vá embora.

Minha pulsação acelera e um medo terrível invade-me. Continuo rezando, sem cessar.

Minutos depois, não sei se finalmente alguém no céu, sentiu piedade de mim ou se ele apenas cansou-se da brincadeira macabra e, resolveu ir embora.

Respiro fundo tentando acalmar-me. Ajeito-me na poltrona, procurando uma posição mais confortável. Fico olhando a porta, receosa de que ele volte.

Os minutos não andam, arrastam-se preguiçosamente sobre os ponteiros do relógio. Essa será uma noite muito longa.

A última coisa que eu me lembro, foi que briguei contra o sono, fervorosamente, mas pelo visto ele havia vencido.

O quarto está às escuras e sinto uma mão pressionando minha boca. Sou dominada por uma nova onda de pânico e luto para conseguir fugir.

— Calma — ouço o sussurro em meu ouvido. — Está tudo bem.

Peter!

Relaxo meus músculos ao reconhecer sua voz e deixo meus braços penderem ao lado do meu corpo.

— Eu vou tirar a mão, mas me prometa que não irá gritar?

Balanço a cabeça em resposta. Ele afasta a mão e da volta parando a minha frente.

— Como você...?

Olho por sobre o ombro e vislumbro a janela semiaberta.

— Como soube que eu estaria aqui?
— pergunto em um sussurro.

— Não sabia — ele sussurra de volta. — Esse é o único cômodo com fácil acesso à casa.

Caminho até a janela vejo os galhos da árvore próxima, não parece ter sido

uma escalada fácil.

Ou ele é realmente muito bom ou eu estava cansada demais, pois não percebi um único movimento dele, nem fora ou dentro da casa.

— Jenny, nós não temos muito tempo — Peter segura meu ombro, obrigando-me a encará-lo. — Nathan pode voltar a qualquer momento e irão religar a energia em breve.

— Nathan? — pergunto, surpresa. Então ele não está na casa. Por isso havia me deixado em paz.

— Você sabe que aquele homem...

— Sim eu sei — respondo, apressadamente. — Como você soube?

— As coisas não se encaixavam — murmura ele. — Konrad pode ter

matado a Sophia, mas ele não agia sozinho. E tive a confirmação quando olhei para o seu rosto, e não falo apenas da marca deixada em sua pele.

— Vai nos ajudar, não é? — jogo-me em seus braços. — Tem que nos tirar daqui. Precisa encontrar o Neil...

Os soluços que escapam de minha boca impedem-me de continuar. Desde que soube que Nathan usurpou o lugar do irmão, essa é a primeira vez que me sinto segura novamente.

— Jenny, ouça — inicia ele — eu sei o que você sente por aquele desgraçado. Eu sentiria imenso prazer em dar uma morte tão lenta e dolorosa como ele merece, depois jogaria os destroços em uma sarjeta qualquer, mas eu não posso

— ele respira fundo. — Ainda não.

— Por favor! — agarro-me a sua camisa. — Me tira daqui!

— Preciso mostrar uma coisa — ele afasta-me com cuidado e tira um telefone do bolso.

Quando meus olhos caíram sobre a imagem, minhas pernas perderam as forças. Se Peter não tivesse me amparado com os braços e me levado de volta à poltrona, eu teria desabado, com certeza.

— Deus! — levo-a a mão a boca para abafar meu grito aterrorizado. — O que estão fazendo com ele?

—Entende porque não posso tirar você daqui? Neil sofreria as consequências.

Tentar frear a cachoeira minando dos meus olhos seria o mesmo que tentar parar um Tsunami.

— Meu Deus, Peter! — tento controlar-me, mas as imagens são fortes demais para mim. Vê-lo acorrentado na cama, sofrendo, sozinho, destrói o que ainda resta do meu coração.

Odeio Nathan com todas as minhas forças. Eu poderia matá-lo agora mesmo, se surgisse diante de mim.

— Por que não foi atrás dele? — levanto-me exaltada.

Um dos meninos mexe-se e Peter balança o carrinho até o bebê voltar a dormir. Ele me guia até a porta. Assim que saímos, seguimos pelo corredor escuro, descemos as escadas e logo

chegamos ao jardim.

— Aqui não há câmeras — murmura ele. — Não as que interessam a ele.

Não sei do que ele está falando, minha única preocupação é com Neil. A única explicação para que Nathan tenha saído de casa é para ter ido atrás do irmão.

— Ele vai matá-lo — caminho de forma trôpega. — Por que você não o seguiu?

— Quando sai daqui, eu fui para casa onde juntei as peças. Eu voltei e passei o resto da tarde toda vigiando a rua — diz ele — Sabia que para ele ir até Neil, seria uma questão de tempo.

— Você o encontrou então? — pergunto, esperançosa.

— Não. Segui-o de carro até um hangar e de lá, ele pegou um helicóptero — murmura ele. — Deixei dois dos meus homens por lá para quando ele regressasse, e vim para ver como vocês estavam? No caminho, recebi as mensagens do Neil, mas desconfiei que fosse Nathan querendo me enganar.

— Como você sabe que não é ele, então?

Bem, eu não preciso daquela resposta, realmente. Aquele homem na foto é o Neil. Ainda não consigo entender por que não percebi no exato momento que Nathan cruzou a porta, naquele dia. Dizer que estive abalada e emocionada demais ao rever meus bebês não me parece uma explicação

suficiente. De alguma forma, eu soube e não quis aceitar isso.

— Eu o perdi — ajoelho-me na grama, desolada.

Vou perdê-lo e nem ao menos pude dizer o quanto o amo. Talvez eu devesse ter feito o que aquele miserável queria desde o início. Entregar meu corpo em troca da liberdade do homem que eu amo.

Afinal, Nathan conseguiria isso cedo ou tarde.

— Conseguimos rastrear de qual torre as mensagens vieram — Peter ajoelha-se ao meu lado. — Não é uma região com muitas residências. Fizemos o mapeamento do lugar e vamos invadir cada buraco que encontrarmos, Jenny.

Eu só preciso que fique bem. Que mantenha a cabeça fria e atrase-o o quanto puder.

— Nathan vai matá-lo! — eu grito, exaltada. — Você não entende isso?

— Ele não fará isso agora — Peter segura meu rosto. — Ou já teria feito. Nathan sabe que para manter você e os pais dele calados, precisa do Neil vivo?

— Os pais dele?

— Há capangas fazendo vigia na casa deles — murmura ele. — Para todos os efeitos, são homens encarregados da segurança, mas eu não os conheço.

— Por isso eles estavam estranhos — concluo. — Nathan estava chantageando-os.

— Adam, Liam e Richard farão

vigília lá fora, o tempo todo — Peter leva as mãos no bolso da jaqueta e entrega-me um aparelho redondo com um botão vermelho. — Esse é um aparelho do pânico, similar ao usado por pessoas vítimas de violência, claro que esse é modelo mais sofisticado, desenvolvido por minha equipe — ele me olha firme — A qualquer momento que você se sentir ameaçada, o alarme será enviado e quem estiver mais perto virá até aqui e para resgatará você e as crianças.

— Por que não a polícia? — pergunto, alarmada. — Ele ameaçou a Paige...

— Por isso ela é a única que não sabe de nada ainda — murmura ele. —

Invadiria essa casa, armada com uma metralhadora.

— Não quero que nenhum deles saia ferido, Peter. Por que não vamos à polícia e contamos tudo o que está acontecendo?

— Seria um risco alto demais — adverte-me ele. — Está pronta para isso? Além disso, eles são os únicos que podem entrar aqui sem levantar suspeitas.

Nathan não teria mais nada a perder se ele fosse preso antes de encontrarmos Neil. É isso o que ele quer me dizer.

Não, eu não posso arriscar sobre isso.

— Vai encontrá-lo? Promete-me isso?

— Eu só preciso de um ou dois dias
— garante ele.

Nesse momento, as luzes de dentro e fora da casa são acessas. As lâmpadas no jardim iluminam nossos corpos e só agora percebo que ele usa roupas pretas.

Há movimentos vindos do outro lado do jardim, vindos da garagem.

— Tem que voltar para dentro, Jenny
— ele me guia de volta. — Pode suportar isso por mais um dia?

Para que Neil continue vivo?

Eu até seguiria Nathan para qualquer parte do mundo que ele quisesse. Mas eu não disse isso a ele.

— Peter — chamo-o assim que ele desaparece na penumbra. — Não o deixe morrer.

Apesar de não vê-lo mais, eu tenho certeza que me ouviu.

Eu volto para o quarto, para o meu cativeiro, minha prisão sem grade. Por sorte, as crianças continuam dormindo. Alheias as maldades que as cercam. Volto para poltrona imaginando quando voltarei a sentir paz outra vez.

Minha resposta — não a que eu gostaria, veio no clarear do dia.

Não foram os raios de sol em meu rosto que me despertaram, foi a forma rude que meus braços foram agarrados.

— Levanta! — o olhar desprezível conecta-se com o meu. — Nós vamos embora, hoje, agora!

Capítulo 25

Neil

Faz mais de vinte quatro horas desde que ele esteve aqui. Aliás, desde que qualquer pessoa esteve aqui. Nem mesmo o repugnante carcereiro havia retornado com água e comida.

Nesse meio tempo, tentamos racionar o que restava das duas garrafas trazidas no dia anterior, no momento, temos apenas meia e, não sabemos por quanto tempo ficaremos aqui.

Há algumas horas, eu ouvi barulhos

da parte superior, algo como, móveis sendo arrastados e equipamentos elétricos sendo usados. Eles estavam esvaziando a casa, eliminando as provas como Nathan havia informado. Mas tem por volta de uma hora que não ouço os ruídos vindos lá de cima, nenhum único movimento, nada.

Preocupa-me esse silêncio repentino.

— Tem alguma coisa errada aqui — murmuro mais para mim do que para a garota encolhida no pé da cama.

Sinto o cheiro forte de gasolina ou algo similar a isso, o odor parece intensificar a cada minuto.

— Filho da puta! — salto da cama, esquecendo das correntes presas a mim, e cambaleio para trás, batendo os

quadris na cama.

— Porra! — vocifero contra as correntes. — Desgraçado!

Fabiana levanta assustada e me encara apreensiva. Ela chegou a mesma conclusão que eu. Os sinais estão claros. Nathan irá cumprir a sua ameaça, incendiando a casa com nós dois trancados aqui dentro.

Não teríamos nenhuma chance de sobrevivência, pelo menos não eu, com essas correntes presas a mim.

— Você tem que tentar fugir! — murmuro a ela. — Tem que encontrar uma maneira de sair daqui.

Nenhum de nós dois merece um fim como esse, principalmente ela. Seremos devorados pelas chamas, até que não

restasse mais nada. É um fim triste e com certeza, muito doloroso.

Embora Peter não tenha chegado a tempo de nos salvar, eu tenho absoluta certeza que ele não deixará Jennifer e meus filhos padecerem nas mãos e mente psicótica de Nathan. Ele iria ajudá-los. Ter a certeza disso, de certa forma, faz com que eu fique em paz. Eu agradeço cada momento que tive com eles. Esses quase dois anos juntos, apesar de tudo o que houve, foram os mais felizes da minha vida. Excluindo os momentos de dor e tribulações, sofridos por eles, eu não mudaria exatamente nada.

Eu amei e fui amado, plenamente. E isso vale por uma vida inteira.

— Conseguiu enganá-los uma vez —

insisto com fervor. — Conseguirá novamente.

No entanto, eu já não acredito que tenha mais alguém na casa, além de nós dois presos aqui em baixo. As chances que ela possui, são tão nulas quanto as minhas.

— Queria que minha esposa... — minha voz falha, abaixo a cabeça em rendição — que ela soubesse que a amei intensamente e, continuará assim, além dessa vida.

Ela balança cabeça e tapa os ouvidos, negando-se a continuar ouvindo minhas palavras de despedida.

Observo enquanto ela corre até a porta, as mãos espalmadas, batendo contra ela, com força. Sons

incompressíveis saem de sua boca, pedindo por ajuda. A jovem chuta e empurra a porta com os ombros, a porta não se move um milímetro.

Uma garota pequena e frágil como ela, jamais conseguiria derrubar uma madeira maciça como essa. Até mesmo eu, com o dobro do seu tamanho, enfrentaria certa dificuldade.

Eu gostaria que pelo menos ela, tivesse uma chance de sobrevivência. Sinto-me culpado de certa forma. Ela foi apenas mais uma das vítimas das atrocidades de Nathan.

Eu tento pela milésima vez escapar. Poderia arrastar a cama, mas os pés estão soldados no chão. As corretes também não dão a mobilidade que

preciso para quebrar as grades. O desgraçado havia pensado em cada detalhe. Pergunto-me há quanto tempo ele havia planejado isso. Ou quantas pessoas ficaram aqui antes.

Essas questões são esquecidas quando a fumaça começa a surgir por debaixo da porta, escura e densa. Eu grito por socorro, na esperança de que alguém possa me ouvir. Esse é o pior tipo de tortura, esperar que a morte venha até você, lentamente.

Boa parte do quarto está coberto de fumaça, agora. Mas consigo ver a jovem em meio à penumbra. Pelo o que eu vejo, apenas a parte superior foi atingida pelo fogo. Isso não é menos preocupante, a fumaça é tão ou mais

perigosa que as próprias chamas. Nossos pulmões não resistiriam por tanto tempo o alto teor de toxina.

Começo a tossir e tento me lembrar das aulas contra incêndio. Frequentemente fazemos esse tipo de treinamento na DET.

— Pegue a garrafa — grito, cobrindo meu rosto com a camisa suja. — Tire sua camisa e molhe-a com a água, depois deite-se no chão e evite a fumaça o máximo que conseguir.

Se tivermos sorte e o fogo não chegar até o porão e não houver nenhum desmoronamento, ela terá alguma possibilidade de escapar com vida. Pelo menos para um de nós dois ainda há esperança.

Ouço os sons a minha frente e um minuto depois ela surge diante de mim. A mão pressionada contra o rosto e sua camiseta molhada estendida a mim.

— Não! — afasto sua mão ao compreender sua intenção. — Fique com ela e faça o que eu lhe disse!

Ela pressiona a camisa contra meu nariz e quando eu a pego para devolvê-la, a jovem se afasta, engatinhando para o outro lado.

— Fabiana! — volto a tossir, fechando meus olhos. — Droga! Não faça isso! Volte!

Não a vejo ou ouço mais. A ardência em meus olhos me impede de continuar com eles abertos. Meu peito queima e minha garganta está comprimida.

— Você não... pode desistir! — as palavras são abafadas pelo pano úmido em minha boca. — Não pode.

Ela era minha única chance para que Jennifer soubesse que meus últimos pensamentos antes de partir haviam sido para ela e nossos filhos. Diferente da outra vez, agora eu posso ir em paz. Não será o olhar aterrorizado que me acompanhará nessa nova jornada, mas o brilho do seu amor a me guiar.

Ouçó o zunido em meus ouvidos e giro a cabeça em direção à porta. Há um clarão em volta dela. Alguém surge na porta escancarada e imagino se aquela é

a face da morte, o anjo da morte. Ele se aproxima, em poucos segundos vejo seu vislumbre ao meu lado, a luz em volta dele me cega e a fumaça obriga-me a voltar a fechar os olhos.

— Neil...

Eu conheço essa voz. De onde? A máscara esquisita em volta do rosto impede-me de identificá-lo.

—Você está bem? — o som abafado está mais próximo ao meu rosto agora.

— Afaste-se. Eu vou atirar.

Os sons agudos e potentes em meus ouvidos são como um tapa em meu rosto, trazendo-me de volta a realidade.

— Peter?

—Tome, use isso — escuto-o começar a tossir quando transfere sua

máscara para mim. — Aguenta mais um pouco, cara. Vou tirar você daqui!

Quando sou apoiado em seus ombros e encaminhamos em direção à porta, já não sinto o peso das correntes em meus pulsos. Subimos a escada íngreme e somos interceptados por dois homens uniformizados.

— Ouvimos tiros — um deles coloca-se ao meu lado, prendendo meu braço em seu ombro.

O fogo parece ter sido controlado, embora o local esteja irreconhecível.

— Ele estava preso às algemas — Peter volta a tossir, empurrando-me em direção ao homem. — Precisei atirar para quebrar as correntes.

— É melhor sairmos daqui — outro

bombeiro aproxima-se. — O andar de cima pode desabar a qualquer momento.

— Há mais alguém vivo na casa? — pergunta o homem que me carrega para fora.

Eu sei que a pergunta foi feita a Peter, mas sou eu a responder.

— A garota? — retiro minha máscara olhando em direção a Peter. — Onde ela está?

— Que garota? — pergunta ele, confuso.

— Eu não estava sozinho — respiro fundo em busca de ar. — Ela está lá em baixo. Tem que salvá-la, Peter.

Quando chegamos ao degrau da entrada, sinto apenas seu vulto retornando.

— Ei, não pode voltar aí! — o homem grita ao meu lado. — Seu maluco!

Parte de mim sente arrependimento pelo pedido que fiz, deveria ter direcionado meu pedido a um dos bombeiros presentes e não ao meu amigo com mania de herói, afinal, poderia tê-lo enviado para a morte.

Enquanto sou arrastado para fora, começo a examinar o local. A casa possui dois andares, é relativamente grande, pelo o que vejo, do tipo colonial. A parte de cima está completamente incendiada e a parte de baixo tão ruim quanto a superior. Nem consigo identificar as cores das paredes e as grades nas janelas parece carvão.

Há fumaças por todos os lados, ainda.

Os muros são altos ao redor da casa. Espalhados pelo imenso terreno há várias viaturas de polícia e ambulâncias. Algumas mulheres abraçam uma as outras, sentadas no chão. Policiais pegam depoimentos das mais calmas e outras recebem atendimento médico.

Recebo a máscara de oxigênio. Conforme o ar puro alcança meus pulmões à realidade me toma. Estou vivo, de alguma forma e isso não me importa agora, Peter havia conseguido.

Olho em direção à entrada, apreensivo. Cada batida do relógio angustia-me um pouco mais. Vamos lá, Peter, você consegue, salve-a, por favor!

Eu sei que só estou vivo porque a garota havia abdicado da própria sobrevivência para me manter respirando. Não sei quanto tempo permaneci desacordado e quanto tempo ela conseguiria resistir a fumaça.

O paramédico começa a me examinar, fazendo algumas perguntas na qual respondo sim e não com minha cabeça, sem compreender direito o que ele está dizendo. Ele coloca uma luz forte em meus olhos seguindo com os cuidados iniciais.

Continuo focado na entrada. Com um suspiro de alívio o vejo surgir com a garota amparada em seu peito. Ele está sem camisa que está envolta no rosto da jovem. Vejo-o vacilar no primeiro

degrau e quando um homem se aproxima, Peter o afasta, mantendo Fabiana junto a ele.

Ele aproxima-se de mim nos degraus da ambulância. Noto seu rosto coberto de fuligem e a queimadura em seu braço esquerdo.

— Pode me dar a garota agora, senhor — o paramédico prontifica-se na frente dele.

O homem é alto, bem encorpado, não tanto como Peter, mas poderia conduzir a jovem sem grandes dificuldades.

— Ela está... — afasto a máscara do meu rosto novamente.

— Viva! — Peter conclui minha frase, acomodando-a ainda mais rente a ele.

— Senhor, pode me entregar a moça — repete o homem, esticando os braços.

— E por que eu faria isso? — Peter encara o homem, estreitando o olhar. — Não sei se podemos confiar nele.

A força ameaçadora com que ele olha, faz o homem vacilar e dar alguns passos para trás. Há uma grande descarga de adrenalina pairando no ar. E eu não faço a mínima ideia do que está acontecendo ou o que havia acontecido com meu amigo para que tivesse uma reação tão estranha.

— Por que ele é o paramédico? — pergunto a Peter e aponto em direção a jovem inconsciente — Por que ela inalou muita fumaça e precisa de cuidados?

Ela começa tossir e contorcer-se em busca de ar. Ele senta com ela na grama e afasta a camisa do seu rosto.

— Está tudo bem — murmura para ela. — Você vai ficar bem.

— Senhor — volta a insistir o homem.

— Peter!

— Tá bom — murmura ele, colocando-a na maca e volta-se para o homem ao seu lado. — Mas eu vou ficar de olho em você...

— Peter eu adoraria discutir sobre isso. O que deu em você, agora? — apelo para sua racionalidade e bom senso. — Eu tenho um homem louco na minha casa! Com minha esposa e meus filhos. Depois você desconfia de tudo e

todos a sua volta!

Jogo a máscara em cima da maca e caminho decidido em direção aos portões. Dois policiais ameaçam vir em minha direção, mas fulmino-os com olhar. Nada irá me parar até chegar a minha casa e ter minha família de volta.

Olho ao redor quando chego à calçada. Não tenho a mínima ideia de onde estamos. As árvores em volta indicam que essa é uma propriedade privada, não vejo casas ou prédios em volta de nós, apenas árvores e mais árvores e um caminho de pedras.

Reconheço o carro de Peter parado no meio do caminho. Noto a porta escancarada e a chave na ignição.

— Calma aí, parceiro. Não está em

condições de dirigir — ele coloca-se a minha frente. — Além disso, só quem toca no meu carro sou eu.

Ignoro-o e vou para banco de passageiro. Pouco me importa quem dirige essa merda. Eu só quero chegar em casa e pela forma que as rodas derrapam pelos pedregulhos, não demorará muito tempo.

— Jennifer e as crianças? — pergunto antes de me segurar contra o banco quando ele desliza em uma curva fechada, em alta velocidade. — Cuidado!

Eu realmente estou com muita pressa, mas não escapei de um incêndio para morrer em um acidente de carro.

— Até onde sei... — o carro derrapa

para a esquerda — estão bem.

— Nathan? — o nome parece tem gosto de fel em meus lábios. — Está com eles?

— Estão todos bem, confie em mim — seus lábios alargam-se de forma diabólica. — Estamos dando uma festa. E ele nem imagina a surpresa que irá ter.

— Como me encontrou?

Tento manter minha mente em algo que não seja Jennifer e meus filhos mercê da mente perversa do meu irmão.

— Rastreei a torre de onde vieram as mensagens que me enviou — murmura ele, dando de ombros, como se falasse de algo banal. — Essa não é uma área muito habitável como pode ver. Além disso, vimos movimentos estranhos

vindos dessa direção. Após algumas tentativas frustradas, chegamos até aqui.

Coloco o cinto de segurança para restringir meu corpo dos movimentos bruscos que ele faz com o carro. Sinto como se meu corpo houvesse sido atropelado por um trator. Respirar ainda é um pouco doloroso.

— Quando cheguei aqui com dois dos meus homens, a parte de cima estava pegando fogo. Havia mulheres trancadas no andar superior e tentamos salvá-las a tempo até a polícia e os bombeiros chegarem. Quando eles apareceram, o primeiro andar já estava sendo tomado, não conseguimos fazer muita coisa.

Ouçó tudo atentamente tentando visualizar o que ele me diz.

— Procurei por você em todos os cômodos quando uma delas nos disse sobre o porão e que talvez estivesse lá em baixo. Teve sorte do fogo não ter alcançado o porão, mas mais alguns minutos vocês teriam morrido sufocados.

— Que lugar era aquele e quem eram aquelas mulheres?

— Konrad e Nathan tinham essa casa de prostituição e lavagem de dinheiro, talvez até tráfico de drogas. Eles traficavam mulheres do Brasil, Chile, Colômbia toda América Latina e de alguns lugares da Europa, também — noto o desprezo em sua voz, é uma reação não muito diferente da minha. — Com certeza há muitas pessoas

poderosas envolvidas, inclusive o juiz responsável por julgar a Jenny.

— Por isso aquele desgraçado não queria cooperar em nada — vocifero, irritado. — Maldito!

— A polícia já desconfiava há algum tempo — ele olha para mim. — Na verdade, desconfiam de você.

— De mim? — pergunto, confuso.

— Sim — ele continua. — Empresário rico. Além disso, o seu passado... os gostos peculiares.

— Isso é um absurdo! — murmuro. — Eu era jovem e idiota.

— Sua fuga e falta de resposta quando Jenny fugiu só reforçaram ainda mais as desconfianças. Sabiam que você estava escondendo alguma coisa. Aquele

lugar por exemplo. Antes de Willian morrer, eles entraram em contato com ele, mas Nathan deu um jeito de eliminá-lo.

A morte de Willian foi bem estranha para mim. Fizeram parecer um assalto, mas a forma que ele foi executado, dizia exatamente o contrário, agora tudo faz sentido. Se a polícia chegasse até mim, chegaria até Nathan e o plano dele iria por água abaixo.

Quando alcançamos a estrada de asfalto, o celular dele toca indicando que havia recebido uma mensagem.

— Porra! — ele bate o telefone contra o volante. — Filho da puta!

— O que foi? — pergunto, ansioso.
— Peter, quem era?

— Liam — ele acelera, os olhos focados na estrada. — A festa acabou.

Capítulo 26

Lutar pelo amor é bom, mas alcançá-lo sem luta é melhor.
(William Shakespeare)

Jenny

Como ele havia entrado? É a primeira pergunta que me faço enquanto sou arrastada por ele até o corredor.

Lembro da visita de Peter, da nossa conversa e, que passei as horas seguintes meditando sobre tudo o que ele havia falado. E minha decisão de trocar minha vida pela de Neil. Sim, eu

faria isso. Eu faria tudo para vê-lo livre, seguro, mesmo que para isso eu tenha que partir.

— Solte-me! — exijo, tentando escapar de suas garras em volta dos meus pulsos. — Me deixa em paz!

— Paz? — Nathan pressiona-me contra a porta, assim que entramos em meu quarto. — Eu não tive um minuto de paz desde que eu conheci você. Está na minha cabeça, em cada pensamento que tenho e até mesmo em meus pesadelos.

Eu gostaria que ele queimasse no fogo do inferno e estou pouco me lixando com seus pesadelos. Nenhum castigo seria suficiente para todo o mal que ele já causou. No entanto, eu preciso agir com esperteza. Ele é um homem

doente, se eu consegui mexer com sua mente destorcida, nem que seja por pouco tempo, quem sabe eu pudesse dar algumas horas de vantagem a Peter.

— Eu lamento — murmuro, desejando que minha mentira pareça convincente. — Nunca quis magoar você.

— Eu só queria uma oportunidade — sussurra ele, encostando a testa na minha, moldando meu rosto com suas mãos pegajosas. — Uma única chance de pelo menos uma vez, poder provar que sou melhor do que ele.

Engulo a bile que sobe velozmente por minha garganta, dando-me ânsia. Respiro fundo e procuro me controlar. Ele é esperto, eu posso ser tola às vezes,

mas não o bastante para querer subestimá-lo. Esse é um jogo ardiloso, do qual nós dois podemos jogar.

— Não sabe como é viver à sombra de outra pessoa — prossegue ele. — Sendo comparado o tempo todo. Minha mãe queria que eu fosse pacífico como Neil e meu pai, esse nunca ligou para mim... — suas palavras são carregadas de ódio e desprezo e seu olhar parece desfocado, doentio. — Foi extasiante vê-lo contorcer-se a minha frente, pedindo ajuda.

Escuto-o horrorizada, enquanto ele se vangloria por ter se vingado do pai, deixando-o praticamente inválido. Eu me pergunto como um filho pode ser tão frio ao ponto de ser capaz de sentir

orgulho em destruir a quem lhe deu a vida. Mesmo se Anthony tivesse sido um pai deplorável, o que não é o caso, ainda assim, é uma realidade cruel e incompreensível.

— Você só não é bem compreendido — tento colocar suavidade em minha voz, embora eu ache impossível. — Eu entendo isso agora.

— Você entende — ele repete, os olhos passeando pelo meu rosto. — Acha que pode mentir para mim?

Seus dedos cravam-se em minhas bochechas, pressionando minha pele contra meus dentes, machucando-me com sua agressividade repentina. Eu resisto a dor, embora meus olhos inflamem.

— Tente ser mais dissimulada, querida — ele sorri, sarcástico, soltando meu rosto. — Não sabe blefar muito bem.

— Você sabe... sabe que — meus olhos ficam marejados e dessa vez não escondo minhas emoções. — Eu faria qualquer coisa por ele.

— Deixaria seus filhos e todos que amam para trás para garantir que ele continue vivo?

— Sim — murmuro com a voz fraca. — Eu faria isso.

Nathan sorri de forma angelical e desliza o dedo pela lateral do meu rosto. Amaldiçoou-me internamente por permitir que algumas lágrimas escapem dos meus olhos.

— Nisso eu acredito — murmura ele, conduzindo-me até a cama. — Embora isso só me faça odiá-lo ainda mais. Faria qualquer coisa por aquele idiota... até mesmo entregar-se espontaneamente?

Nathan estende-me na cama, cobrindo-me com seu corpo, eu sinto que estou a um passo de vender minha alma ao diabo, e quanto a isso não haveria volta. Eu jamais voltaria ser a mesma pessoa.

E quando sua língua escorrega pelo meu pescoço e suas mãos perambulam por minhas coxas, sinto que estou em direção a um abismo profundo e sem fim.

— Está bem. Eu aceito o acordo — diz ele, afastando-se. — Troco a vida

dele por você. E para provar que não sou tão cruel como parece, vou permitir que essas crianças choronas venham com a gente.

Ele me dá as costas e caminha até o closet, abrindo todas as portas.

— Vai soltá-lo? — pergunto, esperançosa.

— Assim que entrarmos naquele avião — diz ele, colocando as malas em cima da cama. — Então, quanto mais rápido formos embora, mas rápido seu amado conquista sua liberdade.

Metade de mim quer acreditar que ele está sendo verdadeiro. Mas os custos seriam altos demais. Eu não posso permitir que Neil morra, só que ir embora com o irmão dele, levando

nossos filhos para longe, seria o mesmo que matá-lo. Mesmo que Nathan cumpra a palavra dada, o que duvido muito, Neil não suportaria o desfecho dessa história.

Eu tenho que encontrar uma forma de tentar adiar essa viagem, assim como Peter havia me orientado.

— Mas eu pensei que...

— Ah, estou ansioso para torná-la minha, não se preocupe — ele acaricia meus lábios com o dedo. — Mostrarei a você um mundo novo e inesquecível, mas terá que ficar para depois.

— Não podemos ir ainda — balbucio, nervosa. — As pessoas ficarão desconfiadas.

— Se ele irá voltar para casa,

continuar fingindo que sou ele não faz mais sentido — murmura ele. — E de qualquer forma, inicialmente estamos partindo para uma viagem romântica

— Mas nossos amigos não deixarão que eu parta se desconfiarem de alguma coisa — levanto-me, caminhando em direção à porta. — E Peter ainda parece desconfiado, você viu. Eu só vou com você se eu tiver garantias.

— Vai comigo quando e como eu quiser — ele leva a mão para trás das costas e retorna com um revólver em punho. — Não me obrigue a ter que usar isso.

— Paige dará uma festa — minhas costas pressionam a maçaneta.

— Festa?

—Uma reunião, na verdade —
observo sua reação confusa e continuo
tentando soar convincente, dessa vez. —
Amanhã à noite, todos os nossos amigos
estarão presentes. É um jantar em
homenagem a nós dois, por minha
liberdade.

— Está mentindo! — esbraveja ele.

— Não estou — afirmo com ênfase.
— Ela avisou sobre isso a última vez
que estive aqui.

— Você não falou com ela —
murmura ele.

— Não essa vez, a anterior —
apresso-me em esclarecer sobre isso. —
Mas acabei esquecendo, depois de tudo
o que aconteceu. Pode ligar para ela e
confirmar se quiser.

Grande parte sobre isso é verdade. A única mentira é que ela ainda não havia definido a data para o evento. Com certeza queria dar tempo para que nós dois voltássemos à normalidade.

Encaro-o amedrontada. Apenas uma ligação e ele descobria minha intenção de ludibriá-lo.

— Talvez você tenha razão. Não quero levantar suspeitas ainda — ele volta a guardar a arma. — De qualquer maneira, amanhã à noite será tarde demais.

— Tarde demais para quê? — pergunto, alarmada.

— Para nos impedir — murmura ele. — Enquanto isso, podemos nos divertir. Nathan caminha em minha direção e

meu coração acelera ao ponto de ouvir o zunido tilintando em meus ouvidos.

— Por favor, espera! —minha voz ecoa pelo quarto. — Dê-me um tempo para me acostumar à ideia. Talvez, quando eu estiver longe...

Nathan diminui o passo, parando alguns metros a minha frente.

— Não abuse da minha generosidade, Jenny — diz ele como se falasse com uma criança de cinco anos. — Paciência não é uma das minhas qualidades.

— Não farei isso — giro a maçaneta as minhas cotas, abrindo a porta. — Os bebês devem ter acordado.

Saio apressada, indo em direção ao quarto de Anne. Quando fecho a porta e apoio-me contra ela, esperando não ter

sido seguida por ele. Não ouço barulho no corredor, então acredito que por algumas horas, ele me deixará em paz.

A cada hora que passa e eu consigo ficar longe dele é uma vitória para mim. Entretanto, o medo de que o relógio seja o maior inimigo de Peter, não me deixa em um único minuto.

Acordo Anne e insisto para que volte a escola, pois alguém nessa casa precisa de normalidade. Além disso, sinto-me mais segura sabendo que ela está longe de Nathan e sua mente instável.

— Posso entrar?

— Kevin! — o rosto dele surge no

vão da porta e recebo-o com um grande sorriso.

— Geórgia disse para que eu subisse — informa ele, sentando ao meu lado no chão.

Claire dá mamadeira a Raphael na cadeira de balanço enquanto eu brinco com o Gabriel em cima da manta.

— Que bom que veio — recebo seu abraço apertado e sinto-me um pouco melhor.

— Teria vindo antes, mas achei que precisassem de um tempo — ele sorri sem jeito. — Você está bem?

Peter havia falado que Liam, Adam e Richard estariam por perto para me proteger. Mas não havia citado Kevin. O quanto ele sabe sobre o que vem

acontecendo?

— Acho que sim — digo, evasiva.

Não quero envolver mais uma pessoa nesse emaranhado de confusões e tragédias sem fim, ainda mais Kevin que teve um relacionamento conturbado com Nathan. Graças a ele, meu irmão havia conhecido e mergulhado em um mundo que poderia ter destruído sua vida. Não que isso o exima de sua culpa, as pessoas são responsáveis por suas próprias escolhas, mas um amigo verdadeiro ajuda-o sair da sua cova e não empurra-o em direção ao precipício. A prova disso são os nossos amigos, todos eles unidos e empenhados em proteger a mim e minha família. Passar a eternidade demonstrando minha

gratidão não seria suficiente.

— Você tem certeza? — ele segura meu queixo, obrigando-me a enfrentá-lo.

— Sim — desvio o olhar com receio de que ele possa ler a verdade em meus olhos.

— Adam pediu que eu viesse aqui — murmura ele de forma cética. — Seja lá o que esteja acontecendo, sabe que pode contar comigo, não é?

— Eu sei — coloco suas mãos ente as minhas. — Agradeço por isso.

Passamos o resto da manhã conversando e brincando com as crianças. Nathan apareceu uma vez no quarto. Embora tenha mascarado seu descontentamento com a presença de Kevin, eu notei o brilho ameaçador em

seus olhos.

No entanto, isso é o que menos me incomoda. A mentira que contei a ele sobre o jantar oferecido por Paige é o que vem fervilhando em minha cabeça. Eu preciso entrar em contato com ela, mas tenho receio que os telefones ainda estejam grampeados.

— Kevin! — exclamo com a voz esganiçada.

Ele se assusta derrubando o copo em cima da mesa.

— Está com seu telefone? — sussurro e minha voz vai suavizando.

— Estou — responde ele, levando a mão ao peito. — Você quer me matar garota?

— Poderia me emprestar um minuto?

— falo ainda mais baixo.

Estamos na cozinha, almoçando. Geórgia havia saído e Nathan havia ido ao médico. Então, somos apenas nós dois por um longo tempo.

— Claro — ele parece confuso, mas entrega o aparelho.

— Volto em alguns minutos — saio em direção ao jardim.

Creio que seja o único local da casa que não tenha câmeras ou microfones. Quando penso que estivemos todos esses meses sob sua vigília constante, minha cabeça entra em pane. Saber que Nathan havia observado momentos íntimos entre Neil e eu me faz tremer das cabeça aos pés. Isso é indecente e repugnante.

— Oi, Kevin — a voz de Paige ecoa na linha.

— Paige, sou eu, Jennifer — murmuro, desfazendo o desentendimento.

— Jenny? Aconteceu alguma coisa? — a voz parece surpresa e preocupada

— Hã... Não — lembro-me que ela não sabe de nada e tento manter minha voz neutra. — Kevin está aqui e aproveitei para ligar para você.

— O que aconteceu com o seu telefone?

— Está em manutenção — minto. Parece que minha vida está sendo embalçada em cima de mentiras, uma após a outra. — Eu queria falar com você sobre o jantar que você comentou.

— Ah claro — agora ela parece bastante animada. — Pensei no próximo fim de semana. O que você acha?

— Poderia ser amanhã à noite? — murmuro com a voz estrangulada. — Seria um problema para você?

— Bem, na verdade, não — responde ela. — Será algo mais simples do que eu planejei, mas você já está melhor de saúde? Ontem o Neil me disse que estava mal e nem mesmo consegui vê-la.

— Não é necessário.

Era mentira, não consegui me ver porque eu estou presa a um homem insano e ameaçador — a resposta paira em minha mente.

— Tivemos medo que fosse uma virose. Você sabe por causa dos bebês

— murmuro. — Mas acredito que foi alguma coisa que comi.

— Tudo bem então — murmura ela.
— Aqui em casa amanhã, às 20h00? Posso ir até aí para organizarmos tudo...

— Não! — exclamo, interrompendo-a — É que... bem, Neil e eu viajaremos por um tempo e, gostaríamos de nos despedir de vocês.

Tecnicamente não estou enganando-a. Se um milagre não acontecesse, as chances de que isso acontecesse são gigantescas. Só que ao invés de partir em férias românticas com o homem que amo, eu estaria condenada ao que mais eu desprezo na vida.

Também não quero de forma alguma, que ela volte a ser alvo das ameaças de

Nathan, vindo até aqui. Paige é mais do que uma amiga para mim. É minha irmã de alma e coração. Se algo acontecesse a ela, eu jamais me perdoaria.

— Confio em você. E não precisa ser nada exagerado, apenas Adam, Liam, Paul, Richard e você.

Desejo que os mínimos de pessoas estejam envolvidas, isso garantirá minha paz de espírito.

— Devo convidar Penélope e aquela advogada, também? — ela pergunta em tom de divertido. — Acho que elas não se deram muito bem, os motivos são óbvios, é claro.

Penélope sente ciúmes é isso que ela quer dizer. Bem, Savanna é uma mulher bonita e inteligente, qualquer homem se

sentiria atraído por ela, mas eu não creio que seja o caso de Adam. Ele pode negar para si mesmo, mas sei que ele nutre sentimentos profundos por Penélope. E há o bebê, ou havia, já não sei.

— É melhor nenhuma das duas — respondo. — Gostaria de algo bem íntimo, mesmo.

— Você é uma tremenda estraga prazeres, Jenny — ela suspira. — Seria divertido ver o circo pegando fogo.

— Paige!

Vejo-me sorrindo e emocionada ao mesmo tempo. É impressionante como eu amo essa maluca e cabeça oca.

— Não seja puritana, Jenny! — ela exclama ofendida. — Adoraria isso

tanto quanto eu. Admita, no fundo somos garotas perversas.

— Eu tenho que desligar — murmuro, pesarosa. — Vejo você amanhã.

— Desertora! — ela ri antes que eu encerre a ligação.

Volto para dentro um pouco mais leve e com a esperança renovada. Dará tudo certo, eu sei que sim.

Por volta das sete e após o jantar, Kevin anunciou que precisava ir embora. Procurei ocultar minha apreensão com a partida dele. Estou na sala com Anne vendo TV e pensando em

uma maneira de continuar fugindo de Nathan.

Ele se manteve a margem o tempo todo. Apenas rondando-nos e se fazendo presente. Eu observo o prazer inexplicável que ele sente em brincar de gato e rato comigo, encurralando-me o tempo todo. Deixando-me tensa e com os nervos à flor da pele.

A campainha toca e minutos depois Richard surge na sala com cara de poucos amigos.

— Richard? — caminho até ele, preocupada de que algo tenha acontecido a minha amiga. — Está tudo bem?

— Paige e eu tivemos uma discussão e você a conhece, colocou-me para fora

de casa de novo — ele parece inconsolável. — Será que poderia passar essa noite aqui?

— Claro, mas o que aconteceu?

Minha primeira reação é ficar surpresa com o que ele acabara de dizer, em seguida, recordo que esse pode ser algum plano para que ele fique perto de mim. Paige é realmente imprevisível. A maluca havia colocado o marido para fora de casa na semana do casamento. Não seria estranho da parte dela que fizesse isso, novamente.

— Saí para almoçar com a estagiária de Charles — ele dá de ombros. — Mas foi estritamente profissional, mas tentar explicar isso foi inútil. Não com todos os objetos da cozinha criando asas e

voando em cima da minha cabeça.

Isso é realmente muito, muito ruim. Paige não suporta aquela mulher e Richard está encrocado até o último fio de cabelo. Embora eu esteja muito feliz e aliviada por ele estar aqui, não desejei que sacrificasse o seu casamento por minha causa.

— E por que não foi para um hotel?

— Nathan pergunta, colocando-se ao meu lado. — Procurou Peter ou algum dos nossos amigos.

— Nath... — dou-me conta do meu equivoco e sinto o puxão em meu braço.

— Querido, não seja indelicado.

Afasto-me dele alguns centímetros e volto a encarar Richard.

— Pode ficar quanto tempo quiser —

digo, cordial. — Vocês dois podem jogar pôquer, como sempre fazem.

O motivo de Richard estar aqui é distrair Nathan e garantir minha integridade física e psicológica. De bom grado eu entrego-o a ele.

— Ah claro — Nathan para o mesmo lugar onde esteve. — Como nos velhos tempos.

— Desculpe invadir sua casa assim, de novo — Richard soa arrependido. — Se for um inconveniente.

— Não se preocupe é bem-vindo aqui — abraço-o para consolá-lo e sussurro em seu ouvido. — Obrigada.

— Acredito que o jantar de amanhã seja cancelado, então — conclui Nathan.

— Acho que não será necessário —

Richard murmura. — Amanhã comprarei o maior buquê de rosas da floricultura. Flores sempre resolvem tudo. Até o jantar Paige terá esquecido essa tolice.

Ah, não conte com isso, penso, distraída.

— Que seja — murmura Nathan, sua atenção volta-se para a TV. Ele muda os canais da TV sem parar em algum em específico. O corpo rígido demonstra que a visita inesperada havia colocado seu plano por água abaixo, isso me deixa imensamente feliz.

— Já jantou? — conduzo Richard até a outra extremidade do sofá.

— Não — ele sorri. — Preferi evitar que as panelas entornassem em minha cabeça.

— Vou colocar Anne na cama e providenciar algo para você.

Acordo a menina sonolenta com certa dificuldade e levo-a para cima. Antes de descer, verifico se está tudo bem com Claire e os bebês. Desejo ligar para Paige e dizer que ela está sendo uma idiota.

Sigo para a cozinha e vasculho o que Geórgia havia embalado do que sobrou do jantar.

— Vim buscar duas cervejas — Richard entra indo em direção à geladeira.

— Sinto muito — desculpo-me novamente. — Talvez fosse melhor contar para Paige a verdade sobre ele.

Olho por cima dos ombros dele para ter certeza que Nathan não estaria por

perto.

— Não, isso seria suicídio. Se esse desgraçado colocar um dedo nela... — ele murmura, tenso. — Eu tive que realmente provocar uma briga, hoje.

— Richard, desculpe-me...

— Não se sinta culpada. Eu sei que Paige irá entender quando souber o que houve — murmura ele. — O problema é que eu estou muito irritado com esse cara, está custando muito não partir a cara dele. Magoar a Paige é algo que me deixa muito infeliz e eu jurei na igreja que jamais faria isso com ela.

— Isso é tudo culpa minha — lamento.

— Não é. Desculpe, minha falta de sensibilidade, Jenny. A sua situação é

indescritivelmente mais séria que a minha. Peter irá encontrar o Neil — diz ele. — Tudo dará certo, confie em nós.

A razão de continuar de pé e suportar o que vem acontecendo é porque confio neles.

— O que é isso? — observo-o abrir as garrafas e introduzir um pó branco pelo gargalo.

— Coisas de Liam — murmura ele, sacudindo os ombros. — De acordo com ele, sossega leão, não me pergunte.

Ele levanta os braços.

— Por que está colocando nas duas bebidas? — cochicho.

— Por garantia... — murmura ele.

— Richard!

— Tranque a porta e fique tranquila

— ele pisca um olho para mim. —
Ficarei bem. É dormir ou beber para
esquecer as mágoas da minha vida.

Eu não vejo um pingo de graça sobre
isso. Aquilo pode ser perigoso. Misturar
remédios à bebida. Liam só pode estar
incrivelmente maluco.

— Se você morrer? — pergunto,
histérica.

Paige jamais me perdoaria por deixá-
lo arriscar-se assim. E sei muito bem o
que é perder quem se ama. Ela ficaria
arrasada se algo acontecesse a ele. Eu
também não conseguiria carregar
tamanha culpa. Chega de tragédias, não
posso lidar com mais nada, já
ultrapassei meus limites e minhas forças
estão praticamente zeradas.

— Aqui só tem dosagem para algumas horas — ele revira os olhos. — E é cerveja sem álcool. Saberá disso se olhasse o rótulo.

Certo, eu me sinto ridícula como eu aparento. Balanço os braços desistindo de acompanhar a mente deles. Fariam o que me pedem e isso teria que bastar.

— Está bem — suspiro.

— Está com aquele aparelhinho, não é?

O botão do pânico. Não me separei dele um único momento. Mostro o bolso da minha calça e ele parece ficar aliviado.

— Adam está lá fora, caso seja necessário — informa ele antes de retornar para sala.

Olho pela janela da cozinha tentando identificar algum movimento lá fora, mas não vejo nada. Caramba, se fizessem um filme sobre eles, ganhariam mais bilheteria que os vingadores.

Eu sempre lamentei muito a sorte ou falta dela em minha vida. Hoje vejo, que na verdade, sou grandissimamente afortunada. Voltei a enxergar após anos, tenho amigos incríveis, filhos lindos e saudáveis e um homem que me ama incondicionalmente.

Quando chego à sala ouço-os discutir sobre algum time de basquete e pela forma tensa que Richard mantém os punhos cerrados, percebo que ele tem grandes dificuldades em ficar no mesmo ambiente que Nathan.

Meu olhar cruza com o de Richard e ele inclina a cabeça em direção a escada, um pedido silencioso para que eu suba.

Chego ao quarto dos gêmeos e dispenso a babá por essa noite. Como na anterior, sigo para o quarto de Anne com os bebês. Novamente, uso o banheiro dela para tomar banho. Quando saio, estendo uma manta felpuda ao lado de sua cama. Com Richard aqui, eu me sinto segura. Mas verifico a porta outra vez para certificar-me que eu tinha trancado. Depois que Peter havia ido embora, adormeci esquecendo-me disso. Não pretendo cometer o mesmo erro duas vezes.

Pegar no sono, embora eu esteja

exausta, não foi uma tarefa fácil. Sinto saudades de Neil, uma imensa e imensurável saudade. Do seu abraço, seu toque, seus beijos e de tê-lo junto a mim, garantindo que tudo daria certo. A última vez que estive com ele, ainda estava presa, apesar da cela nos separando, nunca estivemos tão próximos.

Meu coração contrai-se quando recordo da foto. Eu não quero chorar e nem sucumbir à tristeza, pensar sobre ele, os riscos que corre, só faz com que a dor em meu peito intensifique.

Só me resta rezar agora e pedir que tudo se resolva da melhor maneira.

Acordo com os primeiros raios de sol em meu rosto e com Anne, apoiada em seus cotovelos, encarando-me com a confusão brilhando em seu rosto.

— Tio Richard passou a noite aqui — eu explico para não assustá-la.

— Paige está aqui? — ela pula da cama, sorrindo como a muito não vejo.

Se eu não amasse Paige tanto quanto ela, eu sentiria ciúmes da amizade que as duas havia desenvolvido. Anne é uma criança amável e pronta para dar amor a qualquer pessoa que esteja disposta a receber.

— Foi uma noite só dos meninos — espreguiço-me nas cobertas. — Quer que eu a ajude com as coisas da escola?

— Não, eu já sou grande, mamãe —
ela manca em direção ao banheiro, de
forma altiva.

Tudo bem, ela já é grande — eu que
me sinto como uma garotinha perdida.

— Oi, meu amor — seguro a mão do
bebê que balbucia no carrinho — Está
com fome?

A cada dia eles se parecem mais com
o pai e isso enche meu peito de amor.

Claire já me espera no quarto com as
mamadeiras deles. Desço com Anne
para o café da manhã e escuto sobre sua
volta à escola. Lembro que em breve
devo enviar um agradecimento à escola
pelo cuidado que tiveram com ela,
ajudando a mantê-la longe das fofocas
maldosas. Ela parece feliz em ter sua

vida de volta. Seria desolador ter que arrancar isso dela outra vez.

A casa parece terrivelmente calma sem o Traquinas aqui. Acostumei-me com jeito estabanado dele e seus latidos estridentes.

— Bom dia — cumprimenta Richard sentando ao meu lado.

— Bom dia — Anne e eu respondemos de volta — Alguma novidade?

Ele belisca o nariz de Anne e volta olhar para mim.

— Ainda não — murmura, servindo-se de café. — Mas logo teremos, tenha fé.

Assento com a cabeça e tomamos café em silêncio. Cerca de meia hora

depois, ele avisa que precisa ir embora, mas que eu não ficaria sozinha por muito tempo. A vontade que tive foi de implorar que ele me levasse junto, mas contive-me.

Passei o resto da manhã no jardim com a babá e os gêmeos. A cada minuto fico mais apreensiva. Por que Peter não envia notícias? Qualquer informação que aquiete meu coração. O prazo está se esgotando, se ele não encontrasse Neil até a noite, nossas vidas estariam seladas para sempre.

Paul apareceu depois do almoço e passou à tarde conosco. Surpreendentemente, Nathan não havia reclamado como das outras vezes. Pelo contrário, havia se portado e como um

verdadeiro cavalheiro, ficando boa parte do tempo no escritório, o que me deixou ainda mais desconfiada. Eu sei que ele está planejando alguma coisa e isso preocupa-me.

Eu olho para o espelho pela milésima vez. Fiz o possível para encobrir a marca em meu rosto para não levantar as suspeitas de Paige. Respiro fundo e tento controlar o desespero que ameaça me dominar. Mais duas horas e eu estaria na linha que divide o inferno e o paraíso.

— Está pronta?

Nathan surge à porta, assustando-me.

— Estou — passo por ele impondo

distância entre nós dois. — Preciso apenas arrumar as crianças.

— Elas não irão — murmura ele. — Não é ambiente para crianças.

— Mas eu achei...

Eu já havia elaborado meu próprio plano, seguíramos para festa e se algo desse errado, Paige e Richard ficariam com as crianças, independente do que acontecesse comigo.

— Festa não é lugar de crianças, saberia disso se fosse uma boa mãe.

Ele me arrasta em direção ao corredor.

— A minha bolsa — puxo meu braço quando alcançamos as escadas.

— Não vai precisar dela — diz ele de forma ríspida.

Atrapalho-me em minhas pernas enquanto descemos os degraus. Dizer que estou em pânico é superficial, estou aterrorizada. A bolsa havia ficado no quarto em cima da cama, e, dentro dela o dispositivo que Peter havia me dado.

— Mas eu preciso dela — insisto, lutando para me livrar dele.

— Nenhuma gracinha, Jennifer — Nathan afasta o paletó exibindo a arma em sua cintura. — Lembre-se que tenho pessoas vigiando a casa. Você não queria uma festa? Vou proporcionar a melhor de todas.

Seguimos para o estacionamento. Calvin aguarda-nos com as portas abertas e expressão impassível.

— Você está dispensado — Nathan

dirigia-se a ele ante de conduzir-me ao banco de passageiros.

— Não acho que seja prudente que dirija, senhor...

— O que você acha não me interessa — ele bate a porta e não consigo ouvir o que ele diz ao Calvin.

Minha primeira intenção é fugir, então lembro que ele está armado e dou conta que isso seria uma idiotice.

— Aperte o cinto — ele tenta tocar o meu rosto quando ocupa o lugar do motorista mas eu me afasto, encolhendo contra a porta. — Isso será divertido.

De qualquer forma, em poucos minutos, estarei na proteção de pessoas que eu confio. Concentro-me em olhar através da janela e o caminho que

seguimos parece-me desconhecido. A não ser que ele tenha mudado a rota, seguimos para um lugar completamente diferente.

— Para onde estamos indo? — pergunto, alarmada. — Esse não é caminho que leva ao apartamento de Paige, estamos indo na direção contrária.

— Achou mesmo que acreditei em todas aquelas idiotices? Jantares e visitas inesperadas? — Nathan lança-me um olhar decepcionado. — Você iria trair-me, novamente, não, desmascarando-me nesse suposto jantar?

— Não, eu não ia — minto,

esperando que o tremor em minha voz não me denunciasse.

A risada que ecoa no carro é tão mefistofélica quanto ele e causa arrepios em minha pele. Não é preciso ser um grande gênio para saber que eu estou perdida. O mais desolador da situação é que Peter não deu nenhum sinal de vida, o que me leva a crer que ele havia fracassado.

Eu penso em todas as minhas possibilidades, a única que me vem à cabeça é arremessar-me para fora do carro. Isso não me ajudaria em nada.

— Não sei do que está falando — falo com a voz engasgada.

— Jenny, não insulte a minha inteligência — murmura ele. — Mas

isso já não importa. Vamos sair do país ainda hoje.

— Mas eles vão desconfiar de tudo, chamarão a polícia e...— tento ganhar tempo e colocar um pouco de racionalidade em sua cabeça.

— Até lá, estaremos longe — ele interrompe meu discurso desesperado.

— E quanto às empresas? O dinheiro? — minhas unhas cravam no estofamento do banco e minha mente dá voltas. — Vão descobrir tudo se formos assim.

— Não se preocupe, Jenny — ele ri. — Eu tenho muito dinheiro e conheço pessoas muito importantes. Terá uma vida de rainha ao meu lado. Quando seus amigos derem conta de nós dois,

direi que fugimos em busca de paz, sabem como são os apaixonados. E a essas alturas meu querido irmão já se uniu a Sophia e a Konrad. No inferno!

Neil está morto? Suas palavras atingem-me com a força de um trem descarrilhado, comprimindo meu peito, tirando-me o ar. Parte de mim morreu nesse exato momento.

— Maldito! — esbravejo, irada, lançando-me contra ele. — Tínhamos um acordo!

O carro freia com brusquidão, lançando meu corpo contra o painel, bato minha cabeça e o mundo gira por alguns segundos.

— Eu disse para colocar o cinto — diz ele, numa voz cínica. — Deveria me

ouvir mais vezes.

— Seu desgraçado — soluço sentindo minha cabeça latejar. — Tínhamos um acordo.

— Não faço acordos, querida — Nathan pressiona meu queixo com uma mão e com a outra, desliza o cano frio do revólver em meu rosto. — Tomo o que é meu. Simples assim.

— Eu não sou sua! — gemo e, levada à ira e o calor do momento, eu cuspo em seu rosto.

— Ainda não, mas isso é uma questão de tempo — diz ele, secando o rosto. — E essa reação acalorada, apenas inflama o meu desejo por você.

O carro volta a entrar em movimento e eu sei que não estarei deixando apenas

minha vida para trás, mas minha alma também.

— Meus filhos? — encaro-o cheia de ódio. — O que fará com eles?

— Se for boazinha — murmura ele, sem desviar o olhar da estrada. — Logo estarão com a gente.

Isso eu não permitiria. A dor que sinto por saber que ele havia executado a pessoa mais importante da minha vida me deixou anestesiada. Mas eu não seguiria com esse maldito para nenhum lugar ou deixaria as crianças a mercê de um homem como ele.

Eu teria um longo tempo, longo demais para sucumbir a minha dor, mas nesse momento, meu desejo é de vingança. Primeiro, eu preciso encontrar

alguma forma de escapar e garantir que Anne e os gêmeos fiquem em segurança.

— Boa garota — diz ele, concluindo que meu silêncio é uma aceitação do destino que ele havia traçado para mim. — Não será tão ruim assim, eu prometo.

Observo os estabelecimentos e pessoas passarem como um borrão pela janela. A minha vida assemelhasse a isso. Um imenso e destoante borrão preto e branco.

Pergunto-me quando algum dos meus amigos notará nossa ausência? De qualquer forma, que diferença faria se a idiota aqui não tivesse deixado escapar a única forma de entrar em contato com

eles.

Peter alertou-me que a qualquer momento um deles surgiria se eu acionasse. Bem, ele também havia falado que sempre teria alguém em torno da minha casa. Isso significa que alguém poderia estar seguindo o carro.

Controlo o impulso de me olhar para trás e verificar. Se Nathan se quer desconfiasse da possibilidade, eu não colocaria apenas a minha vida em risco.

O telefone toca e vejo-o atender apressadamente ao identificar o nome na tela.

Aproveito a oportunidade para olhar por cima dos ombros. Nenhum carro parece-me familiar. Ah não ser...

— Já está tudo solucionado, Falcão

— murmura ele. — Ninguém pode me ligar à morte da prostituta. A casa foi desativada também. Saio do país em algumas horas. Sim, eu estou com o pen drive. Até logo.

Falcão? Quem é esse homem e de que casa ele está falando? Acomodo-me no banco quando ele torna a olhar para mim e fixo meu olhar à frente.

A menos que eu esteja enganada, eu juro que vi a moto de Richard seguindo a distância. Meu coração acelera e meu corpo é coberto pela adrenalina. Eu só preciso esperar uma oportunidade. O primeiro vacilo dele e eu escaparia. Como Peter havia falado, ele me tinha nas mãos enquanto Neil ainda estivesse vivo, não é mais o caso.

— Negócios — diz ele, sorrindo abertamente.

Eu vejo tudo acontecer como se observasse fora do meu corpo. Alguns minutos depois estamos em frente a um hangar há alguns metros de um avião branco de pequeno porte.

Quando ele estaciona o carro, o pânico volta a me dominar. Não vejo a moto de Richard em parte alguma e sinto meu corpo travar.

— Desça!

Estou tão apavorada que nem ao menos o vi sair do carro e abrir a porta ao meu lado. Agarro-me ao banco até os nós dos meus dedos perderem a cor.

— Não! — respondo de forma desafiadora.

— Saia do carro!

Luto contra ele, mas cada minuto meus braços vão perdendo a força. Quando ele agarra-me pelos cabelos puxando-me para fora, as lágrimas que escorrem por meu rosto não foram causadas apenas pela dor, sinto-me desesperada.

— Pare com isso! — ele me arrasta em direção ao avião.

— Não!

Ouçõ barulho de carro aproximando em alta velocidade e meu corpo estaca. Nathan coloca-me contra seu peito, aprisionando-me. Escuto uma fredda brusca as minhas costas e dou graças a Deus que haviam chegado a tempo de me salvar.

— Nathan! — meu coração dispara
ao reconhecer a voz exaltada— Solte-a!

Neil! Ele está vivo?

Viro-me lentamente com medo que eu
possa estar sofrendo algum tipo de
alucinação traumática.

Não é um sonho ou uma visão, a
minha frente a poucos metros de mim.
Está o homem que é a razão da minha
existência. O homem a qual eu daria a
minha própria vida.

Nada mais me importa, a não ser ele.

Capítulo 27

Neil

Do momento que ele falou até o que eu processei suas palavras, teve um longo tempo. Qualquer coisa é difícil de assimilar quando um arrepio sobe por todo meu corpo. Racionar com clareza não é tão simples como eu me lembrava. Não sei se é devido à grande quantidade de fumaça que ainda queima em meu peito que está impedindo que as ondas cerebrais funcionem corretamente ou

meu anseio em reencontrá-la não deixe que eu pense em mais nada. Meus pensamentos estão fixos em uma pessoa — Jennifer e perigos que a cercam.

— De que raios de festa você está falando?

— Pegue meu telefone — Peter estende-o a mim. — Liam vai continuar seguindo-os e nos passará as informações.

Tomo o aparelho da mão dele e verifico a última mensagem.

Mudança de planos. Vou segui-lo. Venha depressa!

— Que planos são esses? — pergunto, alarmado. — Do que ele está falando?

Cruzarmos a pista que nos leva à

cidade e ele é obrigado a reduzir a velocidade do carro. Mesmo que ele queira extrapolar todas as regras de trânsito, os carros a nossa frente não permitiriam isso. Eu reconheço alguns edifícios conforme avançamos.

— O plano era que Jennifer e Nathan fossem até a casa de Paige e lá os rapazes o distraíssem. Parece que ele mudou de ideia.

— Porra, Peter! — encaro-o ensandecido. — Você garantiu que ela estava bem!

Ele pressiona o volante e respira fundo antes de me responder.

— Eu não sou o Super Homem, Neil, mesmo que às vezes pareça — desabafa ele. — Minha prioridade era encontrar

você, mas fiz tudo para garantir que ela ficasse bem.

Esfrego meu rosto e inalo profundamente, procurando manter a calma. Estou sendo injusto, eu sei. Mas quando eu me lembro dos riscos que ela corre. De tudo que Nathan é capaz de fazer,

Antes que eu possa me desculpar, outra mensagem aparece. O carro havia parado por algum motivo e Liam estava dividido entre segui-los de longe ou interceptá-los para resgatar Jennifer.

Por que Nathan havia interrompido a viagem, ou pior, o que poderia estar fazendo a ela? Calvin ou Dylan estariam com eles? Por que Liam não havia aproveitado a oportunidade para tirá-la

de lá? É o que eu teria feito.

Ao menos que ele estivesse armado, algo que não descarto.

Ligo para Liam, mas a ligação cai na caixa postal. Alguns minutos depois, outra mensagem aparece na tela. Por sorte e acho que foi a única vez que ela esteve ao nosso lado, a rota que Liam indica não é muito longe do nosso caminho, ainda assim, não me faz respirar com tranquilidade. Cada segundo ao lado de alguém inconstante e perigoso como Nathan é uma sentença de morte.

— Corre, Peter! —

— Meu carro não é o Optimus Prime, Neil — ironizou ele, e apesar disso, seu pé afunda no acelerador. — Não irá sair

voando.

Ao contrário de Liam, ele só faz piadas quando está tenso. Isso significa que a situação está pior do que eu poderia imaginar. Peter é um homem treinado para lidar com circunstâncias delicadas, claro que, quando há envolvimento emocional, vemos tudo de uma perspectiva diferente, mas ele é o cérebro aqui, vê-lo fora do seu habitual e inabalável autocontrole, arranha minhas estruturas.

Outra mensagem aparece e os zunidos em minha cabeça e as batidas aceleradas do meu coração ficam cada vez mais barulhentos e intensificam quando ao ler, dou-me conta das reais intenções de Nathan.

— Conheço essa região — murmuro, inquieto. — É onde fica o hangar onde tem um dos aviões da empresa de aviação. O desgraçado irá fugir do país e levá-la com ele!

— Não se pudermos impedi-lo — diz Peter, pisando no acelerador.

Ao longe, avisto a moto de Richard. Ele está chutando-a, dominado pela raiva.

— Liam? — Peter para o carro a alguns metros dele. — O que aconteceu?

— Acabou a gasolina — ele parece envergonhado.

— Porra, Liam, você não checkou o tanque? — Peter vocifera os olhos chispando fogo. — Em vez de médico, você deveria ter um diploma de

retardado!

— Eu não posso pensar em tudo, detetive — murmura ele, igualmente furioso. — Vigia a casa, Liam, segue o carro, Liam...

— Verifica a porra do tanque, Liam — Peter imita-o com voz infantil. — É a primeira regra básica...

— Há quanto tempo eles passaram por aqui? — inclino contra a janela do motorista para ter uma melhor visão do rosto dele.

Eles poderiam passar horas naquele jogo de provocação, é quase como se fosse um acordo de cavalheiros, algo que estão muito longe de ser. Eu corro contra o relógio, nesse momento, Nathan poderia estar nas alturas e a chance de

que eu volte a vê-la outra vez serão ínfimas. Nesse caso, morrer naquele porão imundo, doeria menos.

— Por volta de uns dez minutos — responde Liam. — Mas já não sei que direção tomaram.

— Sabemos para onde foram — murmuro antes de voltar ao meu lugar. — Vai Peter!

— Espere! — Liam pega as chaves da moto e pula no carro já em movimento. — Eu vou com vocês. Eu não vou perder o show.

Encaro-o zangado, não é o momento para uma de suas piadas.

— Pedi que Adam avisasse a polícia — ele se justifica. — O caldeirão vai ferver.

Isso me tranquiliza de certo modo. Nathan teria finalmente aquilo que merece, uma cela tão solitária como a que obrigou Jennifer a viver. Ainda que eu saiba que esse castigo seria muito pouco por tudo que ele já fez.

O carro praticamente voa em cima do asfalto, embora minutos antes, Peter tenha falado o contrário. Em poucos minutos, eu avisto um dos meus carros estacionados em frente o hangar, mas não foi isso que fez meu coração disparar em meu peito. Jennifer e Nathan estão engalfinhados em uma briga ferrenha. Ele, a todo custo tenta arrancá-

la do carro, enquanto ela luta contra ele. E quando ele a puxa pelos cabelos, algo mais poderoso do que a raiva toma conta de mim, me fazendo saltar do carro ainda em movimento.

Ouçó a freada brusca em minhas costas enquanto corro em direção a eles. O maldito está levando-a, tirando-a de mim. Não permitirei que isso aconteça.

— Nathan! — minha voz soa imperativa. — Solte-a!

Meus olhos percorrem por ela, seus cabelos vermelhos como fogo, agora soltos, caindo como cascata por suas costas, o corpo esguio delineado pelo vestido verde e finalizo nos pés delicados. Ela parece bem, embora o corpo rígido diga exatamente o

contrário.

Nathan a pressiona contra seu peito, cerro meus punhos na tentativa de controlar a cólera que a imagem causa a mim. Mas quando ela vira, conectando seus olhos aos meus, por cinco segundos, o tempo congela.

Dor. Alívio. Incredulidade. Alegria, e, acima de tudo, amor, refletem em seus olhos. Ela dá um passo em minha direção, mas Nathan prende-a pelo pescoço, colocando o revólver na lateral de sua cabeça.

— Você não morre desgraçado? — cospe ele, olhando-me cheio de ódio. — Nunca!

— Solte-a, Nathan — repito, caminhando vagorosamente até ele. —

Isso é entre nós dois.

— Claro! — ele solta uma risada histérica. — Tudo gira em torno de você. O todo poderoso Neil, que todos amam e curvam-se as suas vontades. Menos eu!

Ele caminha de costas em direção ao avião. Sigo-o com passos cuidadosos. Sinto Peter e Liam atrás de mim, mas sei que terei que resolver isso sozinho.

— Vamos entrar naquele avião e não há nada que você possa fazer — murmura ele. — Há não ser que queira ver os miolos dela espalhados por todos os cantos.

— Deixe-a e leve-me com você — murmuro num tom calmo. — Poderá fazer o que quiser comigo, sua vingança

estaria completa.

Não é uma oferta realizada no calor das emoções. Eu faria a troca sem ao menos pensar sobre ela. Mesmo que com isso eu estivesse vendendo minha alma ao diabo.

— Sabe, não é tão ruim que você esteja vivo — inicia ele com a voz aveludada. — Ter a certeza do quanto irá sofrer com a ausência dela — ele inala o perfume dos cabelos de Jennifer e lança-me um sorriso cínico — sabendo que todos os dias ela será minha, e o melhor de tudo, que vai delirar por cada toque meu quando a possuir, assim como foi da última vez.

— É mentira! — berra Jennifer lançando olhares suplicantes a mim. —

Ele nunca me tocou, não dessa forma.

Mesmo que as palavras dela não fossem verdade e que eu não tivesse certeza que tudo o que sai da boca dele são mentiras, ainda assim, mesmo que ele a tivesse tocado, isso não mudaria o que sinto por ela. Eu a amo como jamais amei alguém em minha vida. E se o que ele havia afirmado tivesse acontecido, eu encontraria uma forma de lidar, porque a amo acima tudo.

— Você não vai conseguir fugir — encaro-o possuído por uma raiva que jamais pensei em sentir. — A polícia chegará em instantes. Você pagará por tudo que fez, Nathan.

Eu penso em todas as pessoas que ele prejudicou, nossos pais, Willian e sua

irmã, Fabiana, Jennifer e nossos filhos. Ele não iria sair em pune, vangloriando-se de suas atrocidades, estruindo minha vida mais uma vez.

Nesse momento, percebo que qualquer sentimento que poderia ter sentido por ele não existe mais. De certa forma, isso é libertador. Não tenho ou me vejo obrigado a sentir-me culpado por nada. O que quer que venha a acontecer com ele, será fruto de suas ações cruéis e maléficas.

— Irá pagar por cada vida que destruiu, Nathan — continuo em uma voz calma e controlada. — É o fim da linha para você.

Tentar argumentar com ele não estava funcionando, de alguma forma, eu

preciso desequilibrá-lo.

Ouço o barulho das sirenes ao longe. Inicialmente, um som fraco que me faz perguntar se não estou imaginando coisas. Mas a expressão assustada em seu rosto confirma minhas suspeitas.

— Entregue-se — dou alguns passos em direção a ele. — É o melhor caminho para você.

— Vá se foder seu babaca! — diz ele descontrolado, dando mais alguns passos para trás. Ele afasta o revólver da cabeça de Jennifer apontando-o na direção de Peter, Liam e eu. — Fodam-se todos vocês!

Os movimentos seguintes surgiram de forma rápida e sincronizada. Vejo Jennifer, que até a poucos minutos

estivera imóvel, sob a ameaça da arma, inclina a cabeça, mordendo o braço ao redor de seu pescoço.

— Sua vadia! — vocifera ele soltando-a por um momento.

Aproveito-me de sua distração e avanço chutando a mão que segurava a arma, vendo-a cair alguns metros de nós.

— Corra! — ordeno a ela que corre em direção a Peter. — Agora é homem a homem!

O primeiro golpe acerta seu rosto, ele cambaleia dois passos para trás e com os olhos injetados de fúria, avança em minha direção. Um soco atinge meu estômago, e mais um no lado esquerdo do meu rosto, mas toda raiva que sinto, parece anestesiar a dor e cada golpe

dele contra mim.

Cerro os punhos e desfiro um novo golpe contra ele, seguido de outro e outro. Imagens como flashes disparam sobre meus olhos. Cada soco que dou é em nome de uma pessoa.

— Isso é pelo papai — golpeio-o — por Samantha, Willian e a irmã dele — mais um. — Por Kevin, Fabiana, meus filhos e Jennifer!

Atuo mecanicamente, guiado por todas as emoções conflitantes que me trouxeram até aqui.

— E esse é por mim! — outro murro em seu rosto.

Raiva, ódio, desespero, todas elas sendo liberadas e cada golpe contra o rosto dele, que em poucos minutos,

muda de forma sob meus olhos. Ele já não luta contra mim. E as mãos que estiveram cravadas em meu pescoço pendem ao lado de seu corpo.

— Chega, Neil — Peter segura meu punho antes que possa acertá-lo novamente — a polícia está aqui — ele tenta me puxar para seu lado. — Acabou.

Meu punho para a meio metro do rosto de Nathan ainda insaciáveis por justiça. Mas quando observo seu rosto, inchado, e me deparo com o mesmo sangue que banha sua face, dou-me conta que se matá-lo, eu me tornaria alguém como ele.

— Neil! — a voz suave a minhas costas foi o que me deu a força

necessária para me afastar.

— Jennifer — caminho em direção a ela. Eu temo que essa faceta em mim, a que é capaz de qualquer coisa, até mesmo tirar uma vida, seja algo da qual ela não consiga lidar. Mas quando ela corre para meus braços me abraçando forte, eu vejo em seus olhos, nada além de amor.

— Eu te amo! — sussurro, minhas mãos emaranhando em seus cabelos de forma. — Mais do que minha própria vida.

— Eu não perdi você — seu rosto banhado de lágrimas ergue-se para mim. — Não perdi.

— Não perdeu — encosto minha testa na dela. — Nunca perderá, eu juro.

Nesses míseros segundos, não há mais ninguém aqui, além de nós dois. Envoltos no amor que transmitimos um ao outro.

— Maldito — a voz, grunhida e baixa, faz o sangue em minhas veias congelarem. — Irá para o inferno comigo.

— Solte a arma! — um policial corre em nossa direção.

Antes que eu possa me virar e ver o que aconteceu, ouço a voz de Liam atrás de mim.

— Não! — o som do grito, seguido do som estridente de tiro, ricocheteia em meus ouvidos.

Um verdadeiro caos acontece em seguida. Jennifer esconde o rosto em

meu peito. Vejo três policiais dispararem seus revólveres às minhas costas. O barulho é ensurdecedor. Viro-me de lado e a cena a minha frente é uma das mais chocantes da minha vida. Em frente a mim está Nathan, caído sobre os joelhos, os olhos esbugalhados. O corpo metralhado balança umas duas vezes. Seus olhos encontram os meus e meio sorriso forma-se em seus lábios. Vejo seu dedo manipular o gatilho, em uma tentativa fracassada, antes de seu copo tombar para frente, sem vida.

Vê-lo morrer, embora que no fundo fosse meu desejo, pois só assim sentirei que teremos a paz que merecemos não me abalou tanto quanto ao corpo caído ao meu lado.

— *Liam!*

Jennifer se solta de meus braços e ajoelha-se no chão, colocando a cabeça dele em seu colo.

— Liam! — ela soluça, segurando seu rosto.

Caio ao lado dele, em transe. Ainda sem conseguir acreditar no que aconteceu. Ele entrou na frente da bala direcionada a mim. Meu amigo, o que eu mais tive desconfiança, havia dado a própria vida por mim.

— Por que você fez isso? — as lágrimas saltam de meus olhos e seguro sua mão fria. — Por que, Liam?

A resposta que tenho é um sorriso fraco antes dele fechar os olhos.

— Não! — Jennifer grita, balançando

o corpo junto com o dela. — Não morra!

A dor e desolação em meu peito é tão aguda como profunda, e a culpa e um arrependimento amargo, assolam-me.

— Não vá — soluço encostando a cabeça em seu peito. — Perdoe-me.

Eu não pedi desculpas, nem mesmo havia agradecido tudo o que ele tinha feito por mim. Liam poderia ter me virado as costas quando o acusei em minha casa, poderia nunca mais querer encarar-me de novo, pelo contrário, outra vez ele demonstra o quanto sua amizade é verdadeira.

— Afastem-se, por favor — um socorrista e sua equipe colocam-se ao nosso lado. — Senhora, saia.

Afasto Jennifer com gentileza.

Envolvo o corpo dela no meu, como um casulo enquanto ela chora copiosamente em meu peito.

— Ahh... — prendo-a junto a mim enquanto ela lamenta — Neil.

Vê-la sofrer dessa forma, devasta meu coração. Meu desespero é em dobro.

— Ele não está...— não consigo concluir a frase e minha voz soa estrangulada.

— Precisamos levá-lo para o hospital, imediatamente.

Assento com a cabeça, inconformado. Nathan havia conseguido fazer outra vítima. Liam não merecia isso. Pensar que talvez nunca mais seríamos alvos de suas piadas descabidas, não veríamos o

sorriso despojado, a simplicidade em seu olhar, a grandiosidade do seu coração. Todas essas características que o fazia único.

— O que aconteceu aqui? — Adam para no meio do caminho ao ver o corpo de Liam estendido na maca, ele se desespera. — Liam! Neil?

— Desculpe — mesmo que eu pudesse olhar para ele, a nuvem de lágrimas em meus olhos, me impediriam. — Desculpe-me, Adam. Eu sinto muito.

— Quem irá acompanhar a vítima? — murmura o paramédico, seguindo a maca que é empurrada às pressas. — Se há alguém é melhor que venha logo.

— Eu vou — murmura Adam. — Sou o irmão dele. Ele vai sobreviver?

Acompanho com o olhar a ambulância que sai em disparada com som da sirene ligada.

— Está morto? — não foi bem uma pergunta, mas uma constatação.

Peter agarra o revólver em sua cintura e atira três vezes, mirando na cabeça de Nathan.

— Se não estava... — ele grunhe — agora está!

Eu noto seu rosto também marcado pelas lágrimas, nenhum de nós ficaria imune ao que aconteceu aqui.

— Não devia ter feito isso! — repreende o policial que acompanha o corpo. — É violação de cadáver.

— É mesmo? — ele o encara com olhar furioso e ameaçador. — Então

prenda-me!

Ele quer briga, acho que é sua forma de lidar com isso. A única coisa de bom que meu irmão havia feito, se é que ele fez algo de bom nessa vida, foi fortalecer nossa amizade, ainda mais.

— Ninguém vai prender ninguém aqui — outro policial alto e negro, surge atrás dele, revelando sua credencial. — Esse é um caso do FBI, agora. Pode deixar comigo.

O oficial dá de ombros e continua a conduzir o corpo. Um deles interroga o piloto, só agora dou me conta de sua presença. Outros policiais iniciam o isolamento com faixas amarelas em volta da marca no chão.

— É uma pena termos que nos

reencontrar dessa maneira, Peter — murmura o agente do FBI e volta-se para mim. — Senhor Durant, precisamos do seu depoimento e da sua esposa.

— Eles não têm condições disso agora, Nicholas — Peter responde por mim. — Se você não percebeu, nosso amigo corre risco de morte.

— Quero vê-lo, Neil — Jennifer sussurra contra minha camisa. — Vamos para o hospital.

— Tá — começo a conduzi-la até meu carro, ainda meio desorientado.

— Eu levo vocês — Peter se prontifica. — Eu falo o que precisará saber depois, Nicholas.

Quando entramos no veículo, imediatamente ela salta em meu colo,

aninhando-se como uma menina tristonha.

— Espere — afasto-a um pouco de mim. — Estou sujo, suado e...

— Eu não me importo! — murmura ela, veemente. — Isso não me importa. Você está vivo e comigo.

Sorrio quando sua cabeça pousa na curva do meu pescoço e o perfume de seus cabelos invadem meus sentidos. Acreditei que jamais teria essa sensação novamente, o prazer segurá-la em meus braços, esse foi o maior de todos os meus pedidos durante aqueles dias incertos. O que eu não sabia é que talvez precisássemos pagar um preço alto demais.

Não! Afasto esse pensamento fúnebre

para longe. Liam é um homem valente e cheio de garra, ele não sucumbiria a essa tragédia e a vida não poderia ser tão injusta assim.

Peter entra em contato com Adam e meia hora depois, chegamos ao hospital para onde Liam foi levado. Na recepção, nos informam o andar no qual ele foi levado. Algumas pessoas nos encaram com curiosidade. Principalmente para Peter e eu. Estou sujo, manchado de fuligem e sangue. Ele porque se encontra descamisado, já que sua camisa havia ficado com Fabiana, os braços chamuscados, além de seu tamanho ser um pouco intimidador.

Chegamos à sala de espera e encontro Adam encolhido em um canto

da parede, próximo à janela com olhar perdido.

— Adam — aproximo-me tocando seu ombro. — Como ele está?

— Ainda não me disseram nada, mas ele não parecia bem — ele me encara. — Liam não merecia isso.

— Ele vai se recuperar — murmura Jennifer, ajoelhando ao lado dele, tomando as mãos dele entre as dela. — Tenha fé.

— Nathan está morto? — Adam dirige um olhar duro a mim.

— Sim — respondo.

— Isso é bom — as palavras saem ácidas de sua boca. — Caso contrário, eu mesmo cuidaria disso. Espero que ele queime no inferno, onde é o seu lugar.

As horas avançam, os pais e irmã de Liam chegam em seguida. Uma enfermeira surge avisando que ele está em cirurgia e que talvez precisasse de uma transfusão de sangue. Adam prontificou-se imediatamente em ser o doador e foi levado à sala para o início do procedimento.

Uma hora depois, ele retorna, sua mãe joga-se em seus braços, chorando enquanto a irmã permanece abraçada ao pai. Apesar do clima tenso das circunstâncias deprimentes, nenhum deles lançou-me olhares ou palavras acusadoras. Não que seja necessário, eu carrego dentro de mim a culpa suficiente por todos eles.

— Sr. Crighton? — o médico surge

na porta.

— Sou eu — o pai de Liam caminha até ele. — Eu sou o pai dele. Como meu filho está?

— Fizemos tudo que podíamos, senhor — diz ele, em uma voz macia e calma, naquele tom peculiar dos médicos. — Temos que esperar e ver se ele irá reagir. Isso levará algumas horas.

O médico olha de Peter para mim.

— Vocês precisam de atendimento?

— Não — respondemos juntos.

— Vão para casa e descasem — orienta o doutor. — Por causa da anestesia, se ele acordar, será apenas amanhã.

— Nós ficaremos aqui — insiste a mãe de Liam e olha para mim.

— Vá para casa, Neil — murmura Adam ao deparar com meu olhar vacilante. — Você precisa trocar essa roupa e descansar um pouco. Precisa avisar seus pais e cuidar do corpo. Eu mandarei notícias, assim que tivermos.

Eu poderia argumentar e dizer que ficaríamos aqui, mas esse é um momento familiar na qual eles precisam lidar com a própria dor. E tenho mesmo que avisar meus pais sobre Nathan. E dessa vez, cuidarei para que seu corpo fosse cremado e estarei presente durante todo o processo, não porque eu queira dedicar o meu último adeus, apenas quero garantir que ele sairia de nossas vidas, definitivamente.

Jennifer está exausta e visivelmente

abalada. A empatia entre Liam e ela foi perceptível desde o primeiro dia. Ele sempre a fazia sorrir, não importava as circunstâncias. De todos os meus, nossos amigos, arrisco-me a dizer que ele é o preferido dela.

— Vamos para casa — murmuro, suavemente para ela.

Ela consente com a cabeça e após nos despedirmos de todos, deixamos o prédio com esperança que ele se recupere logo. Desejo sinceramente que isso aconteça logo, caso o contrário, seria uma perda que abalaria a todos, deixando marcas profundas, principalmente para mim.

O caminho até nossa casa, embora tenha sido nuvioso também, estava

carregado de esperança. Enquanto seu coração continuar batendo, nós podemos acreditar em um final feliz.

— Eu não vou entrar — Peter informa, ele parece cansado. — Preciso falar com o agente do FBI e resolver mais algumas coisas.

— Obrigado, Peter. Jamais teria como retribuir tudo o que você fez, mas sempre que precisar estarei aqui.

— Obrigada por trazê-lo de volta — Jennifer abraça-o com carinho. — Jamais poderei pagar isso.

— Bem, eu preciso ir — diz ele, encabulado. — Vejo vocês amanhã.

A casa parece vazia e silenciosa. Assim que entramos, encontramos Paige e Richard no sofá. Ela estava deitada, a

cabeça apoiada no colo do marido, chorando, enquanto ele faz carinho em seus cabelos. Assim que notam nossa presença, Paige corre em direção a Jennifer. Afasto-me para o lado para que se abracem.

— Como ele está? — pergunta Richard ao meu lado.

— Vivo — respondo, baixo.

— Eu não deveria ter dado minha moto a ele — Richard balança a cabeça, inconformado. — Eu deveria ter ido e...

O único culpado dessa tragédia é Nathan, mas de certa forma, cada um de nós carregaria esse sentimento.

— Se há algum culpado aqui, sou eu, Richard — coloco as mãos nos ombros dele — Nathan era meu irmão e não

deveria ter envolvido vocês nisso...

— Não sejam ridículos! — Paige interrompe, indignada. — Não há nenhum culpado nessa sala! Aquele desgraçado do Nathan que causou tudo isso. Ainda bem que está morto. É egoísta de se dizer, mas se algo tivesse acontecido a você, Richard, eu não suportaria.

Ela cai em pranto enquanto ele a abraça soltando palavras carinhosas.

O silêncio após as palavras acaloradas dela foi relativamente longo. Na verdade, ela tem razão, deixar-nos levar por sentimentos tão nebulosos só faria com que o desejo de Nathan em nos ferir se realizasse.

— E as crianças? — Jennifer

pergunta a ela.

— Estão dormindo — responde ela,
— Ajudamos a colocá-las na cama.
Anne está no quarto dela e Claire está
com os bebês.

Eu quero vê-los, senti uma saudade
descomunal das crianças. Quando
lembro que eu poderia jamais revê-los
novamente, meu coração se contrai,
sinto uma dor aguda em meu peito.

Mas antes, preciso livrar-me dessa
roupa suja e o sangue asqueroso de
Nathan do meu corpo.

— Nós já vamos — Richard parece
ler o meu rosto. — Vocês precisam de
descanso, foi um dia longo. Voltamos
amanhã.

— Obrigado por tudo o que fizeram

— murmuro. As palavras saíram do fundo da minha alma.

Subimos as escadas e ao contrário do que imaginei, vejo-me no quarto de Anne, olhando-a da porta, enquanto dorme. Sem conseguir resistir, aproximo-me de sua cama e beijo seus cabelos macios com delicadeza para não despertá-la.

— Amo você, Anne — sussurro baixinho em seu ouvido. — Sempre amei.

Seguimos para o quarto dos meninos. A babá parece espantada ao me ver. Ainda não me olhei no espelho, mas sei que minha aparência deve estar assustadora. Lábio cortado, roupas manchadas, pele marcada pelas cinzas e

sujeira de dias sem tomar banho. Realmente, assustaria qualquer pessoa.

Aproximo-me pouco do berço, apenas o suficiente para admirá-los dormindo. Tranquilos e inocentes. Foram poucos dias que fiquei longe deles, mas para mim pareceram intermináveis. Eu pude sentir quase na mesma proporção, a dor de Jennifer quando ela foi separada deles.

Como é possível amar tanto, pessoas que há pouco tempo surgiram em sua vida? Não tenho resposta para isso, amo-os como amo Anne e Jennifer. Não é preciso uma explicação, o amor é o que é.

Seguimos para o nosso quarto e ela senta na cama, as mãos cruzadas em seu

colo e com olhar angustiado a mim.

— Ele ficará bem, não é?

Curvo-me diante dele, segurando suas mãos trêmulas.

— Ele que não se atreva — sorrio, tentando transmitir confiança.

Sua mão pousa em meu rosto, acarinhando-o com suavidade.

— Precisa livrar-se dessa roupa — ela beija meus lábios, o toque parece o bater de asas de um rouxinol, levando calor em meu peito. — Enquanto toma banho farei algo para você se alimentar. Não quero ao menos imaginar o que passou, sempre que penso...

— Shiii — selo seus lábios com os meus. — Acabou agora.

Apoio minha testa contra a dela.

— Tenho que ir? — afastar-me é penoso. — Tenho medo que seja apenas um sonho e você desapareça.

— Estou aqui — suas mãos cravam em meus cabelos. — Vá até lá, lave não apenas o seu corpo, mas a sua alma.

A água quente, saindo da ducha do chuveiro é o bálsamo do qual eu precisava. A sujeira e o sangue misturados a ela descem ralo abaixo. Aos poucos, a água de tonalidade escura vai clareando. É assim que sinto minha vida. Como se todos os tons escuros fossem desaparecendo.

Volto para o quarto e visto um pijama confortável. Jennifer ainda não havia retornado, então resolvo ir atrás dela. No meio do corredor, uma ideia surge

em minha cabeça e sigo para o quarto de Anne.

Pego-a em meu colo e levo para o meu quarto, faço o mesmo com os gêmeos, acomodando-os no centro da cama.

— Eu fiz sopa de ervilhas com bacon — murmura ela, entrando com o carrinho e estaca na porta ao observar a cena.

— Espero que não se importe — sussurro com a voz engasgada. — Preciso de todos vocês, anjo, muito.

— Oh! — Jennifer abandona o carrinho e corre para os meus braços, subindo em meu colo. — E nós precisamos de você, sempre.

A comida foi esquecida. Tudo o que

eu precisava estava aqui. As pessoas mais preciosas da minha vida e que eu amo de uma forma inexplicável.

Anne, agora ao lado de Jennifer, dormindo abraçada a ela. Os bebês no meio da cama, entre nós dois. Raphael com o dedo na boca, sugando-o como faz com a mamadeira e Gabriel com um meio sorriso nos lábios, provavelmente encantado com algum sonho infantil. Jennifer sorri para mim, os olhos marejados e sei que experimenta as mesmas emoções que eu.

Nossa família unida outra vez. Não pedirei mais nada nessa vida, além disso.

— Eu amo vocês — estico minha mão para alcançar a dela.

— E eu te amo — ela soluça entrelaçando seus dedos nos meus.

Foi assim que terminamos esse dia, nesse casulo intransponível, repleto de amor.

Acordo com um par de olhos negros e um sorriso travesso em meu rosto.

— Oi — noto as janelinhas, na qual despontam os dentes superiores e sorrio de volta.

— Oi.

— Não está mais bravo comigo? — pergunta ela, mordendo os dedos.

— Por que eu estaria bravo? — apoio em meus cotovelos para olhá-la

melhor.

— Porque você foi mal comigo —
ela funga. — Não me ama mais?

Não quero pensar nas coisas
absurdas que Nathan pode ter falado ou
feito a ela. Tudo que desejo é que Anne
tenha certeza dos meus sentimentos e
que jamais a farei sofrer.

Levanto-me e pego-a no colo.

— Vem. Não vamos acordar a mamãe
— murmuro, baixinho, carregando-a até
seu quarto.

— Anne, muitas pessoas podem amar
você — acaricio a bochecha dela. —
Mas o que eu sinto por você vai muito
além disso. Sim, eu te amo muito.

— Também amo você, pai — ela me
abraça apertado.

— Aquele não era eu.

Eu conto a ela de uma forma que não a deixe traumatizada quase tudo o que havia acontecido. Algumas pessoas teriam falado que deveria ter esperado até que ela estivesse pronta, mas não quero reiniciar a vida com minha família, faltando com a verdade. Um dia ela saberia sobre isso, então que fosse pelos meus braços, e que se ela precisasse chorar, que fosse em meu peito.

Para minha tranquilidade, mesmo ficando um pouco confusa, Anne lidou com todo o ocorrido muito bem. Ela não sentiu a morte de Nathan, o pouco que conviveu com ele destruiu qualquer sentimento que ela poderia ter. No

passado, eu havia resguardo a imagem dele da melhor forma. Agora, depois de tudo o que ele fez, não tenho como continuar mantendo essa ilusão. O que importa é que eu estaria ao lado dela. Amando, cuidando, protegendo e garantindo que ela seja feliz, como sempre fiz.

— Você faz panqueca para mim? — Pergunta Anne, assim que entra no quarto dos gêmeos.

— Lavou as orelhas direito? — provoco-a antes de colocar o bebê para arrotar.

De acordo com ela, agora pode

cuidar de si mesma. Minha princesa está crescendo. Sinto orgulho e pesar ao mesmo tempo. Daqui alguns anos, algum moleque atrevido baterá em minha porta para levá-la ao seu primeiro baile. Essa possibilidade me deixa nervoso.

— Papai! — ela revira os olhos diante da minha pergunta.

— Fica de olho neles? — pergunto a Claire, após colocar Raphael no berço.

— Claro, senhor.

— Vamos às panquecas, Terremoto!

Jogo-a em meus ombros e saímos correndo pelo corredor ao som de seus gritos e gargalhadas. Antes de chegarmos à cozinha, coloco-a no chão.

— Peça para Geórgia ir separando as coisas — digo a ela. — Preciso fazer

uma ligação.

— Tá bom — observo-a correr até a cozinha.

Ligo para Adam, mas a resposta continua a mesma. Não teve alteração no caso de Liam e ele ainda corre risco de morte. Coloco o telefone no gancho com raiva, sinto-me frustrado e impotente.

Sigo para cozinha e recebo um abraço apertado de Geórgia.

— Que bom que está aqui — diz ela com a voz estremecida. — Lamento o que aconteceu.

— Obrigado — não me refiro apenas a suas boas-vindas e ela sabe disso.

Geórgia está comigo há muito tempo. É um membro de minha família.

Começamos a preparar o café da

manhã. Ocupo-me com as panquecas, enquanto Anne ajuda a colocar a mesa. Jennifer ainda está dormindo, pretendo levar o café na cama.

E quando Geórgia inicia a música que costumava a cantar com Anne quando ela era menor, nós a seguimos sem pestanejar. Cantar verdadeiramente faz bem à alma e nós precisamos para acalmar nossos corações machucados. Em poucos minutos, seguimos um rimo alegre e desafinado.

*O velho McDonald tinha uma
fazenda*

I a ia oh

*E em sua fazenda tinha algumas
vacas*

I a ia oh

Com um mu-mu aqui

E um mu-mu há

Aqui, um mu, há um mu...

— O que está acontecendo aqui? —
Jennifer e a babá surgem na porta com os gêmeos.

— Hora da panqueca — respondo, com olhar decepcionado. — Eu faria uma surpresa na cama se não fosse antecipada.

— Também queremos fazer parte da festa — ela sacode a mão do bebê e senta em uma das cadeiras do balcão ao meu lado.

Os pequenos olhos azuis me encaram compenetrados e sujo sua bochecha com farinha.

— Alguma novidade? — pergunta

Jennifer antes de irmos para mesa.

— Nada ainda — respondo apesar do nó em minha garganta. — Mas teremos em breve.

A cada hora eu tenho mais certeza disso. Liam não é o tipo que desiste com facilidade. E quando ele acordar, todos estaremos lá ao seu lado.

— Onde está o Traquinas?

Dou-me conta de que não havia escutado seus latidos ainda. Ele sempre é muito agitado pela manhã e Anne sempre o trás para comer as sobras dela, mesmo com minhas proibições.

— Está morto, papai — diz ela com olhar triste.

— Morto? — pergunto, surpreso. — Como isso aconteceu?

Sinto por Anne, ela tinha uma verdadeira paixão pelo bichinho.

— Afogou-se na piscina — soluça Anne, e levanta para abraçar Jennifer. — Eu o encontrei.

Isso é impossível, sempre fui categórico com os empregados sobre manter a piscina coberta, a ordem foi dada mesmo antes do cachorro chegar, quando Anne nasceu.

O choro sentido e a angustia no olhar de Jennifer aliado com a familiaridade de um evento em meu passado, dão a resposta que preciso. Havia sido mais uma das maldades do Nathan. Não apenas para magoar Anne, mas para me atingir. Bem, ele havia conseguido. O cachorro não era especial para mim

apenas porque me afeiçoei a ele, foi o presente mais puro que poderia ter dado a Jennifer.

Pensei que sentimentos sombrios como ódio, haviam me abandonado quando eu presenciei seu corpo sem vida, mas esse fato novo abala-me. Até quando as atitudes cruéis de Nathan poderão influenciar nossas vidas? Até mesmo algo simples como compartilhar o café da manhã foi manchado por ele.

— Eu vou tomar banho — é a única desculpa que consigo encontrar para não desabar diante delas.

Enquanto a água escorre pelo meu corpo a dúvida procura uma brecha em meu peito. E se Liam não conseguisse se salvar? E Se destino dele fosse o mesmo

que o do pobre cachorro? Se ele fosse mais uma das vítimas do meu irmão? Como eu conseguiria viver com isso?

— Neil? — sinto o toque delicado em meu ombro. — Não se sinta assim.

Eu não quero mais me sentir dessa forma. Não quero mais que meu irmão continue ditando as regras de nossas vidas, manchando-as com suas ações perversas.

— Preciso de você — puxo-a para dentro do box comigo. — Ajude-me a esquecer, Jennifer.

Esse é um momento em que nossos corpos falam mais do que nossas almas e coração. O momento que nós dois precisávamos. Aqui não há espaço para dor.

— Amo você — prendo seus braços em volta do seu pescoço e as pernas em minha cintura. — Amo tudo em você. Deus, como senti a sua falta.

Beijo-a com paixão, ajudando-a livrar-se de suas roupas. Esperei por isso um tempo longo demais.

— Amo o gosto da sua boca — passo a língua pelos seus lábios inchados por meus beijos, e mordo lábio inferior com leveza, sugando-o, antes de introduzir minha língua em sua boca outra vez, beijando-a de um jeito faminto — amo seu cheiro — deslizo o nariz pelo rosto dela, parando em seu pescoço, chupando-o. — Amo o jeito com que se derrete quando a toco aqui — pressiono-a contra parede com meu

corpo, manteando suas pernas enroscadas em minha cintura, enquanto minhas mãos pressionam seus seios, de forma exigente. Inclino a cabeça e sugo um mamilo erigido, depois o outro, e ela contorce-se em direção a mim, gemendo.

— Neil — meu nome, como um gemido em seus lábios, deixa-me ainda mais alucinada de desejo. — Ohhh...

— Amo quando geme assim, enlouquecida — escorrego minha mão de seu seio, passando pelo ventre e chegando ao seu clitóris, resvalando meus dedos sobre ele.

— Ahh — o corpo dela convulsiona e sinto que está pronta. Eu já estou, desde o momento que a vi.

Em um único movimento, estou dentro dela, o calor de seu corpo e a forma com que ela se encaixa perfeitamente a mim, me deixa louco. Iniciamos uma sincronia perfeita. Eu a tomo e ela se entrega a mim.

— Isso! — ela convulsiona quando a penetro novamente em uma estocada profunda. — Por favor!

Ela sempre pede mais quando está perto do ápice e não há nada que eu negue a ela, nunca houve. Volta investir profundamente enquanto ela geme ensandecida.

— Goza! — sussurro em seu ouvido, mordiscando sua orelha. — Goza comigo!

Quando igualo o movimento de minha

mão no seu ponto de prazer com meu pau entrando e saindo dentro dela, vejo-a desabar em meus braços, os gemidos agora são gritos abarrotados de luxúria. Eu sigo-a em um orgasmo que faz minhas pernas bambearem, derramando-me dentro dela, jatos quentes de um prazer intenso e desenfreado.

— Poderia ficar aqui para sempre — murmura ela, beijando meu peito.

Estamos na cama agora, após fazermos amor novamente, sob os lençóis.

— Eu também — admiro seu rosto e esfrego o nariz no seu. — Mas...

— Temos pendências que nos

esperam — murmura ela, levantando-se.

Admiro o corpo esguio, os sinais da gravidez começam a desaparecer, gradativamente, mas mesmo que não acontecesse, eu não me importo, nunca estive tão linda.

— Dez minutos a mais não farão diferença — puxo a de volta, encaixando-a mim.

— Dez minutos? — ela treme quando começo a penetrá-la, devagar.

— Certo — gemo quando me sinto todo dentro dela. — Meia hora.

Não importa quanto tempo passe ou quantas vezes seguidas fizermos amor, sempre vou querê-la da mesma maneira.

Quando descemos, a primeira coisa que faço é ligar para minha mãe.

Providencio para que meus pais venham o mais rápido que puderem. Não foi preciso entrar em muitos detalhes, já sabiam sobre Nathan, ele estava chantageando-os com ameaças.

Após deixarmos Anne na escola, vamos direto para o hospital. Os pai e irmã de Liam haviam ido para casa tomar banho e trocar de roupa. Adam e a mãe continuaram, irredutíveis.

A cada troca de plantão, um médico vinha informar a família sobre o progresso do caso, mas até o momento não tinham nada mais para informar além de que o estado dele ainda era muito delicado, mas que ele luta para sobreviver.

Jennifer sai para buscar café para

Adam e a mãe dele, e retorna com Richard e Paige. Peter aparece alguns minutos depois.

Olho ao redor da sala. Cada um em um canto. A mãe de Liam reza com Jennifer e Paige em um dos sofás. Peter parece introspectivo em frente à janela. Adam anda de um lugar a outro, esfregando as mãos. Richard está apoiado contra a parede, o olhar fixo no chão e eu, bem, eu tento me manter calmo.

Quando o médico surge na porta, todos voltamos para ele. A angustia e o medo visível em cada olhar.

— Como meu filho está, doutor? — a mãe de Liam corre até ele. — Como está o meu filho.

Tenho a certeza que ninguém nessa sala respira enquanto aguarda a resposta dele.

— Ele vai sobreviver — o médico sorri. — O pior já passou e ele já está acordado.

Adam abraça a mãe, Paige corre até Richard. Peter senta no chão abraçando os joelhos e Jennifer joga-se em meus braços. Todos choramos e agradecemos aliviados.

Capítulo 28

Jenny

É como se a última barreira houvesse desmoronado. Finalmente, eu sinto que a paz e tranquilidade reinarão em nossas vidas. Não há mais riscos, ameaças ou sentimentos de incertezas. Nós havíamos conquistado o direito de ser feliz. Cada lágrima, dor e sofrimento de alguma maneira, nos fortaleceu. Embora nosso fardo tenha sido duro, terminamos ainda mais unidos que antes. A prova disso, somos todos nós juntos, aliviados com a

certeza que Liam continuaria entre nós, por longos anos e não há uma única pessoa nessa sala que não esteja cheio de emoção.

— Graças a Deus! — a senhora Crighton abraça o médico que ri do gesto espontâneo e emocionado. — Podemos vê-lo?

— Apenas duas pessoas por dez minutos — responde ele. — Embora ele esteja fora de perigo, não queremos cansá-lo desnecessariamente — o médico olha para cada um de nós. — Vocês poderão voltar amanhã quando ele for transferido para o quarto.

— Meu marido deve estar chegando em minutos — murmura a senhora Crighton, apreensiva.

— Peça que não demore ou não o encontrará acordado — ele sorri e desaparece no corredor.

Adam afasta-se com o celular no ouvido, creio que para dar as boas novas ao pai e a irmã. Solto-me de Neil, mas mantenho a mão dele presa a minha e juntos, caminhamos até a mãe de Liam.

— Estamos muito felizes que ele esteja bem, Lindsay — segura a mão dela. — Pode dizer a ele que estivemos aqui e que agradecemos muito pelo que fez?

— Vou dizer que estiveram aqui — ela sorri para nós dois. Parece-me que havia rejuvenescido alguns anos, desde que soube que Liam está fora de perigo. — Vocês podem agradecer amanhã.

Tenho certeza que ele ficará feliz em vê-los.

Meu único receio era que de certa forma, independente do fim que essa história teria, é que os pais de Liam e Adam, nutrissem mágoas e ressentimentos contra nós. Acho que seus pais, mesmo abalados e afligidos, sabiam que o gesto dele foi conduzido pelo amor que ele tem por seus amigos e todas pessoas que ama.

O gesto dele provou que todos nós, seríamos capazes de algo semelhante um pelo outro, acredito que sabíamos disso, muito antes. Foi a mais linda e generosa prova de amor que marcará nossas vidas para sempre.

— Estaremos aqui — Neil abraça

meus ombros. — Sem sombra de dúvidas.

Quando Roger e Katty cruzam a entrada, Lindsay despede-se de nós para se unir a eles. Suspiro ao observar a cena comovente. Neil aperta-me junto a ele e sorrio ao contemplar seu rosto lindo.

— Sobre aquele assunto — Peter aproxima-se de nós. — Só tem que assinar os papéis. O corpo já foi liberado.

— Obrigado — Neil agradece. — Ah, Peter, sobre a Fabiana, sabe se ela está bem?

— Concidentemente ela está aqui — murmura ele. — Passei pelo quarto dela antes de vir para cá.

De quem eles estão falando e quem é essa mulher? Não que tenha ciúmes e desconfiança, eu não preciso que Neil me dê provas de seu amor e fidelidade, na verdade, isso nunca foi necessário, apenas simples e pura curiosidade me move.

— Podemos visitá-la? — pergunta Neil.

— Sabia que faria esse pedido — ele sorri. — Pedi autorização, dada as circunstâncias a qual estiveram. Acho que será bom para ela ver um rosto conhecido.

Peter informa o número do quarto e andar antes de sair. Paige e Richard despedem-se de nós, e eu fico de frente a ele com olhar expectante.

— Então, quem é a mulher misteriosa?

Ele respira fundo e coloca uma mecha de meus cabelos atrás da minha orelha.

— As coisas aconteceram rápido demais — murmura ele. — Acabei esquecendo de falar sobre ela. Antes que eu fale sobre ela, você deve saber que devo minha vida a ela. Peter não teria me encontrado e nem estaria vivo sem a ajuda da Fabiana.

Bom, se ela tinha o ajudado quando mais precisamos de apoio, já se tornou minha mais nova amiga.

— Ela esteve presa naquele porão, comigo — a expressão em seu rosto modifica-se, levemente. Uma coisa é

estar preso sobre a mira da lei. Outra completamente diferente é ser acorrentado e vítima de torturas. Eu desejo profundamente que esses dias nebulosos não tenha deixado feridas profundas. Mas isso, só o tempo dirá. Eu me lembro que passei muitos anos assombrada pelo rosto e olhar diabólico de Nathan. Apenas o amor que encontrei em Neil, me deu forças para enfrentar esses fantasmas.

Acho que vê-lo morrer, colocou uma pedra sobre isso. Eu havia fechado a última página. É hora de construir uma nova e linda história.

Enquanto caminhamos em direção ao quarto, ele relata como haviam se conhecido, a agressividade inicial que a

jovem teve ao imaginar que ele fosse o irmão, como uniram-se para tentar encontrar uma forma de escapar, como ela havia se arriscado nos últimos minutos para que ele não morresse sufocado, e as torturas de Nathan contra ela e o significado daquela casa.

A cada palavra que ele narra minha empatia pela garota vai aumentando, ainda mais quando soube que é muda. Eu senti na própria pele as dificuldades que uma deficiência acarreta. Não sei ou não tenho como dizer qual das duas é mais difícil, foi muito complicado eu ter que me adaptar àquela realidade, algumas vezes foi assustador, principalmente em situações de perigo. Não poder falar ou pedir ajuda, deve ter sido angustiante

para ela. Ainda mais estando nas mãos de um ser desprezível feito Nathan.

Assim que o guarda parado em frente o quarto dela nos dá autorização para entrar, Neil bate na porta e aguardamos alguns segundos.

O quarto é similar a qualquer que vemos em hospitais, paredes brancas, a cama no canto esquerdo com suporte de soro ao lado, no lado esquerdo, fixa na parede, uma pequena TV desligada.

A primeira coisa que noto é que a garota é bonita, exótica, eu diria. Negra, cabelos castanhos encaracolados, olhos castanhos claros, não consigo calcular a distância que estamos, mas tenho quase certeza que é menor do que eu. Ou talvez seja o olhar fragilizado que a faça

parecer menor. Lembra-me um daqueles animaizinhos assustados que se escondem atrás de nossas pernas

— Olá, Fabiana — cumprimenta Neil com um sorriso acolhedor.

Ela retribui o sorriso, mas fecha o rosto ao notar minha presença. Consigo captar o olhar de medo e desconfiança em seu rosto. Compreendo-a, voltar a confiar nas pessoas não será uma tarefa fácil para ela.

Sorrio também para que ela saiba que não represento perigo algum.

— Essa é minha esposa, Jennifer — apresenta ele. — Acho que falei muito sobre ela.

Ela balança a cabeça e desvia o olhar de mim, encarando a parede a sua frente.

Aproximo-me da cama com cuidado, não quero assustá-la ou constrangê-la mais do que está.

— Gostaria de agradecer tudo o que você fez — murmuro com a voz emocionada. — Se você permitir, gostaria que fôssemos amigas.

Toco suas mãos tensas sob o lençol branco. Ela encara Neil como se buscasse ajuda, mas não afasta minha mão da sua.

— Você tem dois novos amigos aqui — murmura ele, indo para o outro lado da cama, segurando a outra mão dela. — Não iremos deixá-la sozinha.

Vejo seus lábios tremerem levemente, e que ela faz um grande esforço para controlar as lágrimas, não posso dizer o

mesmo, eu sempre fui do tipo chorona. Essa menina, pois apesar de todas as coisas que passou, ainda é uma menina, necessita de amor e carinho, e, havia encontrado as pessoas certas. Neil não deixaria mais nenhum mal acontecer a ela e comigo ela encontrará uma amiga verdadeira. Bem, Paige e suas ideias estapafúrdias, ela será encarregada de arrancar muitos sorrisos dela, tenho certeza. E há todos os outros meninos, como cavaleiros errantes que também a acolherão com toda sinceridade dos seus corações.

As coisas parecem fazer sentido para mim agora. Embora enquanto vivíamos sobre a ameaça de Nathan tenha sido aterrorizador, talvez fosse necessário

que algumas coisas acontecessem. Precisávamos resgatá-la. E eu acredito em destino. Talvez os nossos estivessem traçados.

Ficamos algum tempo por lá. Neil a colocou a par de tudo o que havia acontecido desde que eles foram resgatados. Embora cada vez que ele citasse o nome de Nathan, ela se contraísse. Notei o suspiro de alívio quando ele informou que seu algoz havia morrido, de forma trágica. Embora para ele, aquilo tenha sido muito pouco.

Saímos dali com a promessa de visitá-la no dia seguinte quando viermos para ver Liam. Creio que ela gostará muito de conhecê-lo.

Assim que entramos no carro e

Calvin fecha a porta, Neil me puxa para seu colo, meus joelhos dobrados no banco do carro, e minhas pernas abraçando cada lado de sua cintura.

— Neil — ronrono quando suas mãos passeiam suavemente pelas minhas coxas, causando pequenos arrepios sensoriais em minha pele. — O que está fazendo?

— Beijando-a — ele sorri de um jeito safado antes de morder meus lábios deixando aérea. — Pensei que fosse óbvio.

Suas mãos grossas agarram a barra do meu vestido e levanto-o vagarosamente até minha cintura, sem nunca desviar os olhos dos meus.

Agora entendo a sua insistência e

olhar travesso quando insistiu que eu colocasse aquele vestido em vez da calça jeans que eu havia escolhido.

— Calvin...

— Não pode ouvir nada — ele indica a divisória que nos separa do motorista. Ele me inclina para o lado e aperta o botão de comunicação. — Calvin, dê uma volta pela cidade — seus olhos cravam em meus seios e ele morde a boca de um jeito sedutor. — Eu quero apreciar a vista.

— Perfeito, Sr. Durant — agarro-lhe os cabelos, esfregando-me contra ele. — Se ele desconfiava de algo, agora tem certeza. Você é um homem pervertido.

O som rouco e *sexy* de sua risada faz o meu corpo tremer, desejo-o tanto que

pouco me importa se toda Nova Iorque pudesse ver.

— Todo homem apaixonado é um pervertido — murmura ele, levantando meus quadris e abaixando minha calcinha até os joelhos. — O que faz de toda mulher apaixonada uma devassa. Só é preciso o incentivo certo.

Eu cerro meus olhos, fico extasiada quando sinto dois dedos dentro de mim enquanto o polegar massageia meu clitóris sensível e impaciente por seu toque.

— A devassa e o pervertido — ronrona ele, abocanhando meu seio sob o tecido do vestido. — Um bom título para um livro.

Eu não faço ideia do que ele esteja

falando. Meu corpo e mente são apenas sensações. Os efeitos que os dedos dele fazem dentro de mim, preparando meu corpo. A forma com que sua boca tortura meus seios fazendo com que eles queiram mais e mais e, sim, o dedo dele tocando o centro do meu prazer, afugentam qualquer possibilidade de um pensamento racional.

Eu tenho pressa, então de modo afoito e desesperado, minhas mãos trépidas voam em direção a sua calça, e onde encontro seu membro duro e potente.

— Ah, porra! — ele geme, inclinando para frente quando meus dedos o tocam indo da base a ponta, em movimentos frenéticos. — Porra,

Jennifer.

Eu me sinto a mulher mais *sexy* e poderosa do planeta, vendo-o gemer o contorcer com meu toque. Continuamos assim, ele me castigando, me levando ao as portas do paraíso para me fazer recuar, praticamente chorando e implorando por mais, em contrapartida, eu sei o que, e como ele gosta, então cada vez que um chega mais longe em suas provocações, o outro revida, de forma tortuosa.

— Chega! — urra ele, erguendo-me apenas o suficiente para que seu membro tenha acesso fácil e rápido a minha vagina. — Porra, bebê.

Meu grito é abafado por seus lábios quando ele me toma, fazendo-me dele.

Cada parte minha vibra quando os movimentos sutis passam a ficar mais intensos. Eu sinto como se meu corpo fosse derreter como ferro em brasa quente.

— Assim, isso, querida — suas mãos cravam em minhas coxas e eu acompanho no movimento de ir e vir, engolindo-o. — Vou fodê-la até você querer desmaiar.

— Aiii... — com sua mão enrolada em meus cabelos e a outra incitando exatamente onde ele sabe que me fará desfalecer, eu voo alto, acompanhada por ele e seus gemidos em meus ouvidos.

Eu sempre afirmo que a última vez fazemos amor, é a melhor de todas e eu

nunca estou errada, foi incrível.

Quando chegamos em casa encontramos meus sogros tomando chá, na sala. Eu poderia culpar o vento gelado lá fora pelo rubor em meu rosto, mas seria uma desculpa estapafúrdia. Se ela notou os sinais em nossos corpos preferiu ignorar.

Meu Deus, acho que estou mesmo me transformando em uma mulher devassa como ele havia dito.

Após cumprimentá-los, deixo-os sozinhos, eles têm coisas importantes a fazer que não desejo ou tenha pretensão de fazer parte. Como cuidar do enterro

de Nathan. Seu corpo será cremado e não haverá velório, lágrimas ou despedidas.

Vou para o cômodo da casa que mais me deixa feliz, o quarto dos bebês. Eles não dão trabalho, embora um deles seja mais escandaloso quando está com fome.

Claire está sentada ao lado do berço, folheando uma revista. Recebe-me com um sorriso quando me vê e indica que eles estão dormindo. Resisto à tentação de acordá-los se os pegasse no colo, então os observo do berço.

— Jenny? — Lilian surge na porta algum tempo depois. — Posso falar com você um minuto?

— Claro — sigo com ela para fora e

vamos até o quarto de hóspedes onde ela está instalada.

Assim que entramos, ela caminha até a janela e observa o cair da tarde, por algum tempo. Eu aguardo em silêncio, esperando que ela encontre seu momento para o que tem a dizer.

— Já tivemos essa conversa antes — ela inicia, virando-se para mim. — Mas eu gostaria que as coisas ficassem claras e que o passado seja enterrado junto com meu filho.

Apenas assento com a cabeça e sento na beirada da cama para ouvi-la.

— Eu nunca entendi o Nathan — sua voz falha por um momento. — Às vezes ele era doce e outras, cruel. Neil era tão diferente. Não que ele fosse

santo, quando queria uma coisa, ele era persistente, mas de uma forma saudável, entende? Neil conquistava as coisas, Nathan pegava-as. Além disso, a relação com o pai, nunca foi um mar de rosas. Nathan odiava regras e a obedecer ordens.

Eu não preciso que ela faça comparações entre eles para saber o quanto eram diferentes. Só que eu vejo que ela precisa desabafar com alguém. Acho que Lilian nunca teve uma amiga para momentos assim. Isso me parece triste.

— A relação do Neil com o pai era bem diferente — ela suspira e senta na cama ao meu lado. — Eles eram muito parecidos. Quando ainda eram

meninos, Anthony levava-os para a empresa. Neil amava acompanhar o pai. Nathan odiava ficar trancado no escritório, preferia ficar correndo pelo prédio, importunando as pessoas até que meu marido se cansou e acho que piorou ainda mais a relação entre eles. Eu me sentia culpada. Algumas vezes escondia coisas que ele fazia para protegê-lo. Ela faz uma pausa como se mergulhasse em fatos dolorosos do passado. Quando ele afogou o gato... — sua voz falha. — Eu simplesmente não quis acreditar que meu filho, ainda menino, pudesse ser daquele jeito. Quando pedi que Neil fosse para o quarto dele foi para que não presenciasse a cena. Não queria que

Neil visse em Nathan o que eu via, alguém tão cruel como meu pai. Não sabia que desde dessa época Nathan envenenava-o contra mim. Em sua mente louca, eu pertencia a ele e Anthony ao Neil. Cometi muitos erros, afastei meu filho de mim para salvar um que já não tinha salvação.

— Lamento que as coisas tenham sido dessa maneira — seguro a mão dela. — Mas não se culpe. Nathan fez suas próprias escolhas.

— Ele esteve ao lado do pai quando ele teve o derrame — murmura ela com a voz inconformada. — Deixou-o lá para morrer. Um filho que faz isso com o próprio pai, isso não é natural. Depois ele nos ameaçou e fez de você

refém, sequestrou o próprio irmão — ela luta contra as lágrimas e faço o mesmo para conter as minhas. — Aquele dia... eu ia contar tudo a você, mas ele nos ameaçou. Eu tive muito medo, sabia que era capaz de tudo e só pude rezar. Eu sinto muito...

Lilian chora escondendo o rosto entre as mãos.

— Não tem porque se desculpar — abraço-a forte. — Eu sei que não teve escolha. Fizemos o que precisava ser feito. Eu sou mãe, Lilian, imagino o quanto foi e ainda é duro para você. Tenho certeza que sua dor e esse vazio em seu peito jamais serão preenchidos. Mas ainda tem um filho maravilhoso e netos lindos, espero que eles consigam

completá-la de alguma forma.

— Obrigada por ser tão boa comigo — murmura ela, secando os olhos. — Mesmo quando fui tão má com você.

— Todos cometemos erros — sorrio para ela. — A diferença é se nos arrependemos ou não.

Minutos depois e já recuperadas, retornamos ao quarto dos gêmeos. Anne se junta a nós e a algazarra está completa. Neil e Anthony ficaram no escritório até o jantar e quando retornaram, observo que também colocaram uma pedra sobre o assunto. O que está feito, está feito, remover o passado só traria mais magoa e ressentimento. O importante é que voltamos a ser uma família linda.

No dia seguinte, antes de irmos visitar Liam passamos na delegacia para dar nosso depoimento e formalizarmos o ocorrido. A pior parte foi ter que lidar com a imprensa. Neil ainda não gosta dela, isso não havia mudado muito.

Quando chegamos ao hospital e para minha surpresa, todos os nossos amigos, exceto Peter, já estavam no quarto com Liam. Com a mesma ênfase que o médico havia proibido ter tantas pessoas ali, Liam havia insistido para que todos entrassem. Acho que os médicos são os piores pacientes do mundo. Ele acha que está completamente curado, pelo que

soube, até havia insistido em receber alta e voltar para casa. O que foi negado, claro. Aqui ele não é o reizinho, mas um súdito como qualquer um, o que o deixou bem mal-humorado. Enfim, descobrimos alguma coisa que o tira do modo debochado.

E o clima alterado não diz respeito apenas a Liam. Parece haver algo estranho entre ele e o irmão. Se eu não tivesse visto como Adam ficou transtornado quando Liam foi hospitalizado, diria que está profundamente magoado. Mas o que o Liam poderia ter feito em tão pouco tempo. Pelo olhar que Adam lança a Penélope vez ou outra quando acha que nós não estamos olhando, eu sinto que é

algo relacionado a ela. Liam e Penélope? Não faz o menor sentido, além disso, onde entra Juliene nessa história. E eu que pensei que minha vida fosse complicada.

— Por que você fez isso seu idiota — murmura Neil, dando um tapinha de leve na cabeça dele. — Queria uma vaga como Superman? Sinto informar, mas ele não faz parte dos vingadores, terá que se empenhar mais se quiser se juntar à equipe.

Neil indica os rapazes e nós começamos a rir.

— Há, hã — ele revira os olhos. — Tony Stark e seu bom humor.

Eu o encaro seria.

— Nunca mais faça uma loucura

como essa — repreendo-o. — É importante demais para nós.

— Vocês têm seus filhos, Jenny — murmura ele — uma família, eu não tinha nada a perder.

— Não tem nada? — Adam encara-o furioso. — E os nossos pais, nossa irmã, seu fil...

Ele para olhando para Penélope e em seguida sai do quarto batendo a porta.

— Ele está bravo mesmo — Liam faz uma careta. — Alguém entendeu alguma coisa?

Antes que alguém possa tentar responder, a porta é aberta com o mesmo ímpeto que ela foi fechada.

— Liam! — uma garota baixinha e loira surge na porta. — Não me manda

embora. Eu não vou.

— Juliene?

Então, é aquele momento que todos na sala desaparecem e só o casal envolvido parece existir. Um a um, nós vamos saindo enquanto eles se encaram. De um lado uma garota determinada e chorosa, do outro um Liam surpreso e indeciso.

— Isso parece novela mexicana — Paige ri quando saímos do quarto. — Almas feridas.

Ela leva a mão ao peito em uma atitude dramática.

— Que nós apenas vamos assistir de camarote — Richard enfatiza. — Pode tirar essas ideias da sua cabecinha.

— Por que meu querido marido acha

que eu planejo alguma coisa?

— Talvez porque ele conheça você — ele a encara com seriedade. — Prometa que não irá se intrometer.

— Da mesma forma que você prometeu nunca mais mentir para mim?

— Paige! — diz ele, determinado. — Sabe que aquilo foi necessário.

— Hum, hum. Está bem — ela leva a mãos as costas fazendo figa. — Eu prometo que não vou interferir em nada.

Neil solta uma risada involuntária ao vê-la mentir tão descaradamente e sem o menor pudor. Dou um beliscão nas costelas dele e também seguro meu riso, o que faz Richard olhar-nos, furioso. Uma coisa é ele achá-la maluca outra bem diferente é nós exaltarmos isso.

— Tudo bem — ele respira fundo. — Se prometer mesmo não se envolver, eu faço aquilo que me pediu.

— Vai usar a coleira? — ela dá pulinhos de alegria.

— Paige! — exclama ele, arrastando-a para fora.

— Como se eles não soubessem o que é uma coleira, Richard — sua voz ecoa no corredor.

Com um sorriso dolorido nos lábios, eu me pergunto se haverá um dia em que Paige deixará de me surpreender.

— Isso serve para você para também — murmura Neil, enquanto seguimos para o quarto de Fabiana.

— Irá usar uma coleira? — pergunto, fazendo-me de desentendida.

— Você quer?

Certo, a provocação tinha se virado contra mim. Ele é um homem que não foge dos desafios. Começo a achar a ideia bem interessante.

— É sério — murmura ele, afastando as novas fantasias que começaram a formar na minha cabeça. — Não se envolva nisso, deixe que eles resolvam as coisas.

— Mas eu não disse nada — murmuro, ofendida.

— Paige é capaz de convencer o próprio diabo a fazer catecismo — murmura ele, cético.

— Palavra de escoteiro — respondo, sorrindo.

Quando chegamos ao quarto dela, o

encontramos vazio. Uma das enfermeiras avisou que ela havia recebido alta, na noite anterior e que havia saído dali com um homem.

— Deve ter sido algum parente — sugiro a Neil, tentando tranquilizá-lo.

— Não sei — murmura ele. — Ela informou que não tinha ninguém. Por que teria mentido?

— Talvez seja algum namorado que a reconheceu no jornal.

— Isso me parece estranho, Jennifer — ele parece inquieto. — Nathan pode estar morto, mas, outras pessoas frequentavam aquela casa. Pessoas que não queriam ser vistas. Vamos para casa, eu sei quem pode averiguar isso.

O caminho de volta, não foi como o

anterior. Neil está mesmo preocupado com a garota. Ele se sente responsável por ela. E estranharia se fosse diferente. Ele tem esse instinto protetor. Lembro de como achei-o mandão e autoritário quando nos conhecemos, quando tudo o que ele queria era minha segurança.

Não demorou muito para Peter aparecer, ele chegou logo em seguida e parecia que não queria estar aqui.

— Preciso que você descubra quem levou a garota — murmura Neil, indo até o bar.

— Que garota?

— Fabiana Mendes — Neil responde.

— A garota que você salvou do incêndio.

— Ah... — balbucia ele. — Sei onde

ela está.

— Onde?

— Na minha casa — murmura Peter, arqueando os ombros. — Comigo.

Neil cospe a bebida e eu encaro Peter totalmente chocada. O que uma garota frágil, assustada e desconfiada de todas as pessoas estaria fazendo na casa do homem que para alguns seria o mais assustador do mundo?

— O quê? — Neil encara-o incrédulo. — De que merda você está falando?

— Estou ajudando o FBI — murmura ele, indiferente a nossa reação. — A garota é uma vítima, mas também uma testemunha. Não confio deixá-la em uma daquelas instituições de proteção. Está

mais segura comigo.

— Ela pode ficar aqui — sugiro.

— Você não se importa? — Neil pergunta, receoso. Vejo que o medo dele é colocar nossa família em perigo outra vez. — Posso acomodá-la no flat e alguns dos seus homens...

— Um trabalho desnecessário — murmura ele, firme. — Além disso, preciso que ela fale o que sabe, parece bem assustada, apenas com tempo conquistarei a confiança necessária para que ela fale.

— Ela não vai falar, Peter! — Neil se exalta.

— Ainda não! — exclama ele — Mas logo terei as informações que quero. Havia mais pessoas envolvidas,

gente da grossa, políticos, empresários, famosos. Quero que todos caiam. Nathan pode estar morto, mas havia mais alguém.

— Espera! — memórias daquele dia me vem à cabeça. — Eu o ouvi falar no telefone com alguém. Tinha o nome de ave, eu não estava prestando muita atenção.

— Jenny, se você conseguir lembrar — ele insiste. — O que faziam com aquelas garotas, roubando-as de suas famílias. É nojento.

— Gavião — forço a minha mente a lembrar.

Naquele momento, minha preocupação era com Richard, na qual vim descobrir depois ser o Liam,

naquela moto. Queria evitar que Nathan percebesse que estava sendo seguido.

— Falcão! — encaro-o feliz por ter recordado o nome. — Ele também falou sobre um pen drive e executar os pais de Neil.

— Eu me lembro sobre o pen drive — murmura Neil. — Antes de sair do porão ele o mencionou.

— Nada foi encontrado com o corpo — Peter volta a me encarar. — Tem certeza que estava com ele?

— Foi o que ele disse.

—Então, alguém o descobriu antes de nós — diz Peter. — De qualquer forma, Nathan não deu ponto sem nó. Fez com que vocês dois soubessem sobre isso. Acho que é o jeito dele ferrar a pessoa

se algo lhe acontecesse.

— Não vou me envolver nessa história — Neil me abraça. — Para nós, acabou.

— Não diga nada a ninguém sobre o que conversamos aqui e vocês ficarão em paz — orienta Peter. — Eu tenho que ir agora.

— E quanto a Fabiana? — pergunta Neil antes que ele alcance a porta.

— O que tem ela? — pergunta ele, sem diminuir o passo.

— Vai enviá-la ao flat?

— Eu já disse — vejo os músculos de suas costas ficarem tensos. — Fica comigo!

Neil caminha até ele, determinado e o siga apreensiva.

— A garota já teve o bastante — murmura ele. — Se a magoar ou fizer mal a ela...

— Por que eu faria isso? — Peter parece, indignado.

— Conheço você — Neil adverte-o. — Paquera até senhorinhas na praça.

Peter parece ficar sem graça com a insinuação. De repente, eu dou-me conta que Neil pode ter razão, talvez o único interesse dele, não seja protegê-la.

— Qualquer um pode se mau com ela, Neil — Peter encara-o com olhar determinado. — Eu sou o único que pode ser bom.

Com essas palavras ele sai, deixando-nos sem palavras.

— Isso não dará certo — Neil

balança a cabeça.

— Quem sabe dê mais certo do que imaginamos? — sugiro, feliz.

— O que você quer dizer? — ele parece confuso.

— Vocês, homens — acaricio rugas de interrogação em sua testa. — Não veem um palmo diante do nariz.

— Ainda não entendo — ele parece emburrado por eu saber de algo que ele não tinha notado.

— Espere e verá, meu amor — vou em direção as escadas cantarolando uma marcha nupcial. — Apenas espere.

Acho que na cidade haverá alguns corações partidos, mas por outro lado, creio que dois corações vão se encontrar.

No dia seguinte, Neil e seus pais foram acompanhar a cremação do corpo. Algumas horas depois, após a visita de Kevin, que mostrou-se abalado quando contei tudo o que aconteceu nas últimas horas.

E enquanto espero-os retornarem, uma ideia que para mim foi simplesmente incrível me vem à cabeça. Eu só precisaria da ajuda de uma pessoa.

Pego um casaco antes de sair de casa e peço que Calvin me leve à escola de Anne. Estamos no começo de setembro, em breve estaremos no outono. Adoro

essa estação. É como se a cidade se renovasse a cada estação. As folhas caem, as árvores ganham uma nova tonalidade, e adoro a sensação do vento frio sobre meus cabelos.

— Mamãe, aconteceu alguma coisa?

— Anne pergunta assim que entramos no carro.

Não temos costume de tirá-la da escola antes do horário.

— Eu pensei em fazermos algo muito divertido — sorrio para ela. — O que você acha?

— O quê? — pergunta ela com um lindo sorriso em seu rosto.

— É surpresa.

Faço cosquinhas em sua barriga e indico a Calvin que pode seguir. Estou

um pouco apreensiva com a reação dela e espero que seja positiva. Às vezes minhas impulsividades me colocam em situações complicadas. Mas quando entramos na loja repleta de animaizinhos de estimação, seus olhos brilham como luzes em noite de natal.

— Papai ficou muito triste com a partida de Traquinas — acaricio o cabelo dela. — O que acha de escolhermos um lindo cachorrinho para ele?

Anne me encara por alguns segundos, vacilante, mas logo a espontaneidade típica das crianças toma lugar do receio e ela corre pela loja.

— Qualquer um que eu quiser?

— Qualquer um que quiser — repito,

feliz por ter tomado a decisão certa.

Saímos da loja com uma cadela Golden Retriever ainda sem nome. A escolha de Anne havia sido perfeita. A vendedora nos deu algumas dicas com os cuidados que deveríamos ter com o cachorro. Dentre delas é que soltam muitos pelos, portanto teria que ser mais vigilante com os bebês, adoram brincar com os objetos que encontram espalhados pela casa, mas são uma raça por natureza dóceis e adoram contato físicos. E afirmo com toda a certeza, que do caminho entre a loja até a casa, a cadelinha já havia conquistado a nós duas, completamente.

Assim que vimos o carro atravessar o portão, nós duas nos colocamos no

centro da sala, a caixa com a cadela, atrás de nós.

Assim que as três entram, Anne e eu nos damos as mãos, mantendo um sorriso largo.

— Certo — Neil olha para nós duas, desconfiado. — O que vocês estão aprontando?

Olhamos uma para a outra com cumplicidade e nos afastamos para que ele possa olhar a caixa. A cadelinha que até então estivera quieta, salta desajeitadamente, soltando um grunhido baixo. Em seguida, ela senta nas patas traseiras e fixa seus olhos nele, curiosa.

— O que é isso? — pergunta ele com a voz rouca.

— A gente não queria que você

ficasse triste, pai — murmura Anne, indo até ele. — Eu mesma escolhi. Não precisa ter medo, ela é boazinha.

Sorrio da inocência dela ao imaginar que ele estaria com medo da pequena bola de pelo. O que vejo em seus olhos é uma emoção inenarrável. Os olhos marejados são a prova disso.

— Vem cá garota — sussurra ele, ajoelhando-se e batendo nas próprias pernas.

A cadela olha-o por alguns segundos, estudando-o com calma. Após um latido animado, ela corre até ele deleitando-se com seus carinhos em sua barriga.

Momentos depois e após muita festa com o cachorro, Neil questiona sobre o nome dela.

— Esperamos por você, papai — murmura Anne.

Ele pensa um pouco e sugere sorrindo:

— Eu acho que ela pode se chamar, Primavera — murmura ele. — O que vocês acham?

— Por que Primavera? — pergunto, intrigada.

— Ela parece calma, apesar da raça — Neil acaricia a orelha do cachorro. — Tranquila... como um dia de primavera.

— Eu gosto — Anne volta a brincar com o bichinho. — Seu nome é Primavera. Meu pai que escolheu, ele é muito bom com nomes. Ele é bom em tudo, você vai ver.

Aconcheço-me mais a ele enquanto observamos Anne com Primavera e seus avós.

— Deu tudo certo? — pergunto referindo-me a cerimônia de cremação.

— Finalmente acabou — ele beija meus lábios, tranquilizando-me. — E eu adorei o presente.

— Tem mais lá no quarto — murmuro em seu ouvido, com uma voz sensual. — Não é apenas Primavera que tem direitos a uma coleira nova.

— E os meninos? — pergunta ele.

— Estão tirando a soneca da tarde — respondo, já prevendo as intenções em seu olhar abrasador. — Claire está com eles.

— Acho que os pais deles merecem

isso também — sussurra ele em meu ouvido. — Foi um dia muito... — outro beijo em meus lábios — muito cansativo.

Sob o olhar encantado dos meus sogros e risinhos de Anne, eu sou carregada escada acima. Mas o que eu não sabia, e diferente do que eu havia planejado, a pessoa a usar o adorno, sou eu. E a troca a meu ver, havia sido nada menos do que, sublime.

Os dias seguintes prosseguiram com paz e tranquilidade. Liam havia recebido alta, Neil voltou ao trabalho, às vezes ele aparece no meio da tarde

como fazia quando eu estive grávida, dizia que sentia saudade.

A imprensa nos assediou por algum tempo até um novo escândalo político envolvendo um dos candidatos a prefeito, tomarem lugar a curiosidade do nosso caso.

Paige e eu visitamos Fabiana na casa de Peter sempre que conseguimos. As duas se deram muito bem logo de cara. O mais esquisito é ver Peter ao nosso redor o tempo todo, é como se ele temesse que ela fugisse ou desaparecesse como num toque de magia, ele não se afasta um único momento. Neil diz que isso faz parte do trabalho dele, Paige e eu acreditamos em outra coisa.

A melhor parte de estar realizada, é que você deseja que todas as pessoas a sua volta estejam tão felizes quanto você.

Nós nos unimos em uma missão quase secreta, porque não há nada que Paige faça segredo, por muito tempo, chamada Operação Cupido.

O primeiro casal, alvo de nossa colaboração altruísta é Adam e Penélope. Nunca vi casal tão desencontrado e tão perfeito um para o outro ao mesmo tempo.

Bem, nossa carreira como cupido, parece ter vida longa. Adicionamos Liam e Juliene, pensei que Paige era a pessoa mais pirada que já encontrei na vida, mas essa garota não fica atrás.

Por último, temos Peter e Fabiana, esse casal é um pouco mais complicado. Achamos que ela tem medo dele, não a recrimino, quem não teria medo de um homem como aquele, embora ele seja um colírio para os olhos. Ela só precisa ver que por trás de sua altura imponente e corpo coberto de músculos existe um menino doce. E por mais que ele diga que não, no fundo sei que gostaria de ter uma família feliz e completa como a nossa.

Algumas pessoas podem dizer que estamos sendo intrometidas, na verdade, nossos maridos dizem isso. Não importa, devo qualquer sorriso que saia do meu rosto a eles e quero velos tão bem quanto nós.

Enquanto a maior parte do trabalho tem ficado comigo, Paige tem equilibrado suas aulas na faculdade com o casamento. Ou seja, ela tem as ideias malucas e eu sou obrigada a executá-las — jantares, encontros casuais e etc.

Com três, crianças, um cachorro e um marido que requer atenção, isso não tem sido fácil. Apesar de que eu deva admitir, tem sido muito divertido.

Algumas semanas depois, estamos a caminho da cabana em Vermont para passar o fim de semana, apenas Neil e eu. No que ele diz ser uma pequena lua de mel. Embora eu esteja animada com a ideia de tê-lo para mim o fim de semana

inteiro, preocupa-me ficar longe dos meus filhos.

— Acho que deveríamos ligar e perguntar a Lilian se está tudo bem — bato o telefone nas palmas das minhas mãos pela centésima vez.

— Jen, eles estão bem — murmura ele, mas para no meio fio para me encarar. — Você quer voltar?

Claro que eu quero voltar. Não, eu não quero voltar. Esposa e mãe brigam comigo, como se tivesse duas de mim em cada ombro, vestidas de branco e vermelho, tentando convencer-me do que seria melhor. Dessa vez a dama de vermelho havia ganhado.

— Não, eu estou sendo paranoica — acaricio o rosto dele. — Mas faça valer

a pena, Sr. Durant, ou você terá uma mãe furiosa quando voltarmos para casa.

— Não queremos que isso aconteça — ele ri voltando à estrada. — Gosto mais da esposa devassa.

Foi um fim de semana perfeito, caminhamos em volta das montanhas, passeamos de barco, fizemos piquenique na grama, nadamos no lago e fizemos amor o tempo todo.

No último dia, durante a noite, após nos saciarmos um com o outro, acordo sobressaltada e com um lado vazio da cama. Deslizo o robe branco de seda pelo meu corpo nu, e desço as escadas. A porta que dá acesso ao píer da casa está entreaberta. Encontro-o parado em uma das pilastras de costas para mim,

olhando para o lago.

— Senti sua falta — caminho até ele, abraçando-o por trás, minha cabeça apoiada em suas costas largas e minhas mãos fixam em seu peito desnudo.

— Lembra quando estivemos aqui e você ainda não enxergava? — ele prende minhas mãos nas dele e leva-me para frente. — A noite estava linda e pediu que eu a descrevesse para você.

— Sim, eu me lembro.

Como poderia esquecer, é uma das noites mais perfeitas em minhas lembranças, regada de amor e esperanças.

— Foram essas lembranças, Jennifer que fizeram com que eu suportasse aqueles dias longe de você — murmura

ele, decepcionado. — Seu sonho era poder ver o brilho da lua no lago. Pena que hoje a lua esteja escondida entre as nuvens.

— Eu podia ver o brilho dela através dos seus olhos — murmuro, passando o braço em volta de seu pescoço. — Ainda posso ver. Adoraria reviver todas as memórias daquele dia.

— Eu preciso fazer uma coisa antes — ele afasta-se de mim, com delicadeza. — Faria isso mais tarde com uma taça de champanhe, mas esse momento também é perfeito. Espere aqui, eu já volto.

Alguns minutos depois, ele volta com o celular e uma caixinha preta nas mãos. Ele coloca o celular em cima da

madeira e logo uma música começa a tocar.

— Eu ouvi essa música outro dia — murmura ele. — Acho que precisamos de uma nova trilha sonora.

A música *Thinking out loud* de Ed Sheerande começa a tocar e cada palavra dela atinge meu coração.

*Quando suas pernas não
funcionarem como antes
E eu não puder mais te carregar no
colo*

*A sua boca ainda se lembrará do
gosto de meu amor?*

*Os seus olhos ainda sorrirão em
suas bochechas?*

— Querida, eu te amarei — ele

acompanha a letra segurando minha mão
trêmula. — Até que tenhamos 70 anos.
Amor, meu coração ainda se apaixonará
tão fácil. Quanto quando tínhamos 23.

*Estou pensando em como
As pessoas se apaixonam de
maneiras misteriosas
Talvez apenas o toque de uma mão
Eu, me apaixono por você a cada
dia
Eu só quero te dizer que eu estou*

*Então, querida, agora
Me abrace com seus braços de amor
Beije-me sob a luz de mil estrelas
Coloque sua cabeça em meu
coração que bate
Estou pensando alto*

*Talvez tenhamos achado o amor bem
aqui, onde estamos*

— Quando meu cabelo parar de crescer, minha memória falhar. E as plateias não lembrarem mais do meu nome — continua ele. — E minhas mãos não tocarem as cordas do mesmo jeito. Eu sei que você me amará assim mesmo.

Ele me abraça e começamos a dançar ao som da música e sua peculiar voz desafinada, que eu amo.

*Pois, querida, sua alma
Jamais envelhecerá
Ela é eterna*

*Amor, seu sorriso estará sempre em
minha mente e memória*

— Querida, agora. Me abrace com seus braços de amor — sua voz ecoa docemente em meus ouvidos, nossos corpos colados e nossas mãos unidas ao ritmo da dança suave. — Beije-me sob a luz de mil estrelas, oh, amor. Coloque sua cabeça em meu coração que bate. Estou pensando alto.

Talvez tenhamos achado o amor bem aqui, onde estamos

E nós achamos o amor bem aqui, onde estamos

Nos últimos acordes da melodia. Ele ajoelha-se ao meu lado, pegando minha mão.

— Eu já fiz a pergunta antes, mas aquele não era o local apropriado —

sussurra ele, com a voz falha. — Jennifer... quer se casar comigo?

— Já somos casados — brinco, emocionada.

— Foi o que me disse da última vez — ele sorri, maroto. — Renovar os votos — Neil abre a caixinha e um lindo anel surge lá dentro, delicado com pequenas pedrinhas brilhantes. — Um novo começo?

— Sim — grito alto para que qualquer um com ouvidos me ouça. — Sim! Sim! Sim! Sempre.

Neil coloca o anel em meu dedo que coube perfeitamente. Ele conhece cada parte de mim. Ele me gira no ar, diversas vezes.

— Amo você, Jennifer — ele beija-

me com paixão.

— Amo você, Neil — repito a declaração dele com os olhos marejados. — Amo muito. Hoje e para sempre.

Nós entregamos, ali mesmo, não para reviver antigos momentos, mas para criar novas lembranças. E sob o brilho tímido da lua, que finalmente vai surgindo no céu, damos ao outro, mais do que nossos corpos em busca de prazer, entregamos nossos corações e unimos nossas almas. Por essa, e todas as outras vidas que vierem.

Capítulo 29

Neil

Eu consegui acertar os ponteiros com meus pais. Eles se sentem muito culpados por tudo o que aconteceu, principalmente papai, que há algum tempo, sabia que Nathan estava vivo. Primeiro, ele ficou confuso após o derrame, entre o que tinha visto e o que seria fruto da sua imaginação, mas quando meu irmão retornou, usurpando a

minha vida, ele teve certeza. Não posso culpá-los por terem cedido às ameaças feitas por Nathan, de certa forma, queriam garantir que eu continuasse vivo e a segurança da minha família.

Não sei se alguém tem realmente culpa, e se sim, esse alguém foi o meu irmão. Enquanto eu passei muito tempo tentando agradar meu pai e chamar a atenção da minha mãe, Nathan passou remoendo o ódio que sentia por nós, afastando-se cada vez mais, e eu acabei ignorando o que mais importava — o amor e confiança. Agora pretendo recuperar o tempo pedido. Construir uma nova história e tentar não repetir os mesmos erros com meus filhos. Eles saberiam sempre que são amados da

mesma maneira, sem distinção ou afinidades.

As pessoas acreditam que ser a cópia de alguém, pelo menos fisicamente, é uma dádiva, trocar de lugar na escola, dividir as namoradas... — não foi assim comigo e Nathan. Crescer sob o peso das comparações e cobranças não fez bem a nenhum de nós dois, apesar de acreditar que a crueldade, egoísmo e total falta de amor, fosse algo da natureza dele. Embora para mim todos tenhamos o bem e o mal dentro de nós, o que nos difere das pessoas ruins, são as escolhas. Eu escolhi ser feliz, amar e ser amado, doar-me inteiramente. Em troca, recebi a mulher mais linda e carinhosa, que qualquer homem poderia

desejar, no pacote, filhos incríveis.

Nossa vida havia voltado ao normal, pelo menos o que eu considero como normalidade. Dessa vez a organização da cerimônia ecumênica e preparativos da festa foi organizado por mim e Penélope. Jennifer já utiliza a maior parte do seu tempo cuidando das crianças, por mais que eu tenha insistido em contratarmos pelo menos mais uma babá, ela foi irredutível, deseja ela mesma cuidar dos bebês e Anne.

— O reverendo confirmou o horário para às 18h00, na sexta dia 19 — murmura ela estendendo a folha para mim. — A licença e os convites estão em sua mesa.

— Obrigado, Penélope — respondo

antes de abrir a porta da minha sala.

— Anne, Gabriel e Rafael, tem grande prazer em convidá-los para a cerimônia de renovação de votos dos seus pais Jennifer Durant & Neil Duran — pego o convite em cima da mesa e leio em voz alta o que está escrito em letras douradas. — O evento se realizará no dia 19 de setembro às 18h00...

O telefone toca, desviando minha atenção.

— Sim, Penélope — respondo através do intercomunicador.

— Paige está aqui.

— Peça que ela entre.

Paige é uma garota incrível, às vezes inclinada para ações intempestivas e

louca, mas uma amiga presente e leal. Assim como Jenny, considero-a uma irmã. Não sei o que teríamos feitos sem ajuda e o apoio dela, portanto, na maior parte do tempo, ignoro suas maluquices. Mas para que ela tenha vindo aqui dois dias antes do casamento, é porque está planejando algo, com certeza alguma coisa que me dará os primeiros fios de cabelo branco.

— Preciso da sua autorização, por escrito! — pronuncia ela, assim que entra.

Outra das características dela é soltar as palavras em cima de você como se já conhecesse seus planos, o que faz tudo ficar ainda mais fora de sentido ainda.

— O quê?

— Nós, as garotas — ela enruga a testa e senta na cadeira em frente à minha mesa. — Na realidade, eu, farei uma despedida de solteira para Jenny.

— Já somos casados, não precisamos de despedida.

— Eu já havia organizado tudo — continua ela como se eu não tivesse me manifestado. — Ela só tinha que aparecer, mas Jenny é uma amarelona. Então, aqui estou, eu tendo que convencer o Shrek.

— Não! — cruzo meus braços e recosto na cadeira — Não, não e não!

— Não seja imaturo, Neil — murmura ela, zangada. — Não quer que Jenny tenha o máximo de memórias incríveis e possíveis?

Sim, eu quero que ela tenha tudo o que tem direito, mas conhecendo Paige como conheço, sei que ela aproveitará meu casamento para se vingar do dela.

— Por que não? — ela faz cara de inocente, o que sei que ela não é. — É apenas um encontro entre amigas, que querem se divertir um pouco. Não faremos nada de mais, eu juro!

— Eu estou vendo você esconder suas mãos, aí atrás — indico seus braços com a minha mão.

— Estou só coçando as costas — diz ela, na defensiva.

— Hum, hum — ela está mentindo e sabe que eu sei disso. — Tudo bem, eu concordo, mas tenho algumas exigências.

Confiar na Paige é como entrar na jaula de um leão faminto e esperar que ele não faça nada.

Ouçó-a resmungar alguma coisa enquanto coça o nariz.

— O que disse? — prendo um sorriso e encaro-a, sério.

— Tudo bem — ela revira os olhos como a garota do Exorcista. — Faça suas exigências, Sr. Eu Mando No Universo.

Se ela fosse um pouco mais perspicaz, saberia que se tivesse vindo com a Jennifer, bastaria dela, apenas um pedido, e eu faria tudo o que ela quisesse, mas eu não darei essa munição a Paige.

— Nada de homens — dito minhas

regras. — Nem mulheres, além de vocês. E a festa deve terminar à meia-noite.

— Como nos contos de fadas — murmura ela, fazendo piada. — E a abóbora explode a meia-noite.

— Não quero que ela fique exausta um dia antes do casamento — justifico com a expressão neutra.

Sendo sincero, eu tenho ideias bem peculiares e prazerosas para amanhã à noite.

— Você tem uma caneta? — pergunta ela ao retirar uma folha de sua bolsa.

Entrego a caneta prata e vejo-a rabiscar algumas coisas antes de entregar a mim.

— Assine ao lado do X — orienta

ela.

— Você fez um contrato? — pergunto incrédulo.

— Não sei por quê? — ela leva a mão ao peito. — Mas, minhas próprias amigas, não confiam em mim. Só irão se tiverem sua permissão por escrito. O que eu poderia fazer de tão grave?

Dessa vez não consigo ignorar a crise de risos. Posso imaginar a conversa que tiveram e me arrepio apenas em pensar nas coisas que sua mente poderiam arquitetar.

— Seria pelo fato que na despedida do Richard, você atacou, amordaçou e amarrou a dançarina, tomando o lugar dela?

— Ah, aquilo? — ela balança as

mãos como se afastasse mosquitos. — São águas passadas.

Por que eu não acredito nisso?

— Assina logo, Neil! — Paige levanta, irritada.

Leio brevemente as exigências que fiz e que ela havia anexado no contrato e assino.

— Pronto — entrego a folha a ela. — Onde será a tal despedida?

— Obrigada. No meu apartamento — um largo sorriso surge em seus lábios. — Será muito divertido.

— À meia-noite passo lá para buscar a Jennifer.

— Sim, senhor — ela curva o corpo, antes de sair cantarolando.

O sorriso desaparece do meu rosto

quando eu tenho a ligeira sensação de que eu havia feito um mal negócio. Como essa guerra não é vencida apenas com um guerreiro, eu pretendo retrucar meu próprio batalhão e pegá-la de surpresa.

Visto o terno e saio da sala com a ideia fervendo em minha cabeça.

— Você sabia, não é? — viro em direção a ela. — Como sabia da outra vez e foi cúmplice dela.

— Não sei do que o senhor está falando — ela faz a mesma cara de inocente da Paige, minutos atrás.

— Mulheres e sua lealdade — murmuro, inconformado. — Controle aquela maluca.

Dizer que todas as horas seguintes foram tensas seria perífrase, estou a ponto de arrancar os cabelos enquanto espero pelos rapazes no saguão do prédio.

— Isso não vai dar certo, Neil — Richard é o primeiro a aparecer ao lado de Adam. — Paige vai ficar furiosa.

— Será que poderia por um minuto parar de fazer tudo o que sua mulher pede?

— Olha só quem fala? — ele me encara, bravo. — Quem foi que assinou um contrato?

— Vocês dois são patéticos! — Peter surge logo depois. — Tem que mostrar

para as suas mulheres quem é que manda.

Nós três olhamos para ele e caímos na risada. Ele nem imagina onde está se metendo.

— Por que você não está lá dentro?
— pergunto a Peter assim que entramos no elevador.

— Você acha mesmo que Paige me deixaria participar da sua festinha particular? — ele balança os ombros.

Assim que Richard abre a porta, não foi o som de Gloria Gaynor cantando I Will Survive, que me deixou estarecido no lugar, foram os homens seminus vestidos de bombeiros, mecânicos e policiais, em volta de nossas mulheres dançando em cima da mesa e das

cadeiras.

Jennifer, Paige, Fabiane, e Penélope, todas com uma garrafa de champanhe dançando alucinadas.

Por um segundo, apenas um segundo, admiro o rosto corado de Jennifer, as bochechas coradas disputando com o tom avermelhado de seus cabelos. Mechas suadas grudam em sua face e pescoço, enquanto ondas macias descem por suas costas. O vestido preto e justo fica ainda mais curto quando ela dança em cima da mesa. Ela está muito gostosa!

Mas quando vejo que os homens em volta dela podem ver mais do que eu gostaria, todo desejo que tenho vai para o espaço. Avanço até a mesa espantando

os homens apenas com o olhar, pelo menos é o que eu acredito.

— Jennifer! — vocifero, agarrando-lhe as pernas. — Desça daí, já!

— Neil — ela abre os olhos e sorri para mim. — Amor, estava sonhando com você.

— Qual a parte do nada de homens você não entendeu, Paige? — pergunto completamente transtornado. — Eu fui bem claro. NADA DE HOMENS! Poderia processar você com aquele contrato ridículo.

Estou sendo irracional, eu sei, afinal, aquele contrato não tem nenhuma validade legal. Mas a vontade que tenho é de esganá-la.

— Você disse nada de homens

heteros — Paige desce da mesa e caminha trôpega até o sofá onde estava o contrato. — Não é um bom empresário, Neil — ela soluça. — Deveria prestar mais atenção às letras miúdas.

Arranco o papel de suas mãos e observo a palavra “hetero” que ela havia acrescentado ali.

— Chega disso, vou levar você para casa! — murmura Adam para Penélope, juntando-se a mim a mesa.

Vejo Adam jogar Penélope nos ombros e sair às pressas.

— Eles são gays — Jennifer sorri, olhando para os homens musculosos, que até o momento, permaneceram em silêncio. — Mas não podem paquerar meu marido, pois sou ciumenta.

— Na verdade, não somos — um deles responde. — Só dissemos que sim para não perder o trabalho.

— Filho da puta! — Vejo Richard desferir um soco contra ele. — Saiam da minha casa, já. E você suba, Paige!

— Mas Richard — ela choraminga ciente de que havia ido longe demais.

— Suba agora!

Ele deve estar realmente muito bravo, pois é a primeira vez que a vejo obedecê-lo tão prontamente.

— Mas e o nosso pagamento? — pergunta o homem vestido de mecânico ao socorrer o amigo.

Eles podem ter muitos músculos, mas cérebro... Peter ergue o peito em modo pavão e eles saem relutante dizendo que

abririam processo.

— Desce daí! — ordeno a Jennifer.

— Vem me pegar — ela gira desequilibrando-se, por sorte a pego a tempo.

— Jennifer, você bebeu? — pergunto, dando-me conta da pergunta estúpida, afinal, ela ainda segura a garrafa como se fosse a própria vida.

— Só um pouquinho, assim — Jennifer estrala os dedos, cambaleando em minha direção. — Não fica bravo.

Jogo-a sobre os ombros em direção a porta, mas antes de sair, escuto o sermão que Peter inicia com Fabiana. Para sorte dele ou dela, ela não fala. Por outro lado, do elevador até o carro, Jennifer inicia o verdadeiro monólogo dos

embriagados.

Eu nunca a vi beber assim, na verdade, nem sei se posso dizer que bebeu muito. Assim que Dylan abre a porta do carro, eu tomo a garrafa de sua mão para avaliar o quanto ela havia bebido mais do que está acostumada, mas não muito, respiro quase aliviado. Se aquela for a sua primeira garrafa.

— O quanto você bebeu? — pergunto, preocupado.

—Neil, você ainda está bravo? — pergunta ela em uma voz embriagada.

—Não! — respondo puxando-a para meu colo. — Eu tô puto, Jennifer! Responda a pergunta.

— Gosto quando fica bravo — ela enrosca o rosto em meu pescoço. — É

tão sexy e...

Alguns segundos depois, eu ouço sua respiração ficar mais leve e dou conta que havia pegado no sono, sem me responder. Maldita mulher!

Corrigindo, eu não estou puto, estou duplamente puto com ela.

Quase uma hora depois, subo com ela pelas escadas. Sigo direto para o banheiro, ainda com ela em meu colo.

— Chegamos em casa — bato delicadamente no rosto dela para acordá-la. — Jennifer!

— Ah, que bom — ela boceja abrindo os olhos. — Quero minha cama quentinha.

Sinto certa pena do que vou fazer a seguir, mas minha raiva é maior.

— Sabe como se cura bebedeira? —
questiono, despindo-a.

— Com muitos beijinhos — sugere
ela, rodeando os braços em volta do
meu pescoço. — E uma linda noite de
amor?

— Sabonete e água fria!

Abro a porta do box e coloco-a em
baixo do jato gelado. Apesar dos gritos
e protestos, a deixo ali, até que ache ser
o suficiente. Minutos depois, tão
molhado quanto ela, voltamos ao quarto
com ela enrolada em uma toalha branca.

— Puxa, vida — Jennifer bate os
dentes, um pouco mais consciente agora.
— Você foi mal comigo.

— Mal? — puxo-lhe a toalha, jogo
Jennifer na cama e estendo meu corpo

sobre o dela. — Ainda nem comecei a ser mal, querida.

Acaricio seu corpo todo com a ponta dos dedos e deposito um beijo no centro de sua feminilidade. Quando ela geme oferecendo-se mais a mim, eu me afasto. Caminho até a penteadeira onde havia deixado o embrulho da loja sex shop mais conhecida da cidade e volto com a peça de lingerie.

— Uma calcinha nova — ela ri, levemente. — Eu pensei que me quisesse nua e não o contrário.

— Não é apenas uma calcinha — tiro o controle remoto da sacola. — É a calcinha.

Ela me encara confusa, então caminho até ela jogando a peça em seu

colo.

— Vista-a! — ordeno antes de seguir para o closet.

Dentro da gaveta onde temos alguns acessórios sexuais, eu tiro a coleira que ela havia comprado e as correntes que fazem parte do jogo.

— Agora vem aqui! — ordeno novamente.

Está maravilhosa apenas de calcinha preta e com seus cabelos úmidos caindo pelos ombros. Coloco a coleira em volta do seu pescoço e prendo a corrente em seus pulsos.

— Agora ajoelha! — murmuro com a voz rouca.

Ela obedece e o gesto submisso aumenta ainda mais o meu tesão. Não

que eu goste que ela seja assim o tempo todo, pelo contrário, adoro quando assume o controle e faz as coisas que gosta, mas no momento, estou ou estive muito irritado. Paige quase havia estragado meus planos para essa noite quando havia deixado que ela bebesse. E todos aqueles homens em volta dela só aumentaram ainda mais minha fúria. Jennifer é minha mulher e não suporto que outros homens sintam o mesmo desejo que eu tenho por ela. Talvez não o mesmo desejo, pois a amo com loucura o que intensifica ainda mais todos os sentimentos, ainda assim, não suporto.

— Você prometeu que usaria na próxima vez — ela faz biquinho.

— Não faz bico para mim. Sabe o que isso me faz — inclino-me, mordisco a boca dela. — Você foi uma garota muito má essa noite — ando até a cama onde havia depositado a coleira e volto até ela

— Aiii, o que isso? — geme ela, surpresa.

— Seu castigo — sento na beira da cama para observá-la.

—Ahhh... — ela contorce de prazer, curvando-se quando aumento a velocidade. — Oh, senhor.

Aumento a capacidade para sete e sua respiração começa a ficar irregular.

— Ahh... ahhh — aumento para oito, Jennifer, fecha os olhos e vejo seu corpo começar a tremer.

— Neil! Merda! — no dez ela está completamente ensandecida e eu alucinado enquanto vejo-a gozar diante de mim. — Ohhh!

Repito outra vez e outra, apenas dando alguns minutos para que ela se recupere, antes de iniciar o que ela chamou de pequena tortura.

—Neil, por favor! — ela geme, suplicante. — Quero você, por favor!

Porra! Cada vez que ela faz isso o zíper da minha calça desce um pouco mais. Meu pau está tão duro dentro da cueca que sinto que ele nunca mais ficará normal novamente. Minha respiração está acelerada e minhas mãos queimam por tocá-la.

— Ah, foda-se — caminho,

arrancando minhas roupas. — Levanta!

— Não consigo — geme ela, mordendo os lábios. Ligo o botão por alguns segundos só para vê-la se contorcer aos meus pés. — Ohhh, Neil, filho da mãe!

Ela começa a gozar e a imagem me deixa muito, muito excitado.

Ergo-a, prendo a corrente no gancho da parede que havia instalado horas antes de ir buscá-la e abro suas pernas trêmulas. Pressiono-a contra a parede e posiciono-me em suas costas. Coloco meus dedos entre suas pernas e deslizo-os desde seu clitóris inchado até a entrada úmida. Testo sua excitação e levo os dedos molhados a minha boca.

— Gostoso — sussurro no ouvido

dela, volto a repetir o gesto e coloco em sua boca. — Sinta seu gosto. Nenhum homem jamais terá o privilégio de sentir seu sabor, entendeu?

— Sim — Jennifer inclina o corpo para trás, buscando o meu. — Sou sua, completamente sua, de mais ninguém.

— Caralho, Jennifer! — arremeto para dentro dela. — Vou foder você até o dia amanhecer e minhas pernas não suportarem mais.

— Sim, sim, sim — ela choraminga tentando acompanhar meu ritmo. — Por favor, amor.

A cada estocada, a cada arremetida, forte, profunda, eu sinto que meu corpo desintegra. A única coisa que sinto é a grande e imensa necessidade de fodê-la

até que os gemidos extasiados saltem de sua boca. Uma investida após a outra, meus gritos unem-se aos dela em um orgasmo que faz cada osso do meu corpo derreter.

— Porra... Jennifer — mordisco seu ombro e cravo minhas mãos em sua cintura quando alcançamos o ápice.

E como eu disse, havíamos apenas começado a noite.

O dia do casamento parece acompanhar nosso estado de espírito. O sol havia brilhado no céu o dia todo e o cair da noite estava fresco e bonito. Do carro, vejo parte da praia que tinha sido

decorada com delicadeza e perfeição, predominando o branco com toques em azul, como eu havia pedido.

— Está pronta? — aperto a mão dela.

— Sempre! — responde ela antes de sairmos.

Dylan entrega Gabriel para Jennifer assim que ela sai do carro e ajeita o vestido branco, rendado. Está uma verdadeira deusa com o vestido delicado, as mechas laterais dos bacelos presas no topo da cabeça e os cachos caindo por suas costas, a maquiagem é leve, quase imperceptível.

Raphael se remexe em meu colo atraído pelo botão em minha túnica. Os meninos estão lindos vestidos de

branco, e Anne não fica atrás em seu vestido branco e azul, cor que, ela mesma escolheu.

— Está pronta, Anne?

— Sim, papai — ela sorri, pegando a cesta de flores que Dylan entrega a ela.

Ela caminha na frente e Jennifer e eu unimos nossas mãos. Quando chegamos ao tapete branco, estendido na areia, os convidados ficam de pé. Enquanto avançamos, cada um de nós com os bebês no colo e com Anne arremessando as pétalas de rosas, eu vou reconhecendo um a um.

Todos os nossos amigos e familiares presentes. Paige e Richard, Adam, Penélope e o bebê, Liam, Juliene, Peter, Fabiana. Meus pais, o irmão da Jenny e

o filho dele. Paul, Charles, Savanna, até mesmo Mayume e seu marido. Alguns funcionários do escritório, Calvin, Geórgia. Cada um deles presentes para presenciar nossas novas juras de amor, dessa vez, com nossa família completa.

— Sentem-se todos — o sacerdote ordena assim que chegamos ao altar. — Queridos amigos, familiares, estamos todos presentes aqui para testemunhar o amor entre Neil e Jennifer, e claro, os frutos dessa união. Um amor tão puro, mas ao mesmo tempo tão forte, que ultrapassou todas as barreiras e dificuldades.

Aperto seus dedos delicadamente e lanço um sorriso para ela. Noto seus olhos emocionados e beijo seus dedos

com carinho.

— O amor não se alegra com a injustiça, mas se alegra com a verdade — continua ele recitando os versículos que falam com a gente, perfeitamente. — Ainda que eu falasse as línguas dos homens e dos anjos, e não tivesse amor, seria como o metal que soa ou como o sino que tine... O amor é sofredor, é benigno; o amor não é invejoso; o amor não trata com leviandade, não se ensoberbece. Não se porta com indecência, não busca os seus interesses, não se irrita, não suspeita mal; O amor não folga com a injustiça, mas folga com a verdade...

Eu vejo toda a minha vida passar como um flash nesse momento, por

incrível que pareça, apenas as partes boas — o nascimento da Anne; a primeira vez que vi Jennifer, quando ela me deu a notícia que estava grávida, o nascimento dos gêmeos.

Olho para ela e vejo a palavra amor brilhar em seus olhos claros e respondo-a com tamanho fervor.

— Agora, pois, permanecem a fé, a esperança e o amor, estes três, mas o maior destes é o amor — finaliza o sacerdote. — E é esse amor que acompanhará vocês por toda a vida.

Eu não sinto vergonha pelas lágrimas rolaem pelo meu rosto, eu sinto orgulho por ser capaz de expressar minhas emoções. Além disso, nem mesmo o sacerdote, acostumado a cerimônias tão

emotivas, como essa, consegue disfarçar os olhos úmidos.

— Jennifer, — viro de frente a ela para proferir meus votos — quando não puder andar, eu serei os seus pés, quando não puder falar, serei a sua voz, quando não puder enxergar, serei seus olhos — respiro fundo e olho dentro de seus olhos. — Porque tudo o que sou é você. Antes de te encontrar, eu era só metade, agora estou inteiro de novo.

Ela pisca algumas vezes e ajeita o bebê em seu colo.

— Amo você — continuo com a voz emocionada. — Simples assim, apenas amo, amo, amo. Até o fim dos meus dias. Hoje na presença de todos, eu renovo meus votos.

Colo meus lábios nos dela selando minhas palavras.

— Neil... — ela inicia assim que me afasto — você sempre tem as palavras mais linda, porque é a pessoa mais linda que eu conheço. O seu amor é puro e libertador. Nunca desistiu de mim, nunca me abandonou e faz de mim todos os dias a pessoa mais feliz do mundo. Me deu o presente mais precioso — ela olha para os bebês e acaricia o rosto feliz de Anne. — Me ensinou a ser mãe e mulher. Eu te amei no passado, amo muito você hoje e amarei ainda mais amanhã — observo a inspirar profundamente em busca de ar — Hoje... diante de todos os presentes, eu renovo meus votos.

Ela beija meus lábios e ficamos assim por um longo tempo, como se o tempo tivesse congelado, apenas para nós dois.

A banda começa a tocar *Thinking out loud* a música que toquei para ela quando a pedi em casamento.

Assim que chegamos à pista na areia, Paige e Richard vem em nossa direção.

— Deixe-nos cuidar dessas coisas fofas — Paige pega Gabriel dos braços de Jennifer. — Os noivos merecem uma dança, após uma cerimônia tão linda.

Entrego Raphael para Richard e tomo minha linda esposa em meus braços.

— Feliz? — danço com ela em meus braços.

— Mais do que feliz — ela sorri,

lindamente. — Estou irradiante. Posso dizer uma coisa que repetirei todos os dias das nossas vidas?

— Eu te amo? — sussurro, não é uma pergunta propriamente.

Prendendo-a mais junto a mim enquanto giramos na pista.

— Trapaceiro — ela bate em meus ombros. — Eu te amo.

Outros casais vão se formando. Paige e Richard atrapalhados com os dois bebês inquietos. Liam e Juliene, Peter e Fabiana, meus pais. Não encontro Adam e Penélope ao redor, mas uma cena me deixa um pouco incomodado. Anne e Thomas na pista de dança, ensaiando passos infantis. Eu sei que ela está crescendo, mas ainda tem apenas nove

anos. Eu acho que terei que ter outra conversa com esse garoto, dessa vez, para deixar as coisas bem claras.

— Acha que são ou serão tão felizes como nós dois? — Jennifer corta meus pensamentos insanos.

— Quando ela tiver 30 anos, uma carreira de sucesso e se ele provar ser merecedor dela — murmuro.

— O quê? — ela olha para mim sem entender.

Aponto Anne e Thomas que haviam desistido da dança lenta e corriam pela praia.

— Não falei sobre eles, falo sobre nossos amigos — ela ri e enruga a testa.
— Acha que Anne só se casará com 30 anos?

— Tem razão — respiro fundo. — Anne é muito inteligente, casará com 35.

Jennifer volta a sorrir e o som de sua risada me contagia.

— Quando me casei com você não tinha nem 25, Neil — murmura ela, fazendo bico. — Quer dizer que eu sou burra?

— Ah, não faz isso! — mordisco seus lábios levemente. — Quer dizer que eu sou inteligente demais para deixar uma mulher como você escapar de mim. Quanto aos nossos amigos — olho para cada um deles e seus respectivos pares. — Se sentirem dez por cento do amor que sentimos, eles serão imensamente felizes.

— Em vez de empresário de sucesso,

você deveria ter sido poeta — sussurra ela, beijando meu queixo.

No auge da festa e quando a noite havia encoberto o dia e as estrelas encobriam o céu, todos recebem velas em recipientes de vidros para introduzirmos no mar. Um a um colocamos a esfera redonda, fazendo pedidos e com pensamentos positivos em nossas mentes e corações.

Em poucos minutos, o mar fica repleto de luzes brilhantes, a imagem é linda e especial como havia sido toda a noite.

Alguns voltam para pista, outros para suas mesas. A banda começa a tocar *Empire State of mind*, e todos nós cantamos juntos, corando a noite.

A música reflete perfeitamente a cidade de Nova Iorque, para mim, não há melhor lugar do que esse. Foi aqui, nessa cidade repleta de complexidades, eu havia encontrado o amor da minha vida.

Capítulo 30

*Saudade é um sentimento que
quando não cabe no coração, escorre
pelos olhos.
(Bob Marley)*

Neil

Dois anos depois

Acordo como todas as manhãs,
dedico alguns segundos para admirá-la.
Afasto-a um pouco do meu peito e
acaricio com os dedos seu rosto coberto

de sardas que sempre me atraíram tanto e dão a ela um ar jovial.

Eu tenho pouco tempo para apreciá-la, logo um dos gêmeos, agora com quase três anos viriam em breve nos acordar. Normalmente é Raphael ele tem um apetite e tanto, mas recusasse a iniciar o café da manhã se a mãe não estiver presente.

— Ei, dorminhoca? — esfrego meu nariz contra o dela e beijo seu pescoço. — Acorda.

— Não, Neil... — Jennifer geme aconchegando-se mais a mim. — Ele é seu filho, dê um jeito nele.

— Acorda, Jen — escorrego minha mão pelo seu corpo e toco onde sei que irá chamar sua atenção.

— Isso é golpe baixo — sussurra ela, antes de avançar sobre mim para me beijar.

Não é preciso mais do que um beijo para entrarmos em combustão, mas nosso momento banhado de desejo é interrompido pela batida na porta.

“Raphael!” falamos juntos antes de cair no riso.

— Entre.

— Desculpe, pai — Anne entra, sendo arrastada pelo irmão, impaciente. — Tentei distrai-lo o máximo que pude.

— Vem, Naniiii! Mamãe tá acodada.

— Sim, meu amor — Jennifer senta na cama abrindo os braços para ele — Vem com a mamãe.

Rapha sorri para ela e corre até nós,

em seguida, ele pula na cama, aconchegando-se no colo dela.

— Tô com fome! — diz ele, exigente.

— Novidade se não estivesse — murmura Anne, inclinando em minha direção e deposita um beijo em minha bochecha. — Tenho que ir mais cedo para escola hoje e já estou atrasada.

— O que isso na sua boca? — pergunto quando ela se afasta.

— Nada — Anne tenta disfarçar, escondendo os lábios.

— Anne! — insisto.

— Mamãeee! — choraminga ela, em busca de apoio.

— É apenas um gloss incolor, Neil — Jennifer a defende. — Quase não aparece.

— Apenas um gloss incolor? —
repito, contrariado.

Pensei que com o passar dos anos,
minhas preocupações em relação a ela
diminuiriam, mas é exatamente o
contrário.

— É, pai — acrescenta ela. — Já
tenho quase doze anos.

— Quase não é doze, Anne —
retruco, contrariado. — E você
rapazinho trate de crescer logo e ajudar
o papai aqui.

Olho seriamente para a pequena
cópia de mim, no colo da mãe,
esperando que ele entenda o que eu falo.
Quero que sejam protetores com ela,
mesmo com as diferenças de idade.

— Está cheio de menino feio olhando

para sua irmã.

— Não, Nani — Raphael olha feio para ela. — Menino feio, não pode!

— Ah, não acredito nisso! — Anne vai até o outro lado da cama bufando, e abraça Jennifer antes de sair. — Tchau, mãe.

Quando Anne sai, Jennifer evita olhar para mim. Eu nunca neguei ser possessivo, principalmente com minha família. Ela sabe que quanto a isso sou intragável.

Mas como hoje é um dia que eu havia planejado para ser muito especial para ela, por enquanto eu resolvo ignorar o ocorrido.

— Mamãe, também não pode menino feio — Raphael aponta o dedo em riste

para ela. — Só papai bonito.

— Olha o monstrinho que está criando, Neil — murmura ela, fingindo-se de zangada. — Os meninos bonitos que amo é você e seu irmão.

Descemos para o café da manhã, em seguida. Alguns minutos depois, Gaby nos faz companhia trazido pela babá. Desde que eles começaram a falar não há um dia em que a mesa do café da manhã seja realizada em silêncio. Até mesmo a hora de ler o jornal havia sido substituído por Gabriel olhando os desenhos nas últimas folhas.

Não que eu reclame, sinceramente, meu dia só é perfeito após esses momentos com eles.

O dia está claro e radiante, assim como eu. Apesar da insistência dela em saber para onde estou levando-a, eu permaneço mudo. Na realidade, eu tenho receio que em vez de fazê-la feliz, eu traga lembranças amargas.

Quando o carro estaciona em frente à propriedade, eu seguro seu rosto entre minhas mãos, olhando dentro de seus olhos.

— Pensei muito antes de tomar essa decisão — murmuro para ela. — Caso não goste, desfaremos tudo.

— Se é algo que você fez — ela sorri, beijando meus dedos. — Com certeza é algo que vou gostar.

Quando saímos do carro damos de frente com um portão branco e portas duplas de madeira. Acima delas há uma placa oval coberta por um tecido branco. Assim que nos aproximamos dou sinal para que Dylan remova o tecido.

— Oh, meu Deus! — exclama ela, ora olhando para mim, ora para a placa prateada com os dizeres em negrito — Neil...

“Samantha Linton - Instituto de música para deficientes visuais”

Jennifer começa a soluçar escondendo o rosto em suas mãos. Nesse momento, eu me vejo como um dos meus filhos quando os pego fazendo algo de errado. Estou perdido e sem

saber como reagir.

Falamos muito de Samantha nos últimos tempos, seu amor secreto por mim a qual nunca desconfiei, a foto amassada escondidas na gaveta, que fizeram Jennifer, ainda uma garotinha sonhar com o príncipe encantado e o amor que ela sempre terá pela irmã.

— Desculpe, Jennifer — abraço-a apertado e apoio meu queixo em sua cabeça. — Não quis magoar você. Eu apenas pensei em unir duas coisas que você ama.

— Não estou magoada — ela ergue o rosto banhado de lágrimas. — Estou feliz e emocionada.

É como se o peso oprimindo meu peito fosse aliviado e eu volto a respirar

novamente.

— Fez tudo isso por mim? — pergunta ela, a voz rouca.

— Sim. Fiz porque a amo, quero vê-la feliz e realizada. — seco as lágrimas deslizando pelo seu rosto. E de certa forma, a memória da sua irmã será lembrada para sempre.

— Sempre foi meu sonho — ela sorri. — Antes mesmo de voltar a enxergar, poder ajudar outras crianças que encaram os meus problemas que eu já enfrentei.

— Por enquanto, você pode vir visitar e ver o andamento da obra. Paige está supervisionando tudo — murmuro, suave.

Quando a conheci, ela falava por

horas a fio de como a música havia preenchido sua vida solitária, a mesma música que a sustentou por tanto tempo. Se tudo não tivesse acontecido tão repentinamente e outras coisas não tivessem cruzados nossos caminhos, eu teria incentivando-a antes a cursar uma boa faculdade de música. Mas não tarde para ir em busca desse sonho. E estarei ao lado dela, aplaudindo-a.

— Sei que você queria estudar música, pode dar aulas aqui, se quiser. Ou apenas cuidar da administração. O que decidir, eu estarei ao seu lado.

— Bem.. — ela parece ficar na dúvida. — Os garotos estão maiores agora.

— E eu estou aqui, sendo o seu

suporte.

— Neil! — Jennifer volta me abraçar. — Eu te amo!

— Vamos olhar lá dentro — abro uma das portas duplas e entramos no local ainda vazio. — Alí eu acho que caberia um piano de cauda.

Continuamos explorando o lugar sorridentes como duas crianças em sua casa na árvore. Esse pequeno paraíso não trará felicidade apenas a ela, mas a dezenas de crianças que encontrariam na música, a mesma paz que ela encontrou. Isso me faz amplamente feliz.

Epílogo

Jenny

Estamos no jardim da mansão cuidando dos últimos detalhes da festa de quatro anos dos meninos. Há bexigas, bolas e brinquedos por todos os lados do jardim.

Paige me ajuda com alguns enfeites e Neil tenta manter as crianças distraídas. No momento, eles estão ao redor de Richard e da pequena Alicia.

— Não quer ter mais filhos, Jenny?
— pergunta Paige enquanto segura a escada para mim.

— Estou bem assim, por enquanto — respondo rindo, desviando o olhar do enfeite de dinossauro em minhas mãos para voltar as crianças.

Amo meus bebês, para mim sempre serão bebês, mas exigem atenção quase o tempo todo. Além disso, equilibrar as aulas de música com o instituto exige muito de mim também.

— Eu teria uns dez — Paige sorri, maliciosa. — E fazê-los é a melhor parte.

— Paige! — reviro os olhos para ela.

— Não seja pudica, Jenny, seu passado a condena, sei muito bem sobre

a coleira e.... — ela dá uma piscadinha para mim — de nada. Como agradecimento poderia me contar uma das coisas sujas que vocês fazem.

Amo a Paige. São poucas coisas que mantenho em segredo dela, mas entre elas está minha vida sexual, às vezes eu conto algumas coisas, mas não tudo e nem como ela faz exaltando os detalhes.

— São nossas coisas sujas, Paige — Neil surge atrás de nós e arranca-me da escada. — Deixa que eu faço isso, amor.

— Chegou o estraga prazeres — retruca Paige, mostrando a língua.

— Não seja bisbilhoteira, Paige — ele mostra a língua de volta e após colocar o enfeite onde eu queria. — Você agora é mãe, deveria ter bons

modos.

— Aqui para você! — ela faz um gesto obsceno antes de caminhar para o marido e filha.

Eu não tenho a menor dúvida o amor que um sentem pelo outro. Mas se há algo que não havia mudado com o decorrer dos anos é a forma que os dois se provocavam, como dois irmãos birrentos. Richard e eu já tínhamos desistido de entendê-los há muito tempo e já nem tomávamos partido.

Neil abraça-me por trás e desfruto um pouco desse momento de estar nos seus braços. É como se nossos corpos se encaixassem perfeitamente.

— Papai, olha! — Rafael corre desajeitado em suas perninhas curtas. —

Meu carrinho quebrou e Gabriel me deu o dele.

— Ele deu ou você pegou? — pergunta Neil, e sinto seu corpo enrijecer.

Raphael enruga a testa enquanto medita sobre a pergunta dele.

— Eu dei, papai — Gaby se junta a nós, segurando a mão do irmão. — Eu tenho um montão ainda.

Com os olhos turvos, eu observo Neil cair de joelhos na frente deles. Os dois correm para os braços dele, olhando confusos para mim. A história se repetindo, só que dessa vez, teríamos um final muito diferente.

— Pai? — Raphael seca os olhos dele. — Você está triste?

— Não — murmura Neil, emocionado. — Estou muito feliz!

Vejo-o agarrar o pequeno e girá-lo no ar.

— Eu também quero, papai! — Gabriel pede puxando-lhe a calça. — Me pega!

Neil continua a brincadeira revezando entre os dois até se cansarem e irem atrás de outra coisa que os interesse.

— Eu disse que seriam diferentes — murmuro, abraçando-o pela cintura. — Eles se adoram, não é?

— Não mais do que eu a eles — ele sorri, orgulhoso.

— Eu já ouvi falar de mamãe galinha, mas pai é a primeira vez — provoco-o.

—Eu pensei que sempre protegeria minha família, mas é o contrário — ele segura minhas mãos — Vocês me protegem de toda dor, solidão e escuridão que já cercou minha vida. Eu amo você, Sra. Durant. Vou dizer todos os dias o quanto eu amo você, mesmo quando brigar ou estiver brava comigo.

— Eu nunca vou brigar com você.

— Ah você vai sim, Jennifer Durant, porque eu serei meloso e insuportavelmente romântico, sempre. Mas não haverá um único segundo que não terá certeza de quanto e profundamente eu a amo. Mesmo que eu venha parecer ridículo.

— Amo você, meu amor — declaro com a voz carregada de emoção. —

Eternamente.

E foi assim, por longos anos e enquanto vivemos. Você acompanhou em cada página a história de nossas vidas — encontros, desencontros, dor, sofrimento, esperança, paixão, amor, riu ou chorou. Culpou a um de nós dois em algum momento. Torceu por nós a cada linha, e se encantou com cada página, mas acima de tudo, presenciou um profundo amor e verdadeiro. Desses que você se encontra nas telas de cinema ou mergulha dentro das páginas de um bom livro.

Agora está pronto para uma nova história, um novo personagem, novas aventuras. Quem sabe nos encontraremos por aí, na história de

alguém? Pois a nossa história não acaba com um fim, mas começa com um feliz para sempre!

Jennifer Durant.

Além

Da

Atração

Sinopse

Penélope Walker veio a Nova York para fugir de sua pequena cidade natal, onde todos se conhecem e os curiosos cuidam da vida de todo mundo. E, com certeza, uma noiva abandonada no altar é um prato cheio para os fofoqueiros de plantão. Um casamento não realizado, um pai opressor e uma mãe omissa são suas motivações para decidir reconstruir sua vida bem longe daquele lugar.

Ela vê todos os seus sonhos começarem a se tornar realidade quando consegue um emprego na Durant

Tecnologia. Em uma nova cidade e com um excelente emprego, tudo parece perfeito. O que não está em seus planos é apaixonar-se pelo advogado e melhor amigo de seu chefe.

Adam é tudo o que qualquer mulher sonharia, mas, infelizmente para ela, é inalcançável. Por dois anos, Penélope mantém esse amor escondido a sete chaves até o dia em que seu chefe envia ambos para uma viagem. A atração física entre eles é forte e irresistível e, após uma ardente noite de paixão, ela carrega mais do que lembranças, ao passo que Adam afasta-se completamente dela. Ele ainda sofre com a morte da ex-noiva e do bebê deles e não está disposto a entregar seu

coração a mulher alguma outra vez... ele não tem esse direito.

E Penélope não aceitará nada menos que uma entrega total.

Prólogo

Seis anos atrás

Eu não tenho um passado conturbado, com marcas, ou uma vida cheia de traumas. Pelo menos... Até aqui. Cresci em uma família rica e privilegiada, na cidade de Nova York. Tenho uma bela casa, tive as melhores escolas, viagens incríveis, os melhores pais que alguém poderia ter. Por gerações e gerações, excelentes médicos surgiram em minha família. Meu avô chegou a receber um prêmio Nobel e uma das primeiras

médicas do País havia saído de minha família. Meu irmão e irmã são estudantes de medicina exemplares, então, para meu pai, eu sou um caso atípico, a ovelha negra, um desperdício. Não é pelo que, imediatamente, se pensa que venha a ser um caso perdido, pois não levo uma vida inconsequente e desestabilizada, pelo contrário, sou um dos melhores alunos do curso de advocacia.

Mas, eu sou o tipo de pessoa que consegue, sem esforço algum, destruir o mundo à sua volta e, principalmente, as pessoas que amo. Decepcionei meu pai, minha mãe, minha noiva e, acima de tudo... meu filho.

De todas essas pessoas que magoei,

ter feito isso com ele foi o que mais me destruiu. Eu nem sequer o conheci! Jamais vou perdoar a mim mesmo por isso.

Quando o meu orientador, na faculdade, requisita a minha presença, na sala dele, é porque algo não vai bem. Eu tenho me esforçado muito para mostrar a meu pai que posso ser tão bom advogado quanto meu irmão é um excelente estudante de medicina. Não tem surtido muito efeito. Ele espera que eu erre o tempo todo, curve-me à sua vontade e continue a linhagem de grandes médicos da família.

Parece que o sonho dele está mais

próximo do que ele imagina. Bato na porta e espero o consentimento do meu algoz, com desânimo.

— Adam — o professor Petersburg ajeita o aro dos óculos, afasta os olhos dos documentos sobre sua mesa e olha para mim — Sente-se.

— Com licença, senhor — ocupo a cadeira que ele indica-me. Tento manter um ar indiferente, mas, na verdade, eu fervero por dentro — Queria falar comigo, senhor?

Ele encara-me, por alguns segundos, com aquele olhar de professor que nos faz gelar até os ossos. O professor Petersburg é um dos melhores advogados, se não o melhor, do País. Tê-lo como mestre já me coloca em um

patamar elevado. A possibilidade de que ele venha a me dispensar levará toda minha promissora carreira para a sarjeta. Pelo visto, terei que me tornar um médico mediano e frustrado.

— Sabe, Adam — ele acomoda-se em sua cadeira e encara-me com seu olhar de águia. Sinto-me como num tribunal, prestes a ser condenado à cadeira elétrica — você é um dos melhores alunos que tenho, talvez até mesmo o melhor.

“Mas” ... Sempre há um mas, não é? O que eu havia feito para ter estragado a minha vida? Eu tenho sido, como ele disse, excelente. As melhores notas, horas e horas de dedicação e empenho. Eu não entendo!

— Você será um excelente advogado — ele ri. — Talvez tão bom quanto eu. Tenho uma proposta para você.

— Uma proposta? — pergunto, confuso.

— Eu só trabalho com os melhores e, em alguns anos, você será o melhor — diz ele — Quero que trabalhe comigo. Claro, inicialmente, será um estagiário, mas, em breve, poderá ser, quem sabe, um sócio da empresa.

As palavras dele martelam em minha cabeça. Fui até ali com a certeza de que seria dispensado, mas, estou sendo convidado para o que qualquer aluno da faculdade, do País, ou melhor, do mundo sonharia. Trabalhar com o renomado advogado Alexander Petersburg.

— Senhor, eu nem sei o que dizer — murmuro.

— Diga que sim.

— Eu não teria como recusar isso — respondo, aliviado. — É claro que eu aceito!

Ele sorri de volta e continua a me olhar, como quem analisa uma testemunha.

— Tenho algumas recomendações a fazer — começa ele, de forma calma — Mas, primeiro, diga-me, você tem namorada?

Droga! O que isso tem a ver com minha vida acadêmica?

— Tenho uma noiva.

— Isso é bom — ele sorri — Mostra estabilidade...

Solto o ar, novamente. Parece que a sorte começa a sorrir para mim. Eu sempre fui o tipo azarado. Aquele cara para quem as coisas mais absurdas acontecem. Ver que minha vida está seguindo pelo caminho planejado é reconfortante para mim. Uma bela noiva, também aspirante a advogada, e uma bela carreira à vista. O que mais posso querer da vida?

— Só tome cuidado com coisas que podem tornar-se algo que venha a retardar o seu sucesso — continua ele, com voz de um pai orientando uma criança — Tenha a certeza de que um bom advogado tem que se dedicar muito. E este é o momento em que precisa estudar demasiadamente, dedicar-se à

carreira. Converse com sua noiva e espere um pouco antes de iniciarem uma família.

— Com certeza, senhor! — balanço a cabeça, rapidamente — Ter filhos não está em meus planos, por enquanto.

— Haja com inteligência e terá uma carreira brilhante — insiste ele — Vá até a sede da empresa, amanhã, que poderá começar nestas férias. Eu estarei esperando-o.

— Obrigado, professor — cumprimento-o, com animação — Irei dedicar-me com afinco.

Enfim, meu pai terá que desfazer aquele ar de quem sabe tudo e, finalmente, dar um pouco de crédito a mim. Não que ele seja uma pessoa ruim,

apenas é descrente quanto à minha opção.

Encontro Cecilia deitada em minha cama, no meu quarto do campus. Eu não estranho isso, nós sempre passamos horas ali, estudando, entre outras coisas, afinal, somos jovens, sonhadores e cheios de energia.

Beijo seus lábios, com empolgação, e ela abre os olhos castanhos para mim.

— Eu tenho novidades — digo a ela, sentando-me ao pé da cama — Lembra-se de que eu tinha uma reunião com o professor Petersburg?

Cecilia senta-se na cama, cruza as pernas e olha para mim, de forma apreensiva. Com certeza, imagina o

mesmo que eu pensei, que fui dispensado.

— Eu também tenho novidades — murmura ela, com a voz tensa. — Mas, primeiro, conte-me a sua.

Com certeza, a novidade dela é contar que havia passado em seus exames finais. Embora seja uma boa aluna, há algumas matérias em que ela tem certa dificuldade.

— O professor convidou-me para estagiar com ele.

— Adam! — ela pula para meus braços — Isso é excelente! Eu estava tão preocupada com o que faríamos de nossas vidas, mas, agora tenho certeza de que tudo ficará bem.

— Nossas vidas serão perfeitas —

sorriso de volta — Como havíamos planejado.

— Bem, não tão como havíamos planejado — murmura ela — Estou grávida.

Se me dissessem que eu tinha uma doença terminal e que, em dois meses, eu partiria desta para outra vida, eu não teria ficado tão chocado como agora. O que ela acabou de dizer não só apenas mudará nossas vidas, mas, destruirá minha carreira para sempre.

— O que está dizendo? — afasto-a de mim, com frieza — Está brincando comigo?

— Eu sei que está surpreso — Cecilia ri, nervosa — Eu também fiquei, mas, tudo dará certo, querido. Este é o

sinal de que precisávamos. Eu posso sair da faculdade e cuidar do bebê e você...

— Está louca? — grito, exaltado. — Não estava tomando pílula?

Ela encara-me, com um olhar assustado. Jamais gritei ou fui grosso antes. Nós conhecemos um ao outro desde crianças, sempre fomos amigos e ficarmos noivos foi algo natural para mim.

— Eu tomei, mas, lembra-se de que tive aquela infecção na garganta? — diz ela, com a voz trêmula. — Os antibióticos... O médico disse que pode ter cortado o efeito...

— Isso não importa! — encaro-a, furioso. Eu não acredito que ela

preparou-me essa armadilha — Eu não quero esse filho!

— Adam.. — Cecilia afasta-se de mim, com o olhar magoado — se está dizendo para...

— Livre-se dele! — digo, furioso.

Pego a mochila que havia preparado mais cedo e saio dali. As paredes sufocam-me, o olhar consternado de Cecilia condena-me e eu desejo desaparecer. Isto não pode estar acontecendo comigo! Eu não posso e não quero ser pai agora! Nem sei se eu quero ser pai um dia! Não estou pronto para essa responsabilidade. Inferno! Meus pais vão matar-me. Eu já até consigo imaginar os gritos e os olhares de recriminação. E o professor

Petersburg? Com certeza, retirará a oferta de estágio, além de, é claro, ficar tão decepcionado comigo, como meu pai. Minha vida não está mudando, como previ, está a mesma porcaria de sempre. Não, na verdade, não está igual, agora, está muito pior.

A noite foi tensa, mal consegui dormir. Há milhares de ligações de Cecilia em meu celular, fora todas as vezes que a empregada havia levado o telefone fixo até meu quarto. Não atendi, não posso falar com ela agora. Eu sei, estou sendo um canalha, covarde, mas, não posso falar com ela, não quando sei que a magoaria ainda mais. Preciso

conversar com meu professor primeiro e resolver a merda da minha vida.

A manhã passou lenta e desastrosa, tudo o que aprendi nas aulas parece ter desaparecido da minha cabeça. Pareço perdido e alienado e isto não passa despercebido ao meu professor.

— O que há de errado, Adam? — pergunta ele, após me pegar distraído, pela “décima vez”.

Ainda não havia encontrado uma forma de dizer a ele.

— Eu não poderei trabalhar com o senhor — digo, amargamente, as palavras parecendo fel, em minha boca — Sinto muito.

Levanto-me e começo a recolher minhas coisas. Sim, eu havia reagido

mal à notícia de Cecilia, mas, não posso deixá-la sozinha. É o meu filho e tenho responsabilidades para com ele. Vou continuar a faculdade, de qualquer jeito, tornar-me um grande advogado, mesmo que a muito custo.

— Encontrou uma oferta melhor que a minha? — indaga ele, limpando os óculos.

— Não, senhor.

— Então, por que essa mudança repentina?

— Lembra-se do conselho que me deu ontem?

— Depende — ele ri e senta-se na quina da mesa — Foram alguns.

— O mais importante deles — falo com um ar derrotado — a respeito de

não iniciar uma família... Bem, acho que veio um pouco tarde.

Ele olha para mim, por longos minutos, e estuda-me, minuciosamente.

— Bem... — ele parece surpreso, mas, não está decepcionado como eu tinha imaginado — Eu não vou dizer que será uma tarefa fácil, mas, acontece. Você tem sorte por isso.

Sorte? Ele é maluco ou o quê? Está certo, grandes gênios têm suas excentricidades, mas, ele havia sido enfático a respeito de não iniciar uma família tão cedo.

— Eu não entendo, senhor.

— Veja bem, Adam — começa ele, com voz calma — Dediquei-me à minha carreira a vida inteira. Nada foi mais

importante do que isso, nem mesmo a mulher que, um dia, pensei amar e que, talvez, ainda ame...

Escuto o que ele tem a falar, sem entender exatamente aonde quer chegar.

— Eu não me casei ou tive filhos — murmura ele — Quando dei por mim, a jovem estava casada com outro homem, com filhos que poderiam ter sido meus. Então, não jogue essa dádiva fora. Vocês terão que trabalhar em dobro e sua vida será difícil, mas, no fim das contas, ela será completa. Quanto ao estágio, fique tranquilo.

— Não vai dispensar-me dele?

— Filho, como eu disse, é um excelente aluno — ele ri — Prefiro tê-lo ao meu lado do que contra mim, daqui a

alguns anos. Resolva as coisas com sua noiva e volte amanhã.

— Sr. Petersburg, eu...

— Admiro-o, Adam! — murmura ele, emocionado. É estranho presenciar esse lado dele, o humano. — Se tivesse um filho, gostaria que fosse como você.

— Obrigado, senhor.

Saio da sala, apressadamente. Preciso desculpar-me com Cecilia, que deve estar sentindo-se sozinha e perdida. Como posso ter sido tão canalha com ela? Sinceramente, espero que me perdoe, porém, independentemente de como termine nossa relação, assumirei nosso filho. Até já me sinto animado com a ideia. Quem sabe esse bebê, assim como eu,

siga uma nova geração de advogados em minha família... É uma possibilidade agradável. Só de lembrar que, horas antes, eu rejeitei essa nova vida, percebo o quanto o choque com a notícia embotou o meu bom senso. Agora, faço planos. Cecilia está certa. No fim das contas, pode ser algo bom. Um sinal de renovação.

Ligo para o número dela e espero, com impaciência. Preciso ligar várias vezes. Com certeza quer dar um castigo em mim por ontem à noite, afinal, eu mereço.

— Cecilia — falo, angustiado —
Escute, sobre...

— O que você quer? — pergunta ela, com uma voz estranha.

— Preciso falar com você —
respondo, preocupado — Onde você
está?

Silêncio. Um soluço.

— Fazendo o que me pediu — ouço-
a dizer, com uma voz fraca. — Vou dar
um fim a isso.

—Espere, Cecilia... Cecilia...

Ligação encerrada.

As próximas horas foram terríveis!
Liguei para seus pais, amigos,
conhecidos e todas as pessoas em que
pude pensar que tivessem alguma
ligação com ela. Nenhum sinal. A
angústia domina meu peito e o
arrependimento não me deixa ter um
minuto de paz. Eu não gostei de seu tom

ao telefone e da resposta que ela deu... que me persegue como um fantasma. Que tipo de loucura Cecilia está fazendo por aí? Talvez em alguma clínica imunda! Tudo porque agi como um irresponsável. Abandonei-a no momento em que mais precisou de mim. Se algo acontecer a eles, jamais poderei perdoar-me.

— Adam — diz Liam, assim que atendo — Cadê você?

— Chegando em casa — murmuro, frustrado — Escuta, Liam.. Cecilia deu notícias?

— Sim.

— Graças a Deus! — respiro, aliviado. — Onde ela está? Eu vou até lá.

— Venha para casa — sinto a tensão

em sua voz. Algo parece-me errado.

— Cecilia está aí?

— Venha para casa, Adam.

— Certo — digo, nervoso — Estou apenas a algumas quadras daí.

Ser recebido por meus pais, minha irmã e Liam, todos com olhar sério e apreensivo, deixa-me apavorado.

— Sinto muito, Adam — Liam caminha até mim.

— O que está acontecendo? — exijo — Falem!

— Cecilia, ela... — Katty começa falar, com a voz entrecortada — sofreu um acidente de carro.

— O quê? — meu coração para, no peito — Ela está bem, não é?

— Sinto muito, Adam! — Liam

coloca-se ao meu lado — Ela não sobreviveu.

— Cale a boca! —já não sou dono das minhas ações. Quero que ele cale-se. O que diz só pode ser mentira. Eles não estão mortos, não podem estar.

— Pare, Adam! — meu pai afasta-me do corpo quase inconsciente de Liam, enquanto ouço os choros desesperados de minha mãe e irmã, ao longe — Vai matá-lo, filho!

Vou matá-lo! Repito isso, em pensamento, algumas vezes. Assim como matei Cecilia e matei meu filho. Eu enviei-os para morte e, como consequência, enterrar-me-ei junto.

A minha capacidade em destruir tudo à minha volta é a única coisa que não

mudou em minha vida. Quanto ao resto, alterou-se irrevogavelmente. Subo as escadas para meu quarto, sentindo os olhares perplexos em minhas costas. Eu não me importo. Na verdade, nada mais importa. Não haverá casamento, esposa e filhos. Não haverá nada. Jamais outra mulher ou criança ocuparão meu coração. Não mereço isso. Esses pensamentos e sentimentos vão perseguir-me eternamente...